





FOTO DA AUTORA © PRIVADO

MONA KASTEN nasceu em 1992 e estudou Gestão de Bibliotecas e Informação antes de se dedicar completamente à escrita. Ela mora em Hamburgo com sua família, seus gatos e uma quantidade infinita de livros. Mona adora cafeína em todas as formas, longas caminhadas na floresta e dias em que pode apenas escrever.

Visite a autora em <u>www.monakasten.de.</u>

MONA KASTEN

MAXTON HALL

SALVE-ME I

> Tradução **Karoline Melo**



Sumário

<u>Pular sumário [»»].</u>

<u>Dedicatória</u>

<u>Epígrafe</u>

1

<u>2</u>

<u>3</u>

<u>4</u>

<u>5</u>

<u>6</u>

7

<u>8</u>

9

<u>10</u>

<u>11</u>

<u>12</u>

<u>13</u>

<u>14</u>

<u>15</u>

<u>16</u>

<u>17</u>

<u>18</u>

<u>19</u>

<u>20</u>

<u>21</u>

<u>22</u>

<u>23</u>

<u>24</u>

<u>25</u>

<u>26</u>

<u>27</u>

<u>28</u>

<u>29</u>

<u>30</u>

<u>31</u>

<u>32</u>

<u>Agradecimentos</u>

<u>Créditos</u>

Para Lucie

I was the city that I never wanted to see, I was the storm that I never wanted to be.*

Gersey, Endlessness

Nota

 $\underline{\ ^*}$ N. T.: Em tradução livre, "Eu era a cidade que nunca quis ver, / Eu era a tempestade que nunca quis ser".

Ruby

• Verde: Importante!

• Turquesa: Escola.

• Rosa: Comitê de Eventos de Maxton Hall.

• Lilás: Família.

• Laranja: Esportes e alimentação.

Lilás (Tirar fotos da roupa da Ember), verde (Comprar marcadores novos) e turquesa (Perguntar para a sra. Wakefield sobre o tema do trabalho de Matemática): por hoje é só. Para mim, a melhor sensação do mundo é, sem dúvidas, colocar o sinal de *feito* em um dos itens da minha lista de tarefas. Às vezes, até escrevo algo que já terminei há algum tempo só para poder riscar em seguida, mesmo que em um cinza-claro discreto para sentir que não estou trapaceando muito.

Se alguém abrir minha agenda, vai perceber logo de cara que a maioria do meu dia a dia é composta por verde, turquesa e rosa. No entanto, há apenas uma semana, com o início do ano letivo, passei a usar uma cor nova:

• Dourado: Oxford.

A primeira tarefa que destaquei com o marcador novo: Pegar a carta de recomendação do sr. Sutton.

Deslizo o dedo pelas letras de brilho metálico.

Só falta um ano. O último no Colégio Maxton Hall. É inacreditável que isso finalmente vai acontecer. Pode ser que, daqui a 365 dias, eu esteja frequentando aulas de política ministradas pelas pessoas mais inteligentes do mundo.

Meu corpo até coça de nervoso quando penso que falta pouco para saber se meu maior desejo vai se realizar. Se realmente consegui e se vou poder estudar... em Oxford!

Ninguém da minha família fez faculdade, e sei que faz sentido que meus pais tenham se limitado a simplesmente dar um sorriso cansado quando anunciei pela primeira vez que queria estudar Filosofia, Ciência Política e Economia em Oxford. Na época, eu tinha sete anos.

Agora, dez anos depois, nada mudou, exceto que estou mais perto de alcançar meu objetivo. Ter chegado tão longe ainda me parece um sonho. Algumas vezes, tenho medo de acordar de repente e perceber que estou indo para minha escola antiga, e não para Maxton Hall, o colégio particular mais prestigiado da Inglaterra.

Olho para o relógio pendurado acima da porta de madeira maciça da sala de aula. Ainda faltam três minutos. Ontem à tarde, acabei os exercícios que tínhamos para casa, e agora só me resta esperar que a aula termine. Balanço a perna com impaciência e, no instante seguinte, recebo um tapa.

— Ai! — resmungo entredentes e me viro para revidar, mas Lin é mais rápida e desvia.

Ela tem reflexos incríveis. Acho que por causa das aulas de esgrima que faz desde o ensino fundamental, em que é preciso atacar com a velocidade de uma cobra.

— Para de ficar se mexendo! — diz, sem desviar os olhos de sua folha completamente escrita. — Tá me deixando nervosa.

Isso me surpreende: Lin nunca fica nervosa. Pelo menos, não a ponto de transparecer o suficiente para que eu perceba. Embora desta vez eu consiga distinguir uma pitada de preocupação nos olhos dela.

— Desculpa. Não dá pra evitar.

Deslizo os dedos pelas letras outra vez. Nos últimos dois anos, me esforcei muito para acompanhar o ritmo de meus colegas. Para melhorar. Para mostrar para todo mundo que mereço estar em Maxton Hall. E agora que o processo de inscrições para a faculdade começou, meus nervos estão me matando. Não consigo fazer nada, por mais que eu tente. Porém, ao que tudo indica, Lin está na mesma situação, e isso me tranquiliza um pouco.

— Os cartazes já chegaram? — pergunta ela.

Lin me olha de soslaio, e uma mecha do cabelo castanho, de tamanho médio, cai em seu rosto. Ela o afasta impaciente da testa.

- Ainda não. Devem chegar hoje à tarde, certeza digo, balançando a cabeça em negativa.
- Beleza. Amanhã, depois da aula de biologia, a gente distribui, pode ser?

Aponto no meu caderno abaixo da linha marcada com a cor rosa, e Lin assente, satisfeita. Volto a olhar para o relógio. Tenho que fazer um esforço para me conter e não balançar a perna. Em vez disso, começo a recolher meus marcadores da maneira mais discreta possível. Como todos precisam apontar para a mesma direção, preciso de um pouco mais de tempo para organizá-los.

Não guardo o marcador dourado, apenas o prendo, com certa formalidade, ao elástico fino da minha agenda. Giro a tampa para que ele aponte para a frente. Assim fica melhor.

Quando o sinal enfim bate, Lin pula da cadeira mais rápido do que eu pensava ser humanamente possível. A observo com desconfiança.

— Não me olha assim — diz ela, pendurando a bolsa no ombro. — Você que começou!

Não respondo e sorrio enquanto junto o resto de minhas coisas.

Lin e eu somos as primeiras a sair da sala. Caminhamos apressadas pela ala oeste de Maxton Hall e viramos à esquerda no cruzamento seguinte.

Durante as primeiras semanas, eu vivia me perdendo neste prédio enorme e mais de uma vez cheguei atrasada às aulas. Achava agoniante, por mais que os professores não se cansassem de afirmar que a mesma coisa acontecia com quase todos os recém-chegados a Maxton Hall. A escola parece um castelo: tem cinco andares, uma ala sul, uma ala oeste e uma leste, e três prédios adjacentes onde ensinam disciplinas como música e informática. As bifurcações e os caminhos pelos quais as pessoas podem se perder são incontáveis, e o fato de nem todas as escadas levarem automaticamente a todos os andares pode ser desesperador.

Embora eu estivesse totalmente perdida no começo, agora conheço o prédio como a palma da minha mão. Até tenho certeza de que conseguiria chegar ao escritório do sr. Sutton de olhos fechados.

— Eu também devia ter pedido para o Sutton escrever minha carta de recomendação — resmunga Lin enquanto caminhamos pelo corredor.

À nossa direita, algumas máscaras venezianas de um projeto artístico do último ano adornam as paredes altas. Às vezes, fico em frente a elas para admirar a sofisticação dos detalhes.

- Por quê? pergunto, anotando mentalmente que preciso avisar ao zelador para guardar as máscaras em um local seguro antes do fim de semana, quando celebraremos a festa de volta às aulas bem aqui.
- Porque ele gosta da gente desde que organizamos juntas a festa de fim de ano, sabe o quanto somos comprometidas e esforçadas. Além disso, é jovem, ambicioso e ele mesmo acabou de se formar em Oxford. Meu Deus, eu quero me dar um soco por não ter pensado nisso antes.

Dou uns tapinhas no braço dela.

— A sra. Marr também estudou em Oxford. Inclusive, imagino que seja melhor ter a recomendação de alguém que já tenha um pouco mais de experiência profissional do que o sr. Sutton.

Ela me lança um olhar incrédulo.

— Você se arrependeu de ter pedido pra ele?

Apenas dou de ombros. No fim do ano letivo anterior, o sr. Sutton ouviu por acaso o quanto eu queria entrar em Oxford e se colocou à disposição caso eu quisesse fazer perguntas. Embora tivesse estudado um curso diferente do que eu planejo fazer, ele me deu uma quantidade enorme de informações privilegiadas que anotei cuidadosamente na agenda.

— Não — respondo, por fim. — Tenho certeza de que ele sabe o que dizer na carta.

No fim do corredor, Lin tem que virar à esquerda. Combinamos de ligar mais tarde e nos despedimos rapidamente. Olho para o relógio — 13h25 — e acelero o passo. Minha reunião com Sutton é à uma e meia e não quero me atrasar por nada neste mundo. Passo pelas janelas renascentistas altas, através das quais a luz dourada de setembro ilumina o corredor, e abro caminho por um grupo de alunos vestindo o mesmo uniforme azul royal que eu.

Ninguém me nota. É assim que as coisas funcionam em Maxton Hall. Por mais que todos usemos o mesmo uniforme — garotas de saia xadrez azul e verde; garotos de calças bege; e todos de casacos azul-escuros sob medida —, não me passa despercebido o fato de que, na verdade, eu não

pertenço a esse lugar. Enquanto meus colegas chegam à escola com bolsas de grife, o tecido da minha mochila verde está tão gasto em algumas partes que tenho medo de que rasgue a qualquer momento. Tento não me intimidar com isso, nem com o fato de que alguns se comportam como se a escola fosse deles só porque vieram de famílias ricas. Para eles, sou invisível, e faço o que for preciso para que continue sendo assim. *Acima de tudo, não chamar atenção*; até agora, tem funcionado bem.

Olhando para baixo, passo correndo pelos outros alunos e faço uma última curva à direita. A terceira porta à esquerda é a do sr. Sutton. Entre o escritório dele e o anterior, há um banco de madeira pesado, e meu olhar oscila entre ele e meu relógio. Ainda faltam dois minutos.

Entretanto, não consigo esperar nem mais um segundo. Arrumo a saia com determinação, ajusto o casaco e verifico se a gravata está no lugar. Então, me aproximo da porta e bato. Ninguém responde.

Suspiro, me sento no banco e olho de um lado para o outro no corredor. Talvez ele tenha ido pegar algo para comer. Ou um chá. Ou café. O que me faz pensar que teria sido melhor se eu não tivesse tomado um mais cedo. Já estava muito nervosa, mas minha mãe tinha feito demais e eu não queria jogar fora. Agora percebo que minhas mãos estão tremendo de leve quando volto a checar as horas.

Exatamente uma e meia, de acordo com o meu relógio. Volto a olhar o corredor. Ninguém à vista.

Talvez eu não tenha batido na porta forte o suficiente. Ou me enganei, uma ideia que faz meu coração acelerar. Talvez nossa reunião não fosse hoje, e sim amanhã. Inquieta, abro o zíper da mochila e pego o *planner*. Mas não, está tudo certo. Data certa, hora certa.

Balançando a cabeça, fecho a mochila outra vez. Normalmente, não fico tão angustiada, mas a ideia de algo dar errado na minha inscrição e por isso não me aceitarem em Oxford me enlouquece. Tento me acalmar. Me levanto novamente, decidida, vou até a porta e bato outra vez.

Desta vez, ouço um ruído. Parece que algo caiu no chão. Abro a porta com cautela e olho para dentro da sala.

Meu coração para.

Eu ouvi direito. O sr. Sutton está aqui. Mas... mas não está sozinho.

Na mesa dele, está sentada uma mulher que o beija apaixonadamente. Ele está entre as pernas dela, com as mãos em volta de suas coxas. Um segundo depois, ele a agarra com mais determinação e a puxa para a beirada da mesa. Ela geme baixinho em sua boca quando os lábios deles se fundem e passa as mãos no cabelo escuro do sr. Sutton. Não consigo distinguir onde começa um e acaba o outro.

Gostaria de conseguir desviar o olhar dos dois, mas não dá. Não quando as mãos dele deslizam sob a saia dela. Não quando o ouço respirar com dificuldade e ela dizer, em um sussurro:

— Ai, meu Deus, Graham.

Quando enfim me recupero do impacto, não lembro mais como mexer as pernas. Tropeço na soleira, e a porta se abre, batendo contra a parede. O sr. Sutton e a mulher se afastam imediatamente. Ele vira a cabeça e me vê parada na porta. Abro a boca para me desculpar, mas tudo o que consigo emitir é um grunhido rouco.

— Ruby — diz o sr. Sutton em tom de surpresa.

O cabelo dele está desgrenhado, os botões de cima da camisa, abertos, e o rosto, corado. Ele parece um desconhecido, como se não fosse meu professor.

Sinto um calor sufocante subindo por minhas bochechas.

— Me... me desculpa. Achei que tínhamos uma...

Então, a mulher se vira, e o restante da frase fica preso na minha garganta. Abro a boca, e um arrepio gelado percorre todo o meu corpo. Fico olhando para a garota. Seus olhos turquesa estão, no mínimo, tão arregalados quanto os meus. Ela desvia o olhar de repente, se volta para os sapatos caros de salto alto, percorre o chão e depois volta o olhar, desamparada, para o sr. Sutton, Graham, como disse entre suspiros.

Eu a conheço. Conheço principalmente seu rabo de cavalo loiro acobreado que tem uma ondulação perfeita e fica balançando na minha frente na aula de História.

Na aula do sr. Sutton.

A garota que estava ficando com o meu professor é Lydia Beaufort.

Minha cabeça gira. E tenho certeza de que vou vomitar a qualquer momento.

Fico olhando para os dois e me esforço para apagar os últimos minutos da minha mente, mas é impossível. Eu sei, e o sr. Sutton e Lydia também sabem, consigo ver claramente em seus rostos abatidos. Dou um passo

para trás, e o sr. Sutton dá um passo em minha direção, com o braço estendido. Volto a tropeçar na soleira e recupero o equilíbrio.

— Ruby... — ele começa a dizer, mas o zumbido em meus ouvidos fica cada vez mais forte.

Dou meia-volta e saio correndo. Atrás de mim, ouço o sr. Sutton chamar meu nome outra vez, agora muito mais alto.

Porém, continuo a correr. Mais e mais e mais.

James

Alguém está furando o meu crânio com uma britadeira.

É a primeira coisa que percebo quando começo a acordar lentamente. A segunda coisa é o calor de um corpo nu que repousa em parte sobre o meu.

Lanço um olhar para o lado, mas a única coisa que vejo é um véu de cabelo cor de mel. Não me lembro de ter saído da festa de Wren acompanhado. Sendo sincero, não me lembro de ter saído da festa. Volto a fechar os olhos e tento evocar imagens da noite passada, mas a única coisa que me vem à mente são fragmentos de lembranças desconexas: eu, bêbado em cima de uma mesa; a risada alta de Wren quando caí no chão, diante dos pés dele; o olhar de advertência de Alistair enquanto eu dançava com a irmã mais velha dele, ela de costas, e nossos corpos pressionados um contra o outro com força.

Merda.

Ergo a mão com cuidado e afasto o cabelo da testa da garota.

Puta merda!

Alistair vai me matar.

Me sento de uma vez. Uma dor lancinante percorre minha cabeça e, por alguns segundos, a escuridão me envolve. Elaine murmura algo incompreensível perto de mim e se vira para o outro lado. Ao mesmo tempo, percebo que a britadeira na verdade é meu celular, que está vibrando em cima da mesa de cabeceira. Eu o ignoro e procuro minhas roupas pelo chão. Encontro um pé do sapato de um lado da cama, o outro bem na frente da porta, debaixo da calça preta e do cinto. A camisa está em cima da poltrona marrom de couro. Quando a coloco e vou fechá-la, vejo que alguns botões estão faltando. Suspiro profundamente e espero de todo coração que Alistair não esteja mais por aqui. É melhor que não veja a

camisa rasgada nem os arranhões vermelhos que Elaine deixou no meu peito com as unhas pintadas de rosa.

Meu celular volta a vibrar. Olho para a tela que se ilumina com o nome do meu pai. Que ótimo. Falta pouco para as duas da tarde, hoje tem aula, minha cabeça parece que vai explodir a qualquer momento, e tenho quase certeza de que dormi com Elaine Ellington ontem à noite. A última coisa de que preciso neste momento é ouvir a voz do meu pai. Rejeito a ligação.

O que eu preciso é de um banho. E de roupas limpas. Saio do quarto de hóspedes de Wren e fecho a porta atrás de mim o mais silenciosamente possível. Vou para o andar de baixo e me deparo com os rastros da noite passada: um sutiã e várias outras roupas penduradas no corrimão da escada; copos, xícaras e pratos com restos de comida estão espalhados pelo corredor. O cheiro de álcool e de cigarro paira no ar. É evidente que poucas horas atrás estava rolando uma festa aqui.

Encontro Cyril e Keshav na sala de estar. Cyril está jogado no sofá branco dos pais de Wren, e Kesh está sentado em uma poltrona perto da lareira. Em seu colo está acomodada uma garota que tem as mãos enterradas no cabelo longo e escuro dele, e o beija intensamente. Vendo os dois assim, daria para dizer que a festa está prestes a recomeçar. Quando Kesh se afasta dela por um momento e me vê, joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada. Ao passar por ele, mostro o dedo do meio.

As imponentes portas de vidro que conduzem ao jardim dos Fitzgerald estão escancaradas. Saio e preciso semicerrar os olhos. A luz do sol não está particularmente ofuscante, mas parece explodir nas minhas têmporas. Olho ao redor com cuidado. A aparência do exterior não está nada melhor do que o interior da casa.

Vejo Wren e Alistair nas espreguiçadeiras perto da piscina. Estão com os braços cruzados atrás da cabeça, os olhos protegidos por óculos escuros. Hesito por alguns segundos, mas sigo na direção deles.

- Beaufort chama Wren, levantando os óculos e os colocando no topo da cabeça, sobre o cabelo preto cacheado. Embora esteja sorrindo, dá para ver que a pele marrom parece pálida. Deve estar com uma ressaca tão forte quanto a minha. A noite foi boa?
- Na verdade, eu não me lembro direito respondo, e me atrevo a olhar para Alistair.

— Vai se foder, Beaufort — diz ele sem olhar para mim. Sob o sol do meio-dia, seu cabelo brilha, dourado. — Já te falei pra não encostar na minha irmã.

Eu já contava que a sua reação fosse ser essa. Impassível, arqueio uma sobrancelha.

— Ela não foi obrigada a ir pra cama comigo. Não aja como se ela não conseguisse decidir por conta própria com quem quer ficar.

Alistair faz uma cara aborrecida e murmura algo que não dá para entender.

Espero que isso seja o suficiente para ele não ficar me culpando eternamente por conta disso, afinal, não tem como voltar atrás. E também não estou com vontade de ficar me justificando na frente dos meus amigos. Já tenho que dar desculpas para coisas demais lá em casa.

- Toma cuidado pra não partir o coração dela diz Alistair depois de um tempo, olhando para mim através das lentes espelhadas dos óculos estilo aviador. Embora não consiga enxergar os olhos dele, sei que não está com raiva, e sim conformado.
- A Elaine conhece o James desde os cinco anos intervém Wren.
 Sabe muito bem o que esperar.

Wren tem razão. Tanto Elaine quanto eu sabíamos no que estávamos nos metendo. E embora eu não me lembre de quase nada, sua voz ofegante ainda ressoa em meus ouvidos: "Vai ser só uma vez, James. Só uma vez".

Alistair não quer aceitar, mas a irmã dele gosta de aproveitar a vida tanto quanto eu.

— Quando seus pais descobrirem, vão correr pra anunciar o noivado — acrescenta Wren depois de um tempo, se divertindo.

Torço a boca, mal-humorado. Meus pais estão há anos tentando fazer com que eu namore Elaine Ellington ou qualquer outra filha de uma família rica com uma herança enorme. Mas é claro que aos dezoito anos tenho coisas melhores para fazer do que perder tempo pensando no que ou em quem cruzará meu caminho quando me formar.

Alistair também bufa, com desdém. Parece tão entusiasmado quanto eu com a ideia de ter que me cumprimentar no futuro como um novo membro de sua família. Coloco a mão no peito, fingindo estar ofendido.

— Não me diga que você não quer que eu vire seu cunhado...

Ele desliza os óculos para o topo do cabelo ondulado e me fuzila com os olhos. Devagar, como um predador, se levanta da espreguiçadeira. Embora seja magro, sei como pode ser forte e rápido. Durante os treinos, já me deparei várias vezes com essas habilidades dele.

Pela maneira como me olha, suspeito o que está pensando em fazer.

- Nem vem com essa, Alistair protesto, dando um passo para trás. Em um piscar de olhos, ele para na minha frente.
- Eu também já tinha falado para você nem vir com essa responde.
 Mas, infelizmente, você não ouviu.

E então ele empurra meu peito com força. Cambaleio para trás e caio na piscina. O impacto me deixa sem fôlego, e por alguns segundos não sei onde é o fundo e onde é a superfície. O líquido entra em meus ouvidos, e a dor que lateja na minha cabeça fica ainda pior debaixo d'água.

Contudo, não volto à superfície de imediato. Relaxo o corpo e permaneço na mesma posição, de bruços. Observo os azulejos da piscina, borrados na minha visão, e conto os segundos mentalmente. Fecho os olhos por um instante. Há um silêncio apaziguador. Só que, depois de meio minuto, fico sem ar, e a pressão no peito aumenta. Solto uma última bolha dramática de ar e continuo esperando, e então...

Alistair pula na piscina e me pega. Me leva até a superfície e, quando abro os olhos, vejo seu olhar assustado, e não consigo segurar a risada assim que recupero o fôlego.

— Beaufort! — grita ele, com raiva, investindo contra mim.

Ele dá um soco na lateral do meu corpo (cacete, foi forte) e tenta me imobilizar com uma chave de braço. Mas, como é mais baixo do que eu, o resultado não sai como esperava. Lutamos por um tempo, e, por fim, consigo agarrá-lo. Eu o seguro com facilidade e o jogo o mais longe possível de mim. A risada de Wren penetra meus ouvidos quando Alistair submerge com um barulho alto. Quando retorna à superfície, por alguns segundos me olha com tanta raiva que começo a rir de novo. Alistair, como todos os Ellington, tem uma carinha de anjo. Mesmo quando quer parecer ameaçador, seus olhos castanho-claros, em conjunto com os cachos loiros e os traços repugnantemente perfeitos de seu rosto, o impedem.

— Você é um idiota — diz, jogando água em mim.

Corro a mão pelo rosto.

— Desculpa, cara.

— Tudo bem — responde, embora continue espirrando água na minha direção.

Estendo os braços e o deixo continuar. A certa altura, ele para, e, quando olho para ele, está balançando a cabeça e sorrindo. Assim, sei que está tudo certo.

— James? — Ouço uma voz familiar.

Dou meia-volta. Minha irmã gêmea está na beira da piscina, bloqueando o sol. Ontem ela não estava na festa, e por um momento acho que vai me dar uma bronca porque hoje os garotos e eu não fomos para a escola. Mas então, quando olho para ela com mais atenção, fico paralisado: seus ombros estão caídos, e os braços pendem, frouxos, ao lado do corpo. Ela evita olhar para mim, os olhos fixos nos pés.

Nado na direção dela o mais rápido possível e saio da piscina. Não me importo se estou molhado, a seguro pelos braços e faço com que levante o rosto e olhe para mim. Meu estômago se contrai. Lydia está com o rosto vermelho e inchado, devia estar chorando.

— O que aconteceu? — questiono, segurando-a um pouco mais forte.

Ela quer virar a cabeça, mas não permito. Seguro seu queixo para que não consiga evitar meu olhar. Lágrimas brilham em seus olhos. Minha garganta fica seca.

— James — sussurra, com a voz rouca. — Eu estraguei tudo.

Ruby

 Aqui está perfeito — diz Ember, se arrumando para posar entre o mato e a macieira.

Nosso jardinzinho está cheio de maçãs espalhadas que ainda precisamos colher. Por mais que nossos pais estejam pedindo há dias, no meu *planner* não está marcado em lilás Colher as maçãs até quinta-feira.

Sei que, quando Ember e eu levarmos a cesta para casa, minha mãe e meu pai vão discutir para ver quem ficará com a maior parte. Como todos os anos, minha mãe planeja fazer bolos e empanadas para testarem na padaria, enquanto meu pai quer fazer centenas de geleias dos sabores mais ousados. Ele, ao contrário da minha mãe, não pode dar para ninguém provar no restaurante mexicano em que trabalha. Isso significa que Ember e eu voltaremos a ser cobaias, o que seria ótimo no caso de uma nova receita de tortilha, mas não tanto no caso de uma geleia de maçã com cardamomo e pimenta.

— O que acha?

Ember faz uma pose estudada na minha frente. Sempre fico surpresa em como ela é boa nisso. Sua atitude é natural, e ela balança a cabeça por um momento para que os cachos do longo cabelo castanho-claro fiquem um pouco mais rebeldes. Quando sorri, os olhos verdes literalmente brilham, e me pergunto como é possível que logo ao se levantar ela já esteja tão acordada. Ainda nem consegui pentear o cabelo e tenho certeza de que minha franja está espetada para cima. E meus olhos, da mesma cor dos de Ember, não brilham. Pelo contrário, estão tão secos e cansados que preciso piscar constantemente para essa coceira irritante passar.

São só sete da manhã, e passei metade da noite acordada, virando de um lado para o outro na cama, pensando no que vi ontem à tarde. Quando

Ember entrou no meu quarto, há uma hora, tive a sensação de que tinha acabado de dormir.

— Está bem legal — respondo, segurando a câmera digital pequena.

Ember faz um sinal, e aperto o botão três vezes; então, muda de pose, se vira para o lado e me lança (ou melhor, lança para a câmera) um olhar por cima do ombro. O vestido que está usando hoje tem uma gola boneca e estampa azul chamativa. Ela roubou da minha mãe e fez alguns ajustes para adaptá-lo ao seu corpo.

Desde que me entendo por gente, Ember está acima do peso e vive lutando para encontrar roupas que a vistam. Infelizmente, elas não estão em abundância no mercado, e Ember precisa viver improvisando. No aniversário de treze anos, ela pediu aos nossos pais uma máquina de costura, com a qual desde então faz as roupas que deseja.

Agora, minha irmã já sabe o que fica bom nela. Tem um olho muito bom para moda. Por exemplo, hoje combinou o vestido que está usando com uma jaqueta jeans e um tênis branco de solado prateado que ela mesma pintou.

Há alguns dias, folheando uma revista de moda, uma jaqueta feita com o material semelhante ao dos sacos de lixo chamou minha atenção. Torci o nariz e continuei olhando, mas pensando nisso agora, tenho certeza de que Ember pareceria uma supermodelo com ela e arrasaria. Certamente isso tem muito a ver com a autoconfiança que ela irradia não apenas diante das câmeras, mas também na vida real.

Nem sempre foi assim. Ainda me lembro dos dias que passava no quarto, muito triste porque riam dela na escola. Parecia pequena e vulnerável, mas, com o tempo, aprendeu a aceitar seu corpo e a ignorar o que os outros diziam dela.

Ela não tem problema nenhum em se chamar de *gorda*. "É como em Harry Potter", costuma dizer quando alguém se surpreende com a palavra escolhida. "O nome de Voldemort é terrível só porque ninguém se atreve a dizer. É a mesma coisa com *gorda*, que é só um adjetivo, como *magra*. É só uma palavra, e não é negativa."

Ember teve que percorrer um longo caminho para aprender isso, e por esse motivo começou um blog. Queria ajudar outras pessoas como ela a se aceitarem. Há pouco mais de um ano, compartilha o sentimento de satisfação consigo mesma, e vem formando uma comunidade com seus

artigos entusiasmados sobre a moda plus size, na qual desempenha o papel de pioneira e fonte de inspiração.

Minha mãe, meu pai e eu também aprendemos muito com ela — afinal, ela continua nos mostrando artigos a respeito disso —, e estamos muito orgulhosos do que conquistou.

— Acho que é isso — digo, depois de ter fotografado a terceira pose.

Ember se aproxima e pega a câmera. Com um olhar crítico, torce o nariz ao percorrer as imagens. Mas sorri para uma das fotografias em que olha por cima do ombro.

- Vou usar essa. Ela dá um beijo na minha bochecha. Valeu.
- Voltamos para casa pelo jardim, tentando evitar as maçãs caídas.
- Quando você vai subir o post? pergunto.
- Estava pensando em amanhã de tarde. Ela me olha de soslaio. Você acha que vai ter tempo de dar uma olhadinha hoje à noite?

Sendo sincera, não. Hoje preciso pendurar os cartazes para a festa do fim de semana e depois continuar fazendo meu trabalho de História. Além disso, tenho que bolar um plano para pegar a carta de recomendação sem ter que falar com o sr. Sutton de novo. Só de pensar no que aconteceu ontem — em Lydia Beaufort sentada na mesa dele, ele entre as pernas dela —, sinto vontade de vomitar. E os sons que os dois estavam fazendo...

Balanço a cabeça, tentando apagar essas memórias e fazendo Ember me olhar surpresa.

— Vai ser um prazer — digo, apressada, passando por ela e entrando na sala de estar.

Não posso olhar em seus olhos. Se reparar nas minhas olheiras, vai saber na mesma hora que tem algo errado, e a última coisa de que preciso agora é que ela me pergunte. Não enquanto os gemidos abafados do sr. Sutton ainda estão ecoando em meus ouvidos, não importa o quanto eu tente não os escutar.

— Bom dia, querida. — Me assusto ao ouvir a voz da minha mãe, e rapidamente tento fazer meu rosto voltar a uma expressão normal. Ou pelo menos a expressão de alguém que não pegou o professor se agarrando com uma das alunas. Minha mãe se aproxima e dá um beijo em minha bochecha. — Tá tudo bem? Você parece cansada.

Pelo visto, preciso praticar mais minha expressão normal.

— Tá, sim, eu só preciso de cafeína — murmuro, e deixo que ela me conduza até a mesa para tomar o café da manhã.

Ela enche uma xícara de café e, antes de colocá-la na mesa à minha frente, faz um carinho na minha cabeça. Enquanto isso, Ember se aproxima do meu pai para mostrar as fotos que tirei dela. No mesmo instante, ele deixa o jornal de lado e se debruça sobre a tela. Quando sorri, as leves rugas ao redor de sua boca ficam mais visíveis.

- Que linda.
- Reconhece o vestido, amor? pergunta minha mãe.

Ela coloca a mão no ombro dele e se inclina sobre suas costas.

Meu pai levanta a câmera, e seus olhos ficam reflexivos por trás das lentes dos óculos de leitura.

— Esse é... foi esse vestido que você usou no nosso aniversário de dez anos?

Ele vira a cabeça para olhar para minha mãe, e ela assente. Minha mãe e Ember têm um tipo de corpo parecido, por isso minha irmã tinha tantas roupas à disposição quando começou a usar a máquina de costura. No início, minha mãe ficava triste porque Ember não sabia costurar direito e destruía metade dos vestidos, mas isso quase não acontece mais. Agora, ela adora as maravilhas que minha irmã consegue fazer com os antigos vestidos e blusas dela.

— Eu cortei e costurei uma gola para ele — diz minha irmã ao se sentar à mesa, colocando um pouco de aveia na tigela que minha mãe serviu.

Um sorriso aparece no rosto do meu pai.

— Ficou muito bonito — diz, segurando a mão da minha mãe. Ele puxa o rosto dela até ficar próximo dele e lhe dá um beijo carinhoso.

Ember e eu nos entreolhamos, e sei que ela está pensando a mesma coisa que eu: eca. Meus pais são tão apaixonados um pelo outro que às vezes dá até ânsia de vômito. Mas levamos isso numa boa. E quando me lembro do que aconteceu com a família de Lin, agradeço o fato de a minha permanecer inteira. Principalmente porque tivemos que nos esforçar para proteger o forte vínculo que nos une.

- Me avisa quando postar diz minha mãe depois de se sentar ao lado do meu pai. Quero ler na mesma hora.
 - Tá bem responde Ember com a boca cheia.

Temos que nos apressar se quisermos pegar o ônibus para a escola na hora certa, então entendo por que ela está comendo desse jeito.

— Mas você vai dar uma olhada antes, né? — pergunta meu pai, se virando para mim.

Embora já tenha se passado um ano, meu pai ainda vê tudo relacionado ao blog com ceticismo. Fica com um pé atrás com a internet, ainda mais quando uma de suas filhas está expondo imagens e pensamentos on-line. Foi difícil para Ember convencê-lo de que um blog sobre moda plus size era uma boa ideia. No entanto, ela começou o blog *Bellbird* com tanto esforço e coragem que meu pai não teve escolha a não ser permitir que ela continuasse. A única condição era que eu — como a sensata irmã mais velha — lesse as postagens do blog e desse uma olhada nas imagens antes de ela publicar, para que detalhes da nossa vida pessoal não parassem na internet. Mas os receios dele são injustificados. Ember faz um trabalho cuidadoso e profissional, e eu a admiro por tudo o que já conseguiu fazer com o *Bellbird* em tão pouco tempo.

- É claro. Enfio uma colher de aveia em flocos na boca e engulo com um grande gole de café. Agora, é Ember quem está me olhando com nojo, mas a ignoro. Hoje vou chegar em casa um pouco mais tarde, já estou avisando para vocês não acharem estranho.
 - Tem muita coisa acontecendo na escola? pergunta minha mãe. *Ah, se você soubesse...*

Eu adoraria contar para minha mãe, meu pai e Ember o que aconteceu. Sei que me sentiria melhor depois disso. Mas não posso. Minha casa e Maxton Hall são dois mundos diferentes que não se encaixam. E jurei para mim mesma que nunca os misturaria. Por isso, ninguém da escola sabe nada sobre a minha família, e minha família não sabe nada do que acontece em Maxton Hall. Estabeleci esse limite no primeiro dia de aula, e foi a melhor decisão que já tomei. Sei que Ember fica brava com frequência porque sou muito fechada, e sempre fico com a consciência pesada quando meus pais não conseguem disfarçar a decepção deles quando respondo à pergunta "Como foi seu dia?" apenas com um "bom". Mas minha casa é meu oásis de tranquilidade. Aqui, o que importa é a família e a lealdade, a confiança e o amor. Em Maxton Hall, só uma coisa importa: o dinheiro. E tenho medo de arruinar a tranquilidade da nossa casa se trouxer os problemas de lá.

Além disso, não é da minha conta o que o sr. Sutton e Lydia Beaufort têm, eu nunca os deduraria. O fato de ninguém em Maxton Hall saber nada sobre a minha vida pessoal só funciona porque aderi firmemente uma regra que impus a mim mesma: *Acima de tudo, não chame atenção*. Por dois anos, me esforcei para me tornar invisível e passar despercebida pela maioria dos meus colegas.

Se eu contasse para alguém sobre o sr. Sutton ou fosse falar para o diretor sobre isso, haveria um escândalo. Não posso correr nenhum risco, ainda mais agora que estou tão perto de alcançar meu objetivo.

Lydia Beaufort e toda a sua família — principalmente o terrível irmão dela — são exatamente o tipo de pessoa de quem devo manter quilômetros de distância. Os Beaufort administram a maior e mais antiga loja de roupas masculinas da Inglaterra. Não estão apenas envolvidos com o país todo, mas também com Maxton Hall. Até mesmo desenharam nosso uniforme escolar.

Não. Nada de problemas com um dos Beaufort.

Vou agir como se nada tivesse acontecido, simples assim.

Quando sorrio para minha mãe e digo em voz baixa que não é nada, estou consciente de como a resposta parece forçada. Por isso, fico ainda mais grata por ela não insistir e, sem dizer mais nada, me servir outra xícara de café.

Na escola é horrível. Tento me concentrar, mas tudo o que faço é divagar. Entre uma aula e outra, morro de medo de encontrar Lydia ou o sr. Sutton no corredor e vou de uma sala para outra voando. Lin me olha de soslaio mais de uma vez, então tento me controlar. A última coisa que quero é que ela comece a me bombardear com perguntas que não posso responder. Principalmente porque tenho quase certeza de que ela não acreditou na desculpa que dei ontem, dizendo que me confundi com o horário e por isso ainda não peguei minha carta de recomendação.

Quando a última aula termina, vamos juntas até a secretaria para pegar os cartazes que chegaram ontem pelo correio. Eu teria preferido ir almoçar — meu estômago estava roncando tanto na aula de Biologia que o professor até se virou na minha direção —, mas Lin decidiu que no

caminho para o refeitório poderíamos pendurar alguns e já economizar um tempo.

Começamos pelo anfiteatro, onde penduramos o primeiro cartaz em uma das colunas. Quando tenho certeza de que a fita prendeu bem, dou alguns passos para trás e cruzo os braços.

- O que acha? pergunto para Lin.
- Perfeito. Todo mundo que passar pela porta da frente vai ver aí. Sorridente, olha para mim. Bom trabalho, Ruby.

Olho mais um pouco para as letras pretas e curvas que anunciam a festa de volta às aulas. A verdade é que Doug conseguiu fazer um ótimo layout. O texto, combinado com as manchas douradas sutis no fundo prateado, parece elegante e glamoroso, e, ao mesmo tempo, moderno o bastante para se adequar a uma festa de volta às aulas.

Maxton Hall é conhecido por suas festas lendárias. Aqui, tudo se comemora: o começo do ano letivo, o fim do ano letivo, o aniversário de fundação, Dia das Bruxas, Natal, Ano-Novo, o aniversário do diretor Lexington... O orçamento disponível para o comitê de eventos é atordoante. Mas, como Lexington sempre nos lembra, a imagem que projetamos com eventos tão bem-sucedidos não pode ser paga com dinheiro. Porque as festas de Maxton Hall, na teoria, não são só para os alunos. O objetivo é atrair os pais, patrocinadores, políticos e pessoas ricas que financiam nossa escola, e, com o apoio delas, garantir que os estudantes comecem a vida da melhor maneira possível e ingressem de primeira em Cambridge ou Oxford.

Quando entrei na escola, tive que escolher uma atividade extracurricular, e o comitê de eventos foi a que me pareceu melhor: adoro planejar e organizar, e nesta área consigo atuar nos bastidores, sem que meus colegas percebam minha presença. Não esperava me divertir tanto. Muito menos que, dois anos depois, fosse dividir com Lin a direção da equipe.

Lin se vira para mim com um grande sorriso no rosto.

- Você não acha que é a melhor sensação do mundo não ter ninguém pra nos dizer o que fazer esse ano?
- Acho que eu não teria aguentado seguir as ordens de Elaine Ellington nem mais um dia sem dar uma porrada nela admito, e Lin solta uma risadinha. Não é pra rir. Estou falando sério.

- Isso eu queria ver.
- E eu, fazer.

Elaine era uma líder insuportável, autoritária, desonesta e preguiçosa, embora eu nunca tenha feito nenhum mal para ela, é claro. Além de eu não gostar de violência, teria quebrado minha própria regra de tentar ao máximo não chamar atenção aqui.

Mas, de qualquer forma, agora já está tudo certo. Elaine se formou e saiu da escola. E o fato de o resto da equipe gostar tão pouco de seu estilo ditatorial quanto nós duas ficou claro quando escolheram Lin e eu como sucessoras dela. Algo que até agora me parece mentira.

— Vamos pendurar mais dois cartazes e ir comer? — pergunto, e Lin assente.

Por sorte, quando entramos no refeitório, o pico de movimento já acabou. A maioria dos estudantes já está a caminho das aulas da tarde ou aproveitando os últimos raios de sol no jardim da escola. Apenas algumas mesas estão ocupadas, então conseguimos um bom lugar perto da janela.

Apesar disso, evito tirar os olhos da lasanha enquanto equilibro a bandeja no caminho. É só quando me sento, deixo os pôsteres na cadeira ao meu lado e a mochila no chão que ouso olhar ao redor. Nenhum sinal de Lydia Beaufort.

Na minha frente, Lin abre sua agenda e começa a consultá-la enquanto toma um suco de laranja. Nas páginas, decifro caracteres chineses, assim como triângulos, círculos e outros símbolos, e fico maravilhada mais uma vez com o sistema que ela usa, muito mais legal do que as cores com as quais trabalho. De qualquer forma, lembro que uma vez pedi para ela me explicar o que significava cada símbolo e para que tipo de evento ela usava, e depois de meia hora já tinha me perdido toda e deixado para lá.

- A gente se esqueceu de deixar um cartaz de amostra na gaveta do diretor Lexington murmura ela, colocando o cabelo preto atrás da orelha. É a primeira coisa que precisamos fazer depois do almoço.
 - Claro digo de boca cheia.

Acho que estou com molho de tomate no queixo, mas não ligo. Estou morrendo de fome, possivelmente porque, tirando um pouco de aveia, não comi nada desde ontem à tarde.

— Hoje eu ainda tenho que ajudar a minha mãe a preparar uma exposição — diz Lin, apontando para um caractere chinês.

Há algum tempo, a mãe dela abriu uma galeria de arte em Londres, e está indo bem, mas muitas vezes Lin precisa ajudar, inclusive durante a semana.

- Se você tiver que sair mais cedo, deixa que eu arrumo o resto sozinha ofereço, e ela nega com a cabeça.
- Quando a gente assumiu esse trabalho, concordou em dividir de forma justa. Ou a gente faz juntas ou não faz.
 - Então tá bom respondo, sorrindo.

No início das aulas, disse para Lin que não ligava de assumir parte do trabalho dela de vez em quando. Gosto de ajudar os outros. Principalmente meus amigos, que não são muitos. E sei que a situação na casa de Lin não está fácil e que várias vezes exigem mais dela do que é justo. Ainda mais considerando as inúmeras funções que ela precisa cumprir na escola ao mesmo tempo. Mas Lin é, no mínimo, tão esforçada e teimosa quanto eu, o que provavelmente é um dos motivos para nos darmos tão bem.

É quase um milagre nós termos nos encontrado. Quando cheguei a Maxton Hall, ela fazia parte de outros grupos totalmente diferentes. Então, no intervalo do almoço, se sentava em uma mesa com Elaine Ellington e suas amigas, e eu nunca teria pensado em falar com ela, embora nós duas estivéssemos no comitê de eventos e eu já tivesse reparado algumas vezes no quanto ela era meticulosa com o *planner*, assim como eu.

Mas então o pai dela se envolveu em um escândalo gigantesco que fez a família perder a fortuna, e, por consequência, Lin foi excluída dos círculos que frequentava. De repente, ela ficou sozinha durante os intervalos; não sei se as amigas não queriam mais nada com ela ou se Lin estava envergonhada demais pelo que aconteceu. De qualquer forma, sei como é perder todos os amigos de uma vez só. Foi o que aconteceu quando deixei minha antiga escola de Gormsey para vir para cá. Fiquei sobrecarregada com tudo, com a alta exigência das aulas, as atividades extracurriculares, o fato de todos aqui serem muito diferentes de mim, e no início não consegui manter meus contatos de Gormsey. Meus amigos de lá deixaram claro o que achavam disso.

Agora sei que um amigo de verdade não vive enchendo o saco só porque você gosta de se esforçar na escola. Ignorei com um sorriso quando falavam coisas como *mudou de vida* e *nerd*, embora não tenha achado nada divertido. E também sei que alguém não entender que você está passando

por uma situação incomum não tem nada a ver com amizade. Não me perguntaram nem uma vez como eu estava nem se podiam me ajudar.

Doeu muito ver como essas amizades eram frágeis, ainda mais porque não havia ninguém em Maxton Hall que quisesse se aproximar de mim ou que sequer notasse minha presença. Não venho de uma família rica. Em vez de bolsas de grife, tenho a mesma mochila há seis anos. Em vez de um MacBook resplandecente, tenho um notebook de segunda mão que meus pais compraram para mim antes de entrar no colégio. Nos fins de semana, não vou para as festas da moda, das quais todo mundo vai falar durante a semana seguinte. Para a maioria dos meus colegas, eu não existo, simples assim. Atualmente, não tenho problema nenhum com isso, mas nas primeiras semanas me senti terrivelmente sozinha e deixada de lado. Até conhecer Lin. O que nos uniu não foi só o fato de termos passado por algo semelhante com nossos amigos, mas também o fato de Lin compartilhar meus dois maiores hobbies: organizar a própria vida e ler mangás.

Não dá para saber se teríamos nos aproximado se o lance com os pais dela não tivesse acontecido. E mesmo quando, por vezes, tenho a sensação de que ela sente falta da época em que aproveitava a popularidade aqui e saía com pessoas como os Ellington, sou grata por tê-la.

— Então vai você até o diretor e aproveita para pendurar os cartazes na biblioteca e no centro de aprendizagem. Eu cuido do resto, combinado? — proponho.

Ergo a mão. Por um momento, ela parece que vai se opor, mas logo sorri, agradecida, e bate a mão na minha.

— Você é incrível.

Alguém puxa a cadeira ao meu lado e se senta. De repente, Lin fica pálida como um fantasma. Franzo o cenho quando ela me olha com os olhos arregalados, depois para a pessoa sentada ao meu lado e, então, de volta para mim.

Me viro devagar e encaro diretamente olhos azuis-turquesa.

Como todo mundo na escola, conheço esses olhos, mas ainda não os havia visto tão de perto. Fazem parte de um rosto peculiar, com sobrancelhas escuras, maçãs do rosto proeminentes e uma boca bonita com um beicinho arrogante.

James Beaufort acabou de se sentar ao meu lado. E está olhando para mim.

De perto, parece ainda mais perigoso do que de longe. É um daqueles caras que se comportam como se Maxton Hall fosse sua casa. E é isso o que parece. Está com as costas retas, seguro de si, a gravata perfeitamente ajustada. O uniforme escolar que conheço tão bem se encaixa perfeitamente nele, como se fosse feito sob medida para seu corpo. Deve ser porque a mãe dele que o desenhou. A única coisa que não combina muito é o cabelo loiro acobreado que ele deixa bagunçado, diferente de sua irmã, que sempre está com um penteado impecável.

— E aí? — diz.

Será que eu já havia o escutado falar? Gritando em jogos de lacrosse ou bebendo nas festas de Maxton Hall, sim; mas não desse jeito. O *e aí* dele soa confiante, como o brilho em seus olhos. Ele age como se fosse completamente normal se sentar ao meu lado no intervalo do almoço e falar comigo. Contudo, nunca sequer trocamos uma única palavra. E as coisas têm que continuar assim.

Olho ao redor com cuidado e engulo em seco. Não todo mundo, mas algumas pessoas se viraram em nossa direção. É como se a capa de invisibilidade que uso há dois anos tivesse escorregado de leve.

Isso não é bom, isso não é bom, isso não é bom.

— Oi, Lin. Você se importa se eu sequestrar sua amiga por uns minutinhos? — pergunta sem tirar os olhos de mim nem por um segundo.

Seu olhar é tão intenso que um calafrio sobe pela minha coluna. Demoro um pouco para entender o que ele disse. Então, viro a cabeça na direção de Lin e tento dizer, sem falar, que eu me importo, sim, mas ela não me olha, apenas encara James.

— Tudo bem — murmura. — Podem ir.

Só consigo puxar a mochila do chão, e logo James Beaufort coloca a mão nas minhas costas e me empurra para fora do refeitório. Acelero o passo para me livrar de sua mão, mas mesmo assim sinto seu toque, como se tivesse queimado minha pele através do tecido do casaco. Ele me conduz pela grande escadaria do saguão e para um local longe do olhar dos nossos colegas que entram e saem do refeitório.

Já imagino o que ele quer. Como nunca nem olhou na minha direção nos últimos dois anos, deve ter algo a ver com o caso de sua irmã com o sr. Sutton.

Quando tenho certeza de que ninguém vai nos ouvir, me viro para ele.

- Acho que sei o que você quer de mim.
- Os lábios dele se abrem em um sorrisinho.
- Sabe?
- Escuta aqui, Beaufort...
- Acredito que eu deva te interromper aqui, Robyn... Ele dá um passo em minha direção. Não recuo, me limito a olhar para ele com as sobrancelhas levantadas. Você vai esquecer o mais rápido possível o que viu ontem, entendeu? Se eu descobrir que você deixou escapar qualquer coisa, vou te fazer sair da escola.

Ele coloca algo em minha mão. Entorpecida, olho para baixo e me encolho ao ver o que é: um grosso maço de notas de cinquenta libras. Engulo em seco. Nunca tive tanto dinheiro nas mãos.

Ergo o olhar. O sorriso arrogante de James diz tudo. Expressa perfeitamente o quanto ele sabe que eu poderia precisar do dinheiro. E que esta não é a primeira vez que compra o silêncio de alguém. O olhar dele e sua atitude são tão presunçosos que de repente sou tomada por uma raiva imprescindível.

— Tá falando sério? — pergunto, com os dentes cerrados, levantando o maço de notas. Sinto tanta raiva que minhas mãos estão tremendo.

O olhar dele agora é pensativo. Enfia a mão no bolso interno do casaco, tira outro maço e me entrega.

Tem dez mil. — Perplexa, encaro o dinheiro e, depois, o rosto dele.
Se ficar de bico fechado até o fim do semestre, vamos dobrar o dinheiro. Se conseguir até o fim do ano, podemos quadruplicar.

As palavras dele ecoam em minha cabeça sem parar, e meu sangue ferve nas veias. Esse cara aqui na minha frente quer jogar dez mil libras aos meus pés e calar minha boca desse jeito... como se não fosse nada. Como se isso fosse o que pessoas de família ricas fazem. De repente, fica claro para mim: não suporto James Beaufort. Eu o detesto. Ele e tudo o que ele representa.

Seu modo de vida, sem levar nada em consideração e nem ter medo das consequências. Quando se tem o sobrenome Beaufort, não importa o que se faça, o dinheiro do papai vai resolver tudo. Por mais que eu tenha trabalhado duro aqui por dois anos para ter uma chance mínima de ser aceita em Oxford, para ele o ensino médio não é nada mais do que uma diversão. Isso é injusto. E quanto mais o encaro, com mais raiva fico.

Meus dedos apertam as notas. Cerro os dentes com força e arranco as tiras finas de papel que pendem do maço.

James franze a testa.

— O quê...?

Do nada, ergo a mão e jogo o dinheiro para o alto.

James retribui de maneira inflexível o meu olhar severo. Uma pulsação no maxilar é sua única reação. À medida que as notas caem devagar, eu me viro e vou embora.

Ruby

Um rabo de cavalo loiro balança na frente de meu rosto. Direciono toda a minha raiva para ela.

Lydia é a culpada disso tudo! Se ela não tivesse ficado com nosso professor, eu não teria pegado os dois juntos, e ela não teria contado para o irmão. Então eu poderia me concentrar na aula em vez de ficar nervosa, pensando no fato de ele ter me chamado de *Robyn*. Ou de eu ter jogado dez mil libras pelos ares.

Enterro o rosto nas mãos. Tenho alucinações ao me lembrar disso. Claro, tudo bem não aceitar o dinheiro. Mas, apesar disso, desde ontem à tarde estou pensando em uma infinidade de coisas para as quais poderia tê-lo usado. Por exemplo, em nossa casa. Desde o acidente de meu pai, há oito anos, começamos a reorganizá-la aos poucos, nos livrando dos obstáculos, mas ainda poderíamos melhorar alguns cômodos. Além disso, nosso carro está prestes a dar o último suspiro, e todos nós dependemos dele. Principalmente meu pai. Com as quarenta mil libras que James teria me dado no fim do ano, daria para comprar uma minivan nova.

Balanço a cabeça. Não, os Beaufort nunca vão comprar meu silêncio. Eu não me vendo.

Tiro a agenda de baixo da apostila de História e a abro. Todas as anotações do dia estão com o sinal de feito. Só uma continua a piscar zombeteiramente: Pegar a carta de recomendação no escritório do sr. Sutton.

Observo as letras com o maxilar apertado. Eu adoraria fazê-las desaparecer, assim como a lembrança do sr. Sutton e Lydia juntos.

Pela primeira vez desde o começo da aula, ouso desviar o olhar da cabeça de Lydia e olhar para a frente.

O sr. Sutton está de pé ao lado da lousa. Está vestindo uma camisa xadrez com um cardigã cinza-escuro por cima, assim como os óculos que

sempre usa. A barba de três dias está bem aparada, e em suas bochechas dá para ver aquelas covinhas que todo mundo da turma adora.

De repente, uma gargalhada ecoa ao meu redor; ele fez uma piada.

Uma das razões pelas quais sempre gostei tanto dele.

E agora nem consigo olhá-lo.

Não dá para entender. O sr. Sutton é bom o suficiente para ter conseguido entrar em Oxford, estudou lá por anos, leciona em um dos colégios particulares mais renomados da Inglaterra, e a primeira coisa que pensa em fazer é pegar uma aluna? Por quê, se é que isso tem uma resposta?

O olhar dele encontra o meu, e um segundo depois seu sorriso desaparece.

Na minha frente, Lydia fica tensa. Seus ombros se contraem, assim como o pescoço, como se lutasse com todas as forças para não se virar.

Abaixo o olhar tão depressa que meu cabelo cobre o rosto como uma cortina escura. Me mantenho nesta posição pelo resto da aula.

Quando o sinal finalmente toca, sinto que dias se passaram, não apenas noventa minutos. Demoro o máximo possível. Recolho minhas coisas e guardo tudo na mochila meticulosamente, como se estivesse em câmera lenta. Fecho o zíper tão devagar que dá para ouvir cada dente se encaixando no lugar.

Só quando os passos e vozes dos meus colegas diminuem é que me levanto. O sr. Sutton está colocando papéis em uma pasta, distraído. Parece tenso, todo aquele bom humor que apresentou em aula sumiu de suas feições.

A única aluna que ainda está conosco na sala é Lydia Beaufort. Ela está parada na porta, olhando para o sr. Sutton e para mim, em expectativa.

Sinto o coração pulsar em meu pescoço enquanto coloco a mochila no ombro e caminho para a frente. Ao chegar a uma certa distância da mesa, paro e pigarreio. O sr. Sutton olha para mim. Seus olhos castanhos dourados estão cheios de arrependimento. Sinto sua consciência pesada. Ele se move como um robô.

- Lydia, pode nos deixar a sós? pergunta sem olhar para ela.
- Mas...
- Por favor acrescenta gentilmente, lançando um breve olhar para ela.

Lydia assente com os lábios apertados e dá meia-volta. Fecha a porta da sala sem fazer barulho. O sr. Sutton se vira em minha direção outra vez. Abre a boca para dizer algo, contudo sou mais rápida.

— Queria pegar minha carta de recomendação para Oxford — digo depressa.

Ele pisca, perplexo, e leva um momento para reagir.

— Eu... Claro.

Nervoso, ele dá uma olhada na pasta onde estava guardando os papéis da aula. Como não encontra o que está procurando, se inclina para a frente, pega a bolsa de couro marrom do chão e a coloca na mesa. Ele a abre e vasculha um pouco. Suas mãos estão tremendo, e dá para ver um leve rubor em suas bochechas.

— Essa é a cópia — murmura quando finalmente tira uma pasta canaleta transparente com uma folha dentro. — A princípio eu queria repassar ponto a ponto com você primeiro, mas depois... — Ele limpa a garganta. — Já enviei, porque não sabia se você ainda ia querer vir pegar.

Com os dedos rígidos, seguro a pasta. Engulo com dificuldade.

— Obrigada.

Ele pigarreia outra vez. É uma situação desconfortável.

- Queria que você soubesse que eu...
- Não. Minha voz sai rouca. Por favor... não.
- Ruby... Junto com o arrependimento, de repente consigo distinguir uma outra emoção nos olhos do sr. Sutton: medo. Ele está com medo de mim. Ou melhor, do que posso fazer com o que sei sobre ele e Lydia. Eu só queria...
- Não digo, e desta vez minha voz é mais firme. Levanto a mão na defensiva. Eu não pretendo contar nada pra ninguém. De verdade. Eu... só quero esquecer. Ele abre a boca e a fecha outra vez. Seu olhar mostra, ao mesmo tempo, surpresa e dúvida. Não é da minha conta continuo a dizer. E nem de ninguém.

Caímos em um silêncio durante o qual o sr. Sutton me observa tão intensamente que não sei para onde olhar. É como se ele quisesse ver nos meus olhos a confirmação de que estou falando sério. No fim, me diz, em voz baixa:

— Você sabe que eu vou continuar sendo seu professor...

Claro que sei. E a ideia de ter que passar várias horas da semana com ele e Lydia em uma sala não me agrada nem um pouco. Mas a outra opção seria procurar o diretor da escola, e o encontro com James Beaufort deixou claro o que aconteceria comigo nesse caso. Sem contar que eu realmente acho que a vida pessoal do sr. Sutton não é da minha conta.

— Quero me esquecer de tudo, só isso — repito.

Ele solta um longo suspiro.

— E sem... exigências?

Quando vê minha expressão indignada, ele rapidamente acrescenta:

— Não que você já não fosse passar na minha matéria. Você é uma das melhores alunas dessa turma, sabe disso. Só achei que... eu...

Com um suspiro desanimado, ele para de falar. Tem as bochechas rosadas, está inseguro, e sua aparência é quase desesperada. De repente, vejo como ele é incrivelmente jovem e me pergunto pela primeira vez quantos anos deve ter. Eu diria uns 25, no máximo. Tento sorrir, mas não consigo.

— Só quero terminar a escola sem problemas, sr. Sutton — respondo, guardando a cópia da carta na mochila. Como ele não responde nada, vou até a porta da sala. Ao chegar, viro a cabeça para encará-lo outra vez. — Por favor, me trate do mesmo jeito de sempre. — Ele me observa como se eu fosse uma aparição, e não das boas. Seu olhar é desconfiado, e não posso culpá-lo por isso. — Obrigada pela carta de recomendação.

Vejo que ele engole em seco. Então, assente. Dou meia-volta e saio da sala de aula. Depois de fechar a porta, encosto as costas nela, fecho os olhos e respiro fundo várias vezes.

Só depois percebo que não estou sozinha. Um leve som me faz abrir os olhos no mesmo instante.

Do lado oposto, James Beaufort está com os braços cruzados sobre o peito, suas costas e um pé apoiados contra a parede. Seu olhar está em mim, mais severo, mais sombrio. Não há nenhum vestígio do sorriso cúmplice de quando quis me subornar.

Ele se empurra da parede para se endireitar e se aproximar de mim. Caminha devagar, em um ritmo quase ameaçador. O tempo passa em câmera lenta. Meu coração começa a acelerar. Este é o reino dele. E, aqui, me sinto uma intrusa.

James para bem perto de mim. Abaixa o olhar sem dizer uma palavra sequer e, por um instante, me esqueço de respirar. Quando volto a fazê-lo, percebo como está cheiroso. Como anis-estrelado. Ao mesmo tempo, picante e ácido, mas agradável. Eu adoraria levar o nariz um pouco mais para perto dele, porém me lembro de quem é o homem à minha frente.

James enfia a mão no bolso de dentro do casaco. Isso me liberta da imobilidade do susto. Semicerro os olhos, encarando-o.

— Se você colocar dinheiro na minha mão de novo, faço você enfiar goela abaixo.

A mão dele se detém por um segundo, exatamente onde está, e então ele a tira do bolso. Seus olhos ficam sombrios.

- Para de fazer a Madre Teresa e me fala o que você quer da minha família. A voz dele soa aveludada e profunda, em uma estranha contradição com a aspereza de suas palavras.
- Não quero absolutamente nada da sua família digo, feliz por ter a porta atrás de mim. A não ser, talvez, que você me deixe em paz. E a Madre Teresa teria pegado o dinheiro e distribuído no refeitório ou dado para os mais necessitados nas ruas. Você sabe. Amor ao próximo e tal.

O rosto de James fica petrificado.

— Você acha engraçado? — pergunta.

Está furioso, e dá para perceber claramente em sua voz. Ele dá outro passo em minha direção, tão próximo que os bicos de seus sapatos tocam os meus. Se chegar outro milímetro mais perto de mim, vou dar um chute no saco dele, não importa se com isso descubram quem eu sou em Maxton Hall.

- Não quero arranjar confusão com você, Beaufort digo, me esforçando para manter a calma. Nem com a sua irmã. E, acima de tudo, não quero o seu dinheiro. A única coisa que eu quero é terminar o último ano da escola.
- Você não quer mesmo o dinheiro? diz, parecendo tão incrédulo que no mesmo instante me pergunto o que ele e sua família devem ter vivido no passado. Ou com que tipo de pessoas se relacionam.

Eu não ligo, não ligo, não ligo!

— Não, eu não quero seu dinheiro. — Talvez ele acredite em mim se repetir algumas vezes, olhando diretamente nos olhos dele.

James me encara pelo que parece uma eternidade, como se estivesse analisando cada centímetro do meu rosto e tentasse descobrir quais as minhas intenções. Então, desce o olhar para minha boca, meu queixo e meu pescoço, e depois mais para baixo. Centímetro por centímetro.

Quando volta a olhar para cima, as feições de seu rosto refletem algo diferente. Ele se afasta de leve.

— Entendi. — Ele suspira, olhando de um lado para o outro no corredor. — Onde você quer?

Não faço ideia do que ele está falando.

- Quê?
- Onde você quer? Ele coça a nuca. Acho que uma das salas dos professores ali atrás está livre. Eu tenho uma chave mestra. Ele me examina com o olhar. Você grita muito? O escritório da sra. Wakefield é ali do lado, e geralmente fica vazio por mais tempo.

Não consigo fazer nada além de ficar olhando para ele, me perguntando o que é que ele quer de mim.

— Não faço a menor ideia do que você está falando.

Ele ergue uma sobrancelha, irônico.

— Claro. Olha, eu conheço esse truque de "não quero dinheiro".

Então, de uma hora para outra, ele agarra minha mão e me arrasta pelo corredor. Em frente à sala que mencionou, tira a chave do bolso da calça e abre a porta. Com a mão livre, começa a afrouxar a gravata.

"Onde você quer?"

Quando entendo o que ele quis dizer, o horror me faz perder o fôlego. Mas então ele agarra minha mão e me puxa para dentro da sala. Agarro o batente da porta e me liberto dele.

- O que você tá fazendo? repreendo.
- Estamos renegociando responde ele. Dá uma olhada no relógio de pulso. Uma pulseira preta e um mostrador de bronze, muito elegante. E incrivelmente caro. Tenho treino daqui a pouco, então seria ótimo se a gente pudesse agilizar o processo.

Ele segura a porta aberta para mim e, com o queixo, gesticula ao redor da sala enquanto desfaz completamente o nó da gravata e começa a desabotoar a camisa. Quando mostra o torso nu e vejo os músculos dele, meu cérebro sofre um curto-circuito. Fico com a boca seca.

— Você ficou louco? — pergunto, com a voz rouca, dando um passo para trás antes de ele desabotoar o último botão da camisa.

Seu olhar para em mim.

— Não finja que você não sabe o que está acontecendo aqui.

Solto um bufo de desespero.

— Você só pode ter ficado doido se acha que vai me silenciar com sexo. Quem você pensa que é, seu narcisista de merda?

Ele pisca várias vezes seguidas. Abre a boca e a fecha novamente. Por fim, encolhe os ombros. Minhas bochechas queimam. Não sei se isso me deixa enjoada ou envergonhada. Acho que sinto um misto dos dois.

- Qual o seu problema? murmuro, balançando a cabeça.
- Todo mundo tem um preço, Robyn. Qual é o seu? pergunta, bufando.
- Meu nome é Ruby, porra! exclamo, bufando e cerrando os punhos. A partir de agora, a única coisa que você tem que fazer é me deixar em paz, esse é meu preço. E, sinceramente, eu não posso me permitir ser vista com você.

Os olhos dele faíscam.

— Você não pode se permitir ser vista comigo?

Na verdade, a descrença em sua voz deveria me deixar indignada, mas neste momento só consigo sentir pena dele. Ou quase.

- Já foi o bastante você ter falado comigo no refeitório. Eu não quero fazer parte do seu mundo.
 - Meu mundo repete, ríspido.
- Você sabe... as festas, as drogas e essas palhaçadas todas. Eu não quero ter nada a ver com isso.

De repente, passos ecoam no corredor. Meu coração pula uma batida e dispara. Empurro James para dentro e fecho a porta atrás de nós. Prendo a respiração, escuto com atenção e espero que a pessoa que se aproxima não entre nesta sala.

Não, por favor. Não, por favor. Não, por favor.

O som de passos fica cada vez mais alto, e fecho os olhos com força. Eles param na frente da porta. Então, se afastam outra vez, o barulho desaparecendo. Suspiro, aliviada.

— Você realmente falou sério. — O tom de voz de James é incompreensível, assim como seu olhar.

— Sim — respondo. — Então já pode abotoar sua camisa, por favor.

Ele faz o que peço lentamente, sem tirar os olhos de mim. Como se estivesse procurando uma brecha que talvez tenha deixado escapar. Não parece encontrar nenhuma.

— Tudo bem.

A pressão que sinto no peito se acalma de repente.

— Ótimo. Incrível. Agora tenho que ir pra casa, meus pais estão me esperando.

Aponto o polegar por cima do ombro. Quando ele não diz nada, levanto a mão, sem jeito, para me despedir. Então, me viro em direção à porta.

— De qualquer forma, eu não confio em você. — O som de sua voz sombria me causa arrepios.

Seguro a maçaneta da porta.

— Digo o mesmo.

James

O clima no vestiário está tenso; há uma espécie de eletricidade no ar devido à adrenalina que nos inunda. Estes minutos, pouco antes de o treinador falar conosco e finalmente entrarmos no campo, são, ao mesmo tempo, os piores e os melhores. Neste instante, tudo parece possível: a vitória e a derrota, o orgulho e a vergonha, a alegria pelo triunfo e a frustração insuportável. Em nenhum outro momento o espírito de equipe é maior e nossa motivação é mais elevada.

Os gritos de apoio de nossos colegas nos alcançam, vindos lá de fora, assim como os dos torcedores do time adversário. Parece inacreditável que há cinco anos ninguém se interessasse por lacrosse em Maxton Hall. Na época, era o esporte dos perdedores: quem não se dava bem nem como jogador de rugby nem como jogador de futebol era designado para o lacrosse, por isso o time era horrível. Consistia em um grupo heterogêneo de adolescentes magros e cheios de acne que não sabiam o que fazer com os braços e pernas grandes demais.

Achei que seria divertido me inscrever nele. Acima de tudo, esperava irritar meu pai. Nunca pensei que me divertiria de verdade. Ou que, depois de algumas semanas, sentiria a ambição de melhorar o time. Convenci meus amigos a mudarem para o lacrosse, ameacei o diretor Lexington com a ira dos meus pais se não nos desse um treinador mais qualificado e pedi para nosso melhor designer criar uma camiseta nova.

Foi a primeira vez na vida que consegui me envolver intensamente em alguma coisa. E valeu a pena. Porque hoje, cinco anos mais tarde, depois de treinar várias horas por semana, com sangue, suor e lágrimas, de alguns ossos quebrados e de termos ganhado três campeonatos, somos a porra dos líderes da escola.

Todos trabalhamos duro para chegar até aqui. E sempre fico orgulhoso ao ver o semblante determinado da minha equipe antes de cada jogo. Como

agora.

Porém, hoje estou sentindo outra coisa. Algo sombrio e doloroso, e significa que, pela primeira vez em todos esses anos, sinto dificuldade em cobrir a cabeça com o capacete: este vai ser o primeiro jogo do meu último ano na escola.

Quando a temporada acabar, não vou mais jogar. Então o lacrosse não fará parte da contagem regressiva lenta e cruel que não posso deter. Por mais que eu tente.

— Tudo certo? — pergunta Wren, batendo o ombro no meu.

Com um grande esforço, afasto os pensamentos. Ainda tenho um ano inteiro pela frente em que poderei fazer o que bem quiser. Abrindo um sorriso meio forçado, me volto para ele.

- Vamos dar uma lição naqueles idiotas de Eastview.
- O McCormack é meu interrompe Alistair na mesma hora, como se estivesse esperando a deixa. Ainda tenho contas pra acertar com ele.
- Alistair intervém Kesh à minha esquerda. Ele esfrega os dedos na ponte do nariz, exatamente onde quebrou um ano atrás. Deixa pra lá.

O tom de sua voz e o olhar significativo que lança para Alistair não deixam dúvidas de que não é a primeira vez que os dois tocam no assunto.

— Não — retruca Alistair.

McCormack, com quem infelizmente compartilho o primeiro nome, golpeou Kesh, com as piores intenções possíveis, um golpe com o taco, bem na cara, logo depois de ele ter tirado o capacete. Ainda me lembro do susto quando Kesh desabou no chão. De como o sangue jorrava de seu nariz e respingava na camiseta. Dos minutos em que ficou inconsciente na nossa frente.

Embora McCormack tenha sido suspenso e passado os três jogos seguintes no banco, a lembrança do rosto machucado de Kesh é o bastante para que eu seja tomado pela raiva, e é claro que o mesmo acontece com Alistair, que olha para Kesh com uma expressão determinada.

Não faça nada sem pensar — diz ele enquanto veste a camiseta azul.
 Então, prende o cabelo em um coque baixo e bagunçado e fecha a porta do armário.

- Você sabe como ele é murmura Wren, se inclinando de lado contra o armário com uma careta.
- Eu não ligo se me afastarem pelo resto da temporada. O McCormack vai pagar caro. Alistair dá um tapinha no ombro de Kesh. Já pode

ficar feliz por eu me preocupar tanto com você e com a sua honra.

Antes que ele possa tirar a mão, Kesh a agarra. Lança um olhar por cima do ombro para ele.

— Tô falando sério.

Alistair semicerra os olhos âmbar em duas fendas estreitas.

— Eu também.

Os dois se olham por um tempo longo demais, e o ar, já carregado, fica ainda mais denso. Chegou a hora de irmos.

— É melhor guardar energia para o jogo — digo em um tom que deixa claro que, neste momento, não estou falando como amigo dele, mas como o capitão do time.

Dois pares de olhos indignados se voltam para mim, e, antes que possam responder, bato palmas com força.

Na mesma hora, o time se reúne no meio do vestiário. Andando, passo a camiseta com o número dezessete pela cabeça. O contato com o tecido me parece familiar, como se fizesse parte de mim. Aquele sentimento obscuro parece querer me dominar novamente, mas o reprimo com todas as forças e me concentro no treinador Freeman, que, neste momento, sai do vestiário e se aproxima de nós. Ele é um homem alto e magricela, e pelo comprimento de seus braços e pernas, poderia ser confundido com um maratonista ou um atleta, e não um jogador de lacrosse. O treinador coloca o boné sobre o cabelo, que, nos últimos anos, tem ficado cada vez mais ralo e claro, ajeita a aba e coloca o braço por cima de mim e de Cyril, o capitão e o cocapitão.

Olha ao redor do vestiário.

— Para alguns de vocês, essa é a primeira temporada, e, para outros, a última. Nosso objetivo é o campeonato — vocifera. — Qualquer coisa fora disso é inaceitável. Então tentem acabar com esses caras.

O treinador Freeman não é um homem de muitas palavras, mas elas nem são necessárias. As poucas frases que diz são o bastante para provocar um grito forte de aprovação entre as fileiras de jogadores.

— Essa tem que ser a melhor temporada que Maxton Hall já viu — acrescento, um pouco mais alto que o treinador. — Entendido?

Os garotos voltam a gritar, mas, para Cyril, ainda não gritaram o suficiente.

— Entendido?

Desta vez, a gritaria é tão alta que ecoa nos meus ouvidos. Ou seja, exatamente como deve ser.

Depois disso, colocamos os capacetes e pegamos os tacos. O caminho para sair do vestiário, atravessando um corredor estreito, passa a sensação de se estar mergulhando: os sons do lado de fora chegam abafados, quase como se desse para sentir a pressão nos ouvidos. Agarro o bastão com mais força e guio meu time em direção ao campo, do lado de fora.

A arquibancada está lotada. O público aplaude quando saímos para o campo, as líderes de torcida dançam. As batidas da música ressoam nos alto-falantes, fazendo o chão vibrar sob nossos pés. O ar fresco adentra meus pulmões, e me sinto vivo pela primeira vez em semanas.

Enquanto os reservas e o treinador se acomodam na lateral do campo, vamos para o meio e ficamos à frente dos membros do outro time, que parecem tão motivados quanto nós.

— Vai ser um bom jogo — murmura Cyril ao meu lado, exatamente o que eu estava pensando.

Durante a espera pelo árbitro, olho ao redor da arquibancada. Daqui, não consigo reconhecer quase ninguém, a não ser Lydia, que como sempre está sentada lá em cima com todas as amigas, agindo como se todo o espetáculo não a interessasse nem um pouco. Olho para a lateral do campo e observo os substitutos e o treinador da outra equipe, que agora se dirige a Freeman para cumprimentá-lo.

Então, uma cabeleira castanha chama minha atenção. Uma garota se aproxima dos dois. Ela troca algumas palavras com eles e aponta para algo na mão. Quando o vento sopra seu cabelo para longe do rosto, eu a reconheço.

"Eu não posso me permitir ser vista com você."

A lembrança dessas palavras parece um chute no meu estômago. Ninguém nunca tinha me dito nada do tipo.

Como regra geral, costuma acontecer exatamente o contrário: as pessoas querem ser vistas comigo a qualquer custo. Desde o primeiro instante em que entrei no colégio, meus colegas têm me perseguido para chamar minha atenção. É o que acontece quando se tem um sobrenome como Beaufort. Desde que minha família fundou a clássica loja de roupas masculinas há 150 anos e, a partir daí, conseguiu construir um império milionário, não há ninguém neste país que não conheça nosso sobrenome. Beaufort anda de mãos dadas com riqueza. Com influência. Com poder. E muita gente em Maxton Hall acredita que posso tornar essas coisas mais fáceis para elas — pelo menos um pouco — se puxarem bastante meu saco.

Não consigo contar nos dedos das mãos quantas vezes, depois de uma noitada, alguém me mostrou seus esboços de roupas. Quantas vezes vieram falar comigo com qualquer pretexto só para me pedir o contato dos meus pais no decorrer da conversa. Quantas vezes tentaram entrar à força no meu círculo familiar para fornecerem informações privilegiadas sobre Lydia e eu para a imprensa. Há dois anos, vazou uma foto do aniversário de dezesseis anos de Wren em que estou cheirando uma fileira de cocaína, e esse é só um exemplo de muitos. Nem preciso mencionar tudo o que Lydia teve que enfrentar.

Por isso, escolho meus amigos com muito cuidado. Wren, Alistair, Cyril e Kesh não se interessam pelo meu dinheiro, já têm de sobra. Alistair e Cyril vêm de uma antiga aristocracia inglesa; o pai de Wren acumulou uma fortuna incrível por meio do mercado de ações; e o pai de Kesh é um produtor de cinema famoso.

As pessoas exigem nossa atenção.

Todas menos...

Meu olhar se detém em Ruby. O cabelo escuro reluz sob o sol, e o vento o agita. Ela briga inutilmente contra a franja, afastando-a com a mão, embora não adiante de nada, porque dois segundos depois os fios já estão balançando em todas as direções. Tenho quase certeza de que nunca tinha reparado nela antes do que aconteceu com Lydia. Agora, fico me perguntando como foi possível.

"Eu não posso me permitir ser vista com você."

Sem explicação, tudo nela me deixa desconfiado, principalmente aqueles olhos verdes penetrantes. Quero me aproximar dela para saber se olha para outras pessoas da mesma forma como olha para mim: com fogo nos olhos e completo desprezo.

Essa garota viu minha irmã pegando o professor. Fico pensando no que se passa na cabeça dela. Se está esperando o momento certo para detonar a bomba. Não seriam as primeiras manchetes que apareceriam na imprensa sobre minha família.

O affair de Mortimer Beaufort com uma garota de vinte anos.

Cordelia Beaufort entra em depressão.

O vício o destruirá! A dependência de James Beaufort!

Depois que meu pai jantou com uma funcionária, a imprensa fez com que parecesse um relacionamento amoroso. Uma briga de meus pais foi vista como depressão profunda. E eu, como um drogado à beira de uma overdose que deveria ser salvo urgentemente. Não quero nem pensar no que os jornais diriam se descobrissem sobre Lydia e o sr. Sutton.

Continuo a observar Ruby. Ela pega uma câmera da mochila e tira uma foto dos treinadores enquanto eles apertam as mãos outra vez. Seguro o taco com tanta força que minhas luvas rangem. Não consigo ler Ruby, não dá para saber se está dizendo a verdade ou se por trás da fachada há uma pessoa fria e calculista.

Talvez eu devesse ter oferecido mais dinheiro para ela. Ou talvez ela queira outra coisa e esteja esperando o momento certo para pedir.

Não gosto nem um pouco que o destino da minha família, especialmente o de Lydia, esteja nas mãos dessa garota.

"Eu não posso me permitir ser vista com você." Vamos ver só.

Ruby

Estou completamente esgotada.

Lacrosse é um esporte rápido. A bola vai de uma rede para outra e mal consigo acompanhar, nem com a câmera nem com os olhos. E desde o princípio eu devia ter percebido que não conseguiria documentar a partida sozinha, sem Lin. Normalmente, dividimos os artigos sobre atividades esportivas: uma escreve sobre o desenrolar da competição, e a outra tira as fotos. Mas a mãe de Lin de repente pediu para ela ir até Londres e, tão em cima da hora, não encontramos ninguém do comitê de eventos que pudesse substitui-la.

Como os artigos sobre o time de lacrosse são de longe os mais visitados no nosso blog de eventos, não queríamos deixar de publicar sobre a partida. O único problema é que, para escrever uma matéria com o título *Maxton Hall contra Eastview: um duelo de gigantes*, eu teria que entender primeiro o que está acontecendo em campo. Mas, entre os gritos dos jogadores, os xingamentos dos treinadores e os aplausos e as vaias dos espectadores, fica difícil ter uma visão geral das jogadas específicas, e ainda mais tirar as fotos certas dos momentos importantes. Ainda mais porque tenho que fazer isso com uma câmera que tem mais de dez anos.

— Que merda! — exclama o treinador Freeman, tão alto que quase morro de susto.

Ergo o olhar com a câmera em mãos e percebo que perdi o segundo gol do Eastview. Droga, Lin vai me matar. Me aproximo um pouco mais do treinador. Quando se está vendo uma partida ao vivo, não há reprises das jogadas como na televisão, mas talvez ele me explique melhor o que aconteceu. Porém, antes que eu consiga abrir a boca, ele grita mais uma vez:

— Passa a droga dessa bola logo, Ellington!

Volto a olhar para a área. Alistair Ellington corre na direção do meio do campo adversário, tão rápido que nem tento levantar a câmera, porque é impossível capturar a jogada em uma só imagem. Ele tenta forçar a passagem por entre dois defensores, mas um terceiro jogador logo aparece e cruza seu caminho. Embora Ellington seja incrivelmente rápido, comparado aos colegas ele é baixinho. Até eu consigo ver claramente que não tem como combater três adversários.

Um dos jogadores da defesa o ataca bem forte, jogando o ombro contra ele. Ellington aguenta, mas recua meio metro.

— Passa logo! — grita novamente o treinador.

Alistair continua a enfrentar o jogador, e mesmo na lateral do campo consigo ouvir as provocações deles. De repente, a atitude de Alistair, que já estava tensa, fica ainda mais rígida, e por alguns segundos ele e seu rival permanecem congelados nas posições. Freeman respira fundo, provavelmente para continuar gritando mais direcionamentos, mas então Alistair levanta o taco, tomando impulso, e acerta o lado do corpo do oponente com toda a força.

Horrorizada, perco o fôlego. Alistair bate uma segunda vez, agora no estômago do outro jogador, que grita de dor e cai de joelhos. O outro defensor vai para cima de Alistair, cai no chão junto com ele e começa a socá-lo, os punhos ainda com luvas. Alistair devolve os ataques com o taco. O som estridente do apito soa, mas são necessários vários jogadores para separar a briga. Ouço a voz sombria de James Beaufort. Ele chama por Ellington, e dá para imaginar que, por ser capitão do time, ficaria feliz de arrancar a cabeça dele.

Ao meu lado, o treinador Freeman continua xingando. Dentre todos, "que merda" é o xingamento mais fraco, os outros definitivamente não são adequados para menores. Ele já tirou o boné, e agora puxa o cabelo com

tanta força que tenho a impressão de ver alguns fios caírem no chão. Pouco depois, o árbitro expulsa Alistair de campo.

Ele se aproxima de nós pela lateral do campo, tira o capacete e o protetor bucal. Joga tudo no chão despreocupadamente.

— Que porcaria foi essa, Ellington? — grunhe o treinador.

Dou um passo para trás com cautela para não ficar no meio do fogo cruzado.

- Ele mereceu responde o jovem. Sua voz está completamente calma, como se não tivesse acabado de se envolver em uma briga.
 - Você vai ficar...
- No banco pelos próximos três jogos? Alistair dá de ombros. Se você acha que o time aguenta... Então, passa pelo treinador, joga o taco no chão e tira as luvas. Percebe que estou olhando para ele e para. Perdeu alguma coisa? pergunta em tom de desafio.

Nego com a cabeça. Por sorte, o apito do árbitro me livra de ter que dar uma resposta. Volto o mais rápido possível para minha posição inicial. Preciso de alguns segundos para descobrir onde a bola está: na rede do taco de Wren Fitzgerald. Ele não é tão rápido quanto Alistair, mas é mais forte. Empurra um jogador do Eastview para fora de seu caminho com o ombro, por mais que, logo depois, outro jogador tire a bola dele. Mas Beaufort está em seu encalço e recupera a bola outra vez quando seu oponente vai passála.

Levanto o canto do lábio com irritação. Beaufort é bom mesmo. Muito bom, até. Se move com agilidade e elegância, acompanha os passos dos adversários e é brutal quando alguém entra no seu caminho. Não consigo decifrar seu rosto por trás do capacete, mas tenho certeza de que ele gosta de estar em campo. Quando compete, parece que nunca fez nada na vida além de correr com um taco de lacrosse em mãos.

— O que você está fazendo aqui? — A voz de Alistair soa ao meu lado, de repente.

Isso não apenas me assusta, mas também me lembra do motivo de eu estar aqui. Abro apressada o caderno de anotações.

- Vou escrever um artigo sobre o jogo para o *Blog de Maxton* respondo sem erguer os olhos. Qual é o nome do defensor que acabou de tirar a bola do Wren?
 - Harrington diz Alistair.

Sinto seu olhar em mim enquanto o treinador Freeman solta outra série de palavrões. Pelo visto, Beaufort perdeu a bola enquanto eu fazia anotações. A bola voltou para a posse do Eastview.

— Anda, Kesh — murmura Alistair.

O atacante do Eastview salta um metro e meio no ar para pegar a bola. De volta ao chão, dá dois passos curtos e a lança para a frente com um movimento forte. Tudo acontece tão rápido que, em um primeiro momento, não consigo dizer se entrou na rede do outro taco ou não. Mas aí, na arquibancada, o lado de Maxton Hall aplaude fervorosamente quando Keshav segura o taco no alto. Pelo visto, o apelo sussurrado de Alistair foi útil, e Kesh está com a bola.

— Deixa eu ler o artigo quando você escrever — diz Alistair enquanto escrevo no caderno *Kesh pega a posse da bola no último segundo*.

Olho para ele com ceticismo. É a primeira vez que o vejo tão de perto e fico impressionada por seus olhos serem da cor de uísque.

— Você bateu em outro jogador sem motivo. Por que eu ligaria pra sua opinião?

Seu rosto fica sombrio, o olhar se voltando para Keshav.

— Quem disse que eu bati nele sem motivo?

Dou de ombros.

— Pelo menos daqui não parecia que você tinha pensado muito no que estava fazendo.

Alistair levanta uma sobrancelha na minha direção.

— Fiquei esperando meses pra dar uma porrada no McCormack. E quando ele abriu a boca e ofendeu a mim e aos meus amigos, finalmente encontrei uma oportunidade.

Um de seus cachos loiros cai na testa, e ele o afasta com a mão. Então, vira o olhar para minhas anotações. Torce o nariz.

— Como você vai decifrar o que está escrito aí depois? Tá impossível de ler.

Gostaria de retrucar, mas ele tem razão. Em circunstâncias normais, minha caligrafia é boa, e, se eu me esforçar, fica muito bonita mesmo. Mas a velocidade com que precisei documentar tudo fez com que as letras se transformassem em garranchos.

— Normalmente, fazemos isso em duas pessoas — justifico, embora não devesse ligar para o que Alistair Ellington pensa sobre minha caligrafia.

- E não é tão fácil tirar fotos, observar o jogo e reparar em todas as jogadas ao mesmo tempo para poder descrever tudo depois.
- E por que você só não gravou o jogo? Ele parece genuinamente interessado, não como se estivesse só procurando um motivo para tirar sarro de mim. Sem fazer comentários, seguro a câmera no alto. Alistair franze o nariz. De quando é isso?
 - Acho que minha mãe comprou antes de a minha irmã nascer digo.
 - E... quantos anos sua irmã tem? Cinco?
 - Dezesseis.

Alistair pisca algumas vezes, e um sorriso se abre em seu rosto. Desse jeito, não parece o jogador de lacrosse durão que há poucos minutos estava batendo em um adversário com o taco. Parece mais um... anjo. Seus traços são bonitos e harmoniosos, e, junto com os cachos loiros, lhe conferem uma aparência inofensiva. Mas sei que não é verdade. Alistair é um dos melhores amigos de James Beaufort, então, chega bem perto de ser o contrário de inofensivo.

— Espera aí — diz ele do nada, dando meia-volta e desaparecendo pela porta que dá para o vestiário.

Antes que eu possa me perguntar o que está fazendo, ele volta para o meu lado. Está segurando um iPhone preto.

— Não tenho memória o bastante pra gravar a partida toda, mas posso tirar umas fotos — explica. Ele desbloqueia o aparelho, abre o aplicativo da câmera e gira o celular de modo que a lente aponte para a área do jogo. Quando percebe que estou imóvel, arqueia uma sobrancelha. — Você que deveria estar vendo o jogo, não eu.

Pisco, perplexa. Estou tão surpresa que nem me incomodo com ele ter me pegado olhando para ele de novo.

- Você vai me ajudar?
- Assim, não tenho nada melhor pra fazer agora responde com um encolher de ombros.
 - É... é muito gentil da sua parte. Obrigada.

Tento não parecer muito desconfiada, mas falho miseravelmente. A situação toda me parece irreal. Não consigo acreditar que ele seja irmão de Elaine Ellington. Ela nunca teria me ajudado. Muito pelo contrário, teria tirado sarro da minha câmera e garantido que todos soubessem disso no dia seguinte.

Por um tempo, observo Alistair de soslaio, e ele parece estar levando a nova tarefa a sério. Tira uma foto atrás da outra e, às vezes, abaixa o celular para motivar a equipe ou vaiar os adversários.

Me dedico às anotações, o que agora fica mais fácil para mim. Quando o treinador se aproxima de nós, a princípio acho que vai expulsar Alistair do campo pelas obscenidades que gritou para um dos atacantes do Eastview. Em vez disso, se aproxima de mim e começa a me explicar as jogadas e a mencionar os nomes de alguns passes.

Nos últimos dez minutos, começa a chover, mas isso não parece desanimar ninguém, nem na arquibancada, nem no campo; muito pelo contrário. Quando Maxton Hall ganha a partida, depois de Cyril Vega dar um passe para Beaufort na frente do gol, o público enlouquece. O árbitro grita como um animal selvagem, se vira para eles com os punhos cerrados e ergue os braços.

Fecho o caderno com pressa e o guardo dentro da mochila. A esta altura, meu cabelo já está encharcado, e minha franja gruda na testa. É burrice tentar arrumá-la, e me recuso a puxar para trás, porque herdei a testona do meu pai.

Um após o outro, os jogadores começam a sair de campo, aplaudindo Alistair, menos Keshav, que caminha em direção ao vestiário sem sequer olhar para ele. O rosto de Alistair expressa uma emoção que não consigo distinguir. Por uma fração de segundo, o sorriso desaparece, e os olhos ficam sombrios e sem brilho. Mas num piscar de olhos tudo desaparece, tão rápido que tenho medo de ter imaginado.

Alistair me pega olhando para ele outra vez. Levanta as sobrancelhas.

- Obrigada de novo me apresso para falar antes que ele diga algo. Não sei se ele ainda vai ser gentil comigo quando seus amigos se aproximarem, e prefiro não esperar que isso aconteça. Pelas fotos.
- De nada. Ele dá uns toques na tela do celular e depois o entrega para mim. O teclado numérico aparece. Me passa seu número pra eu poder te enviar as fotos.

Pego o celular. Antes de digitar o último número, ouço uma voz que agora me é familiar.

— O que você está fazendo?

Olho para cima. James Beaufort está na minha frente. Encharcado pela chuva. O cabelo loiro acobreado está mais escuro do que de costume, caindo pelo rosto, o que realça ainda mais seus traços. Em uma das mãos,

está com o taco, e na outra, o capacete, e não parece se importar com a água que escorre pelo rosto e pelo corpo inteiro, se misturando com a lama acumulada na camiseta durante o jogo.

Não quero, mas fico encarando seu corpo molhado. Essa visão desperta algo em mim que não tem nada a ver com desconfiança ou desprezo. É uma emoção que desconheço, mas tenho certeza de que James Beaufort é a última pessoa por quem deveria sentir isso.

Determinada, afasto qualquer pensamento a respeito do significado dessa sensação e tento parecer o mais indiferente possível. Felizmente, Alistair responde a pergunta por mim.

- Ela está escrevendo uma matéria sobre o jogo para o *Blog de Maxton*.
 Ele pega o celular da minha mão, olha o número e o nome que coloquei.
 Duvido que soubesse como eu me chamava. Daqui a pouco te envio as fotos, Ruby.
- Perfeito, muito obrigada digo, embora já esteja me preparando mentalmente, tenho quase certeza de que ele não vai enviar. Por mais que tenha me surpreendido na última meia hora, ele não deixa de ser Alistair Ellington.
- Vou ver se o Kesh está muito bravo anuncia, virando-se para James.
- Ele tá puto adverte James, dirigindo um olhar frio para o companheiro de time. Eu e todo mundo também. Eu te falei pra não encostar no McCormack.
- E eu não te dei ouvidos. Alistair dá de ombros. Você pode ser meu capitão, James, mas não é minha mãe.

Ele parece não se importar nada com o que James pensa dele, mas quando dá um soquinho no ombro do amigo, tenho a impressão de que está se desculpando. Então, dá meia-volta e vai para o vestiário.

James se volta para mim, o olhar mais frio do que nunca. Não sei se por minha causa ou pela breve discussão, mas gostaria de dar o fora daqui o mais rápido possível.

— O que é isso? — Ele quer saber.

De repente, a chuva parece estar muito mais gelada.

— Não sei do que você está falando — digo em um tom mais ousado do que estou me sentindo de verdade.

Ele faz um som que deve ser uma risada. Ou um rosnado? Não tenho certeza. Só percebo que está mais tenso e que há uma expressão mais

inflexível em seu rosto.

— Não chegue perto dos meus amigos, Ruby.

Antes que eu possa responder, ele passa por mim e, sob aplausos dos espectadores, segue em direção ao vestiário.

James

Essa festa está um saco.

Wren bebe um longo gole do cantil e o estende para Cyril, que está ao lado dele, apoiado na balaustrada, com a mesma expressão de desgosto estampada na cara.

Abaixo de nossos pés fica o Weston Hall, um salão de baile de Maxton Hall enorme e extravagante, com janelas renascentistas, piso de parquet trançado e detalhes de estuque nas paredes. Como no resto do campus, este salão emite uma atmosfera que faz parecer que voltamos ao século XV... pelo menos normalmente.

Hoje, porém, a sensação é de que estamos em um aniversário infantil. A decoração é alegre, e o buffet conta com ponche sem álcool e canapés em potinhos de vidro com laços coloridos. A música é horrível. O que o DJ está fazendo na mesa é um enigma para mim. Não há transição nenhuma entre uma música e outra, é como se ele tivesse colocado uma *playlist* no Spotify e deixado no modo aleatório. Espero que, a qualquer momento, uma voz irritante anuncie outro novato medíocre que está em ascensão. Além disso, os convidados não parecem ter entendido direito o código de vestimenta da festa. Alguns estão arrumados demais, e outros, muito casuais.

Resumindo, essa festa está um fracasso total. A impressão é de que alguém tentou trazer novos ares para Maxton Hall, mas não ousou jogar fora a tradição. E então surgiu uma mistura curiosa de requinte e inovação que confundiu os convidados, impedindo que qualquer tipo de clima se desenvolvesse.

— Ah, qual é. Não está tão ruim assim. — Alistair interrompe meus pensamentos.

Ele está com as mãos escondidas nos bolsos, se balançando para a frente e para trás na ponta dos pés, o olhar fixo abaixo da balaustrada, na pista de dança de onde algumas pessoas acabaram de sair.

- Você é o único que curte vir pra essas festas ressalta Kesh, revirando os olhos.
 - Porque são divertidas responde Alistair, encolhendo os ombros.

Kesh contrai os lábios. Pega o cantil que Cyril entrega para ele e me dá sem nem beber.

— Fica vendo, vai ficar divertida. — Me permito tomar um bom gole do uísque e aproveito a queimação que desce pela minha garganta.

Wren alterna o olhar de Alistair para mim. Seus olhos ficam arregalados.

— Você planejou alguma coisa?

Ignoro a pergunta, dando de ombros de leve, mas, como sempre, Alistair não sabe esconder nada. Não é preciso conhecê-lo bem para saber que está tramando alguma coisa. Seus olhos brilham de maneira conspiratória, e a inquietação o denuncia por completo.

- Não acredito. Você planejou alguma coisa e contou pra ele, mas não pra mim? — Wren aponta o dedo primeiro para Alistair, depois para mim, em um tom acusador. — Você é meu melhor amigo. Considero uma traição contra a minha pessoa.
 - Traição? pergunto, sorrindo com satisfação.

Ele assente veementemente.

- Uma traição grave. Uma violação da sagrada fraternidade que nos une desde a infância.
 - Que besteirada.

Meu tom seco me rende um bom soco no ombro.

— Tem que ser surpresa, Wren. Ele preparou uma surpresa maravilhosa pra você — diz Alistair, beliscando sua bochecha.

Wren faz uma careta.

— Para o bem de vocês, é bom que valha a pena.

As palavras dele já saem arrastadas, mas ainda é só a terceira rodada da bebida. Ainda assim, quando Wren estende a mão outra vez, passo o cantil para ele. Na verdade, é um pecado estarmos bebendo esse uísque Bowmore caríssimo aqui em cima, escondidos, em vez de apreciá-lo em um copo de cristal, mas nas festas de Maxton Hall só servem álcool para pais e exalunos. É terminantemente proibido que alunos bebam ou que se aproximem do bar. Mas isso nunca nos impediu de encontrar maneiras de nos divertir, e a maioria dos professores finge que não vê quando percebe que estamos bebendo. A pior coisa que já aconteceu até agora foi nos darem uma advertência.

Todo ano, meus pais doam tanto dinheiro que a escola não tem escolha senão ser tolerante. Simplesmente não pode se dar ao luxo de criar desavenças com a gente ou com os nossos amigos.

— Pra onde a Lydia foi? — pergunta Cyril.

Há uma indiferença forçada em seu tom de voz, mas não nos engana. Já faz anos que ele não sai do pé da minha irmã. E desde que eles tiveram um rolo dois anos atrás, ficou muito pior. Lydia, que só quer se divertir, terminou com ele duas semanas depois, sem sequer suspeitar de que Cyril estava perdidamente apaixonado por ela e de que isso partiu o coração dele.

Às vezes, sinto pena de verdade. Ainda mais quando lembro que ele não se interessa por mais ninguém há mais de dois anos, e que está claro que ele ainda está triste por ter perdido ela.

— Você não acha que chegou a hora... tipo assim... de seguir em frente? — sugere Alistair.

Cyril lança um olhar fulminante para ele, os olhos azuis enraivecidos.

— A Lydia foi pra casa de uma amiga, acho que ela volta mais tarde — respondo antes que a situação piore.

Sempre que tocamos no assunto Lydia, Cyril responde como se o tivéssemos ofendido pessoalmente.

Sob hipótese alguma ele pode descobrir que minha irmã teve um lance com aquele professor idiota.

O que me lembra que tenho algumas coisas para dizer ao sr. Sutton. Se aquele filho da puta encostar um dedo em minha irmã de novo, vou fazer com que o resto do seu tempo em Maxton Hall seja um inferno.

Fico com raiva por não o ter repreendido antes. Mas garantir que Ruby mantivesse o bico fechado era a prioridade. Principalmente porque algo naquela garota me deixa desconfiado.

Há alguns dias, esbarrei com ela no corredor, quando estava indo com Lydia para a aula de Filosofia. Enquanto minha irmã olhava para o chão, fiquei observando Ruby. Nossos olhares se cruzaram, mas ela nem piscou, passou por mim como se eu fosse invisível. Eu fiz o contrário, fiquei olhando para ela até precisar virar a cabeça de volta para a frente. Sua atitude orgulhosa foi o que mais chamou minha atenção. O jeito como segurava a pasta debaixo do braço, com firmeza, os passos seguros, o queixo erguido para a frente. Como se estivesse marchando para uma batalha.

Sem pensar, procuro por ela com os olhos. Meus sentidos devem estar direcionados para ela, porque, em uma multidão de mais de cem pessoas, levo apenas alguns segundos para encontrá-la. Apoio os braços no corrimão da balaustrada e me inclino de leve para a frente.

Ruby está na beirada do bufê e, inquieta, anota algo em uma folha de papel sobre uma prancheta. Ergue os olhos, olha ao seu redor e volta a escrever. Então, se vira abruptamente e corre na direção do sistema de som atrás de onde o DJ está. Troca algumas palavras com ele e aponta para as anotações.

Conecto os pontos mentalmente. Merda. Ela deve estar no comitê de eventos. Os cantos dos meus lábios se erguem. Isso vai ser divertido.

Ruby diz mais alguma coisa para o DJ, e ele concorda. Depois, ela volta pela pista de dança até seu lugar perto do bufê, um pouco longe de todos. Enfia a mão no decote do vestido verde-escuro e pega um objeto. Um celular. Digita e guarda outra vez. Neste momento, um cara de terno se aproxima dela. Quando reconheço quem é, agarro o corrimão de madeira com mais força.

Graham Sutton.

Embora eu desconfie de todos os caras que se aproximam de minha irmã, quando se trata de Sutton, vejo muitas bandeiras vermelhas. Principalmente agora que está conversando desse jeito com Ruby. Por mais que ela esteja evitando o olhar dele, não parece exatamente irritada.

Semicerro os olhos e xingo em pensamento por estar aqui em cima e não lá embaixo, perto do bufê, onde poderia ouvir o que esses dois estão falando. Talvez sobre algo tão banal quanto a festa... Ou talvez estejam falando da minha irmã?

E se estiverem planejando algo juntos? E se Sutton chegou a algum acordo com Ruby? Ainda não tinha parado para pensar nisso, e duvido que Lydia tenha levado essa possibilidade em consideração também. Ela não me explicou como chegou ao ponto de pegar o professor, mas conheço minha irmã bem o bastante para saber que, para ela, esse homem é mais do que uma simples descarga de adrenalina temporária.

Sinto surgir em mim uma necessidade incontrolável de proteger minha irmã. Com gestos mecânicos, levo a mão até o bolso interior do paletó e pego o celular. Desbloqueio com o polegar e deslizo a tela para a esquerda a fim de abrir a câmera.

Há pouca iluminação no canto onde Ruby e o sr. Sutton estão. Ele está com a mão no ombro dela e a boca bem perto de seu rosto. Observando com mais atenção, dá para ver que Ruby está com a prancheta entre eles e que os dois estão olhando para ela. Pelo visto, devem estar falando do evento, na verdade.

O que se vê na vida real é totalmente inofensivo. Mas, na tela do meu celular, de um ângulo bem escolhido e com uma boa edição, a situação poderia ser interpretada de uma maneira totalmente diferente. Pressiono o botão para tirar foto. Várias vezes seguidas.

- O que você está fazendo? A voz de Alistair soa bem atrás de mim. Ele olha o celular por cima do meu ombro.
 - Me precavendo respondo.

Ele franze o cenho.

— O que você tem contra ela?

Respiro fundo. Seria bom tomar algo além de Bowmore para acalmar minha mente de vez. Há dias não consigo ficar tranquilo.

— Ela viu o que não devia.

Alistair parece pensar nisso por alguns segundos e, então, balança a cabeça.

- Tá.
- Se ela contar pra alguém, vai ser terrível pra Lydia.

Ele olha lá para baixo, para Ruby, que continua conversando com o sr. Sutton.

— Entendi.

Tiro uma última foto e coloco meu celular de volta no bolso interno do paletó. Então, olho para a entrada do salão.

— Meus convidados chegaram.

Um sorriso aparece no rosto de Alistair.

— Que comece o show.

Ruby

A festa está um sucesso. Às onze, os convidados lotam Maxton Hall, bebendo e comendo, conversando ou dançando. Até agora, nada de ruim aconteceu, e o diretor Lexington acabou de parabenizar Lin e eu pela noite

maravilhosa. Fico tão aliviada que, por um breve momento, penso na possibilidade de ir também para a pista de dança e relaxar um pouco. Mas disse a Doug e Camille que não precisavam trabalhar pelo resto da noite, e alguém precisa vigiar o bufê para ninguém inventar de colocar álcool no ponche.

Nas primeiras duas horas, a pista de dança estava completamente vazia, e fiquei realmente preocupada. Mas Kieran, que está comigo no comitê de eventos e ficou responsável pela música, disse que era normal. E tinha razão. Há meia hora, os convidados começaram a dançar ao ritmo dos remixes mais variados, dos quais eu particularmente não gosto, mas que parecem estar funcionando muito bem.

Dou uma olhada ao meu redor. Muitos rostos não me são familiares, e isso é normal também. O objetivo dessas festas é reunir ex-alunos, encontrar patrocinadores e atrair pais de futuros estudantes. Foi a primeira coisa que o diretor Lexington me explicou dois anos atrás, quando me inscrevi no comitê de eventos. Os estudantes passarem uma noite agradável juntos não é nada mais do que um objetivo secundário entre as atividades de Maxton Hall.

De repente, a luz se apaga. A música para. Fico em estado de choque por um segundo, mas logo tiro o celular do sutiã.

— Droga, droga — sussurro enquanto tento ligar a lanterna.

Um murmúrio de descontentamento se espalha pelo salão e ressoa na minha cabeça como um eco. A festa precisa seguir correndo bem. Nada pode dar errado. Mesmo que o gerador falhe, Lin e eu seremos responsabilizadas, e já consigo ouvir na minha cabeça um sr. Lexington decepcionado nos falando sobre planejamento e previsão, deixando claro os danos que causamos à imagem da escola.

Saio do bufê sem pensar duas vezes. Agora, não adianta procurar Lin; preciso encontrar Jones, o zelador, para me acompanhar até o porão e verificar os disjuntores...

A luz se acende outra vez. Solto um suspiro de alívio e coloco a mão no peito. Mas, quando me viro e vejo James Beaufort atrás da mesa do DJ, meu coração dispara.

Ele fala com o DJ e coloca algo na mão dele. Acho que é dinheiro. Cerro os dentes com força. Estou longe demais para intervir a tempo. Observo a pista de dança. Alguns convidados estão olhando em volta com curiosidade,

provavelmente se perguntando o que aconteceu com a música. Outros se dirigem ao bufê ou ao bar.

Só agora, quando já é tarde demais, vejo algumas pessoas que não parecem pertencer à clientela de Maxton Hall.

— Amigos — diz o DJ —, acabaram de me avisar que hoje temos uma surpresa muito especial preparada para todos vocês. Estão prontos? — Meu estômago se contrai. Na minha frente, do outro lado da pista, vejo Lin e Kieran, que, pálidos feito fantasmas, parecem estátuas. — Divirtam-se!

A luz diminui até que o salão fique escuro. Entre as pessoas, dá para ouvir um arfar de espanto. A música que começa a tocar tem notas graves e um ritmo lento que faz os lustres de cristal tilintarem. Não tiro os olhos da pista de dança. Duas mulheres e dois homens iniciam uma dança sensual. De repente, o clima do salão fica totalmente diferente de dois minutos atrás. Deixa de ser divertido e refinado e se torna chulo e vulgar. Estou prestes a ir até Beaufort para dar uma bronca nele quando alguém segura meu braço.

— Você é a Ruby Bell? — pergunta o cara ao meu lado.

Concordo com a cabeça. Do outro lado do salão, uma garota agarra o sr. Sutton e o sr. Cabot, puxando-os para o meio.

— Esse é um presente do seu amigo James Beaufort — continua ele, colocando uma cadeira atrás de mim e me empurrando para que eu sente. Perplexa, ergo o olhar para ele.

Deve ter um pouco mais de vinte anos, cabelo loiro claro penteado para trás e olhos de um azul cristalino. Ele fica de frente para mim e... começa a dançar. Minha boca fica seca. Minha mente está paralisada. Não dá para acreditar que isso está acontecendo. Mas está. O cara tira o paletó devagar e começa a desfazer a gravata borboleta preta. Quando está completamente solta, ele a joga para trás, e algumas mulheres dão gritinhos de alegria. Em seguida, brinca com os suspensórios presos na calça, deixando que um caia do ombro enquanto sorri para mim de maneira sedutora. Quando chega ao segundo, gira devagar ao redor do próprio eixo e, de um jeito desafiante, deixa o suspensório voltar para o peitoral. Então, se inclina sobre mim e move os quadris no ritmo lento da música.

- Quer me ajudar, Ruby? sussurra ele, envolvendo minha mão na sua, que é surpreendentemente quente, e levando-a até a calça.
 - Vai, tira a roupa dele! gritam para mim. Isso faz com que eu saia do estado de choque.

Me levanto. O cara dá um passo para trás. Por um momento, parece inseguro, mas logo seus lábios abrem de novo o sorriso sedutor. Sem hesitar, ele joga a alça por cima do ombro e continua o show como se nada tivesse acontecido.

Meu coração para quando olho dele para a pista de dança. Duas garotas, vestidas apenas com calcinhas brilhantes e sutiãs finos de renda, dançam na frente do sr. Cabot.

Isso não pode ser nada mais que um pesadelo do qual vou acordar a qualquer momento, ensopada de suor. Mas, quando vejo Ellington com um homem sentado em seu colo, tirando os suspensórios e começando a desabotoar a camisa com a ajuda de Alistair, perco as esperanças. É real.

Dou meia-volta, furiosa. Encontro-o imediatamente. James Beaufort está encostado em um canto do salão, assistindo ao espetáculo. Ele está segurando um copo com um líquido âmbar, e a expressão em seu rosto é de felicidade. Nossos olhares se encontram. Ele levanta o copo sorrindo e brinda no ar comigo. A parte racional do meu cérebro me aconselha a procurar Lin antes, e depois os professores para que possamos acabar com essa loucura imediatamente. A parte irracional quer fazer mal a James, algo que o faça sofrer bastante. Mesmo que essa parte seja muito mais intensa, mudo de ideia e vou para o outro lado.

Posso machucar James Beaufort mais tarde. E sei muito bem como.

James

Na segunda-feira de manhã, só falam da festa. Depois que o fórum on-line da escola quase explodiu no fim de semana, todos compartilhando fotos e vídeos e deixando comentários, nossos colegas aplaudem quando passamos por eles e nos agradecem pelo sucesso da noite. A festa não foi apenas manchete no nosso jornal, mas também chegou ao de outras escolas da Inglaterra.

Claramente, meus pais não acreditaram em uma única palavra quando garanti a eles que não tive nada a ver com aquilo, mas no fim ficaram mais irritados ainda com Lydia, que nem apareceu na festa.

Então, no geral, o espetáculo foi um sucesso.

Pelo menos até os alto-falantes dos corredores soarem e um anúncio ecoar por toda a escola: James Beaufort, favor comparecer ao escritório do diretor Lexington imediatamente.

Eu já esperava que isso fosse acontecer. Na assembleia realizada todas as segundas-feiras no Boyd Hall, antes do início das aulas, Lexington expressou sua decepção pelo ocorrido e, com uma voz muito enfática, lembrou a todos os alunos o código de conduta de Maxton Hall. É sempre a mesma coisa: damos um show, ele explica diante de todo o corpo discente a magnitude do impacto, nos chama ao seu escritório para nos repreender e cinco minutos depois nos deixa sair.

- Vamos ver se ele vai dar o mesmo sermão de sempre diz Wren, jogando um braço em volta do meu ombro. Ele me puxa para si por um instante. Não deixa ele te intimidar.
 - Eu nunca deixo respondo.

Me despeço dele e dos demais e começo a caminhar em direção à sala do diretor.

Assim que chego, a assistente aponta para a porta sem me dizer uma palavra. Bato duas vezes sem hesitar.

— Pode entrar.

Entro e fecho a porta atrás de mim. Quando me viro, levo um susto. Ao lado da mesa do diretor, está o treinador Freeman, e bem na frente dele... Ruby. Ela me lança um breve olhar por cima do ombro e se vira para a frente outra vez.

— Queria falar comigo? — pergunto, um pouco espantado pela presença dos demais.

Lexington gesticula para que eu me sente à direita de Ruby, na frente de sua mesa.

— Pode se sentar.

Seu tom de voz está diferente do habitual. Geralmente, quando ele fala comigo, parece nervoso e irritado na mesma medida, como se tudo fosse um saco e ele preferisse começar as tarefas importantes de seu trabalho o mais rápido possível. Agora os vincos em seu rosto também parecem mais profundos. Ao que tudo indica, não o encontrei em um bom dia para dar sermão. Me sento na cadeira em frente à mesa.

— É verdade que você contratou uns... — Ele pigarreia, obviamente procurando a palavra adequada para dizer neste momento. — ... animadores que causaram um alvoroço?

Tenho que conter o riso ao ouvir a palavra animadores.

— Depende do que quer dizer com *animadores*, senhor — respondo devagar. — Juro que não tenho nada a ver com o DJ.

Lexington acena com a cabeça, me encarando com os olhos cinza severos.

— Você acha que isso é brincadeira, sr. Beaufort?

Encolho os ombros, hesitante.

— Alguns dias sim, senhor.

Ruby bufa, indignada. Olho para ela, mas logo desvio o olhar.

O diretor Lexington se inclina sobre a mesa de mogno escuro. A luz que entra pela sala, vinda de fora, ilumina apenas metade de seu rosto. O silêncio que reina aqui dentro me parece quase fantasmagórico.

— Me diga, sr. Beaufort, que consequências você acha que esse incidente trará para o prestígio da nossa escola?

Preciso refletir um pouco antes de responder.

- Acho que algo assim vai ser muito benéfico pra nossa imagem. Aqui, tudo é muito rígido, um pouco de descontração de vez em quando não vai trazer prejuízo nenhum.
 - Você só pode ter ficado doido resmunga Ruby.
 - Srta. Bell! vocifera o sr. Lexington. Não é sua vez de falar.

O rosto de Ruby perde a cor. Ela aperta os lábios com força e baixa os olhos para a mochila verde no colo. Parece que vai se desintegrar a qualquer momento.

— Sr. Beaufort, o que você fez ultrapassou todos os limites. Não posso tolerar algo desse tipo em Maxton Hall.

É por isso que estou avisando: se você se comportar assim novamente, vai ter que arcar com as consequências.

Sei os sermões de Lexington de cor. Adoraria dizer as palavras ao mesmo tempo para ver sua reação.

— Você é um homem adulto, e esse é seu último ano na escola. Precisa começar a assumir suas responsabilidades de uma vez por todas e perceber que as suas atitudes têm consequências — continua Lexington. Ah, essa parte é nova. — Já que você arruinou o primeiro evento do ano letivo, acho justo que, a partir de agora, ofereça apoio ao comitê de eventos até o fim do trimestre. Podemos dizer que você prestará um serviço comunitário sob a supervisão da srta. Bell.

Um segundo de silêncio. E então:

— Como é que é? — gritamos Ruby e eu ao mesmo tempo.

Logo em seguida, nos encaramos.

- O senhor não pode estar falando sério digo, ao passo que Ruby murmura:
 - Senhor, não sei...

Lexington levanta a mão, nos dizendo para ficarmos quietos. Olha para mim por cima dos óculos, e seus olhos parecem perfurar os meus.

— Sr. Beaufort, você está nessa escola há cinco anos. Durante esse tempo, você tomou liberdade de fazer as coisas mais inconcebíveis sem ser solicitado a prestar contas nem sequer uma vez. Relevei quando você organizou um racha no pátio da escola. Desculpei quando você e seus amigos acharam que seria uma ideia divertida vestir a estátua do fundador da escola com um uniforme de líder de torcida e uma peruca. Ou quando criou um perfil em um site de relacionamentos para mim e para outros

professores. Ou quando deu uma festa no Boyd Hall sem autorização. Sem contar as várias ocasiões em que apareceu bêbado nas festas oficiais. Mas você precisa aprender de uma vez por todas que suas ações têm consequências. Que Maxton Hall construiu uma reputação nos dois últimos séculos. Defendemos a disciplina e a excelência, e não posso permitir que você, com a sua insensatez juvenil, levante dúvidas sobre isso tantas vezes. — Agora, Lexington olha para o treinador Freeman, que assente de leve. Depois, se volta para mim. Uma sensação desagradável se espalha pelo meu estômago. — Sr. Beaufort, a partir de agora você está suspenso do time de lacrosse até o fim do trimestre.

Meus ouvidos estão zumbindo. Vejo Lexington abrir a boca e continuar falando, mas nem uma única palavra chega até mim.

Na última temporada, um jogador do time adversário me atacou tão forte com o taco que nós dois caímos no chão, ele com todo o peso em cima de mim. Nunca senti uma dor tão forte, e por meio minuto não consegui respirar.

É exatamente assim que me sinto agora.

— Não... o senhor não pode fazer isso — retruco.

Odeio como minha voz soa derrotada ao contestar. Limpo a garganta, respiro fundo e me forço a colocar a máscara da impenetrabilidade no rosto, assim como meu pai me ensinou.

— Sim, sr. Beaufort. Eu posso, sim — responde o diretor, satisfeito, e cruza as mãos sobre a barriga. — E antes que me ameace falando dos seus pais: hoje de manhã, já falei com o seu pai. E ele me garantiu que apoia qualquer punição que eu determinar.

Por essa eu também não esperava.

— Senhor, com todo o respeito, é a nossa última temporada. Eu sou o capitão da equipe, os caras precisam de mim.

Ergo o olhar na direção do treinador Freeman, em busca de apoio. A decepção refletida em seu olhar parece um soco em seu estômago.

- Você que pediu por isso, Beaufort.
- Alistair está suspenso pelos próximos três jogos. Se eu não jogar...
- Cyril vai ocupar o cargo de capitão, e eu vou colocar um dos novos na posição dele.

Minha garganta fica seca. Percebo que minhas bochechas estão queimando de raiva, e minhas mãos, começando a tremer. Aperto os

punhos até os nós dos dedos doerem e estalarem, as unhas curtas cravadas na pele.

— Por favor, treinador.

Pelo canto do olho, vejo Ruby se remexer na cadeira. Dá para ver que a situação é extremamente incômoda para ela, mas neste momento não ligo para o que ela pensa de mim.

É meu último ano na escola. Os últimos meses antes de a minha vida ir ladeira abaixo. Pelo lacrosse — por esse último período de despreocupação com os meus amigos —, eu faria tudo. Mesmo se isso significasse ter que implorar na frente de Ruby Bell.

Para o meu horror, Freeman não se deixa abrandar. Nega com a cabeça e cruza os braços.

- Srta. Bell, confio em você para explicar ao sr. Beaufort tudo sobre o comitê de eventos continua a dizer o diretor Lexington, como se não tivesse acabado de destruir a minha vida. Ele tem que participar de todas as reuniões e estar envolvido em todas as celebrações até o fim do trimestre. Caso se recuse a fazer qualquer uma dessas coisas ou arranje problemas, venha falar diretamente comigo, entendido?
 - Sim, senhor responde Ruby em uma voz baixa, mas determinada.
- Quando será a próxima reunião? Assim o sr. Beaufort pode anotar na agenda dele agora mesmo.

Ruby limpa a garganta e, embora eu realmente não queira fazer isso, viro a cabeça na direção dela. Seu olhar é severo. O meu é mais.

— A próxima reunião é hoje, depois do intervalo do almoço, na sala onze da biblioteca — diz ela, sem expressar qualquer emoção na voz.

Cerro os dentes com força. Estou procurando desesperadamente uma saída para esta situação, mas é impossível. Além disso, não faço ideia de como vou explicar tudo para os meus pais.

Desta vez, fodi com tudo de verdade.

Ruby

Lin dá um grito tão alto na sala de estudos que aposto que as pessoas na biblioteca escutam. O resto da equipe me encara depois que conto a novidade.

— A partir de agora, James Beaufort é membro do comitê de eventos
— repito, em um tom tão neutro quanto da primeira vez.

Lin solta uma gargalhada alta. Quando fica um pouco mais calma, continuo a explicar:

— Por favor, se comportem do jeito mais normal possível quando ele chegar.

Ao dizer isso, vejo Jessalyn Keswick retocar o brilho labial. O rosa-claro acaba favorecendo muito sua pele negra, assim como o restante da maquiagem. Jessalyn é uma garota linda e carismática, e cativa a todos, até mesmo a mim. Poderia passar horas olhando para ela.

— O que foi? — pergunta com um sorriso inocente. — Só quero estar com a melhor aparência possível quando Beaufort aparecer aqui.

Ela me manda um beijo com a mão. Reviro os olhos, mas finjo pegá-lo e, em seguida, coloco-o cuidadosamente no estojo. O resto do grupo ri.

— O que o Lexington espera com isso? — pergunta Kieran Rutherford, um garoto que está um ano atrás da gente.

Por ter a pele clara, o olhar aguçado, os olhos ônix e o cabelo um pouco grande demais, parece uma versão jovem do conde Drácula com feições marcantes. Ele também é bolsista em Maxton Hall, e o único da equipe que, junto com Lin e comigo, trabalha de maneira confiável e minuciosa.

- Que ele seja convertido e levado para o bom caminho? Lin bufa.
- Falando sério, caso perdido, não adianta converter.

Ali está. O motivo pelo qual Lin é minha melhor amiga em Maxton Hall.

— Ei! — Camille se intromete.

Não me surpreende, afinal, é uma das melhores amigas de Elaine Ellington, o que significa que faz parte do grupinho de James. Além disso, ela não suporta nem Lin nem eu e odeia o fato de termos sido encarregadas de liderar o comitê. Não sei por que ainda está no comitê de eventos, mas suspeito que seja apenas para ganhar pontos no histórico acadêmico. De qualquer forma, não é como se ela se dedicasse de corpo e alma.

— Enfim — intervenho, com pressa —, quer a gente goste disso ou não, ele vai participar das reuniões. Aliás, ele foi suspenso do time de lacrosse até o fim do trimestre.

Jessalyn solta um assovio surpreso.

— Agora o Lexington tomou medidas extremas de verdade.

Um murmúrio de concordância se espalha pela sala.

- Beaufort teve o que merece diz Lin. Passamos a metade das férias planejando a festa de volta às aulas, e a gracinha dele acabou com tudo. Como se não fosse o bastante, a Ruby teve que aguentar um falatório de meia hora do Lexington dando uma bronca nela.
- É sério? pergunta Kieran, incrédulo. Quando ela assente, ele se volta para mim, indignado. Mas não é culpa sua que o Beaufort levou aquela gente pra festa.

Encolho os ombros, hesitando.

— Nós organizamos a festa, então Lin e eu somos as responsáveis pelo que aconteceu. Até porque a entrada devia estar com uma vigilância melhor. Então, considerando isso, nós também temos a nossa parcela de culpa. Ele quer que a gente peça desculpa publicamente no *Blog de Maxton* para que as pessoas saibam que não foi algo planejado pelo comitê.

O que me deixa ainda mais irritada com Beaufort. Desde que entrei em Maxton Hall, nunca fui repreendida nem por um professor, quanto mais pelo próprio diretor. Se eu ainda quiser ter um pingo de esperança de ser aceita em Oxford, preciso de um histórico impecável, e James, com esse comportamento infantil, colocou isso em risco. Não vou deixar um idiota que não sabe o que fazer com tanto tempo e dinheiro de sobra estragar o meu futuro.

— Isso não faz o menor sentido, é um absurdo. Você é a última pessoa que deveria assumir responsabilidade por essa merda. — Kieran franze a testa, com raiva.

Abro um sorriso agradecido para ele e ignoro o olhar significativo de Lin. Desde o fim do ano passado, ela está tentando me fazer acreditar que Kieran está perdidamente apaixonado por mim. Mas não tem nada a ver. Ele é só um cara legal.

— Podemos começar? — pergunto e limpo a garganta.

Os outros assentem, e aponto os itens da pauta que Lin já anotou na lousa para a reunião.

— Primeiro, temos que repassar a festa: o que deu certo e o que não deu? Tirando o lance com o Beaufort, é claro. Camille, quer redigir a ata?

Camille me fuzila com o olhar, mas abre o caderno e pega um marcador. Lin começa a contar suas impressões sobre a festa, e eu lanço um olhar para o relógio. É um pouco mais do que duas da tarde. O intervalo do almoço já acabou. Beaufort deve aparecer a qualquer momento. Tenho uma sensação desagradável. Como se algo estivesse balançando e me deixando zonza, um sentimento de... agitação.

Deixo isso de lado e participo do debate. Gastamos tanto tempo reunindo as opiniões e planejando as próximas atividades que precisamos adiar os outros pontos para discutirmos no fim da semana. Dividimos algumas tarefas e encerramos a reunião. Então, Lin e eu ficamos na sala de estudos para escrever o pedido de desculpas.

Nas duas horas e meia de reunião, James Beaufort não dá as caras.

Depois de enviarmos o pedido de desculpas para Lexington, Lin e eu nos despedimos. Ela vai até seu carro. Embora não more longe da escola, não passa nenhum ônibus que vai daqui até sua casa, então a mãe dela a presenteou com um carro no verão passado.

O lugar onde nasci fica a meia hora de Maxton Hall. Com fachadas de casas rachadas e ruas malconservadas, Gormsey é o oposto do glamour, mas ainda gosto de morar lá. Também não me importo de ter que pegar o ônibus para Pemwick, onde fica a escola, e voltar todos os dias. Pelo contrário: é o momento mais tranquilo do meu dia. Durante o trajeto, não preciso ser a Ruby que não conta para ninguém nada sobre a família nem a Ruby que não pode compartilhar suas experiências escolares com os pais. Em vez disso, sou apenas... a Ruby.

No caminho até o ponto de ônibus, passo pela área de esportes, onde o time de lacrosse está treinando. Observo os jogadores, que correm com os equipamentos de um lado para o outro do campo.

O jogador que veste a camiseta com o número dezessete chama minha atenção.

Paro de andar de repente. Em seguida, me aproximo da cerca e seguro a tela de arame. Esse cara só pode estar de palhaçada.

Com a boca aberta, vejo Beaufort correr e lançar uma bola para Cyril Vega. À distância, consigo ouvir sua risada idiota.

Mas que... mas que... babaca!

Só então, Beaufort se vira e me vê. Atrás do capacete, não consigo enxergar a expressão em seu rosto, mas a postura dele muda. Ele fica rígido e quase ergue o queixo de leve, como se me desafiasse. Mas que babaca! Ouço o barulho do ônibus se aproximando atrás de mim. Apesar da raiva que toma conta de meu ser, desvio o olhar de James e termino o caminho até o ponto.

Ele que faça o que bem entender.

Ruby

Enquanto Ember lê a carta de apresentação para a inscrição em Oxford, desenho um círculo roxo ao redor do nome dela no meu caderno. Agora, Dar minha carta para Ember ler parece muito mais oficial e majestoso.

— Meu amor por política, desde os princípios filosóficos até os aspectos econômicos de sua implementação, faz com que Filosofia, Ciência Política e Economia seja o curso perfeito para mim. Ele reúne todas as disciplinas que me interessam, e espero ter a oportunidade de estudar os assuntos mais importantes da sociedade atual com a profundidade que apenas Oxford pode me oferecer. — Minha irmã lê em voz alta e fica deitada de costas por um instante.

Então, segurando o lápis entre os lábios, se deita de bruços na cama e olha para mim.

Prendo a respiração. Ember começa a sorrir. Pego uma de suas sandálias de plataforma do chão e taco nela.

— Qual é, Ember — sussurro.

São duas da manhã, e já deveríamos estar dormindo há muito tempo. Mas fiquei aprimorando minha carta de apresentação até uns minutos atrás, e como minha irmã é uma coruja e costuma trabalhar no blog madrugada adentro, entrei em seu quarto sem pensar duas vezes e pedi que ela a lesse.

- É meio prolixa responde devagar, com o lápis entre os dentes, e quase não entendo.
 - Tem que ser.
- Também soa um pouco pretenciosa. Como se você quisesse mostrar seu conhecimento a respeito de todos os livros acadêmicos que já leu.
 - Isso também faz parte do protocolo.

Levanto e vou até a cama dela. Ember grunhe, pensativa, e circula algumas coisas no papel.

— De qualquer forma, eu editaria um pouco — diz ela, me entregando a folha. — Você não tem que elogiar a faculdade várias vezes só porque quer entrar nela. Eles já sabem o que significa Oxford. Você não precisa dizer isso pra eles mil vezes.

Fico corada.

- Tudo bem. Pego a carta e deixo na mesa dela junto com a minha agenda. Você é incrível, obrigada.
- De nada. E, aliás, já sei como você pode me retribuir diz ela, sorrindo.

É assim que as coisas funcionam entre mim e Ember. Se uma faz algo pela outra, a outra diz o que quer em troca, para que a primeira possa pedir de novo um favor. É uma espécie de permuta, um vaivém contínuo de favores. Mas se Ember e eu fomos sinceras, só gostamos nos ajudar, simples assim.

- Fala.
- Você podia me levar em uma das festas da sua escola, só uma vez sugere ela, com uma casualidade evidente.

Fico tensa. Não é a primeira vez que Ember me pede isso, e sempre me dói ter que decepcioná-la, porque é o único favor que nunca farei para ela.

Jamais vou esquecer o dia da reunião de responsáveis, quando minha mãe e meu pai foram até Maxton Hall para se apresentarem aos meus professores e conhecerem os pais dos meus colegas de classe. Foi horrível. Além de o edifício principal ter séculos de existência e ser o completo oposto de uma construção acessível para pessoas com deficiência, os olhares das pessoas não poderiam ter sido mais desdenhosos. Meus pais estavam elegantes, mas naquele dia aprendi que a elegância dos Bell não se comparava à de Maxton Hall. Enquanto os outros pais apareceram com vestidos e ternos Beaufort, meu pai estava de calça jeans e blazer. Minha mãe foi com um vestido lindo, mas havia farinha da padaria grudada nele, algo que não percebemos até uma mulher lançar um olhar de desprezo para ela e se virar a fim de cochichar com seu círculo.

Até hoje, meu coração dói ao me lembrar da expressão magoada que minha mãe tentava esconder atrás de um sorriso forçado. Ou no queixo projetado de meu pai quando, pela milésima vez, não conseguiu cruzar a soleira de uma porta com a cadeira de rodas, e minha mãe e eu tivemos que ajudar. Eles tentaram não demonstrar o quanto doía quando os outros pais torciam o nariz para eles e davam as costas. Mas não me enganaram.

Naquele dia, decidi que, a partir de então, para mim haveria dois mundos — a minha família e Maxton Hall —, e eu os separaria cuidadosamente. Meus pais não pertencem à elite inglesa, e tudo bem. Não quero colocá-los outra vez em situações nas quais se sintam desconfortáveis. Depois do acidente de barco, eles já sofreram demais, e essa babaquice que acontece em Maxton Hall é a última coisa com a qual precisam lidar.

O mesmo serve para Ember. Minha irmã é como um vaga-lume: sempre chama atenção com sua personalidade brilhante e sua natureza extrovertida. Sei exatamente o que pode acontecer em Maxton Hall, e experimentei pessoalmente o que esses caras são capazes de fazer só porque acham que o mundo pertence a eles. As histórias que ouvi no banheiro feminino nos dois últimos anos me deixaram de estômago embrulhado. Isso não pode acontecer com Ember.

Para minha irmã, só quero o melhor. E nem a escola nem as pessoas que a frequentam fazem parte desse *melhor*.

- Você sabe que eles não permitem a entrada de quem é de fora. Demoro um pouco demais para responder.
- Maisie foi na festa de volta às aulas da semana passada retruca Ember em um tom seco. Ela disse que foi ótima.
- Então ela entrou de penetra, sem que os seguranças percebessem. Além disso, eu já te disse que aquela festa foi um fracasso total.

Ember franze o cenho.

— Bom, Maisie disse que não foi um fracasso. Muito pelo contrário. — Aperto os lábios com firmeza e fecho a agenda. — Qual é, Ruby! Quanto tempo você pretende ficar me enrolando? Prometo que eu vou me comportar. De verdade. Vou fingir que sou de lá também.

Suas palavras me machucam. Dói em mim ela pensar que eu não quero que ela vá por medo de que me faça passar vergonha. Sinto um nó na garganta ao ver seu olhar esperançoso.

— Desculpa, mas não vai dar — digo em voz baixa.

Numa fração de segundo, a esperança se transforma em uma raiva incontrolável.

- Você está se fazendo de doida, sério.
- Ember...
- Admite que você não quer me levar com você para as suas malditas festas! ela me repreende.

Não posso responder. Mentir não é uma opção, e dizer a verdade a machucaria.

- Se você soubesse o que acontece lá, não ia ficar me pedindo o tempo todo pra te levar comigo sussurro.
- Se você precisar de mais alguma coisa no meio da noite, vai pedir para os seus coleguinhas idiotas diz, baixinho, puxa o cobertor por sobre a cabeça e se vira para a parede.

Tento ignorar a pulsação dolorosa que se espalha pelo meu peito. Silenciosamente, pego meu *planner* e a folha de papel da mesa dela, apago a luz e saio do quarto.

No dia seguinte, estou exausta e tenho que usar corretivo para esconder as olheiras. Depois da briga com minha irmã, não consegui dormir e passei quase a noite inteira sem pregar os olhos. Lin não demora para perceber que tem algo de errado, mas ainda acha que é por causa de Beaufort e a catástrofe do fim de semana, e eu a deixo acreditar nisso.

Depois da aula, vou direto para a biblioteca. Quero aproveitar a meia hora antes da próxima reunião para devolver os livros e pegar emprestados novos que não estavam disponíveis da última vez.

A biblioteca é o lugar de que mais gosto em Maxton Hall e onde passei a maior parte do tempo até agora. Apesar das estantes de madeira escura, ela tem o teto abobado e a varanda aberta, fazendo com que não seja sombria, mas sim aconchegante. Ao passar pela porta, dá para ver que o ambiente aqui é agradável e edificante, um lugar onde dá para simplesmente se sentir bem. Isso sem falar na quantidade infinita de livros a que temos acesso aqui. Na minibiblioteca de Gormsey, não há um único livro que teria me ajudado a montar minha carta de apresentação, enquanto aqui, no início, me senti sobrecarregada na hora de decidir por qual título começar.

Passei dias inteiros no meu lugar favorito, do lado da janela — em partes, porque é o único local de Maxton Hall em que me sinto confortável; em outras, porque não se pode levar para casa livros centenários que não estão disponíveis para empréstimo. Às vezes, quando estou aqui, desejo que meu dia tenha mais horas. Para mim, isso é como uma prévia do que me espera em Oxford. Só que lá, de acordo com o site, as bibliotecas são ainda maiores e têm ainda mais livros. E ficam abertas 24 horas.

Estudar a fundo a literatura introdutória listada na página da faculdade me deixa ansiosa. Muitos livros são complicados, e alguns parágrafos tenho que ler várias vezes para entender. Mas também é divertido, e me acostumei a fazer livrinhos para resumir o conteúdo e escrever reflexões e anotações.

Por sorte, os três livros que quero ler de qualquer jeito já estão disponíveis. Depois de pegá-los emprestados, vou para a sala de estudos. Chego um pouco adiantada, mas assim tenho tempo de escrever a pauta do dia na lousa e classificar minhas anotações. Como na segunda-feira passamos muito tempo discutindo sobre a festa de volta às aulas, hoje precisamos tirar o atraso de alguns assuntos.

Abro a porta com uma mão enquanto aperto os livros contra mim com a outra. Deixo a pequena pilha sobre uma mesa. Mas, antes de tirar a mochila, acaricio com os dedos a capa de *Modelos de democracia*, de Arend Lijphard.

— Temos um encontro marcado no fim de semana — sussurro.

Alguém funga de leve.

Dou meia-volta. Com o movimento, minha mochila escorrega do braço e cai no chão com um estrondo.

Do outro lado da sala, James está encostado no parapeito da janela, os braços cruzados. Ele olha para mim, curioso.

— É meio triste — diz.

Preciso de um momento para me recuperar.

— O que é triste? — pergunto, recolhendo a mochila do chão e colocando-a em cima da mesa, junto com os livros.

Um dos buracos da parte de baixo rasgou um pouco mais, e xingo mentalmente. Vou ter que pedir para Ember me ajudar a costurar.

- Você falar com alegria que vai gastar o fim de semana com coisas da escola. Ele se aproxima devagar. Não preciso nem me esforçar pra pensar em jeitos melhores de passar esses dias.
- O que você está fazendo aqui? pergunto, sem me incomodar e nem responder às suas insinuações.
- Você não ouviu o que o Lexington disse? Tenho que começar a assumir responsabilidades e ver que minhas ações têm consequências diz ele, repetindo as palavras do diretor com um sorriso cheio de graça.

Abro a mochila e tiro, um atrás do outro, a agenda, o estojo e a pasta do comitê.

— De repente você decidiu dar ouvidos para o que ele disse?

O olhar de James é impenetrável quando ele se põe na minha frente. Neste instante, não consigo decifrar suas emoções. — Parece que eu não tenho outra escolha, né?

Olho para ele sem acreditar em nada.

— Antes de ontem você claramente tomou uma decisão.

Ele dá de ombros. É provável que o treinador o tenha repreendido ao saber que entrou em campo. Ele bem que merecia.

— Estou aqui agora. Pode comemorar.

Então, ele se abaixa e pega algo no chão, um marcador. Deve ter caído da minha mochila. James o entrega para mim. Como a atitude me parece gentil, pigarreio e penso em algo para dizer para ele.

— O castigo não vai durar mais que um trimestre, James — lembro. É a primeira vez que pronuncio seu nome.

A expressão dele muda. De repente, não parece olhar através de mim, mas diretamente para mim, no meu interior. Em seu olhar, há um fogo que me incendeia e sacode todo o meu corpo. Meu estômago se aperta de excitação. Então, ele desvia o olhar e gira sobre os calcanhares para dar meia-volta.

— Mas não muda o fato de eu odiar isso.

Meu coração bate forte, e engulo em seco enquanto ele se senta com os braços cruzados em uma cadeira, olhando para fora.

Não sei bem ao que ele está se referindo com "isso". Se ao fato de ele não poder jogar lacrosse. Ou de ter que passar tempo aqui. Mas também não me importo.

Tenho coisas demais em jogo para me deixar confundir por causa de um moleque rico e mimado. Querendo ou não, nós dois temos que passar por isso, e quanto mais cedo aceitarmos esse fato, mais fácil vai ser superarmos essa fase.

Sem dizer mais nada, me volto para a lousa e escrevo os pontos que precisamos discutir na reunião. Fico nervosa, sem saber se James está me observando ou não, mas meu orgulho não me permite virar. Felizmente, não demora muito para a porta da sala se abrir.

- Desculpa, a impressora lá de casa ficou maluca, e eu tive que sair pra imprimir minha carta de apresentação, mas agora já estou com ela e... Lin para no meio da frase quando vê James.
 - E aí? cumprimenta ele.

Me pergunto se ele cumprimenta todas as pessoas do mundo assim. Tenho certeza de que ele também vai falar *e aí* para os professores quando o chamarem para as entrevistas em Oxford.

- O que ele está fazendo aqui? pergunta Lin para mim, desconfiada, sem tirar os olhos de James.
 - Está cumprindo o castigo respondo.

James não diz nada. Em vez disso, se inclina para a frente, abre a bolsa e pega um caderno. Coloca em sua frente, sobre a mesa. É um caderno preto, com capa de couro, e na capa está estampado um B sinuoso que representa a marca Beaufort. Sem dúvidas, vale uma fortuna. Uma vez, paramos em uma filial da Beaufort em Londres, quando estávamos procurando um terno novo para meu pai. Já faz dois anos, quando ele ainda tinha que recorrer frequentemente aos tribunais de justiça por causa do acidente. Ainda me lembro perfeitamente dos preços de quatro dígitos, que fizeram com que não ficássemos mais de dois minutos na loja, e então saíssemos discretamente e o mais rápido possível por onde havíamos entrado.

Lin pigarreia ao meu lado. Pega de surpresa *em flagrante*, desvio o olhar de James e amaldiçoo o calor que toma meu rosto pela milésima vez. Agradeço por minha amiga ter noção o bastante para não fazer qualquer comentário.

— Aqui — diz ela, me entregando uma pasta transparente com várias folhas dentro. — Minha carta de apresentação.

Tiro a minha da pasta e entrego para ela.

- Essa é a minha. Mas ainda não está perfeita.
- Nem a minha admite Lin. É pra isso que uma vai ler a da outra. Você acha que consegue dar uma olhadinha hoje à tarde?
- Claro. Amanhã a gente pode revisar na aula vaga, depois de Matemática.

Imediatamente tiro o marcador dourado e escrevo na agenda: Ler e corrigir a carta de apresentação da Lin.

— Me sinto muito honrada em ver o meu nome escrito com um marcador de ponta fina — sussurra Lin, sorrindo para mim.

Olho para ela, retribuindo o sorriso, e termino de escrever a pauta no quadro enquanto, aos poucos, vão aparecendo os integrantes da nossa equipe. As pessoas olham de soslaio para James, menos Camille, que o cumprimenta com dois beijos na bochecha.

Depois que todos chegam, iniciamos a reunião.

— O ponto mais importante que precisamos discutir hoje, na verdade, é o nosso segundo grande evento do ano letivo — começa a dizer Lin, e seu rosto se ilumina. — O Dia das Bruxas.

Kieran sussurra um *buuuu* fantasmagórico, e uma risada se espalha entre os presentes.

— O baile de máscaras correu muito bem no ano passado — continua Lin, abrindo em seu celular uma apresentação com *slides* da festa do ano passado.

Ela vira a tela e a segura no alto para que as pessoas consigam ver as imagens.

- Não podemos fazer a mesma coisa? Quer dizer, se deu tudo tão certo... propões Camille. Nos pouparia um trabalhão.
 - Nem pensar.

Lin parece escandalizada, e Camille encolhe os ombros. Enquanto isso, fico à direita da lousa, ainda vazia, e escrevo no meio *Dia das Bruxas*. Em seguida, circulo a palavra.

— Hoje, nós precisamos chegar a um consenso sobre o tema — anuncia Lin. — Vamos tentar juntar ideias, tá?

Por alguns minutos, ficamos em silêncio.

- Eu só sei o que eu não quero anuncia Jessalyn.
- Vamos começar por aí. Assim, podemos demarcar limites digo e a encorajo a começar.
- Não quero laranja de jeito nenhum. Decoração preta e laranja é pra festa de aniversário de criança, não combina com Maxton Hall.

Assinto, escrevendo no canto superior direito do quadro: *decoração estilosa*.

— O que vocês acham de preto e branco? — sugere Doug.

Ele é o membro mais calado da equipe, e quase nunca fala; por isso, sua intervenção me surpreende. Sorrio para ele, me virando para o quadro.

— Preto e branco é normal demais.

De repente, não se ouve uma mosca na sala.

Me viro devagar. James está recostado na cadeira, em uma atitude relaxada que contrasta com a atmosfera tensa que de repente reina na sala.

- Como é? pergunta Lin, expressando exatamente o que estou pensando.
- Preto e branco é normal demais repete James, de um jeito tão seco quanto da primeira vez.
 - Eu já te entendi murmura Lin.

Ele a encara, franzindo a testa.

— Então não entendi sua pergunta.

- Estamos tentando juntar ideias, Beaufort. Então, a gente anota todas sem fazer comentários! E depois disso encontramos uma solução espontaneamente explico com toda a serenidade que sou capaz de reunir.
- Eu sei o que significa juntar ideias, Bell responde, apontando com o queixo para a lousa. E já estou falando que essa daí não vai dar em nada.
- Diz o cara que acha que precisa de *strippers* pra criar um clima legal— murmura Kieran.
 - Eu só fiz isso porque sabia que a festa de vocês seria um saco.

Ninguém diz nada, mas percebo que o clima na sala está ficando carregado. Tirando Camille, todos estão olhando com raiva para James, embora isso não pareça preocupá-lo. Ele olha para o grupo com curiosidade.

- Ah, qual é. Vocês mesmos devem ter percebido.
- Se você realmente acredita nisso, não deve estar batendo bem diz Kieran, e Jessalyn assente em concordância.
- Gente intervenho. Olho para os dois, aturdida. Calma aí. Os cantos da boca de James se erguem de maneira suspeita, e eu aponto para ele com o marcador em mãos, como se fosse uma arma. Não tem graça nenhuma. A gente passou uma boa parte das férias planejando a festa. Ela não foi chata.

Sentado na cadeira, James se inclina para a frente, apoiando os braços na mesa.

— É uma questão de gosto.

Sinto como se uma veia tivesse começado a latejar na minha testa.

— Ah, é?

Ele faz que sim.

— E eu posso saber por quê? — insiste Lin, em um tom agridoce.

Eu conheço esse tom de voz. Não é um bom presságio e faz minha pele se arrepiar. James levanta a mão e começa a listar os motivos.

— O bufê parecia barato. A música era uma merda. Faltou um código de vestimenta claro. E o clima foi criado tarde demais.

Percebo Lin tremer ao meu lado. Se estivéssemos sozinhas, ela já teria avançado na jugular de James por causa dessa crítica severa. Cada um de nós colocou tanto esforço nessa festa que não é justo ela ser classificada como um desastre completo. Ainda mais porque não é verdade. Mas, como líder da equipe, devo responder com certa sensatez. Algumas coisas não

funcionaram da melhor forma, e confirmamos isso na segunda-feira, quando revisamos como foi o evento.

- Quanto à música, eu concordo digo, a voz calma. Não era perfeita. Mas, apesar disso, as pessoas dançaram, então eu não classificaria como um fracasso total.
- Porque é justamente isso o que se faz em uma festa. Mas a vibe estava longe de ser tão boa quanto poderia com a música certa.

Há três anos, participei de um seminário na minha escola antiga sobre mediação. O curso durou cinco tardes, e nos ensinaram métodos para resolver conflitos. Não me lembro mais de tudo, porém houve algo que me chamou atenção: é preciso dar a todos os envolvidos a impressão de que foram ouvidos e desviar a energia que causou o conflito para o que de fato importa.

Pensando nisso, respiro fundo e olho atentamente para James.

— Entendi suas críticas e levo elas em consideração. Só que isso não muda o fato de que ainda precisamos encontrar o tema do Dia das Bruxas. Acho que a ideia do Doug é muito boa e vou anotar. Assim como vou anotar todas as outras propostas para, no final, podermos separar as que são mais adequadas e as que não são.

Dito isso, escrevo *preto e branco* na lousa. Então, me viro.

- Mais sugestões? pergunto.
- Sim, eu tenho uma ideia intervém Jessalyn, levantando as mãos como se tivesse pensado em algo inovador. Clássico chique com um ar grotesco. Velas de cemitério, flores pretas. Uma versão moderna da festa de Halloween tradicional.

Anoto assim que ela termina de falar.

- Tão sem graça quanto.
- Se não puder contribuir com ideias, fecha a matraca, Beaufort resmunga Lin.
 - Uma festa de vampiros em vermelho e preto sugere Kieran.
 - Outra chatice resmunga James.

Vou me segurar. Não vou enfiar um marcador no olho dele.

— Chato é esse jeito como você se mete em todas as nossas ideias — rebate Jessalyn. — Pensa em alguma coisa, pra variar, em vez de espalhar sua energia negativa.

James se endireita e olha para o caderno. Duvido que haja alguma palavra nele que tenha a ver com o planejamento da festa de Dia das

Bruxas.

— Sugiro uma festa vitoriana. O Weston Hall seria perfeito pra isso. Poderíamos comprar talheres e louças da época, tigelas para o ponche, guardanapos com rendas e coisas assim. Na melhor das hipóteses, tudo preto. As fontes de luz primárias seriam como naquela época: velas; assim, criaríamos uma atmosfera espectral. É claro, vamos ter que ter cuidado pra não incendiar a escola, mas poderíamos conseguir isso com os requisitos adequados de prevenção de incêndios. O código de vestimenta seria o correspondente à época, decrépito e sofisticado. E os vitorianos jogavam vários jogos no Dia das Bruxas. Daria para incluir alguns durante a festa.

Depois que James para de falar, ficamos em silêncio por alguns minutos.

— É... é realmente uma ideia fantástica — digo, hesitante.

Os olhos dele brilham ao olharem para mim.

— Achei que a gente estava só anotando, sem fazer comentários.

Evito seu olhar e escrevo a proposta na lousa.

- Uma vez, li que no século XIX faziam bolos em que escondiam cinco objetos diz Kieran. Diziam que as pessoas que encontrassem os objetos em sua fatia de bolo teriam muita sorte. Poderíamos modernizar isso e dar um prêmio para quem encontrar.
- Mas, antes disso, temos que avisar. Não vamos querer que alguém se engasgue observa Camille, franzindo o nariz.
 - Que música vamos tocar? pergunta Jessalyn.
 - Que tal música clássica, mas um pouco modificada? proponho.
- Mas não aqueles seus remixes estranhos de *dubstep* versão eletro clássica diz Lin, com um gemido.
- Ei! Eles são muito legais. Além disso, consigo me concentrar bastante com eles. Todos da equipe me olham, incrédulos. Em busco de apoio, me viro para Kieran, que na maioria das vezes tende a gostar das mesmas coisas que eu. Vai, Kieran. Fala.
- Tem alguns remixes ótimos de músicas vitorianas. Esses dias, ouvi um muito bom de Caplet.

Sorrio para ele, agradecida, e digo sem emitir som: "Me manda o link".

— Bom, pois eu chamaria uma orquestra — intervém James. — E organizaria uma dança para o começo da festa.

Um murmúrio de aprovação percorre a sala, o que me parece um pouco ruim. Não sei dançar, mesmo.

 Certo, ouvindo isso, tenho quase a impressão de que já decidimos o tema — diz Lin, e parece que está tão surpresa quanto eu. Ela aponta para a lousa. — Apesar disso, acho melhor a gente votar. Quem vota em *preto e branco*?

Ninguém diz nada.

— Quem vota na festa clássica chique?

Mais uma vez, nenhuma resposta.

— Que tal a festa maluca dos vampiros?

Ninguém levanta a mão.

— O que acham da festa de Dia das Bruxas em estilo vitoriano? — pergunto, e antes de eu terminar a frase, quatro braços se levantam.

Por alguns segundos, é como se James achasse idiota demais dar sua opinião, mas, por fim, o faz.

Eu não esperava o rumo que esta reunião tomou. Olho para Lin, surpresa.

— Eu diria que a gente já tem o tema pra festa de Dia das Bruxas de Maxton Hall deste ano.

James

Percy estacionou o Rolls-Royce bem na entrada principal da escola. Ele está apoiado no carro, com o celular em uma das mãos e o quepe na outra. Parece que, a cada dia que passa, aumenta a quantidade de fios grisalhos que iluminam seu cabelo escuro. Assim que me vê, guarda o celular, volta a colocar o quepe e se endireita. Isso não é necessário, e ele sabe.

Conforme desço a escada, as pessoas ao meu redor vão gentilmente abrindo caminho para mim. Pelo visto, aparento estar tão mal quanto estou me sentindo. A culpa é daquele maldito comitê de eventos! Já estou me arrependendo de não ter ficado de boca fechada, devia ter guardado pra mim a ideia da festa vitoriana. Só de pensar na lista de coisas para fazer, meu estômago embrulha. Se essa festa fosse na minha casa, delegaria todo o serviço aos empregados responsáveis e não teria que mover um dedo. Mas, neste caso, eu sou o responsável, pelo que Ruby deu a entender com as sobrancelhas levantadas.

A única coisa que quero fazer é gritar ao pensar que ainda falta um trimestre inteiro cheio de reuniões como essa. E, além disso, tem o fato de que é insuportável faltar aos treinos com meus companheiros de time.

Eu definitivamente não tinha imaginado que meu último ano na escola seria assim.

Ao chegar ao carro, só quero desabar no banco de trás, mas, antes de entrar, Percy segura meu braço por um instante.

- Senhor, você parece estar meio para baixo.
- Você é muito observador, Percy.

De maneira hesitante, ele desliza o olhar de mim para a porta do carro e vice-versa.

— Talvez o senhor queira controlar um pouco seus ânimos. A srta. Beaufort não está muito bem no momento.

Na mesma hora, esqueço o maldito comitê de eventos.

— O que aconteceu?

Percy parece indeciso por alguns segundos, como se não tivesse certeza do que deveria ou não me contar. Por fim, dá um passo em minha direção.

— Ela acabou de falar com alguém. Um rapaz. Parecia que estavam discutindo.

Assinto, e Percy abre a porta para me deixar entrar.

Por sorte, as janelas são cobertas com insulfilm. Lydia está com uma cara horrível. Os olhos e o nariz estão bem vermelhos, e as lágrimas deixaram marcas cinza-escuras nas bochechas. Ela nunca chorou tanto quanto nas últimas semanas, e fico extremamente irritado ao vê-la assim e, ao mesmo tempo, saber que não posso fazer nada para mudar a situação.

Lydia e eu sempre fomos inseparáveis. Quando se tem uma família como a nossa, não há outra escolha a não ser ficarmos unidos, não importa o que aconteça. Me lembro apenas de poucos dias da minha vida em que não vi minha irmã gêmea. Sempre que acontece alguma coisa ruim com ela, sinto algo estranho no peito, e o contrário também acontece. Nossa mãe nos explicou que isso é algo que acontece com frequência entre gêmeos, e desde cedo nos fez jurar que sempre valorizaríamos essa união e não a colocaríamos em risco por besteira.

- O que foi? pergunto depois que Percy dá partida no carro. Ela não responde. Lydia...
 - Não é da sua conta murmura.

Ergo uma sobrancelha e a observo até ela se virar e começar a encarar a janela. Com isso, nossa conversa chega ao fim.

Me recosto e também olho lá para fora. As árvores cheias de cores passam tão depressa que parecem um borrão, e desejo que Percy dirija mais devagar. Não apenas porque fico mal só de pensar em chegar em casa, mas também para ganhar mais tempo para quebrar o silêncio de Lydia.

Queria ajudá-la, mas não faço ideia de como. Nas últimas semanas, tentei de tudo para descobrir o que aconteceu entre ela e o sr. Sutton, porém Lydia ergue muros em volta dela. Na verdade, não deveria estar surpreso por isso. Embora sejamos inseparáveis, nunca falamos sobre nossas vidas amorosas. Há coisas que eu simplesmente não quero saber sobre minha irmã... e nem ela sobre mim. No entanto, esta é uma situação diferente. Ela está em frangalhos, e eu só a vi assim uma única vez, há exatos dois anos. E isso quase destruiu nossa família.

— Graham está ficando louco — sussurra Lydia de repente, quando eu menos espero.

Me viro para ela, esperando que continue a falar. A raiva que sinto desse professor desgraçado volta a ferver dentro de mim pela enésima vez, mas a contenho. Não quero que Lydia se feche mais ainda.

- Eu tenho tanto medo de a Ruby contar para o Lexington... diz ela, com uma voz anasalada.
 - Ela não vai.
 - Como é que você sabe?

Vejo nos olhos dela a mesma incredulidade que senti diante de Ruby na primeira vez em que nos falamos.

— Porque eu estou de olho nela — respondo um tempo depois.

Lydia não parece convencida.

- Você não pode ficar em cima dela o tempo todo, James.
- E nem preciso. Ela está no comitê de eventos.

Lydia olha para mim, surpresa, e dou um sorrisinho torto. É bom ver que, embora ainda esteja um pouco tensa, seus ombros parecem relaxar de leve. Depois de alguns minutos, ela diz, baixinho:

— Eu tinha esquecido total do comitê de eventos. É muito ruim? — Me limito a responder com um grunhido. Ela volta a falar, de maneira cautelosa: — Já falou com o nosso pai?

Balanço a cabeça e olho pela janela enquanto o Rolls-Royce para. A nossa frente, a fachada de nossa casa se ergue, tendo como pano de fundo o céu escuro e carregado de nuvens, que funciona como um reflexo do meu estado de espírito e do que ainda me espera no dia de hoje.

— Como você me descreveria em menos de cinco palavras? — pergunta Alistair por cima da música tocando no meu notebook.

Ele está sentado no sofá, inclinado sobre seu celular, os cachos loiros caindo na testa enquanto olha para a tela com a cabeça inclinada para o lado.

Acabei de fazer duas gins-tônicas e estou voltando com as taças para o sofá. Sem olhar para cima, Alistair estende o braço e agarra uma delas. É nossa terceira rodada, e aquela sensação de vazio que fiquei esperando esse tempo todo finalmente se instala na minha cabeça. Isso me ajuda a esquecer que neste instante os outros estão no treino de lacrosse. E, acima de tudo,

suprime a lembrança das duas últimas horas. A voz de meu pai soa agora como apenas um sussurro abafado.

— Que tal "lindo, tesão, bonito e gostosão"?

Alistair abre um sorriso.

— Seria verdade. Mas acho que minhas chances são melhores se eu for mais modesto.

Sorrio também, me sentando ao lado dele no sofá. Ainda tenho a impressão de que ele já tinha tomado um ou dois drinks quando mandei mensagem para perguntar se ele queria dar um pulo aqui. Pelo visto, o fato de ter sido afastado do time também pesou para ele, por mais que queira que acreditemos no contrário.

De qualquer forma, ele entrou no meu quarto com a notícia de que, a partir de agora, não vai encostar o dedo em cara nenhum de Maxton Hall, e em vez disso vai se concentrar nesse site de encontros. Disse com um sorriso largo no rosto, como se não estivesse falando sério mesmo e só tivesse feito um perfil porque estava entediado.

Mas o conheço o bastante para saber que este assunto não o deixa totalmente indiferente. Ele está cansado dos caras de Maxton Hall porque só querem ficar com ele às escondidas. Ao contrário da maioria deles, Alistair assumiu sua sexualidade publicamente há dois anos, para o horror dos idiotas de seus pais, que desde então o tratam como se fosse um marginal.

Se ele encontrar alguém na internet que não aja como se ele fosse um segredo sujo, vou dar o maior apoio. Até porque isso me distrai dos meus próprios problemas, então vai ser ótimo.

- Tem que ser menos de cinco palavras? pergunto. Ele faz que não.
 Então... "um cara legal, jogador de lacrosse, gosta de esportes, está à procura de pessoas interessantes e blá, blá, blá".
 - Alistair abre um sorriso torto.
 - A parte do *blá*, *blá*, com certeza.

Me aproximo um pouco mais dele e, ao me mexer, cai um pouco da gim-tônica na minha mão. Solto um resmungo enquanto a seco na calça e olho para o celular de Alistair. Quando vejo o rascunho do perfil dele, solto uma gargalhada.

- Que foi? pergunta em tom de desafio.
- Você não tem 1,85 de altura, seu mentiroso.

Ele bufa.

- Tenho, sim.
- Eu tenho 1,84, e você é meia cabeça mais baixo do que eu, cara. Tira uns dez centímetros aí e você fica do tamanho certo.

Ele me dá uma cotovelada na lateral do corpo, e o álcool derrama um pouco mais em meus dedos.

- Larga de ser um estraga-prazeres.
- Tá bom, tá bom.

Tomo um longo gole da minha taça e a deixo sobre a mesa. Então, pego o notebook da mesinha de centro e o abro, começando a procurar perfis que pareçam mais ou menos bons.

Perguntar para Alistair se ele queria vir foi a coisa certa. O motorista dele o trouxe na mesma hora, e, a partir daí, ele não fez nada além de me distrair, sem fazer uma pergunta sequer.

— Meu Deus... — sussurro.

Alistair dá um grunhido em tom de pergunta e se inclina na minha direção para poder ver meu notebook. Viro a tela um pouco para ele.

— Eu tava procurando uma inspiração pra fazer seu perfil, mas agora queria nunca ter clicado nesse link. Quem pensaria em colocar na descrição "pra mim, o ideal seria transar com meu irmão gêmeo, mas como sou filho único vou ter que transar com você"?

Alistair dá risada.

- Já cansei disso. Só vou colocar: "18, lacrosse, disposto a explorar".
- Não, mano, não digo, balançando a cabeça negativamente. —
 Esse "disposto a explorar" dá espaço pra te pedirem coisas esquisitas.

Ele dá de ombros. Alguns minutos depois, me diz, sem tirar os olhos do celular:

— Aliás, a Elaine me perguntou de você. — Ergo uma sobrancelha, mas não respondo nada. É a primeira vez desde a festa de Wren que Alistair toca no assunto, e não consigo dizer por seu tom de voz se a conversa vai ser séria ou não. — Ela está preocupada com o seu coração jovem e frágil e queria saber se você anda pensando nela.

Tá, ele com certeza não está falando sério.

— Quanta preocupação — respondo.

Duvido que Elaine tenha parado por um segundo para pensar na noite que passamos juntos. Provavelmente, Alistair que andou pensando nisso, porque despertei nele o instinto de irmão protetor.

— Ainda não consigo acreditar que você transou com a minha irmã. — Ele balança a cabeça e bufa de desgosto. — Será que não dava pra ficar noivo dela? Assim eu conseguiria assimilar melhor essa história.

Sorrio e dou um tapinha no ombro dele.

— Se algum dia eu ficar noivo de alguém, pode apostar que não vai ser pra você dormir melhor.

Alistair suspira com um desespero fingido. Então, me entrega o celular.

— Me ajuda pelo menos a escolher a foto?

Ele me mostra duas opções: uma em que está sem camisa, com os braços cruzados atrás da cabeça, deitado em uma rede, e outra que tirou na frente do espelho, vestindo um terno.

- A da rede. Na outra você tá com roupa demais.
- Gostei do seu espírito de equipe, Beaufort.

Depois disso, felizmente, o assunto Elaine acaba, e vou pegar uma quarta rodada de gim-tônica. Nós brindamos, e Alistair volta a se dedicar ao novo hobby enquanto dou uma olhada no meu e-mail, sem muito entusiasmo.

Fico chocado quando vejo que recebi um convite dos Escritórios Beaufort. Relutante, abro a mensagem, que apenas diz:

Próxima sexta-feira, às 19h, jantar de negócios com gestão comercial em Londres. Seja pontual.

Num piscar de olhos, meu bom humor desaparece. No lugar dele, um calafrio percorre minha coluna ao me lembrar da briga desta tarde com meu pai.

"Você é uma vergonha para a família."

"Nós temos uma reputação a zelar."

"Você é um menino bobo e infantil."

Estou com raiva por ter me encolhido quando ele se aproximou de mim com a mão levantada, porque na verdade sei o que é melhor para mim: na presença de Mortimer Beaufort, não posso demonstrar fraqueza nem medo.

A reunião não é nada mais do que um castigo. Ele sabe perfeitamente que isso me deixa pior do que suas palavras ou seus tapas. Na verdade, temos um acordo: enquanto eu frequentar Maxton Hall, não preciso dar a mínima para o que acontece com a nossa empresa. O fato de agora eu ter que ir para esse jantar é sua maneira de me dizer: "Sou eu quem controlo a

sua vida, e, se você não tomar juízo, vou começar mais cedo do que você imaginava".

Abatido, tiro o notebook do colo e vou para o bar. Encho um copo de uísque e fico um tempo contemplando o líquido âmbar. Então, dou meiavolta e ando até o sofá.

Alistair me encara. Não há nenhum vestígio do sorriso que antes estava em seu rosto.

— Tudo bem?

Dou de ombros. Queria que Alistair viesse para que eu me esquecesse do lance com meu pai, não para falar dele.

Alistair não insiste. Em vez disso, me entrega seu celular.

— Tenho um date — diz, mostrando a tela com a foto de um cara moreno muito musculoso.

Deslizo um pouco no sofá para poder descansar a cabeça no encosto.

- O que ele colocou na descrição?
- Que precisa de alguém pra cuidar do coração dele. E do pau.
- Que criativo...
- Ah. E ele... acabou de me mandar uma foto da cobra dele. Que tal se, antes de me mostrar seus órgãos genitais, me falasse seu nome? murmura Alistair, e dou uma risada, apesar de tudo.

Esse é um dos motivos de Alistair estar entre os meus melhores amigos. Se quisesse, poderia falar com ele sobre o que anda se passando pela minha cabeça. Poderia conversar com ele sobre tudo, mas não devo. Já faz tanto tempo que somos amigos que estamos em sintonia um com o outro, conhecemos nossos limites e os respeitamos, mesmo que às vezes eles sejam testados. Duvido que algum dia eu vá conseguir construir uma amizade desse tipo com mais alguém.

— Tá com fome? — pergunto depois de um tempo.

Alistair diz que sim, e ligo lá para baixo, para a cozinha. Após o encontro com meu pai, perdi o apetite, então agora estou morrendo de fome.

Enquanto esperamos a auxiliar de cozinha trazer nossa comida, Alistair continua olhando fotos de caras seminus, e percorro minha lista de blogs no notebook. Junto com alguns sites de lacrosse e blogs de amigos, há alguns meses ando acompanhando também blogs de viagem. Nada me ajuda a descansar mais a cabeça do que ver as histórias e as fotos de países distantes. Salvo algumas postagens novas para ver mais tarde, agora estou bêbado demais para absorver qualquer informação.

Também incluí o blog da escola na minha lista. Na verdade, só para rir dele, mas agora que vejo o logotipo na lista, o rosto de Ruby aparece em minha mente de imediato. Sinto um tipo de espasmo no estômago, mas não sei se é por causa da fome, do álcool ou alguma outra coisa.

Meu dedo indicador toma a iniciativa sozinho e abro o blog.

Passo pelos eventos da escola — todos chatos, sem exceção —, dou uma olhada nas matérias — insuportavelmente sem graça — e olho as fotos procurando o rosto de Ruby. Embora seu nome apareça em muitas das postagens e seja mencionado nos eventos da escola, ela não aparece em uma foto sequer. Pouco depois de Lydia me contar que Ruby a havia visto com Sutton, procurei seu nome no Google e tentei descobrir tudo o que pudesse sobre ela. Mas não havia nada. Ela não tem conta em nenhuma rede social, nem no Facebook, nem no Twitter, muito menos no Instagram, pelo menos não com seu nome.

Ruby Bell é um fantasma.

Continuo rolando a página. A esta altura, já passei por todas as postagens do ano passado, e ainda não encontrei o que estou procurando. Seja o que for. Quanto mais olho, mais irritado fico. Por que é que eu não acho nada sobre ela?

— Você tá procurando alguma coisa no blog da escola? — pergunta Alistair de repente.

Levanto o olhar ao ser pego em flagrante. Alistair está encarando meu notebook com cara de nojo. Mas quando seu olhar para na palavra que digitei no campo de busca do navegador, seu rosto se ilumina.

- Ah, é isso…
- É o quê?

Seu sorriso se alarga.

— Quando eu contar pra todo mundo...

Fecho o notebook.

— Não tem nada pra contar.

A resposta de Alistair é interrompida pelas batidinhas que Mary, nossa auxiliar de cozinha, dá na porta. Quando entra no meu quarto com o carrinho, me coloco de pé, cambaleando, para encher o copo. Agora, junto com a voz do meu pai, tenho que afastar dos pensamentos a imagem do rosto determinado de Ruby.

Ruby

O tópico rosa da minha agenda ri da minha cara. Ele diz simplesmente que preciso Perguntar para Beaufort sobre as roupas vitorianas. E, nossa, não quero fazer isso nem que me paguem.

Esta semana, já tive uma overdose de James Beaufort e estou pronta para o fim de semana. Desde que definimos o tema da festa de Dia das Bruxas, ele age como um idiota em tempo integral durante as reuniões. Se não faz um comentário desagradável atrás do outro, nos ignora por completo. Para mim, não faria diferença, mas ontem decidimos que queremos apresentar um cartaz para a festa com um casal usando roupas vitorianas de verdade. E a maneira mais fácil de chegar até essas roupas depressa, e acima de tudo sem gastar um centavo, é através da coleção particular imensa dos Beaufort.

Depois da reunião, Lin e eu tiramos na sorte para ver qual de nós pediria o favor para James. É óbvio que quem perdeu fui eu. Por isso, andei pensando em qual seria a melhor forma de falar com ele. Talvez apenas envie um e-mail. Assim, não terei que perguntar na frente de todos e, muito provavelmente, lidar com um esculacho.

Fecho o *planner* com força e o enfio na mochila.

— Podemos trocar — sugere Lin, colocando a bolsa no ombro. Em seguida, coloca sua bandeja em cima da minha e pega as duas para devolvêlas.

Penso brevemente se a alternativa seria melhor: ter que ouvir Lexington dar uma palestra de uma hora sobre regulamentos de proteção contra incêndio.

- Espera aí diz Lin enquanto saímos do refeitório e nos dirigimos ao centro de aprendizagem. Esquece o que eu disse. Não quero trocar.
 - Que pena. Eu teria aceitado na hora.

O campus está banhado pela luz avermelhada e dourada do outono, e as primeiras folhas dos carvalhos começam a transformar o verde-vivo em um amarelo suave ou vermelho-escuro.

- Qual é. Não é tão ruim assim.
- Diz a pessoa que gritou *yes* quando tirou a sorte de pegar a palestra sobre proteção contra incêndios respondo em um tom seco.

Ela sorri porque a peguei no pulo do gato.

- É que eu acho ele tão arrogante... Quer dizer, até o fim do trimestre ele é um membro fixo da nossa equipe. Então acho que ele poderia contribuir com alguma coisa de vez em quando, não? Ainda mais quando a ideia foi dele.
 - Pois é. Infelizmente, foi uma ideia muito boa.

Coloco minha carteirinha de estudante na frente da porta do centro de aprendizagem até a luzinha da maçaneta ficar verde.

O centro é um prédio pequeno que só é utilizado por alunos dos dois últimos anos do ensino médio. Aqui, podemos nos reunir quando temos que preparar uma apresentação ou quando precisamos de um lugar tranquilo para estudar para as provas finais. Hoje acontecerá em uma das salas de tutoria a primeira reunião do grupo de aprendizagem em que nos prepararemos para o iminente processo de inscrição em Oxford.

— Ah — exclama Lin baixinho quando entramos na sala de aula, e na mesma hora fico tensa.

Falando do diabo...

Há vinte cadeiras na sala, e as únicas pessoas que estão aqui são Keshav, Lydia, Alistair, Wren, Cyril e... James. Além de duas garotas e um garoto que conheço só de vista e uma mulher jovem que presumo ser nossa tutora. Ela é a única que nos cumprimenta.

Me dirijo para um dos lugares mais distantes do grupinho do Beaufort. Lin me segue e se senta ao meu lado. Com gestos mecânicos, pego minha agenda, meus marcadores e um caderno novo que comprei especificamente para esse grupo de estudos. Enquanto arrumo tudo à minha frente — todas as coisas têm que ficar paralelas às bordas da mesa —, me esforço ao máximo para fingir que as outras pessoas não existem. Não quero me meter com James e muito menos com seus amigos. Fico mal só de pensar que preciso competir no processo de candidatura com pessoas como ele, pessoas cujas famílias riquíssimas vêm estudando em Oxford uma geração após a outra.

Não sei qual a posição de Lin neste assunto e se é diferente da minha. Antes, ela não fazia parte do grupinho de James, mas frequentava seus círculos sociais porque era amiga de Elaine Ellington e de algumas garotas um ano mais velhas do que nós. Contudo, o pai dela largou a mãe para ficar com outra mulher, que mais tarde se revelou uma golpista. No período de um ano, o pai perdeu toda a fortuna, o que causou um escândalo enorme, e por isso ninguém mais quis se associar com os Wang. Nem nos negócios, nem nos círculos sociais, nem na escola.

Para que Lin pudesse continuar estudando em Maxton Hall, a mãe teve que vender sua propriedade e se mudar para perto de Pemwick. Ainda que, apesar de tudo, elas vivam em uma casa que é quatro vezes maior do que a nossa, para Lin deve ter sido uma mudança terrível. Ela não só perdeu de uma hora para outra a família e a vida que levava até então, como perdeu também todos os amigos.

Na maioria das vezes, Lin age como se nada disso tivesse acontecido. Como se nunca tivesse sido diferente. Mas de vez em quando vejo uma pitada de nostalgia em seus olhos que me faz pensar que ela sente falta da vida de antes. Principalmente quando vejo o olhar melancólico que lança para o lugar livre ao lado de Cyril. Já faz algum tempo que me pergunto se os dois tinham algum rolo antes, mas sempre que a conversa toma esse rumo, mesmo que só um pouco, Lin muda de assunto. Não a culpo, afinal, eu mesma nunca conto nada para ela sobre minha vida particular. Mas isso não quer dizer que às vezes eu não fique curiosa.

Meu olhar recai, como se por vontade própria, em James. Enquanto seus amigos conversam e parecem não ficar parados, ele está totalmente imóvel na cadeira. Wren fala com ele, mas tenho certeza de que não está ouvindo. Fico me perguntando o que se passa na cabeça dele para estar com uma expressão tão sombria.

— Que bom ter todos vocês aqui — começa a dizer a tutora, e afasto o olhar de James. — Meu nome é Philippa Winfield, mas podem me chamar de Pippa. Atualmente, estou cursando meu segundo semestre em Oxford e também tive que passar por todo o processo de inscrição. Por isso, sei como vocês estão se sentindo.

Wren murmura algo que faz Cyril rir. Cyril, por sua vez, pigarreia a fim de esconder a risada. Tenho certeza de que estão falando da beleza de Pippa. Com o corte chanel, cabelo loiro-escuro ondulado e uma pele de porcelana, ela quase parece uma boneca. Uma boneca muito bonita e cara.

— Nas próximas semanas, eu vou ser a responsável por ajudar vocês a se prepararem para uma avaliação de habilidades cognitivas, chamada de *Thinking Skills Assessment*, e para as entrevistas. A TSA é uma prova de duas horas que deve ser feita para se inscrever em certos cursos de Oxford. A universidade aplica essa avaliação para confirmar se vocês têm capacidade e pensamento crítico o suficiente para estudar lá.

Minha agenda mostra que a prova será pouco depois do Dia das Bruxas, e já fico nervosa ao pensar nas tarefas que tenho pela frente. Nos trinta minutos que se seguem, Pippa nos explica qual a estrutura da prova e quanto tempo teremos para responder cada seção, e já sei de tudo isso há muito tempo. Não quero ouvir mais nada sobre como é a prova, quero aprender a passar. Como se Pippa tivesse lido meus pensamentos, bate uma palma.

- É melhor darmos uma olhada no exemplo de uma das perguntas que podem pedir para vocês desenvolverem. Me ajudou muito discutir algumas questões com outros candidatos, porque todos temos métodos de dedução diferentes, e isso pode ser bastante esclarecedor em muitos casos. Por isso, achei que seria melhor fazermos isso aqui também. Ela abre uma pasta e tira de lá uma pilha de folhas, que distribui entre nós. Na segunda página, vocês vão encontrar a primeira pergunta. Você diz ela, apontando com a mão para Wren, que acabou de cochichar outra coisa. Leia a pergunta, por favor.
- Vai ser um prazer responde, dando um sorrisinho insolente antes de pegar a folha e ler em voz alta. A primeira pergunta diz: *Se consegue justificar suas ações, quer dizer que elas são racionais?*

Lin ergue o braço de uma vez.

- Não precisa pedir para falar, a discussão é aberta diz Pippa, gesticulando para Lin.
- Todas as ações têm como base nossas emoções começa a explicar ela. Apesar de sempre dizerem que precisamos refletir para tomar uma decisão sensata em vez de ouvir nosso coração, no fim das contas todas as decisões são guiadas por sentimentos, por isso não são racionais.
 - Isso daria uma redação muito curta diz Alistair.

Os amigos dele riem. Todos, menos James. Ele pisca algumas vezes, como se estivesse acordando de um sonho.

— É um argumento que pode ser desenvolvido ou refutado por algum de vocês — incentiva Pippa.

— Pra responder à pergunta, primeiro teríamos que definir o que *racional* significa no contexto — diz Lydia de repente.

Ela está com um marcador atrás da orelha, a folha com as perguntas em mãos. Em qual curso será que ela vai se inscrever?

- *Racionalidade* significa pensar ou se comportar de acordo com a lógica murmura Kesh.
- Nesse contexto, *racionalidade* significa lógica digo. Mas a lógica é subjetiva. Como se define lógica se cada pessoa tem regras, princípios e valores diferentes?
- De qualquer forma, eu diria que nós temos mais ou menos a mesma noção a respeito dos valores fundamentais intervém Wren.

Hesitante, encolho os ombros.

- Acho que depende da forma como você foi criado e das pessoas que modulam seu ambiente.
- Todo mundo aprende desde cedo que não pode matar outras pessoas e assim por diante. Quando alguém age de acordo com esses princípios, podemos considerar, de maneira objetiva, algo racional responde ele.
- Mas nem todas as ações podem usar esses princípios como referência
 contesta Lin.
- Quando eu tomo uma atitude que me faz sofrer, mas que sei que obedece determinado princípio, minha decisão é racional? pergunta Lydia.

Olho para ela perplexa, mas Lydia está encarando a folha com as perguntas.

- Quando isso está de acordo com a sua compreensão básica de raciocínio lógico, sim respondo após uma breve pausa. Assim dá para ver claramente como os princípios das pessoas podem ser diferentes. Eu nunca faria de propósito nada que me fizesse sofrer.
- Então minha compreensão básica de raciocínio lógico é inferior à sua?

Lydia de repente olha para mim bastante irritada. Manchas vermelhas aparecem em suas bochechas claras.

- Com isso eu quis dizer que, na minha opinião, uma ação não pode ser racional se está machucando alguém. Seja você mesma ou outra pessoa. Mas isso é só a minha crença.
 - E a sua crença é superior à crença das outras pessoas, então?

Surpresa, olho para James. Ele falou tão baixo que mal consegui escutar. Não parece mais estar com a cabeça nas nuvens. Agora, está aqui, nesta sala, lançando um olhar frio para mim.

Seguro o marcador com força.

- Não estou relacionando a pergunta a mim mesma, mas no geral, com o fato de todos nós pensarmos e agirmos de maneiras diferentes.
- Vamos considerar a possibilidade de eu levar secretamente umas *strippers* pra uma festa na intenção de criar um clima legal e tornar a noite agradável para os convidados diz James, devagar. Então seria uma decisão claramente racional, segundo a maneira com que você está interpretando a pergunta.

A qualquer momento, meu marcador vai quebrar.

- Não foi uma decisão racional, foi só uma atitude imoral e uma merda.
- É melhor não usar palavras como *merda* nem na redação nem na entrevista comenta Pippa.
- Você está levando o debate pra uma perspectiva que não está sendo levantada aqui responde James secamente. Digamos, por exemplo, que você tenha duas ofertas de emprego: em uma, ganha mais; só que, na que paga menos, você seria mais feliz. A decisão racional seria optar pelo emprego mais bem remunerado.
- Isso se você for movido apenas pelo dinheiro, o que no seu caso não seria uma surpresa.

Meu corpo transborda energia, e é como se não houvesse ninguém na sala além de James e eu. Ele ergue uma sobrancelha.

- Primeiro de tudo: você não me conhece. E segundo: a decisão racional é escolher o emprego que te paga melhor.
 - Por quê, se posso perguntar?

Ele olha bem nos meus olhos.

— Porque nesse mundo ninguém se interessa por você se não tiver dinheiro.

Ao ouvir isso, reparo em como as solas do meu sapato estão gastas e em como minha mochila está furada. Uma raiva ardente toma conta de mim em uma velocidade vertiginosa.

- Com isso dá pra ver quem te educou.
- O que você quer dizer? pergunta ele, com uma voz tão calma que chega a ser perigosa.

Dou de ombros.

— Se desde pequeno te ensinaram que ninguém vai se interessar por você se não tiver dinheiro, é claro que você age seguindo a lógica de que nada mais importa. Isso é muito patético, na verdade.

Um músculo em seu queixo começa a tremer.

- É melhor você ficar quieta, Ruby.
- Em Oxford você não vai poder proibir ninguém de falar. Talvez você devesse começar a se acostumar a ser contrariado ou se familiarizar com o conceito de rejeição. Não que você vá ter algum problema com isso, afinal, você ainda é rico e o mundo se interessa por você.

James estremece como se tivesse levado um tapa. Um silêncio mortal cai sobre a sala. A única coisa que ouço são as batidas aceleradas do meu coração e um zumbido estrondoso nos ouvidos. Nos segundos seguintes, James se levanta de maneira tão brusca que empurra a cadeira e ela cai no chão com um estrondo. Prendo a respiração quando ele sai da sala e fecha a porta com um baque.

De repente, fico muito consciente das pessoas ao meu redor. Os amigos de James olham para mim perplexos, como se estivessem se perguntando o que acabou de acontecer. Pela cara de Lydia, parece que ela está em estado de choque. Um arrepio percorre minha coluna. A adrenalina diminui devagar e percebo o que falei.

E aqui acaba o lema "passar despercebida". Em vez de ter uma discussão profissional, me deixei levar para o pessoal, porque James me deixou com raiva. O que ele disse é verdade. Na verdade, não o conheço. Não tenho direito nenhum de usar esses argumentos contra ele só porque se comporta como um idiota acéfalo. Isso não me torna nem um pingo melhor do que ele.

Alguém pode me dizer o que foi que aconteceu comigo?

James

A esta altura, o desenho que preenche minha folha está bem impressionante. Dentes pretos pontiagudos, pequenas espirais e círculos descontrolados que quase parecem tridimensionais. Como se bastasse esticar a mão para segurar o desenho. Sempre me surpreendo com o poder dos rabiscos. E com quanto isso consegue me distrair de algumas coisas. Por exemplo, do fato de que, a menos de cem metros de distância, meus amigos estão no campo de lacrosse, treinando para o jogo do próximo fim de semana. E de eu ainda ter que passar 1h11 nesta sala.

— James!

Levanto a cabeça. Todos do comitê de eventos olham para mim.

- Que é?
- Você nem ouviu! exclama Jessalyn, olhando para Ruby indignada, como se fosse culpa dela eu não gostar dessas reuniões que não servem para nada.
- Então vou repetir diz Ruby com calma, olhando para mim do outro lado da mesa. A gente precisa de roupas para tirar a foto do cartaz. Dá pra alugar em uma loja de Gormsey, mas dá para ver que os vestidos não são de verdade, e sim de plástico.
 - Gormsey? pergunto, desnorteado.
 - É onde eu nasci responde com paciência.

É a primeira vez que ouço esse nome.

Fico surpreso, me perguntando em que tipo de casa Ruby mora. Como seus pais são. Se tem irmãos. Coisas que não deveriam me interessar.

— Da última vez, concordamos que queríamos fazer uma foto que fosse o mais autêntica possível. Mas não é tão fácil encontrar roupas de qualidade. A Beaufort existe há mais de 150 anos, certo? — Ela se esforça muito para falar comigo de maneira gentil, mas isso não muda o fato de

que nas minhas veias corre uma sensação gelada que conheço muito bem. Suspeito do que está por vir. — Você acha que poderia perguntar para os seus pais se emprestariam algumas roupas pra gente?

Queria poder continuar rabiscando no caderno. Ou estar em outro lugar, jogando lacrosse, por exemplo. Lá, ninguém me pede nada, posso só correr, competir, driblar, jogar a bola no gol e ser livre. No campo, posso me esquecer das coisas. Aqui, me lembram de quem sou e do que me espera no futuro. Pigarreio.

— Infelizmente, não posso.

É como se Ruby já esperasse essa resposta.

- Tudo bem. Posso perguntar o motivo?
- Não, não pode.
- Ou seja, em outras palavras, você não quer nos ajudar diz ela, com uma serenidade fingida.
- Entre *querer* e *poder* não tem diferença nenhuma. Minha resposta continua a mesma.

Suas narinas se dilatam ligeiramente enquanto se força a manter a calma. Ruby não consegue direito, e de certa forma ver isso me diverte. Tento ignorar o quanto ela é linda. Nunca tinha visto um rosto como o dela: o nariz arrebitado não combina com o gesto orgulhoso de sua boca; os olhos de gato não combinam com as sardas que cobrem o nariz; e nem a franja reta combina com seu rosto em formato de coração. Mas, para minha surpresa, tudo se encaixa com perfeição. E quanto mais olho para ela, mais linda ela fica.

Não consigo explicar o motivo de ter perdido tanto o controle ontem. Não é a primeira vez que alguém joga na minha cara que sou um babaca rico e mimado. E não foi a primeira vez que Ruby esfregou isso na minha cara. Não sei por que as palavras dela me afetaram tanto, mas despertaram alguma coisa em mim... e eu não gostei! Não me vejo desse jeito... e nem aos meus amigos. Nenhum deles tocou no assunto, contudo esperava que rissem disso, que zoassem comigo pelo jeito que reagi e, assim, fizessem pouco caso da situação. Só que o silêncio e os olhares expressivos dele deram ainda mais peso e importância às palavras de Ruby.

Suspiro para mim mesmo. Porra, queria aproveitar o último ano da escola, não me preocupar com nada e me divertir, só isso. O que eu ganhei

em troca, porém, foi ser afastado do lacrosse, ter que me reunir com esse grupo de bosta, que vive pra baixo, e ter que aguentar Ruby me dizendo que...

Ruby estala os dedos na frente dos meus olhos...

- Perdão digo, esfregando o rosto com as duas mãos. O que foi?
- Gente, dá pra viver sem ele diz Kieran, com raiva.
- Também consigo viver sem vocês, mas infelizmente vou ter que aturar esse grupo até o fim do trimestre respondo, lançando um olhar frio para ele.
 - James! exclama Ruby, com indignação na voz.
 - Que foi? Só estou sendo sincero.
 - Tem momentos na vida em que não cabe a sinceridade.

Minha resposta está na ponta da língua: *Olha só quem fala*. Mas me contenho. De certa forma, acho sexy ela falar comigo de um jeito tão severo. Provavelmente porque não comemoro nada com meu time há duas semanas e estou com muita energia acumulada. Tentando passar despercebido, pego o celular do bolso da calça e mando uma mensagem para o time.

Festa na minha casa hoje à noite.

— Vamos pegar as roupas na loja de aluguel de fantasia e pronto — sugere Lin. — Usando o Photoshop, a gente dá um jeito e faz parecer autêntico.

Kieran suspira.

- Que absurdo. James Beaufort está no comitê.
- Então se o James não quer ajudar, eu mesma vou falar com os Beaufort diz Ruby de repente.
 - Não vai, não repreendo, distraído, sem tirar os olhos do celular.

Alistair acabou de mandar mensagem sobre como os novos jogadores são ruins e como o treinador está ficando louco.

— Não é como se você pudesse me proibir, né?

Não quero que ela fale com os meus pais de jeito nenhum. Não quero que ela chegue perto deles. Isso é praticamente impossível, considerando que as doações deles financiam uma parte substancial da escola e que eles

participam de todas as festas. Porém, só de pensar em Ruby se aproximando do meu pai, sinto meu estômago revirar.

— Você quer mesmo que eu fale para o Lexington na reunião semanal o quão pouco você está envolvido no comitê?

Levanto o olhar devagar e encaro Ruby com os olhos semicerrados. Não dá para acreditar que ela esteja tentando me chantagear. Se eu não estivesse tão furioso, ficaria impressionado.

— Faz o que você quiser — respondo com um grunhido.

No tempo que resta, eu a ignoro e ninguém fala mais comigo. Furioso, desenho no caderno círculos e objetos pontiagudos, dos quais surgem monstrinhos com dentes afiados segurando tacos de lacrosse nas garras. Quando Ruby encerra a reunião, me levanto com tanta pressa que Camille, que está ao meu lado, leva um susto. Estou quase na porta quando Ruby aparece no meu caminho.

- Você pode ficar um minutinho?
- Estou com pressa respondo entredentes.

Tento passar por ela, dando um passo para o lado, mas ela acompanha o movimento.

— Por favor.

Seu tom de voz não está mais exasperado como alguns minutos atrás. Agora, parece cansada, como se estivesse com tanta vontade de sair da sala quanto eu. Talvez seja por isso que assinto e abro espaço para os outros irem embora. Mas talvez também seja por pensar no diretor Lexington e no fato de que quero evitar com todas as minhas forças ter que participar destas reuniões do comitê por mais tempo do que o necessário. Kieran é o último a sair, e antes de fechar a porta, me lança um olhar estranho. Se tivesse que apostar, diria que está com ciúme de mim. Interessante...

Ruby limpa a garganta. Apoia o quadril em uma das mesas e cruza os braços.

— Se você estiver bravo comigo, não desconta na equipe. Eles não podem fazer nada, e é uma pena você estar dificultando nosso trabalho.

Ao pensar no dia anterior, quase fico mal. Me lembro de cada uma das palavras que ela me disse. Mas não quero que saiba que fiquei chateado por causa disso, então lanço um olhar frio de volta para ela.

- Não estou bravo com você.
- Bom, não é como se estivesse passando uma impressão amigável.

Olho para ela com as sobrancelhas levantadas.

- A gente teve uma discussão idiota em uma aula, Ruby Bell. Um debate que em certo momento me pareceu cretino demais. O que você quer?
- Só queria me desculpar. Fui injusta com você, levei para o lado pessoal e sinto muito.

Tá, eu não estava esperando por isso. Preciso de um momento para encontrar as palavras adequadas.

— Você se acha importante demais se pensa que eu ainda estou pensando nisso.

Ela pisca várias vezes, claramente desconcertada por minha resposta mordaz.

- Quer saber? Esquece, era só isso.
- Você não precisa se desculpar comigo só porque quer algo de mim.
- Não estou pedindo desculpa porque quero te pedir um favor, James
 protesta ela —, e sim porque eu sinto muito de verdade. Ontem eu fui... fui cruel.

Ficamos nos encarando por um tempo, e tento discernir alguma intenção secreta em seu olhar. Mas não encontro nada. A expressão de Ruby é genuína e honesta. Avalio rapidamente minhas possibilidades. Poderia continuar ignorando-a e fingindo que não me importo com o que ela disse, mas aí corro o risco de ela realmente falar mal de mim para Lexington e meu tempo neste comitê se estender. Além disso, percebo que não é isso o que ela quer fazer. Brigar com Ruby Bell é extremamente cansativo. Acho que seria mais fácil se eu cedesse.

— Tá bom — digo, por fim.

De repente, o clima deixa de ficar carregado com a raiva dos minutos anteriores. Tenho a sensação de que posso voltar a respirar, e os ombros de Ruby parecem relaxar.

— Beleza — responde ela.

Por alguns segundos, ela parece indecisa, como se não soubesse o que fazer. Então, assente e volta para sua mesa. Pega a agenda, abre e risca alguma coisa. Imagino se me pedir desculpas era o primeiro tópico da lista de tarefas a fazer dela. Não seria surpresa.

Agora eu já poderia ir embora. Dissemos tudo o que queríamos um para o outro. Não entendo por que não me mexo; só fico observando enquanto

ela guarda suas coisas. Tudo parece ter um lugar naquela mochila horrorosa, e ver como coisa por coisa vai desaparecendo lá dentro — uma pasta, um caderno, marcadores, a garrafa de água e, por fim, a agenda — é estranhamente calmante, quase hipnótico.

— De quantas roupas você precisa para o cartaz? — pergunto de repente.

Ruby para no meio do gesto. Vira a cabeça para trás devagar a fim de me encarar.

— Duas — diz ela, com cautela. — Uma masculina, outra feminina.

Vejo que ela está tentando não criar esperanças em vão, e decido não fazer suspense com ela por muito tempo.

— Vou pedir para os meus pais — anuncio após alguns segundos.

Os olhos de Ruby se iluminam, e é evidente que ela está tentando muito não deixar transparecer.

— Sério mesmo?

Faço que sim.

— Tá feliz agora?

Ruby fecha a mochila e a coloca no ombro. Dá alguns passos na minha direção.

— Obrigada. Já ajuda bastante.

Encolho os ombros, e então saímos da sala de estudos juntos pela primeira vez desde que comecei a participar das reuniões do comitê de eventos.

— O planejamento está indo muito bem, né? Para o Dia das Bruxas.

Ela olha para mim com uma expressão de choque. Estou igualmente surpreso pela minha pergunta. Por que é que eu não vou embora logo?

- Ao que tudo indica, sim. Mas acho que não vou conseguir dormir tranquila até que a festa seja um sucesso.
 - Por que você liga tanto?

Ruby pensa por alguns minutos antes de responder.

— Quero mostrar que sou boa liderando a equipe. Que eu mereço esse cargo. Tive que lutar pra entrar na equipe, e depois tive que me esforçar ainda mais para não me deixar ser dominada pela Elaine. — Ela me lança um olhar de desculpas. — Sei que vocês são amigos, mas, sinceramente, ela não era uma boa líder. Não quero que todo o trabalho e o entusiasmo que eu investi no comitê, e continuo investindo, não dê em nada.

Murmuro algo, pensativo, e ela me lança um olhar interrogativo.

- Estou pensando se tem alguma coisa pela qual eu lutaria desse jeito.
- Pelo lacrosse? sugere ela.

Faço um gesto sem muita certeza.

— Talvez.

Descemos a escada, atravessamos a biblioteca e saímos, e pela primeira vez tenho consciência de que as atividades que me parecem tão absurdas e entediantes são componentes importantes da vida de outras pessoas.

— Aliás, que horas são? — pergunta Ruby de repente.

Olho em meu relógio de pulso.

— Quase quatro.

Ela xinga baixinho e sai correndo.

— Eu vou perder o ônibus!

A mochila verde pula em suas costas, e seu cabelo castanho esvoaça no ar enquanto corre em direção ao ponto.

Vou até o estacionamento onde o motorista me espera no nosso Rolls-Royce. De repente, pedir as roupas para os meus pais não me parece um fardo tão pesado assim.

Ruby

Meu celular vibra justamente quando estou sentada com meus pais e Ember na frente da televisão assistindo ao *The Voice Kids*. Pego o aparelho no bolso da minha calça. O botão para desbloquear fica preso por muito tempo, e tenho a sensação de que a cada dia tenho que pressioná-lo com um pouco mais de força. Quando o celular finalmente entende o que deve fazer, fico em choque.

Recebi uma mensagem de um número desconhecido.

Consegui as roupas para o cartaz. Elas podem ser retiradas amanhã de manhã em Londres. J.

- Não dá pra acreditar que essa menina tem só oito anos. A voz espantada de nossa mãe ressoa em meu ouvido.
 - Como é que nenhuma de vocês sabe cantar? pergunta nosso pai.
- Eu teria levado vocês em um programa desses.
 - Nós temos talentos em outras áreas, pai responde Ember.
 - Ah, é? O que você sabe fazer?

Um som abafado me faz olhar para cima. Ember acabou de jogar uma almofada do sofá no nosso pai. Ele dá uma gargalhada.

- Meu blog tem mais de quinhentos seguidores, pai. Eu sei costurar e consigo mostrar para as pessoas que dá pra usar o que quiser tendo um corpo como o meu. Já é alguma coisa, não?
 - Já são mais de quinhentos? pergunto, admirada.

Minha irmã assente de maneira breve. Desde que brigamos, não andamos conversando muito. Ember ainda está bastante irritada porque me recusei a convidá-la para a próxima festa de Maxton Hall, e por isso passou despercebido por mim que ela conseguiu alcançar essa conquista.

— Que incrível. Meus parabéns — digo.

Não entendo por que minhas palavras soam forçadas, porque digo de coração. Ember está há mais de um ano trabalhando no *Bellbird*. Se esforça muito e ama tanto o blog que merece ter sucesso com ele.

— Obrigada.

Ember baixa o olhar para o controle remoto e começa a mexer nele.

— Você acha que a Ember poderia aparecer lá com a máquina de costura e participar da competição? — pergunta nosso pai de repente. — Ou talvez pudesse dar uma palestra. Seria ótimo se você pudesse explicar para essas pessoas o que nos ensinou, incluindo a comparação com Voldemort pra todo mundo conseguir entender.

Ember solta uma risada alta.

- Acho que não vai funcionar, pai. É uma competição de música.
- Ah. Verdade. Esse é um ótimo argumento. E que tal o *Britain's Got Talent*? É um show de talentos, e se o que você sabe fazer não se encaixar lá, onde é que encaixa?! Se precisar, a gente convida os seus quinhentos seguidores pra ter público. E aí vamos torcer por você todos juntos.
- Com certeza! concordo. Se inscreve em um desses programas com os seus croquis. Faço algumas etiquetas coloridas e distribuo entre os

seus seguidores.

Minha irmã faz uma careta. Mostro a língua para ela. Seus olhos começam a brilhar e um sorriso comedido toma forma em seus lábios. Neste momento, tenho a sensação de que tudo vai ficar bem. Fizemos as pazes sem falar nada, como sempre. Sinto como se um peso tivesse sido tirado de cima dos meus ombros.

Meu pai diz mais alguma coisa, porém bem nessa hora minha atenção se desvia para o celular, onde uma nova mensagem aparece. Vou responder, mas apago imediatamente o que escrevi. Não consigo raciocinar. A ideia de viajar para Londres com James e passar um dia com ele, além das fronteiras normalmente estabelecidas por Maxton Hall, me parece estranha. Estranha, mas também... emocionante, se pensar melhor. Volto a digitar algumas palavras.

De repente, uma almofada bate no meu rosto.

- Ei! exclamo.
- A gente ainda não terminou a discussão, Ruby. Meu pai gesticula, falando em um tom sério. Participa.
- Não, pai, eu não sei cantar, e não, eu não vou participar de um show de talentos só pra você poder rir da minha cara.
- Humm diz, olhando para mim de um jeito pensativo enquanto minha mãe solta um som satisfeito:
 - Uma menina tão pequena com uma voz tão maravilhosa!
- Tem outros jeitos de ganhar competições como essas. Se o lance da máquina de costura não funcionar, a gente também pode aprender a fazer malabarismo.
- Se você quiser participar de um show de talentos de qualquer forma, deveria ir por sua conta e risco murmuro em um tom seco.
- Querem saber? Talvez eu faça isso responde nosso pai, com uma falsa teimosia.
- E... em que categoria? pergunta nossa mãe, distraída, sem tirar os olhos da TV.
 - O que acha de...?

Danny Jones, um dos jurados, aperta o botão, e sua cadeira começa a girar. Minha mãe dá gritinhos de alegria, e meu pai ergue os braços, eufórico.

Ember e eu nos entreolhamos e começamos a rir ao mesmo tempo.

— A gente tem alguma coisa planejada pra amanhã? — pergunto depois que a menininha já saiu do palco e o clima se acalmou um pouco.

Meu pai balança a cabeça.

- Não, por quê?
- Estamos planejando a festa de Dia das Bruxas e precisamos de figurino. Um colega da escola conseguiu umas roupas pra gente e me perguntou se podemos buscar em Londres amanhã.
- É uma viagem de duas horas. Seu colega vai dirigindo ou vocês vão de trem? quer saber minha mãe.

Ergo o dedo para indicar que espere um momento. Então, digito a resposta.

Tudo bem. Como vamos pra Londres? R. B.

Espero que ele entenda que minhas iniciais são uma piada.

Meu motorista vai te buscar umas 10h. Pode ser? J. M. B.

Bufo e logo percebo o olhar curioso de Ember. Por um momento, estou prestes a pesquisar o nome de James no Google só para tentar descobrir o que esse M significa, mas me detenho. Isso também seria ultrapassar os limites. Não quero saber tudo o que há sobre ele na internet. Na escola, já correm centenas de boatos. Tenho fofocas sobre James Beaufort o suficiente para o resto da vida.

- Pelo visto, meu colega da escola tem motorista respondo mais tarde.
- Motorista? pergunta Ember com incredulidade. Ah, deve ser um daqueles riquinhos.
 - A família dele é dona da Beaufort.
- Você vai pra Londres com o filho dos Beaufort? pergunta meu pai, inquisitivo, em um tom que mistura surpresa e desconfiança.

Assinto devagar.

— Vou. A gente pode pegar as roupas no acervo deles.

Meu pai franze o cenho.

— E vão viajar... só vocês dois?

- Já chega, Angus se intromete minha mãe. Deixa a Ruby em paz.
 - Que foi? Se ela tem um encontro com um garoto, eu quero saber. Sinto meu rosto esquentar.
- Eu não tenho um encontro com um garoto, pai. É uma coisa da escola.

Ele solta um grunhido. Ember, por sua vez, fica me encarando de olhos arregalados.

- Incrível. Ela se recosta no sofá e cruza os braços. Isso é... Minha nossa. Você não faz ideia de como tem sorte, Ruby.
- Vou tirar fotos pra você respondo, embora o olhar de Ember esteja grudado na televisão. Posso ir, então? pergunto, me voltando para minha mãe; ela parece ser a única pessoa sensata desta casa.
- Claro que pode responde, lançando um olhar de advertência para meu pai quando ele volta a abrir a boca. Você já tem idade o suficiente pra decidir com quem, quando e onde vai.

Por algum motivo, suas palavras fazem minhas bochechas corarem ainda mais. Sem prestar muita atenção, digito uma resposta:

Beleza. Aliás, em vez de champanhe, eu prefiro Ben & Jerry's. R. J. B. P.S.: Se você colocar mais uma inicial, eu vou ficar doida.

Hesito por um momento e me pergunto se posso mesmo enviar uma mensagem desse tipo. James e eu não somos o tipo de gente que faz piadinha enquanto conversa. Ou somos?

Até amanhã, Ruby.

Não, não somos esse tipo de gente.

Ruby

Na manhã seguinte, estou prestes a ficar louca, porque não faço ideia de que roupa usar para ir à Beaufort. Não sei se existe um código de vestimenta, e, se tiver, o quão elegante devo me vestir. Além disso, não sei se James vai de terno. Nunca nos vimos fora da escola, o que quer dizer que só nos vimos de uniforme.

Por fim, decido que vou com uma saia preta, meias até acima do joelho e um suéter de tricô ocre com gola branca e um laço preto. Coloco também sapatos Oxford pretos que comprei há alguns meses numa lojinha de segunda mão de Gormsey.

Quando se trata de moda, não me arrisco tanto quanto Ember, nem de longe. Prefiro comprar roupas com as quais me sinto bem e que sei que vou poder usar por muito tempo. Apesar disso, gosto de estar bem arrumada e de tirar um tempo para me ajeitar; provavelmente por causa do meu fraco por organização, é claro.

Quando termino de me vestir, vou cautelosamente para o quarto da minha irmã. Ela já está acordada, sentada à mesinha perto da janela, quando enfio a cabeça pela fresta da porta.

- Que foi? pergunta sem se virar para mim.
- Como estou?

Ela se vira com a cadeira em minha direção, e abro a porta toda para poder me olhar.

- Muito bonita confirma, depois de me analisar da cabeça aos pés.
- Mesmo? pergunto, girando em meu próprio eixo.

Quando olho para Ember, ela semicerra os olhos.

— Não é um encontro, né? — diz em tom brincalhão.

Reviro os olhos.

— Ember, eu não suporto esse tipo de cara.

— Já deixou claro — responde, se colocando de pé.

Vai até seu guarda-roupa, um espaço pequeno embutido na parede, e abre a porta. Então, se inclina para a frente, quase desaparecendo lá dentro, e começa a procurar alguma coisa. Me aproximo dela e olho por cima do seu ombro para ver o que está fazendo. Meio minuto depois, ela sai lá de dentro e me entrega uma bolsinha de cor vinho.

- Minha bolsa!
- Nem vem com essa cara de brava. Você vive pra lá e pra cá com aquela mochila. Ela aponta para minha roupa. A bolsa combina muito bem com a sua roupa.
- Na verdade, vou ter que cobrar juros depois de ter ficado com você por tanto tempo.

Sacudo a fina camada de poeira que se formou sobre a imitação do couro. Comprei a bolsa no brechó do centro da cidade. Usei com orgulho por algumas semanas até a nossa vizinha, a srta. Felton, me ver na padaria da minha mãe e se gabar em voz alta de que a bolsa tinha sido sua cinquenta anos antes. Depois disso, emprestei para Ember e, a princípio, ela não quis me devolver. Agora que estou com ela em mãos, fico feliz por tê-la de volta.

— Não vou pagar juros sobre algo que você nem sabia que estava comigo — retruca Ember.

O som da campainha de casa me faz congelar. Dou uma olhada no relógio. Quinze para as dez.

- Ele chegou mais cedo reclamo, correndo para o meu quarto a fim de trocar meu celular de uma bolsa para outra.
 - Ruby! A voz de minha mãe ressoa.

Enquanto desço as escadas, me obrigo a manter a calma. Não há o menor motivo para ficar nervosa. Não é nada mais do que uma viagem escolar. Lin e eu fizemos coisas semelhantes juntas centenas de vezes, e com James não vai ser diferente.

Respiro fundo e desço os últimos degraus. Minha mãe já abriu a porta e, quando chego no corredor, está conversando com um homem. Fico de queixo caído.

Primeiro: James não mentiu. É verdade que ele tem motorista. E não só isso, ele usa uniforme, quepe e essa parafernália toda. Segundo: o motorista parece o Antonio Banderas. Sua pele é de um tom marrom, os

olhos são castanho-escuros, e a boca é muito expressiva, quase sensual. Ele deve estar na casa dos quarenta anos e é bastante atraente. Considerando o rubor das bochechas de minha mãe, ela compartilha da mesma opinião.

- Bom dia, senhorita diz o Zorro versão motorista, erguendo o quepe para me cumprimentar.
 - Bom dia...
- Percy completa minha mãe, me dando uma mãozinha enquanto me olha, resplandecente.
- Percy concluo com um sorriso, e então pego a parca no armário.
 Bom, mãe. Até mais tarde.
 - Se divirta, querida. E tira umas fotos para a gente.

Minha mãe me dá um beijo na bochecha, e saio para me juntar a Percy. Um segundo depois, em um passe de mágica, ele estende um guardachuva preto enorme em cima da minha cabeça.

- Obrigada digo.
- É um prazer, senhorita. O carro está ali na frente.

Sigo o movimento de sua mão e o choque quase me faz parar de andar. Na rua, em frente à nossa casa, um Rolls-Royce está me esperando. É preto brilhante e enorme, uma espécie de corpo estranho entre os demais carros estacionados na beira da rua, e isso até para mim, que já estou acostumada a ver limusines e carros caros.

Percy abre uma das portas de trás e estende o guarda-chuva para me proteger até eu entrar no carro. Agradeço novamente, e ele responde com um aceno de cabeça antes de fechar a porta com cuidado atrás de mim. Nem meio minuto se passa antes de o carro dar partida.

Nervosa, aliso a saia e verifico se está tudo em ordem depois de me sentar.

Em seguida, olho para James.

Ele está sentado no banco ao lado com uma expressão enigmática no rosto. Como se nem ele mesmo soubesse o que pensar sobre o fato de eu ter entrado em seu carro.

Está usando um terno cinza-escuro, com uma camisa branca e uma gravata de seda escura. Em uma das mãos, está com um copo, que espero do fundo do meu coração que esteja cheio de suco de maçã, e minha atenção é desviada para uma marca que nunca havia visto em sua mão

esquerda. Ele tem gravado em si um brasão, provavelmente o de sua família.

Quanto mais olho para ele, mais inapropriada pareço com minha combinação de roupas *vintage*. Ao contrário de mim, tudo em James exala dinheiro, do topo da cabeça ao bico do sapato brilhante. Tento não ficar impressionada com tudo isso, porque, afinal, já sabia onde eu estava me metendo.

Ao olhar para ele com mais atenção, consigo ver o quanto ele parece cansado. Os olhos azul-turquesa estão avermelhados, e dá para ver bolsinhas debaixo de seus olhos.

— Bom dia — diz com a voz rouca.

Talvez ele tenha acabado de acordar. Ou tenha passado a noite em uma festa e não dormiu.

— Bom dia. Valeu por ter ido me buscar.

Em vez de responder, ele me analisa da mesma forma que fiz com ele antes, e enquanto isso dou uma olhada no carro. Os bancos são de couro; na frente de James, há um bar com copos e uma gaveta com o que presumo ser um tipo de frigobar. Separando a parte de trás, onde estamos, e o banco do motorista, há uma tela escura.

Quando o silêncio começa a ficar constrangedor, aponto com o queixo para Percy e digo:

- Seu motorista podia ser uma estrela de Hollywood. Nunca tinha visto um quarentão tão bonito.
- Fico lisonjeado, senhorita. Tenho 52 anos ressoa a voz de Percy através de um alto-falante no teto.

Olho para James boquiaberta. Um sorriso se abre de orelha a orelha no rosto dele. Um calor escaldante se espalha pelas minhas bochechas.

— Quando for falar essas coisas, é melhor desligar o interfone, Ruby Bell. — Observo James apontar com a cabeça para cima.

Sigo seu olhar e vejo uma lâmpada bem pequena com uma luz vermelha acesa.

- Ah.
- Já vou desligar, senhor diz Percy, e um segundo depois a luz se apaga.

Enterro meu rosto nas duas mãos e balanço a cabeça.

- Nos filmes, só levantam uma a tela de separação. Como eu ia saber que também precisava apertar um botão?
- Relaxa. Eu não faço muitos elogios desse tipo para o Percy. Tenho certeza de que ele ficou feliz.

Balanço a cabeça.

- Acho melhor eu dar o fora.
- Tarde demais. Nas próximas duas horas, você vai ficar presa aqui comigo. Ouço um leve tilintar. Pega, pra você.

Tiro as mãos do rosto devagar. James me entrega um copinho azul.

- Não me diga que você trouxe mesmo sorvete respondo, incrédula.
- A gente tinha uns em casa responde, como se não fosse nada. Se você não quiser, eu pego pra mim.

Sem dizer uma palavra, pego o pote da mão dele. James volta a se inclinar em direção à geladeira e, pouco depois, está com seu próprio potinho de Ben & Jerry's. Observo com interesse enquanto ele arranca o plástico e tira a tampa. Vê-lo com esse terno e um sorvete em mãos parece tão irreal que, por um momento, me pergunto se estou mesmo acordada ou se ainda estou dormindo.

O pote de sorvete sua em minha mão, e uma gota gelada cai na minha saia. Procuro um guardanapo.

— Ali na frente, à direita — diz James, apontando para o bar.

Estendo a mão, pego um guardanapo cor de casca de ovo da pilha e estendo sobre a saia. Depois, tiro a tampa do potinho e provo a primeira colherada. Fecho os olhos, satisfeita.

- Humm. Massa de cookie.
- Tentei adivinhar qual era o seu sabor favorito diz James. Acertei?
- Aham. Massa de cookie é o melhor respondo, decidida. Mas depois acrescento: Se bem que... o novo de caramelo salgado também está uma delícia. Já experimentou?

James balança a cabeça em negação. Por alguns minutos, ficamos em silêncio. Até que ele diz:

— Esse é o melhor café da manhã pra passar a ressaca que eu tomo em muito tempo.

Então teve uma festa ontem.

— Noite longa?

Me arrependo de perguntar na mesma hora. Ele esboça um sorriso enigmático enquanto toma o sorvete.

- Dá pra dizer que sim.
- Então essa parte dos rumores sobre o abominável James Beaufort está certa.
- Boatos sobre o abominável James Beaufort? pergunta ele, com ar de graça.

Levanto uma sobrancelha.

- Ah, qual é.
- Não faço a menor ideia do que você está falando.
- Como se você não soubesse que rolam um monte de boatos sobre você e o seu grupinho.
 - Por exemplo?
- Que você come caviar de manhã, que toma banho de champanhe, que já destruiu um colchão inflável transando... coisas assim.

Ele para com a colher no caminho até seus lábios. Um segundo se passa, e depois outro. Por fim, enfia a colher na boca e toma o sorvete devagar, como se estivesse pensando intensamente. Parece que está acordando aos poucos. O véu turvo desapareceu de seus olhos.

- Tá, então vamos acabar com esses rumores começa a dizer. Não gosto de caviar. Acho a ideia de comer ovas de peixe simplesmente nojenta. Quando tomo café da manhã, bebo uma vitamina, geralmente com um ovo pochê ou cereal de aveia com frutas.
 - Na vitamina? Faço uma careta de nojo.
 - Não na vitamina. Além da vitamina.
 - Ah, saquei.

Ele volta a pensar por uns segundos.

- O lance do champanhe também não é verdade. Bom, pelo menos não totalmente. Uma vez, deixei uma garrafa caríssima de champanhe dos pais do Wren cair na piscina, e depois fui nadar. Mas não foi de propósito.
 - Os pais do Wren com certeza te adoram.
- Você nem imagina... Ele sorri, satisfeito, e coloca a colher de volta no sorvete.
 - E... o que aconteceu com o colchão inflável? pergunto, curiosa. James para e olha para mim com os olhos brilhando.

- Está interessada nisso, hein?
- Pra ser sincera, sim admito, sem desviar o olhar. Quer dizer, em relação ao colchão inflável... não deviam estourar tão fácil, né? Ouvi dizer que são muito estáveis.
 - Não foi um colchão inflável, foi um normal.

Engulo em seco. Há alguma coisa nos olhos de James que nunca tinha visto. Algo sombrio, denso, que me dá um frio na barriga.

— Que chatice — digo com a voz rouca, mas dá para ver que estou mentindo.

Não quero imaginar James transando. Definitivamente não.

Para o meu azar, fico me perguntando o que ele deve ter feito para destruir a cama. E como ele estava naquela hora. Já vi de relance e sei que o corpo dele é de tirar o fôlego. E o observei muitas vezes, então sei que é bastante ágil quando está praticando esportes. Tenho certeza de que ele sabe o que está fazendo.

Agora, fico grata por estar com o sorvete na mão. O que eu mais queria era enfiar a cara no pote para tirar a cabeça das nuvens.

— Na maioria das vezes, boatos não contam o que aconteceu de verdade, ou pelo menos não tudo.

Seu sorriso complacente me faz temer que ele saiba nos mínimos detalhes o que acabei de pensar. Portanto, decido que chegou a hora de deixar o assunto do *colchão inflável* para lá.

— Então fico feliz por não ter boatos sobre mim.

James coloca o sorvete de volta na geladeira e a colher no balcão. Em seguida, se inclina no encosto do banco e olha para mim, pensativo.

- Depois do que aconteceu com a Lydia, andei perguntando sobre você.
- Não sei se eu quero saber o que as pessoas dizem sobre mim admito, baixinho.
- A maioria das pessoas não te conhecia. E, quando falaram de você, não disseram nada ruim.
 - Mesmo? digo, soltando um suspiro aliviado.

James assente.

— Esse também é o motivo de eu ter desconfiado tanto de você. Alguém com uma reputação tão boa só podia estar escondendo alguma coisa.

- Eu não escondo nada digo, com uma careta.
- Claro que não. Ele me lança um olhar divertido e se vira para a frente. Qual é, Ruby. Me conta alguma coisa que ninguém da nossa escola saiba.

Balanço a cabeça sem pensar. Não. De jeito nenhum vou participar desse jogo.

— Me fala alguma coisa sobre você que ninguém mais saiba.

Espero que ele proteste, mas em vez disso parece pensar na pergunta.

— Se eu não entrar em Oxford, meu pai vai me matar.

Ele fala de maneira relaxada, como se já tivesse aceitado o fato há algum tempo. Mas seus olhos me dizem outra verdade.

- Por ele também ter estudado lá? pergunto com cautela.
- Meus pais estudaram em Oxford, os dois. E os pais deles também.

A verdade é que sempre invejei James e seus amigos porque, só pela ancestralidade deles, já têm de antemão mais chances de serem admitidos em uma universidade de prestígio, como Oxford. Mas agora percebo que há um outro lado da moeda. Um que está ligado a uma pressão extremamente alta e que me faz entender um pouco melhor a reação violenta de James no grupo de preparação para a faculdade. Minhas palavras devem tê-lo magoado muito.

— Sempre quis ir pra Oxford. Desde que me entendo por gente — começo a dizer depois de um tempo.

De repente, tenho a sensação de que não tem problema confiar essa parte de mim a ele. Afinal, ele acabou de fazer isso e me ajudou a entendê-lo um pouquinho melhor. Desde que nos falamos pela primeira vez, não fizemos nada além de brigar. Não vai fazer mal para ninguém se tentarmos nos livrar de pelo menos uma parte dos preconceitos que temos um com o outro.

— Meus pais sempre me incentivaram, mesmo quando tinham certeza de que provavelmente não passaria de um sonho.

"Embora minhas notas sempre tenham sido boas, isso por si só não faz ninguém passar em Oxford. Mas aí ouviram falar das bolsas de estudos que são concedidas todos os anos a alguns alunos para estudar em Maxton Hall e se inscreveram pra conseguirem uma pra mim. A gente não achava que fosse funcionar, mas devo ter feito alguma coisa certa nas entrevistas

individuais. Desde então, a ideia não parece tão maluca, e decidi que quero fazer tudo o que está ao meu alcance pra estudar em Oxford.

"Quero deixar meus pais orgulhosos. E a mim mesma também."

James fica em silêncio por um momento. Ele olha para mim com tanta intensidade naqueles olhos azuis que um arrepio percorre minha coluna.

- Faz quanto tempo que você está na escola?
- Dois anos.

Ele grunhe.

— Por quê? — Quero saber o motivo do resmungo.

James encolhe os ombros, hesitante.

— Fico pensando como é possível eu não ter te notado antes.

Meu coração pula uma batida. E, ao mesmo tempo, dou os parabéns para mim mesma — pelo visto, minha regra autoimposta de passar despercebida funcionou muito bem.

— Eu tenho o dom de me mover como uma sombra pelos corredores e me fundir com as paredes.

O canto de sua boca se ergue ligeiramente.

- Parece até que você é o fantasma de Maxton Hall. Ou um camaleão. Mas voltando ao assunto: é a sua vez.
 - De quê? Olho para ele, perplexa.
 - Me fala algo sobre você que ninguém mais sabe.
 - Mas eu acabei de fazer isso!

Ele balança a cabeça.

— Isso não vale. Você só reagiu a alguma coisa que eu te disse.

Inspiro fundo e expiro devagar enquanto penso no que revelar a ele. O fato de ele estar olhando fixamente para mim não facilita em nada a tarefa. Muito pelo contrário. Balanço a cabeça, conformada.

- Não tenho nada pra contar.
- Eu não acredito. Ele se reclina outra vez, os braços cruzados sobre o peito. Qual é, não é possível que você só estude.

Sim, penso, *pior que é possível*. Mas, por sorte, outra ideia surge na minha mente no mesmo instante.

— Eu leio mangá.

James me encara como se não tivesse ouvido direito. Então, sorri.

— Já é alguma coisa. Não chamaria isso de segredo, mas... tá bom. Qual é o seu favorito?

Pisco, surpresa. Não esperava que ele fosse me perguntar.

- *Death Note* respondo depois de um tempinho.
- Você me recomendaria?

Não faço ideia de como passamos de *James destruindo camas enquanto transa* para *os mangás favoritos de Ruby*. Sério, não faço a menor ideia. Mas assinto devagar.

— Na minha opinião, qualquer um que não conhece *Death Note* está perdendo uma parte importante de sua formação como indivíduo.

James parece impressionado.

— Que horror.

Os cantos de meus lábios se levantam sem eu nem pensar. Não consigo segurar o sorriso. James Beaufort me fez sorrir.

Quando percebo, me viro de repente e começo a olhar pela janela, mas tenho quase certeza de que ele reparou. Há um brilho claramente triunfante em seus olhos.

Me pergunto o porquê.

Ruby

BEAUFORT.

O sobrenome de James brilha nas letras imponentes da fachada da sede da empresa. Enquanto ele sai do carro e se dirige à entrada a passos firmes, fico parada e encaro, com os olhos arregalados, primeiro o nome, depois o prédio enorme e moderno onde — como James me explicou no caminho —, na parte inferior, há a maior filial da Beaufort na Inglaterra, e na parte superior, os escritórios dos departamentos, como design, distribuição, atendimento ao cliente e, principalmente, o ateliê de costura, é claro. Os vidros das janelas cobrem os seis andares do edifício; atrás deles, há alguns manequins usando roupas daquele estilo clássico que tornou a marca famosa.

— Você vem? — pergunta James, da porta da frente.

Passamos o resto da viagem conversando. Não muito, porém mais do que eu havia imaginado. A sensação de estar mesmo em um sonho insiste em permanecer.

Estou em Londres. Com James Beaufort. Não dá para acreditar.

— Ruby! — chama James, apontando para o relógio, a sobrancelha levantada.

Isso me tira do transe. Saio a passos apressados para me juntar a ele. James segura a porta aberta para mim, e entro hesitante na loja. Então, observo ao redor.

É, sem dúvidas, maior do que a unidade em que fui com meus pais. A área de vendas, com o pé direito alto, paredes brancas e piso de madeira bem cuidado, é aconchegante e espaçosa, por mais que a mobília seja em sua maioria preta. Na parede de trás, há prateleiras que vão até o teto, sobre as quais repousam incontáveis camisas. Acima das prateleiras, há uma barra de latão na extremidade esquerda, onde repousa uma escada. Logo atrás da área de entrada, há uma grande mesa redonda, e no centro dela há uma

estátua de um cervo e, ao redor dela, pequenas pilhas de calças cuidadosamente dobradas. Acima da mesa, há um lustre cuja luz suave dá um toque acolhedor ao ambiente. No ar, consigo sentir um aroma diferente, herbáceo mas não intenso, uma mescla dos cheiros naturais do tecido com uma fragrância que possivelmente vem de algum aromatizador.

James empurra meu braço de leve. Ergo o olhar para ele, que acena com a cabeça em direção ao fundo da loja. O sigo devagar. À nossa direita, há mais paredes com prateleiras. No centro, foi deixado um espaço livre, onde há imagens penduradas de homens com roupas diferentes, iluminadas de lado por duas luminárias de latão. Logo abaixo, há um sofá de veludo verde-escuro com almofadas quadradas, um futon coberto de couro, assim como uma mesa de vidro onde há alguns copos de cristal e uma jarra com água.

Vejo por todas as partes ao nosso redor tweed espesso, sedas nobres, peles elegantes de animais... Os tecidos com os quais a Beaufort trabalha são os melhores. A empresa entrega a qualidade que promete. Não tenho dúvidas de que estou em uma loja onde aristocratas e políticos vêm e vão, portanto, mesmo sem querer, me sinto meio deslocada.

Talvez seja também porque só há homens aqui. Fazendo compras, sentados em banquinhos diante de espelhos enormes, tendo os pés medidos... isso além do homem que está comigo.

De repente, um deles se levanta do chão. Diz algo ao cliente para quem estava marcando a barra da calça e então seu olhar se concentra em nós. Quando reconhece James, fica tenso.

- Sr. Beaufort! Com o rosto pálido feito giz, consulta o relógio de pulso.
 - Relaxa, Tristan, nós temos tempo diz James para ele.

Não reconheço em nada esse tom de voz. Fala como se fosse outra pessoa. Alto e com autoridade. Quando olho para ele de soslaio, fico impressionada com sua postura ereta. Embora ele tenha enfiado as mãos nos bolsos da calça de maneira descontraída, dá para ver que ele é alguém nesta loja. Fico me perguntando como ele faz isso. Parece que, por onde passa, esses lugares se tornam parte de seu reino. A escola, o campo de lacrosse, esta loja. Acontece a mesma coisa quando vai a uma sorveteria? Talvez eu devesse reparar caso surja a oportunidade.

Tristan sinaliza para chamar outro alfaiate e lhe entrega a fita métrica. Um segundo depois, se aproxima correndo e estende a mão para James.

- Desculpe por não ter saído para te receber.
- Tudo bem, Tristan responde James. Pode tirar um tempo pra nos atender ou está muito ocupado?

O alfaiate olha para ele ofendido.

— Claro que tenho tempo para o senhor.

James se vira para mim.

— Ruby, esse é o Tristan MacIntrye, o primeiro alfaiate da Beaufort. E Tristan, essa é a Ruby Bell. Ela é a presidente do comitê de eventos de Maxton Hall.

Olho para James com curiosidade. Fico surpresa por ter me apresentado desse jeito. Poderia ter simplesmente dito que nós estudamos juntos. Ou não ter dito nada além do meu nome.

Tristan ajeita o paletó e, ao olhar para mim, fica um pouco mais relaxado. Um sorriso astuto se abre em seu rosto.

— O sr. Beaufort não costuma trazer colegas de escola para cá, então é um prazer extraordinário te conhecer, srta. Ruby Bell.

Também sorrio e estendo a mão para ele. Ele a pega e, em vez de sacudir, como eu havia pensado, a vira de leve e insinua que vai beijar as costas dela. De repente, sinto que preciso dobrar o joelho para me curvar. Por sorte, me recupero a tempo e digo:

- O prazer é meu, sr. MacIntrye.
- Pode me chamar de Tristan.
- Só se me chamar de Ruby.

O sorriso dele se alarga e, com um olhar significativo, se vira para James.

— Pedimos que trouxessem algumas roupas da coleção particular. Estão lá em cima, no ateliê. Vou pedir para vocês me seguirem, por favor.

Ele dá meia-volta e nos conduz através da loja até a parte de trás, em direção a uma porta de madeira escura pela qual passamos para chegar a uma escada.

— Espero que gostem das roupas que selecionamos — diz Tristan enquanto subimos. — Foram desenhadas por seu tataravô, sr. Beaufort.

Olho para James, surpresa, mas seu rosto não demonstra qualquer emoção ao dizer:

- Tenho certeza de que vão servir para a ocasião.
- O tataravô que fundou a Beaufort? pergunto, curiosa.

Tristan assente.

— Exatamente, junto com a esposa dele, no ano de 1857. Sabia que a Beaufort era originalmente uma casa de moda tanto masculina quanto feminina? Somente no início do século xx é que decidiram focar em uma especialidade.

Fiquei sabendo disso quando Lin propôs pedir os trajes para James. Retruquei, dizendo que não resolveria nada, porque não teriam roupas femininas, e ela me contou sobre os primórdios da grife Beaufort, me mostrando imagens dos vestidos exuberantes que eram vendidos pela marca.

- Sabia, sim digo após alguns segundos. Mas não sei por quê.
- Nossa situação financeira não estava boa responde James. Meu bisavô tomou algumas decisões incorretas e estávamos à beira da falência. A única solução foi focar em algo.
- Depois disso, a Beaufort se tornou a marca que é agora explica Tristan, como se ele mesmo estivesse presente na hora. Ninguém faz ternos como os nossos. Nesta empresa, você consegue tudo o que quiser, desde roupas para o dia a dia até trajes de gala. Em relação à qualidade, o acabamento não se compara a outros produtos disponíveis no mercado, sem contar que personalizamos todas as peças com as iniciais do cliente. Sr. Beaufort, mostre as suas.

Paro e me viro para James, que está um degrau abaixo do meu. Agora, nossos olhos estão na mesma altura. Meu olhar se fixa no dele por segundos demais, e não consigo definir sua expressão. Depressa, baixo a cabeça e olho para o bolso do peito do terno cinza-escuro, onde estão bordadas as iniciais JMB.

— Desde ontem, fiquei me perguntando o que significa esse M — confesso.

Olho para cima outra vez e de repente estou tão próxima dele que até consigo distinguir detalhes de seu rosto que não tinha notado antes. Por exemplo, que, em comparação à cor do cabelo, seus cílios são surpreendentemente escuros. Ou que tem sardas claras salpicando suas bochechas.

- Mortimer responde, a voz baixa.
- Como o seu pai?

Ele faz que sim e olha para Tristan. Um gesto claro de que não quer se aprofundar no assunto.

À medida que continuamos subindo a escada, Tristan me fala sobre os tecidos especiais com que os alfaiates da Beaufort trabalham e quantas abotoaduras há para escolher.

Até agora, um terno, para mim, era só... um terno. Nunca notei muita diferença entre um e outro, nem imaginava quantidade de decisões que precisam ser tomadas para desenhar um. Ou de quantas maneiras podem ser feitos.

— Nós medimos cada peça, não deixamos nada ao acaso — continua Tristan quando saímos da escada e entramos no corredor iluminado. — Este sempre foi o princípio da Beaufort. Trabalhamos com o máximo de cuidado e oferecemos a melhor qualidade. Por isso vestimos até a família real.

Ele para em frente a uma fotografia pendurada na parede. Chego um pouco mais perto, e meu queixo cai. Essa é a foto do herdeiro da Coroa.

— Não me diga que vocês vestiram ele — digo, admirada.

James não responde, mas Tristan sorri, orgulhoso.

— Não só ele.

Continuamos avançando pelo corredor, em cujas paredes pendem, do começo ao fim, retratos de pessoas ilustres, políticos e membros da aristocracia, todos usando roupas da Beaufort. Vejo Pierce Brosnan, os Beatles e até uma foto do primeiro-ministro. Além de uma série de homens cujos rostos não me remetem a nada, mas que posam para as fotos transmitindo o quanto são ricos e poderosos.

- Você conheceu essa gente toda? pergunto, me virando para James. Ele faz um gesto de indiferença.
- Algumas pessoas.
- Que legal sussurro, e quase fico triste quando Tristan abre uma porta no fim do corredor e nos guia em direção ao ateliê.

Contemplo com curiosidade tudo ao meu redor: o espaço é amplo e lembra um armazém industrial enorme e iluminado. Embora seja sábado, umas cinquenta pessoas estão trabalhando entre os manequins e as mesas cheias de tecidos.

— Venham, as roupas estão aqui atrás.

Tristan vai na frente e atravessa a sala conosco no encalço. Ao passarmos, os funcionários cumprimentam James de maneira educada, mas rígida. Quando olho por cima do ombro, eles juntam as cabeças e cochicham. Observo James com o cenho franzido. Ele colocou uma máscara de arrogância casual, a mesma expressão que vi nele na escola. Me

pergunto o que deve estar passando por sua cabeça. Eu diria que ele não gosta do fato de as pessoas aqui parecerem ter medo dele.

De repente, percebo que quero saber mais sobre ele. Mais sobre James, a Beaufort e o que acontece nos bastidores dessa família rica.

Tristan me tira dos meus pensamentos ao parar de repente.

— Voilà — diz, apontando para um manequim que...

Perco o fôlego.

O manequim está usando um vestido vitoriano. É de seda verde, de duas peças, com mangas curtas e babados pretos. A parte de cima é justa, o decote com um formato discreto de coração e decorado por cristais pretos. A saia é pomposa e, por causa da anágua, fica ainda maior e mais pesada. O tecido verde disposto em pregas se alterna com tiras de renda e vai até o chão. É, de longe, a peça de roupa mais bonita que já vi na vida.

Não sei como levá-la para casa ou para a escola. Nem sequer me atrevo a tocá-la por medo de sujar.

Atrás dela, há outro manequim usando um terno masculino composto por paletó, colete, camisa e calça. O paletó é ligeiramente ajustado na cintura e parece ser de um tecido de lã macio. O colete preto tem vários bolsos e termina com uma ponta na parte de baixo. Na gola pequena da camisa branca, há uma gravata preta que parece mais larga e de um formato diferente das gravatas que conheço.

— Antigamente, quando os cavalheiros se vestiam, não deixavam nada pela metade. Todos os detalhes tinham que ser perfeitos — explica Tristan, começando a retirar o terno do cavalheiro do manequim. Quando consegue, diz para James segui-lo atrás de um biombo. — Venha, sr. Beaufort. Vamos verificar se fica bom no senhor.

James não olha para mim antes de seguir Tristan atrás do biombo. Ele dá a impressão de estar alheio, como se não estivesse totalmente presente. Desde que saímos do Rolls-Royce, não notei uma única emoção em seu rosto. Como se seu maior objetivo fosse não compartilhar seus pensamentos nem seus sentimentos com ninguém.

Ao ouvir o murmúrio suave de Tristan e o farfalhar do tecido, ouso dar um passo e me aproximar do vestido. Me pergunto que tipo de mulher deve tê-lo usado e que vida levava; se sonhava e se conseguiu realizar seus sonhos.

Cerca de cinco minutos se passam antes de o funcionário voltar a sair.

— Ficou magnífico — diz em um tom triunfante.

— Tem as minhas medidas, Tristan — comenta James, secamente. — Tenho certeza de que isso foi coisa sua.

Então, ele também sai de trás do biombo. Fico estupefata.

É como se James tivesse voltado ao século xix. O terno fica ótimo nele, e Tristan até penteou seu cabelo de lado e colocou uma bengala em sua mão. Devagar, deslizo o olhar pelo corpo dele, de cima a baixo.

James está fabuloso.

Só quando volto a olhar para cima e vejo seu rosto é que percebo como devo ter olhado para ele, e a julgar por seu sorriso dúbio, James sabe exatamente o que passou pela minha cabeça. Que horror.

- Agora é sua vez, Ruby Tristan indica de repente.
- Como assim? Olho para ele desconcertada. Vez de quê?
- De se trocar, é claro.

Ele aponta para o vestido. Fico olhando, primeiro para ele, depois para James. Ele consegue, sem muito sucesso, conter uma risada. É quando percebo o que eles querem de mim.

— De jeito nenhum! — exclamo, a voz alterada pelo pânico.

Eu tinha que pegar o vestido. Ninguém disse nada sobre vesti-lo.

- Você achou que eu viajaria no tempo sozinho? É claro que não... James estende a bengala e me bate com força demais na canela. Então vai se trocar, por favor.
- Um cavalheiro de verdade nunca incitaria uma dama com sua bengala, sr. Beaufort intervém Tristan.

James bufa.

- Ruby não é uma dama, Tristan. É uma tirana.
- Mas você ainda não viu meu lado tirânico. Vai ser um prazer mostrar para você Encaro James com os olhos semicerrados. Tristan, por acaso você teria outra bengala?
- Temo que não. Mas você não vai precisar de uma para usar esse vestido maravilhoso. Me acompanhe diz, e parece tão esperançoso que não consigo recusar.

O sigo para trás do biombo, e ele sai. Pouco depois, chega uma mulher, que se apresenta como sua assistente e diz que vai me ajudar a colocar o vestido de duas peças. Fica claro que eu não conseguiria sozinha. Fechar os inúmeros ganchos é um trabalho árduo por si só, sem contar que a parte de cima, assim como a saia, é reforçada por dentro com hastes de metal. Tenho que me retorcer para que uma peça passe pela cabeça e a outra pelos

quadris. Depois de me vestir com ajuda, a circunferência do vestido é tão grande que mal consigo atravessar o espaço estreito entre o biombo e a parede.

- Pronto, chefe anuncia a auxiliar de Tristan, que se aproxima de nós. Quando ele me vê, bate palmas de satisfação, e seu rosto se ilumina.
 - Que maravilha! Apenas alguns toques finais...

Ele puxa uma presilha de cabelo e se coloca atrás de mim. Agarra a parte de cima do meu cabelo, ou pelo menos é isso o que imagino, puxa para trás e prende com a presilha. Em seguida, volta a se colocar na minha frente e solta alguns fios até que seu rosto aparente satisfação. Depois, posso finalmente encarar o espelho pendurado na parede atrás de mim.

Congelo no lugar.

Não sabia que era capaz de ficar com uma aparência dessas. Além de o vestido abraçar minhas curvas como se tivesse sido feito para mim, tenho a sensação de poder canalizar o espírito da mulher que o usou em sua época. Me sinto linda, imponente e forte ao mesmo tempo. Como se o mundo todo estivesse rendido aos meus pés e eu só tivesse que estalar os dedos para conseguir o que quero. Me viro devagar para Tristan e sorrio.

— Obrigada por ter insistido que eu provasse o vestido.

Ele faz uma breve mesura.

— Sr. Beaufort — chama, a voz solene. — Apresento a srta. Ruby Bell.

Começo a andar com cuidado. Um passo, dois passos, contornando o biombo, quatro passos, cinco passos... até que paro e me atrevo a olhar para cima.

James está conversando com a assistente de Tristan, mas quando me vê, para no meio da frase. Suas sobrancelhas se levantam, e seus lábios se abrem ligeiramente. Ele me olha de cima a baixo, como se tivesse todo o tempo do mundo, e engulo em seco. Então, sussurra algo que não entendo.

— O quê?

Ele pigarreia.

— Você está muito... muito linda.

Meu coração dá um solavanco. Não é a primeira vez que um cara me elogia, mas é como se fosse. Também não acho que James diga isso muitas vezes. Tenho a impressão de que está sendo... sincero. E genuíno.

— O vestido parece ter sido feito para você — concorda Tristan. Ele me empurra um pouco mais na direção de James e pega o celular. — Agora, realmente parecem uma dama e um cavalheiro do século xix.

James solta um suspiro quase inaudível ao meu lado, mas quando me atrevo a olhar para ele, ele olha para a câmera como se fosse a única coisa que fizesse na vida. Me lembro das imagens que circularam por Maxton Hall no ano passado. Nelas, ele posou de modelo junto com Lydia para a nova coleção dos pais e fez o mesmo carão profissional de agora. Me volto para Tristan e tento parecer nobre e séria. Não sei se faço certo, mas ele não para de tirar fotos.

— Mudem de pose outra vez. Vocês poderiam se aproximar um do outro e você estender a mão, James, como se estivesse convidando ela para dançar — sugere depois de alguns minutos.

James age de maneira profissional quando obedece a indicação. Duvido que muitos jovens de dezoito anos sejam capazes de fazer uma reverência de maneira tão elegante como ele, com ou sem uma roupa de época. Mas James leva isso a sério. Fico surpresa quando ele, de repente, agarra minha mão e ergue o olhar para mim. Sua pele é quente e, embora o toque seja leve em meus dedos, sinto um arrepio percorrer meu braço.

Quando me olha assim, me permito divagar. Uma sala cheia de pessoas com roupas de época, uma orquestra animada e James e eu. Ele coloca a mão nas minhas costas e me guia pela pista de dança. Com certeza sabe o que fazer. Não seria difícil me imaginar perdendo o controle ao dançar com ele.

Engulo em seco. Gosto da ideia mais do que deveria.

— E se tirarmos uma foto de vocês de frente um para o outro? — propõe Tristan, e James volta a se endireitar.

O lenço de seda que estava no bolso do peito do paletó caiu de leve, e automaticamente o coloco de volta no lugar.

Algo brilha nos olhos de James. Tiro a mão depressa, e então não sei mais onde colocar os braços e os deixo cair ao meu lado de maneira brusca.

De repente, James pega minha mão de novo. E me segura pela cintura. Prendo a respiração. Meu coração acelera, e não sei como é possível, mas seu toque é surpreendentemente agradável. Neste momento, não consigo nem me lembrar de por que não gosto dele.

O que ele está fazendo comigo?

James retribui meu olhar exatamente com a mesma mescla de deslumbramento e inspeção que eu. Os sons ao nosso redor ficam cada vez mais abafados à medida que olhamos um para o outro. Só consigo sentir. Seus dedos, que descansam em minha cintura e se mexem de leve; sua mão,

que envolve a minha com firmeza. Seu olhar quase parece um desafio no qual quero embarcar a qualquer custo.

— James — uma voz grave ressoa atrás de nós.

O fogo em seu olhar se apaga. Em um segundo. Assim como sua atitude descontraída. De repente, ele fica tenso e me solta, como se tivesse sido queimado.

Um segundo. Não demorou nem um segundo para ele voltar a ser o James Beaufort que eu conheço. A expressão arrogante de sua boca e a frieza de seus olhos quando está vestido dessa forma conferem a ele uma aparência quase ameaçadora.

— Mãe, pai. Não sabia que viriam hoje.

Meu Deus! Começo a me virar com o vestido enorme e, quando por fim consigo, meu coração se aperta. Na minha frente estão Mortimer e Cordelia Beaufort, os pais de James e Lydia. Diretores de uma das empresas mais bem-sucedidas de toda a Inglaterra. De repente, já não pareço tão imponente e forte como há pouco, ainda mais em comparação com Cordelia Beaufort. Ela é toda estilosa, elegante e magnífica. Tem um rosto magro e a mesma expressão de arrogância dos lábios de James, mas no caso está com um batom marrom. Sua pele é de porcelana, e ela está usando um vestido de tubinho branco, provavelmente obra de um estilista caro. Seu cabelo, brilhante e castanho-acobreado, chega até os ombros, perfeitamente ondulado, como se tivesse acabado de sair do cabeleireiro.

O pai de James tem cabelo cor de areia, os olhos azuis-gelo e os cantos dos lábios ligeiramente inclinados para baixo. Alto e orgulhoso, com um terno Beaufort feito sob medida, ele parece estar a caminho de uma reunião de negócios importante. Seu rosto não demonstra qualquer emoção quando me olha de cima a baixo; agora eu sei de quem James herdou aquela máscara impenetrável.

— Estamos na loja porque tivemos uma reunião com a China — explica a mãe de James. Ela se aproxima e dá um beijo na bochecha do filho, a fragrância de seu perfume me alcançando. Tem cheiro de maquiagem em pó e buquê de rosas frescas. — Percival comentou que você e a sua... — Ela lança um olhar rápido para mim. — ... colega de escola tinham vindo.

James não responde. Quando não faz nenhuma menção de me apresentar para os pais, dou um passo à frente, as bochechas queimando, e estendo a mão para sua mãe.

— Meu nome é Ruby Bell. É um prazer te conhecer, sra. Beaufort.

Ela olha para minha mão por muito tempo antes de apertá-la.

— O prazer é meu. — Sorri, expondo uma fileira de dentes brancos como pérolas.

Quero ser como ela, penso. Quero entrar em um cômodo e, no mesmo instante, todos ao meu redor me considerarem uma mulher forte e digna de respeito simplesmente pela maneira como me porto.

O que não quero é que minha presença por si só provoque em todos medo e terror, como é o caso do sr. Beaufort. Ele abaixa a cabeça por um instante quando também estendo a mão para ele, e logo volta a olhar ao redor do ateliê, como se já estivesse de saco cheio de mim.

— Pelo visto, você solicitou algumas peças da coleção particular — observa a sra. Beaufort, olhando para nós com a cabeça inclinada. Ela dá um passo adiante e puxa a saia do meu vestido. Um vinco aparece entre suas sobrancelhas. — A saia está comprida demais. Por favor, sr. MacIntryre, arrume isso.

Tristan, que desde a chegada dos Beaufort não disse uma palavra sequer, assente em seguida.

— É claro, senhora.

A srta. Beaufort agora faz um gesto com a mão para que eu me vire. Sigo suas instruções com uma sensação desconfortável no estômago.

- Para que vocês precisam dessas peças?
- Para a festa vitoriana no fim de outubro responde James.

Ele está completamente diferente, e o tom monótono de sua voz faz com que pareça um robô.

— Está falando da festa que precisa organizar porque se comportou como uma criança mimada — diz o sr. Beaufort.

A sra. Beaufort dá um estalo com a língua. Termino de dar a volta, o que não é tão fácil com este vestido, e os observo discretamente. James não mostra nenhuma reação às palavras do pai. A sra. Beaufort, pelo contrário, lança um olhar breve de advertência ao marido. Em seguida, se dirige a mim novamente. Coloca as mãos nas mangas curtas do vestido, ajeitando de um lado para o outro, e por fim diz a Tristan:

- A partir daqui, nós temos que alargar um pouco. Assim está apertando, e a… Ela lança um olhar inquisitivo para mim.
 - Ruby ajudo.
 - Ruby não está confortável conclui.

Tristan assente e me leva com sua assistente para trás do biombo. Olho para James por cima do ombro, mas ele não está olhando para mim, está completamente concentrado nos pais. O pai está falando com ele, mas o olhar está voltado para mim. Murmura como se estivesse irritado, mas não consigo ouvir o que diz para James.

Desvio o olhar e me dirijo a Tristan.

— Eles parecem... muito importantes. — No último momento, consigo substituir "aterrorizantes" por palavras mais positivas.

Tristan já está ocupado, encurtando cuidadosamente a bainha do vestido com os alfinetes de uma almofada presa em seu pulso.

— Nisso você tem razão, senhorita. — E não diz mais nada.

O silêncio que tomou conta da sala enorme desde que os Beaufort entraram é fantasmagórico. Ninguém está conversando, e até mesmo Tristan apenas sorri para mim antes de sair, deixando sua assistente para me ajudar a trocar de roupa. Está claro que tirar o vestido é muito mais fácil do que colocá-lo. Em apenas dez minutos, já me vesti e posso sair.

Paro ao lado de James, que tirou o paletó e agora o está segurando dobrado no braço.

A srta. Beaufort olha para mim e coloca a mão no braço do filho.

— Nos vemos lá embaixo.

James assente de leve. Ela se volta para mim.

— Foi muito bom te conhecer, srta. Bell.

O pai de James não diz nada. Os dois dão meia-volta e saem do ateliê. Apenas quando a porta volta a se fechar atrás deles é que consigo respirar de novo.

— Você podia ter me avisado, sabia? — digo, baixinho.

James se vira para mim, o corpo rígido. Queria entender o que seu olhar significa, mas não há nada além de um turquesa frio.

- O Percy está te esperando lá embaixo.
- Tudo bem, já estou pronta. Você que continua preso no século XIX.

Sorrio para ele com cautela. James, porém, não retribui o gesto.

- Nossa excursão terminou diz, e sua voz soa exatamente como sua aparência: fria e distante. É melhor você ir embora.
 - O quê? digo, o cenho franzido.
- Você tem que ir, Ruby diz ele, devagar, acentuando cada sílaba, como se eu não conseguisse entender. Nos vemos na escola.

Ele se vira e vai para trás do biombo se trocar. Por um tempo, não consigo parar de olhar para o lugar aonde ele foi. Então, percebo o que acabou de fazer. A maneira como falou comigo.

A raiva toma conta de mim, e dou um passo à frente para lhe dizer poucas e boas. Mas não chego longe. Tristan agarra meu braço e me segura. Quando olha para mim, sua expressão demonstra lamento, mas também é severa.

— Vamos, senhorita. Eu te acompanho até lá embaixo.

Ele puxa meu braço de leve. Relutante, deixo que me conduza para fora do estabelecimento. Enquanto cruzamos o ateliê, sinto o olhar compassivo de todos os funcionários em mim.

Ruby

Minha capa da invisibilidade caiu.

A notícia de que no fim de semana fui para Londres com James se espalha. Aparentemente, tem até fotos de nós entrando juntos na loja circulando. De repente, os estudantes de Maxton Hall sabem meu nome, embora eu nunca tenha visto o rosto de vários deles. Alguns me cumprimentam gentilmente no corredor, outros — a maioria — cochicham às minhas costas. O pior é durante as aulas, quando não consigo me concentrar porque meus colegas não param de olhar para mim. Como se esperassem que a qualquer momento eu fosse me levantar e anunciar aos quatro ventos o que aconteceu entre mim e James no fim de semana.

Mas quero me esquecer de sábado o quanto antes. Ainda me sinto humilhada, e quanto mais penso no comportamento terrível de James, mais irritada fico.

Quando o sinal toca para o intervalo do almoço, penso seriamente em não comer, mas estou com fome demais para não ir ao refeitório. Além do mais, Lin promete se tornar uma espécie de escudo protetor ao meu redor e me contar as últimas fofocas de seu pai.

— Ele já tem uma amiga nova — anuncia, depois de comermos em silêncio por um tempinho.

Levanto o olhar da comida.

- Mas não uma golpista, né? pergunto de boca cheia.
- Não. Ela faz uma careta. Bom, pelo menos eu espero que não.
- E aí? insisto, tomando cuidado.

Lin dá de ombros. Deixa o sanduíche pela metade e limpa os dedos com um guardanapo.

— Sei lá. Acho que, depois de como tudo deu errado com a última mulher, ele podia dar um tempo em vez de namorar.

Uma vez por mês, Lin se encontra com o pai para que o contato entre eles não acabe por completo. E eu a admiro pela maneira pragmática com que lida com toda a situação. Não sei se conseguiria olhar nos olhos do meu pai se ele tivesse tratado minha mãe e eu tão mal assim.

- Ela foi legal com você? pergunto em seguida.
- Foi. Um pouco demais, talvez responde, se encolhendo.
- Como assim?
- Não sei. Foi meio forçado. Ela começa a rasgar pedacinhos do guardanapo. Mas não aconteceu nada. Não dá pra se dar bem com todo mundo.

Penso por um momento.

— Com algumas pessoas, a gente tem uma conexão surpreendente só depois de um tempo.

Sem pensar, meu olhar desvia para James e seus amigos. Pegaram um dos melhores lugares perto da janela e estão conversando, animados. Quando James diz alguma coisa, Wren ri tanto que Kesh precisa dar umas batidinhas nas costas dele por estar sufocando.

- Parece que você está falando por experiência própria diz Lin, olhando para James de maneira expressiva. Nego veementemente com a cabeça e volto a encarar meu macarrão. Qual é. Não vai me contar o que rolou?
 - Já falei.

Lin ergue uma sobrancelha.

- Tudo o que você disse foi: *Vimos as roupas*, mas eu não sou besta. Respiro fundo.
- Foi tudo bem. Mais do que bem, na verdade. Até que, de repente, os pais dele apareceram.

Lin puxa o ar pelos dentes.

— Você conheceu os Beaufort?

Assinto devagar.

- Eles são bem... imponentes. Principalmente a mãe dele digo. Não tive muito tempo para conversar com eles porque logo foram embora. Depois disso, o James voltou a ser como sempre.
- O que ele fez? pergunta Lin, lembrando que ainda tem uma bandeja com comida na frente dela.

Enquanto me olha com impaciência, dá uma mordida no sanduíche.

— Me expulsou. Me escoltaram para fora. — Ela fica me encarando com a comida na boca. Faço um gesto de impotência. Não quero pensar demais na viagem de volta horrível no sábado, durante a qual tive que me esforçar para inspirar e expirar fundo para me acalmar. — Foi a experiência mais desagradável da minha vida — murmuro, arriscando outro olhar para James.

Bem nesta hora, ele olha para mim. Quando nossos olhos se encontram, fico com raiva de novo e estou prestes a me levantar e bater a bandeja na cara dele. Mas então ele corta o vínculo num piscar de olhos, voltando a atenção para seus amigos.

— Por que ele te expulsou? — pergunta Lin.

Essa é justamente a pergunta em que passei o fim de semana todo pensando. E só cheguei a uma conclusão que me parece plausível.

— Acho que ficou com vergonha de mim. Você tinha que ter visto como o pai dele me olhou. Como se eu fosse uma sujeira grudada na sola do sapato dele.

Pego o pote de sobremesa: creme de chocolate com chantili decorado com uma cereja e uma folha de menta. Pelo menos uma coisa do dia parece boa.

- Que imbecil. Você não pode permitir que ninguém faça você se sentir assim diz Lin, tão indignada que ergo a cabeça.
- Mas não é nada além da verdade respondo. Você também não teria prestado atenção em mim se o lance dos seus pais não tivesse acontecido.

Lin estremece, como se eu tivesse jogado meu creme de chocolate em sua cara. Sua pele fica pálida, e só então percebo o que acabei de dizer. Abro a boca na mesma hora para me desculpar, mas ela se levanta abruptamente.

— Que bom que você pensa isso de mim. — Ela bufa e pega sua bandeja, embora ainda não tenha terminado o almoço.

Devolve no lugar correto e sai marchando do refeitório sem se virar para mim nem uma vez sequer.

Olho para a sobremesa e percebo que perdi o apetite. Que dia bosta.

Ao meio-dia, quando vou para a biblioteca, já quase me acostumei com os sussurros e olhares dos meus colegas no corredor. Fica cada vez mais fácil ignorá-los, mesmo que o eco de suas vozes ressoe em meus ouvidos. A princípio, não pensei nem por um segundo nos efeitos que passar um dia com James poderia ter na minha vida em Maxton Hall. Como pude não pensar nisso? James é o rei da escola, é claro que as pessoas se interessam pelo que faz no tempo livre. Cometi um erro gigantesco ao entrar naquele carro com ele. E agora isso está custando minha invisibilidade.

A reunião do comitê de eventos é uma verdadeira tortura. Lin não olha na minha cara, e não consigo olhar para James. Tenho dificuldade em falar sobre as roupas com os outros membros da equipe sem que percebam como estou magoada e irritada. Mas parece que funciona, porque todos parecem felizes ao ver as fotos. Camille nos conta que seus pais conhecem o dono de uma grande fábrica de talheres que se dispôs a nos fornecer tudo o que for necessário para a festa. Jessalyn coletou orçamentos de diversas empresas de decoração e os repassa para nós, e Kieran toca no notebook a música que selecionou.

Não absorvo mais que a metade das informações.

Depois de distribuir as tarefas para a próxima reunião e dar essa por finalizada, agarro Lin pelo braço para segurá-la. Ela continua evitando me olhar, mas espera até o resto da equipe sair da sala. Fecho a porta e me viro para minha amiga.

— Eu não falei por mal — admito. — Me desculpa pelo que eu disse. Só achei que... antes você era amiga de pessoas muito diferentes, me pergunto se teríamos ficado tão próximas se não fosse pelo que aconteceu com seus pais.

Lin me encara por um tempo. Por fim, suspira e murmura:

- Você está certa.
- Estou? pergunto, surpresa.

Ela assente.

— Se você não tivesse se aproximado de mim naquele dia, nós nunca teríamos ficado tão amigas assim — diz, me olhando pela primeira vez desde o almoço. — Sou muito grata por você ter ido falar comigo naquela hora, no banheiro.

Sua voz falha, e ela engole em seco. Ainda me lembro daquele dia perfeitamente bem, há um ano e meio, quando fui ao banheiro do primeiro andar e ouvi alguém chorando. Não fazia ideia de quem estava naquela cabine, mas deu para perceber que estava muito mal. Então, perguntei com jeitinho se ela estava bem, ao que Lin apenas respondeu para deixá-la em paz. Não dei ouvidos. Em vez disso, me sentei em frente ao compartimento em que ela estava, coloquei lenços de papel debaixo da porta e esperei até que ela estivesse pronta para sair. Esse foi o começo de nossa amizade.

- Também sou grata por você ter falado comigo. E me desculpa mesmo.
 - Me desculpa também, não queria brigar com você.
 - O que rolou é que o dia hoje está uma droga digo, desanimada.

Pego o celular da mochila e tiro uma foto das anotações que fizemos na lousa durante a reunião. Então, me sento em frente ao notebook e envio a foto para todo mundo junto com a ata que Lin escreveu. Ela apaga a lousa.

- O Beaufort passou a reunião toda te olhando comenta de repente.
- Eu estava na frente. Todo mundo estava olhando pra mim respondo com um suspiro.
 - Não como ele. Estava quase implorando pra você olhar de volta.
 - Nada a ver.

Lin faz um gesto de quem não sabe mais o que fazer.

— É sério. Ainda assim, foi ótimo ver você ignorando ele. Bem que ele merece.

Fecho o notebook e o enfio na mochila.

- Eu só quero que as coisas voltem a ser como antes digo, e apagamos a luz da sala. Agora, as pessoas ficam me olhando como se a gente tivesse feito outra coisa no sábado. E ninguém faz nem ideia do que aconteceu de verdade. Ou seja: nada.
- Eu sei. Mas você conhece o povo daqui. Eles ficam se atacando como abutres sobre qualquer coisinha. Ainda mais se tiver a ver com o James Beaufort murmura, pensativa.
 - Hummm. Olho para ela, mal-humorada.

Lin me cutuca gentilmente e segura a porta aberta para mim.

— Relaxa. Quando a próxima fofoca se espalhar, todo mundo já vai ter esquecido.

Entramos no corredor, e estou prestes a responder quando vejo alguém encostado perto da porta: James. Olho para ele. Quase pergunto que inferno ele ainda está fazendo aqui, mas no último segundo me lembro de passar reto. Então, desvio o olhar e sigo meu caminho. Ele se afasta da parede e se aproxima de mim.

— Você tem um segundo? — pergunta.

A gentileza de seu tom me desconcerta. Isso não combina nada com o James que 48 horas atrás me tratou como se eu fosse um lixo.

Agora segue em frente, Ruby.

Eu adoraria gritar na cara dele o que acho, mas dou muito valor aos meus cartões da biblioteca e da sala de estudos.

— Não, estou sem tempo — respondo rapidamente.

Fico orgulhosa por ter conseguido manter a voz baixa, mas enfatizando o necessário. Deixando claro que ele não pode me tratar daquele jeito.

— A gente tem que conversar — continua James, lançando um olhar para Lin. — A sós.

Balanço a cabeça.

— A gente não tem que fazer nada, James.

Lin toca no meu braço, um gesto de apoio que me mostra que não estou sozinha. De repente, me sinto exausta.

- Sabe o que é? digo, olhando bem nos olhos de James. Acho que é melhor a gente voltar a ser como era antes.
 - Voltar a ser como era antes? pergunta James, franzindo a testa.

Preciso pigarrear. Um nó se formou na minha garganta e está ficando cada vez maior.

— Estou falando da época em que você não sabia que eu existia. Talvez fosse melhor a gente voltar pra lá. Eu estava muito melhor do que agora.

Ele abre a boca para responder alguma coisa, mas depois pensa melhor no assunto e as linhas de sua testa ficam mais pronunciadas. Por fim, assente, devagar.

— Entendi.

Que bom. Ele entende qual é o meu problema. Assim, não terei que discutir com ele no futuro. De qualquer forma, dói quando me viro e caminho em direção à saída com Lin.

Ruby

– 0 que foi? — pergunta Ember, me assustando.

Estava tão imersa em meus pensamentos enquanto mexia a geleia que não percebi que ela havia se aproximado por trás de mim e estava olhando para a panela por cima do meu ombro.

— Nada — respondo.

Meu pai aponta para mim com um pacote fechado de açúcar, sem abrir.

— Tem alguma coisa errada, nisso eu concordo com a sua irmã.

Reviro os olhos.

— Vocês me deixam nervosa, é só isso.

Mexo com muita força, e a geleia de maçã respinga na minha mão. Puxo o ar por entre os dentes.

— Coloca a mão debaixo da água fria agora — indica minha mãe, pegando a colher que estou segurando.

Ela a entrega para Ember e me puxa até a pia, abrindo a torneira.

- Deixa eu lamber minhas próprias feridas resmungo.
- Se depender de mim, jamais diz meu pai. Mas você está assim desde sábado, e eu queria saber o motivo.

Me limito a soltar um grunhido. Nem em casa eu tenho paz.

Nunca entendi por que todo mundo reclama de segundas-feiras. Para mim, as segundas simbolizam um novo começo, no qual podemos definir o rumo de uma ótima semana. Normalmente, adoro as segundas. Mas hoje tudo está me estressando. As pessoas da escola, as lembranças de sábado, os olhares inquisitivos de Ember. Até a queimadura da minha mão que dói demais. Essa bosta de geleia de maçã.

O que eu mais queria era me trancar no meu quarto e arregaçar as mangas para decorar as matérias dos próximos três meses, mas minha família me obrigou a ajudar a fazer compotas. Embora eu tenha certeza de que a geleia é só uma desculpa para me fazer falar de vez.

- Por que não conta pra gente o que aconteceu? pergunta Ember um segundo depois, confirmando minhas suspeitas.
- Porque na verdade você não quer saber como eu estou respondo.
 Só está perguntando porque quer informações sobre a Beaufort.
 - Nada a ver!
- Não? pergunto em tom de provocação. Então você não quer saber como é?

Ela alterna o peso entre uma perna e outra, insegura.

- Claro que quero. Mas uma coisa não exclui a outra. Posso me interessar ao mesmo tempo por uma das maiores lojas de moda masculina da Inglaterra e pelo seu bem-estar. No meu coração, tem espaço para os dois, mana.
- Que fofo diz meu pai, passando com a cadeira de rodas por nós para chegar ao fogão.

Ele pega uma colher limpa e a mergulha na geleia fervente. Observá-lo saboreando é sempre fascinante. Quando experimento uma comida, fico com uma expressão... normal. Mas qualquer um consegue ver que meu pai é um profissional. A expressão em seu rosto muda como se estivesse distinguindo todos os ingredientes e ponderando se falta algum e qual seria.

Como agora. Ele inclina a cabeça, e olhamos para ele com atenção. Um segundo depois, seu rosto se ilumina, e ele move a cadeira de rodas um pouco para trás, em direção ao carrinho de metal onde ficam todos os seus temperos. Pega uma mistura de canela e coloca uma pitada na panela de ferro. O cheiro me lembra do Natal, minha celebração favorita.

- Não tem nada para contar, Ember respondo um pouco mais tarde, e minha irmã suspira, frustrada. Você sabe tudo o que dá pra saber sobre a Beaufort.
- Queria poder conhecer o ateliê. Ela suspira, apoiando o queixo na palma da mão.
- Você não ia achar sem graça? Queria se especializar em roupas femininas, não? intervém nosso pai.

A campainha toca, e todos ficamos surpresos.

- Quem será? pergunta nossa mãe, saindo da cozinha para ir até o corredor.
- É por causa do ambiente, pai. Pra ver como as pessoas trabalham, com que materiais e padrões. Tenho certeza de que, apesar de tudo, seria muito interessante.

Dói ver Ember tão ansiosa para saber de tudo. Entendo que ela considere injusto que eu tenha tido a oportunidade de simplesmente visitar a sede de uma grande grife do nada, algo que ela provavelmente não vai conseguir fazer tão cedo. Por outro lado, também penso em como a visita acabou para mim. E não quero de jeito nenhum que minha irmã se sinta tão humilhada quanto me senti naquela hora.

- Tenho uma ideia. Você não pode perguntar para o James se não pode me levar para uma visita também? pergunta Ember, e pensar que ela não está só brincando me deixa inquieta.
 - Pergunta você mesma, Ember diz nossa mãe, de repente.

Me viro para ela com uma cara feia.

- Como assim?
- O garoto está na nossa porta explica, apontando o polegar por cima do ombro. Você não tinha falado que ele era tão lindo.

Olho para ela, meu instinto protetor em ação.

- Você não deixou ele entrar, né?
- Claro que não. Você mesma pode fazer isso... ou não, se não quiser.

Minha mãe vem até mim e dá um beijo no topo da minha cabeça. Sinto os olhares curiosos de minha família nas minhas costas enquanto atravesso a cozinha e vou para o corredor. Me dirijo até a porta da casa como se estivesse atordoada.

James está na escada que leva à nossa casa. É a primeira vez que o vejo com roupas normais. O jeans escuro e a camisa branca dão a ele a aparência de um garoto qualquer. Se eu o tivesse visto desse jeito na rua, provavelmente não o teria reconhecido.

Apoiada no braço está uma capa de proteção enorme com o logotipo da Beaufort. Fico olhando para o B retorcido por um tempinho, e de repente sou dominada por uma raiva indescritível.

Ele não tem nada para fazer aqui. Não quero que se aproxime da minha família. Minha vida aqui não tem nada a ver com minha vida no colégio, e

não vou permitir que ele entre na minha frente e elimine a fronteira que estabeleci anos atrás, muito menos depois do último sábado.

Quando estou prestes a abrir a boca e pedir explicações, James desvia o olhar das nossas roseiras e me vê na soleira da porta. Em seus olhos, há um brilho com uma emoção que não consigo identificar — nunca consigo —, e então sobe um degrau, de modo que nossos olhos fiquem na mesma altura. Ele pigarreia e me entrega a capa de proteção.

— Queria te trazer o vestido. Tristan o ajustou. Agora deve estar perfeito.

Não faço nenhuma menção de pegar o vestido.

— Foi pra isso que você veio até a minha casa?

Ele inspira fundo e expira bruscamente, esfregando a nuca com a mão.

— Também queria conversar com você sobre o que aconteceu sábado. Eu agi feito um idiota e me sinto mal por isso.

Por alguns minutos, só consigo olhar para ele. É a primeira vez que o ouço dizer algo do tipo, e não consigo deixar de me perguntar quantas vezes na vida ele pediu desculpas. Quando penso em todas as coisas que se permitiu fazer nos últimos anos, só considerando a escola, concluo que seu limite de moral deve ser bem mais baixo do que o meu. Mas agora ele dá a impressão de que está falando sério.

— Não entendo por que você fez aquilo — digo, baixinho.

Principalmente depois de segurar minha mão e ter aquele momento de cumplicidade. Vi perfeitamente como seu olhar ficou caloroso e senti faíscas surgirem entre nós. Não foi coisa da minha cabeça.

Ele faz um gesto de arrependimento. Por um longo minuto, não diz nada, apenas me encara com os olhos inescrutáveis. Então, murmura tão baixo que mal consigo distinguir as palavras:

— Às vezes, nem eu me entendo, Ruby Bell.

Abro a boca para falar, mas mudo de ideia. Tenho a impressão de que, pela primeira vez, ele está sendo sincero comigo, e não quero estragar tudo rejeitando seu pedido de desculpas. Então, fico quieta. Passo tanto tempo em silêncio que, com outra pessoa, com certeza teria ficado um clima desagradável, mas James e eu... acho que poderíamos ficar nos encarando por horas só tentando ultrapassar as barreiras um do outro.

— Por que você veio de verdade? — quero saber.

— O que você disse hoje à tarde... — Ele hesita. — E se eu não quiser que a gente volte a ser como era antes?

Deixo escapar uma risadinha abafada.

— Você me expulsou. E antes disso me fez de boba na frente dos seus pais. Agiu como se eu não fosse boa o suficiente nem para me apresentar.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Não foi minha intenção. — Vejo que, quase imperceptivelmente, ele balança para a frente e para trás. Parece nervoso. — Me diverti muito no sábado. Até... meus pais chegarem. — Pigarreia. — Seria uma pena se agora a gente agisse como se não se conhecesse. Pra mim, você não é mais invisível. E não quero agir como se fosse.

Embora ainda sinta o gosto amargo de sábado, suas palavras conseguem fazer com que algo em mim se transforme em um arrepio de animação.

- Não entendo o que você espera de mim agora, James digo, em voz baixa.
- Não espero nada. Só não quero voltar ao que era antes. Não podemos... nos conhecer a partir de agora?

Olho para ele em silêncio. Ele não está falando sério, penso.

Não é possível que esteja falando sério. Eu não sou besta. Sei que James não me suporta, embora tenhamos nos divertido juntos no sábado. Sou a causa de ele ter sido afastado do lacrosse; além do mais, conheço o maior segredo de sua irmã e represento um perigo para ele e sua família. Tenho certeza de que tudo o que ele quer é não me perder de vista.

- Se isso for um dos seus truques... aviso, ainda sem acreditar, mas James me interrompe.
 - Não diz, subindo o último degrau.

Eu não deveria dar qualquer importância a suas palavras, sei muito bem disso. Não consigo desvendar o que está pensando, duvido que alguém consiga. E, no entanto, há algo em seu olhar neste momento, algo que mostra honestidade e arrependimento, que me deixa sem fôlego por um instante.

Como isso aconteceu? Como fomos, um mês após nos conhecermos, de suborno e ódio a este ponto?

A porta se abre atrás de mim.

— Ruby? Tudo bem por aí?

Fico tensa. Na minha frente, James Beaufort está com um vestido de 150 anos no braço e um olhar que deixa minhas pernas bambas. Atrás de mim, está minha irmã, com quem poucos minutos atrás estava discutindo na frente da geleia do nosso pai. Meus dois mundos colidem com força, e sinto um calafrio. Não sei como agir, então faço um gesto afirmativo para Ember, apesar do sorriso forçado, e tento dizer, sem usar palavras, que é para ela sair daqui. Ela alterna o olhar de James para mim, curiosa e incrédula ao mesmo tempo, mas logo se retira e encosta a porta outra vez.

Só então me volto para James. Preciso de alguns segundos para me recompor. Me lembro de que ainda lhe devo uma resposta.

— Não sei — digo, com sinceridade.

Pensativo, James assente.

- Tudo bem. Na verdade, só vim pedir desculpas pelo sábado.
- Só pelo sábado?

Agora, mostra um sorriso ousado.

— Eu definitivamente não vou me desculpar por ter te dado de presente um *striptease*.

Não sei se consigo aceitar suas desculpas quando ele fala coisas desse tipo. Não sei se está falando sério ou se apenas pretende apaziguar os ânimos para eu não falar nada sobre Lydia. Contudo, minha vida seria mais fácil se não fosse perturbada o tempo todo por ele. Ou talvez se conversássemos de vez em quando sobre assuntos relacionados à escola. No sábado, percebi que ele não é só ágil, também é inteligente. Gostei de conversar com ele. E, além disso, tem aquela coisa que me faz sentir cócegas e me desperta a curiosidade de saber mais sobre ele.

Sei que é insensato e que não posso confiar nem um pouco nele. Mas, quanto mais penso, mais percebo que também não quero voltar a ser como éramos antes.

Olho diretamente nos olhos dele para que entenda que estou falando muito sério.

- Eu não vou permitir que você faça algo daquele tipo comigo uma segunda vez.
 - Entendido responde, a voz baixa, e me entrega o vestido.

Neste momento, começa a chover. Não está caindo um toró, mas está chovendo o bastante para eu ter medo de que algo aconteça com o vestido,

apesar da capa de proteção. Pego dos braços de James com pressa e o guardo no armário.

Quando volto, inúmeras gotas de água já se acumularam no cabelo de James e escorrem pelo seu rosto. Ele passa as costas da mão pela bochecha, depois pelo cabelo, tudo isso sem tirar os olhos de mim. Minhas boas maneiras me dizem que deveria convidá-lo para entrar antes que fique ensopado, mas simplesmente não consigo. Não dá. Não posso apresentá-lo para meus pais e minha irmã. Talvez nunca possa.

— Aceito suas desculpas — digo, por fim.

Seus olhos se iluminam. É a primeira vez que vejo essa expressão em seu rosto.

Então, ficamos parados na chuva, ele na escada da minha casa, e eu na soleira da porta, incapaz de convidá-lo para entrar. Mas já é um começo.

James

Ter que assistir a um jogo de lacrosse sem poder jogar é uma bosta, ponto final.

Meu time está fervilhando de adrenalina quando sai do vestiário, e um jogador após o outro me cumprimenta enquanto fico como um espectador na beira do campo, na arquibancada. Aguentei momentos ruins, mas agora me arrependo de tudo, principalmente de ter decidido causar um alvoroço na festa de volta às aulas.

O pior de tudo é que Roger Cree, um dos novatos, assumiu minha posição e se revelou tão bom que se tornou uma ameaça de verdade para mim. Se tivesse ido mal, minha posição no time estaria garantida, mas agora? Como eu vou saber se, depois de cumprir essa sanção, o treinador ainda vai querer me manter no time? Além disso, parece estar se dando bem com Cyril e todo mundo.

Quando ele se aproxima de mim e estende o punho, retribuo o cumprimento com relutância e me sento no banco, na beira da área. Cruzo os tornozelos e observo o time adversário correr pelo campo e tomar suas posições em frente aos meus amigos. O time é bom, reconheço muitos jogadores da temporada passada. Principalmente um dos atacantes, que é imprevisível e extremamente rápido. Espero que Cyril não o perca de vista.

- Fala, Beaufort. Que pena que você não pode jogar diz de repente um dos reservas. O nome dele é Matthew, mas duvido que tenhamos trocado uma palavra na vida.
 - Pois é, cara. Que merda concorda outra pessoa.
 - Não entendo pra que esse castigo. O show foi da hora.
- Ainda mais por ser o último ano. Que droga ter que passar a última temporada no banco.

Tá, já chega. Me levanto de repente. Sem responder nenhum deles, vou para a beira do campo. Ainda bem que estou de óculos escuros. Não só porque hoje está fazendo um sol de rachar para o meio de outubro, mas porque assim ninguém consegue ver o quanto eu estou infeliz.

Fico a certa distância do treinador Freeman e observo o campo de braços cruzados. É terrível ter que assistir ao meu time sem poder intervir. Não se passaram nem cinco minutos desde o apito inicial quando o time adversário marca o primeiro gol.

De repente, ouço passos atrás de mim. Viro o rosto e vejo que Ruby e sua amiga, Lin, estão correndo em direção à área. Estão suadas e desgrenhadas. Quando param, Ruby pragueja. Ela ainda não me viu, então tenho a oportunidade de observá-la sem que perceba.

Está com o uniforme da escola, embora a maioria dos nossos colegas venham ver o jogo com roupas normais ou camisetas do time. Em uma das mãos, está com um tripé, e na outra está com um caderno; como sempre, carrega nas costas aquela mochila horrorosa que parece que vai se desintegrar de uma hora para outra. Apesar da mochila cor de vômito, Ruby ainda está bonita. Como uma tartaruga ninja. Uma tartaruga ninja de cabelo bagunçado e rosto vermelho feito um tomate.

Me aproximo delas devagar e as observo montar o tripé e colocar sobre ele uma câmera que parece ser cara.

— Querem ajuda? — pergunto.

Ruby se vira com os olhos bem abertos. Ela claramente ainda não se acostumou com as minhas tentativas de fazer amizade com ela. Durante a semana toda, a cumprimentei nos corredores, e em cada uma dessas ocasiões ela se assustou, como se não estivesse acostumada com alguém conversando com ela fora da sala de aula.

— A gente perdeu alguma coisa? — pergunta, afobada.

Seu olhar desliza por todo o campo e depois vai até o treinador Freeman, embora ele esteja tão imerso no jogo que não percebe que Ruby e Lin se atrasaram.

— O Ridgeview fez um gol — respondo.

Ruby assente e faz uma anotação no caderno.

— Perfeito, valeu.

Enquanto isso, Lin ajusta a câmera e verifica as configurações antes de começar a tirar fotos. Então, as duas focam em documentar a partida.

Percebo que, na verdade, prefiro contemplar Ruby a ficar vendo meu time. Pelo menos olhar para ela dói muito menos. Já faz tempo que recuperamos o controle do jogo e estamos prestes a ganhar de Ridgeview, mas, por mais que eu queira, não estou feliz. Quando Cree lidera o time para marcar dois gols e ele mesmo faz mais um no segundo tempo, fica claro que os caras não precisam de mim para nada. Quero desaparecer, e não faço ideia de por que continuo aqui.

Em vez de ir, mantenho meu rosto petrificado na beira do campo e decido ignorar minhas emoções: aplaudo quando fazemos um gol e xingo quando o adversário faz uma jogada contra nós. Enquanto isso, respondo a todas as perguntas que Ruby e Lin me fazem.

Depois de apenas uma hora e meia, diferente de antes, quando ganhávamos uma partida, não sinto que conquistei o mundo. Estou exausto e não aguento ficar aqui nem por mais um segundo sequer. A ideia de ir à festa de Cyril hoje à noite me irrita profundamente, porque todo mundo que me viu na beira do campo vai vir falar como isso é uma droga. Sem dar nem um pio, dou meia-volta antes de o time chegar até mim e sigo na direção da escola. Tiro o celular do bolso e pressiono uma tecla de atalho para ligar para Percy vir me buscar.

— James!

Olho para trás. Ruby está correndo até mim. Sua franja e o vento estão em uma briga, alguns fios ficando em pé. Ela percebe que estou olhando e alisa o cabelo na testa. Na última semana, percebi que essa é uma de suas manias. Já até reparei no pequeno pente que ela carrega no estojo e usa quando acha que ninguém a está olhando.

- Que foi? pergunto.
- Você está bem?

Por que ela quer saber? Ninguém nunca me faz perguntas desse tipo, simplesmente porque não estão interessados em saber como estou. E mesmo que estivessem, teriam medo ou respeito demais para me perguntar isso.

- Deve ser bem chato ver os outros jogarem, né? diz ela em um tom gentil.
 - Pois é.

Ela troca o apoio de uma perna para outra.

— Prefere ficar sozinho?

Coço a nuca, hesitante, e dou de ombros. Graças a Deus, Alistair me livra de ter que responder. Com o rosto vermelho, ele corre pelo gramado e para na nossa frente.

— Beaufort! Tá indo aonde, amigão?

Porra, essa pergunta é pior do que a de Ruby.

- Pra casa.
- Você esqueceu? Hoje tem festa na casa do Cy.

Não esqueci, mas infelizmente ir para a festa do Cyril é a última coisa que eu quero fazer agora. Mas não posso falar isso para Alistair. O time ganhou, e continuo sendo o capitão, apesar de atualmente estar suspenso. Não comemorar essa vitória com meus amigos seria injusto. Sem contar que não estou com vontade de responder às perguntas que me fariam caso eu não aparecesse.

— Beleza, estarei lá.

De soslaio, vejo que a expressão de Ruby muda, e evito olhar diretamente para ela.

— Não faz essa cara, mano. Vai ser inesquecível. A gente tem a casa inteira só pra nós. — Me limito a soltar um grunhido. — Ei, por que você não vem junto, Ruby?

Lanço um olhar de advertência para Alistair, mas, com um sorriso no rosto, ele alterna o olhar entre mim e Ruby.

— Você não tem que ir — digo, apressado. A festa de Cyril não é um lugar adequado para alguém como Ruby. — Acho que não é sua praia.

Percebo que acabei de dizer a coisa errada quando Ruby franze a testa. Parece que foi uma provocação, e isso é o oposto do que eu pretendia.

— Como é que você sabe o que eu gosto ou deixo de gostar?

Alistair tosse de leve, e o fuzilo com o olhar. Ele fez isso de propósito. Sabe exatamente o que acontece nessas festas e como as pessoas se comportam nelas.

— Vai ser um prazer, Alistair. Obrigada pelo convite — diz Ruby, com um sorriso encantador demais para ser genuíno. — Que horas começa e onde é?

Alistair abre a boca para responder, mas me adianto:

— Eu te busco.

As costas de Ruby ficam tensas.

— Não precisa, James, sério.

— É caminho, não tem problema.

Ela arqueia as sobrancelhas.

— Você tem carteira de motorista?

Alistair assovia em aprovação. Aparentemente, ele gosta de me ver sendo esculachado por ela. Balanço a cabeça e olho para Ruby.

— O Percy leva a gente, se estiver tudo bem por você.

Agora, ela sorri de orelha a orelha.

- Está tudo ótimo.
- Com o Percy, hein? Eu também acharia ótimo. Ele tem um ar de Antonio Banderas comenta Alistair.
 - Foi o que eu disse!

Ruby começa a rir, e barreiras se quebram dentro de mim. Merda. Por que não consigo manter a mente sã na presença dela? Prometi para Lydia que ficaria de olho em Ruby, e só. Tudo o que preciso fazer é me lembrar disso com mais frequência.

— Perfeito, o Percy vai passar na sua casa lá pelas oito.

Ruby assente.

— Combinado.

Ruby

Cyril Vega mora na maior e mais majestosa casa que já vi na vida. Não tenho certeza de que casa é a palavra certa para definir o que está na minha frente. A propriedade a que chegamos depois que um segurança verificou a placa do carro com uma câmera parece não ter fim. Ao olhar para os dois lados, não vejo nada além de um gramado bem cuidado e arbustos e árvores plantados em lugares meticulosamente calculados.

Quando James e eu saímos do carro, fico parada por um instante e inclino a cabeça para trás, observando a fachada extraordinária. As colunas altas à direita e à esquerda da entrada e a varanda logo acima delas conferem à mansão um toque de outra época.

Ao meu lado, James não parece impressionado ao subirmos a escada branca de pedra na frente da porta gigantesca. Mas faz sentido. Por um lado, Cyril é um de seus melhores amigos, e, por outro, a casa onde mora

com certeza é no mínimo do mesmo tamanho. As palmas das minhas mãos estão frias e úmidas. O que estou fazendo aqui?

Jurei nunca ir a uma dessas festa. Mas bastou um único comentário idiota de James para despertar minha teimosia. Tive que fazer exatamente o oposto do que ele queria, o que, pensando bem, é um completo absurdo. Desde segunda-feira, estou com raiva porque sair com James acabou com a minha invisibilidade em Maxton Hall, e agora vim com ele para uma festa onde estarão muitos dos meus colegas de escola. À tarde, não pensei nem por um segundo no que isso significaria para mim. Tenho certeza de que as pessoas vão voltar a falar sobre nós, e é provável que fofoquem ainda mais.

Daqui de fora, já dá para ouvir a música e as vozes dos convidados. Por uma fração de segundo, passa pela minha cabeça fingir que estou passando mal e dar o fora daqui. Mas não quero dar essa satisfação para James. Portanto, esfrego as mãos na saia e pigarreio. James olha para mim de soslaio, e eu o ignoro. Em seguida, abre a porta da casa com uma chave que, para minha surpresa, está em seu chaveiro.

Entramos no saguão, tão imponente que por um estante me esqueço de como estou nervosa. Os azulejos são de mármore e há muita decoração ao redor: junto às cores discretas dos móveis, dá para ver detalhes em dourado e branco por todos os lados. Um lustre enorme está pendurado no teto, e à direita e à esquerda há escadas curvas que levam para o andar de cima, onde há um pátio coberto.

À primeira vista, parece que a festa se dá em todos os cômodos da casa. A música parece vir de uma sala, mas aqui, no saguão, se encontram alguns convidados. Nenhum deles presta atenção em nós. Suspiro de alívio.

- O que estão fazendo lá em cima? pergunto para James, apontando para um grupo de mais de vinte garotos e garotas no pátio coberto.
- Jogando uma versão estranha de *beer pong* que só tem na casa do Cyril responde ele.

Observo um cara deixar cair alguma coisa lá de cima, uma bolinha de pingue-pongue, como confirmo mais tarde. Elas caem aqui embaixo, no saguão, onde colocaram uma fileira de copos. Algumas bolinhas caem direto nos copos, mas a maioria delas cai fora, fazendo com que os garotos

gritem de entusiasmo, algumas garotas berrem e, pelo que vejo, todos bebam.

- Não entendi.
- Nem eu responde James.
- Você veio! grita alguém lá de cima.

Olho para o alto bem a tempo de ver Cyril subindo em um dos corrimões. Ele o agarra com força e desliza até o andar de baixo. Só de olhar para a cara dele fico enjoada. Wren aparece logo atrás, mas opta por algo mais seguro e desce a escada. À medida que avança, joga a cabeça para trás e esvazia o copo.

Cyril é o primeiro a chegar, e cumprimenta James com um meio abraço, dando tapinhas nas costas dele.

— Espero que você tenha se orgulhado da gente hoje.

Percebo James ficar tenso ao meu lado.

— Óbvio — diz em um tom neutro que não expressa nem uma alegria contagiante e nem revela a frustração que sentiu por não ter jogado.

O olhar de Cyril para em mim.

— E... você é...? — pergunta, os olhos azuis feito gelo me olhando de cima a baixo.

Ele analisa minha blusa branca com listras verticais azuis e a saia preta plissada, e suspeito que vai torcer o nariz a qualquer momento.

Babaca. Como se estivesse mais bem-vestido do que eu só porque sua camisa preta provavelmente custa mais do que meu *look* inteiro.

- Ruby intervém James, nos apresentando. Ruby, esse é o Cyril.
- Ruby! Alistair me falou que tinha te chamado.
- Oi respondo, forçando um sorriso.

Ele cumprimenta James rapidamente e volta a olhar para mim. A mensagem que envia com seu sorriso de superioridade é inconfundível: Este é o meu reino. Aqui, sou eu quem está em vantagem.

Um segundo depois, James coloca a mão nas minhas costas.

— Cy, que tal ser um bom anfitrião e oferecer umas bebidas pra gente?

Ele fala com aquele tom de *Sou o James Beaufort*, e embora eu nunca o deixe me dar ordens, seus amigos não parecem se importar. Dão risada, e então somos guiados por eles, passando pela escada e indo até o fundo do saguão. Cyril pega algumas bolinhas pelo caminho e as joga lá para cima antes de abrir uma porta que nos leva até a sala principal.

É um cômodo um pouco menor que o saguão, mas deve haver umas cinquenta pessoas conversando e dançando. A música está bem alta, e a fumaça entra pelo meu nariz e faz meus olhos lacrimejarem.

Consigo contar nos dedos de uma única mão em quantas festas fui até hoje. Foram reuniões pequenas no nosso parque de Gormsey e — apenas uma vez — a festa de aniversário de quinze anos de uma colega de classe. Ela me convidou para ser legal, e fui porque minha mãe insistiu para que eu tentasse fazer amizade com mais garotas da minha turma. Acabei ficando metade da noite em um canto, balançando ao ritmo de uma música horrível, contando sozinha os minutos para voltar para casa.

O que estou vendo hoje não se parece nada com aquilo. Em vez de cerveja barata em copos de plástico, os convidados estão bebendo drinques caros em copos de cristal. A música não vem de uma caixinha de som, mas sim de um sistema de som com alto-falantes acoplados em diferentes locais das paredes.

Isso é uma festa da elite.

Olho ao redor e tento absorver tudo. Os graves da música estão tão fortes que sinto o chão vibrar debaixo dos pés.

Só depois de olhar ao redor uma segunda vez é que vejo o jardim de inverno feito de vidro adjacente à sala. Há uma piscina enorme iluminada, da qual pretendo, a qualquer custo, ficar longe.

Alguns convidados estão nadando de roupas íntimas e espirrando água na beira da piscina. Outros estão sentados, fumando e bebendo nos sofás estofados de veludo que parecem antigos e que, com toda a certeza do mundo, custaram uma fortuna.

Estou tão atônita com a situação que percebo tarde demais que James está falando comigo.

— O que disse?

Ele se inclina de leve na minha direção, colocando a boca na altura da minha orelha.

— Quer beber o quê, Ruby Bell?

Um calafrio percorre minha coluna, e meus braços se arrepiam. Tento ignorar isso.

— Coca, se tiver. Se não, água.

James recua ligeiramente e olha em meus olhos.

— Você se importa se eu beber?

- Não digo, balançando a cabeça.
- Tá bem. Já volto.

Logo depois, Cyril e ele desaparecem. Wren fica e volta a me observar com aquela cara de espertalhão.

— Você não bebe? — O tom de sua voz é provocação pura.

Tenho que me esforçar muito para não dar meia-volta e deixar ele plantado, sozinho. Ou para não gritar com ele na frente dessa gente toda. Mas durante dois anos consegui fugir dele, e não vou estragar tudo agora por causa de umas frases bobas.

— Não — respondo, sucinta.

Wren se aproxima um pouco. Recuo na mesma hora.

— Por que não, Ruby? — pergunta, dando mais um passo em minha direção, até que eu perceba a parede contra minhas costas. — Já teve experiências ruins com a bebida?

Sinto o cheiro do álcool em seu hálito e também percebo que suas pupilas estão dilatadas. Me pergunto se ele está chapado com mais alguma coisa além do uísque escocês.

— Você sabe muito bem por que eu não bebo, Wren — respondo, fria, e meus ombros se tensionam.

Se não me deixar em paz, vou machucá-lo de verdade. À minha esquerda, com o canto do olho, vejo uma cômoda de madeira escura sobre a qual há várias estátuas e um abajur. Sei como me defender.

— Me lembro muito bem daquela noite — responde Wren.

Ele levanta o braço esquerdo e se apoia na parede, próximo à minha cabeça.

— Pois eu não — digo entredentes.

Até agora, ele sempre me deixou em paz na escola. Nunca nem mencionou o que aconteceu naquela noite dois anos atrás... Pra que fazer isso justo hoje?

— Não mesmo? — murmura, se aproximando ainda mais de mim.

Levanto as mãos e o empurro com força para longe.

— Não estou com vontade de repetir a dose, Wren.

Ele pega minhas mãos e entrelaça seus dedos nos meus. Olho ao redor, aterrorizada.

- Ainda me lembro muito bem do que você sussurrou pra mim.
- Só porque você me embebedou.

— Mesmo? — Aquele sorriso malicioso aparece em seu rosto mais uma vez. — O álcool faz nossos pensamentos mais profundos virem à tona. Você queria tanto quanto eu, Ruby.

Fico imóvel quando a lembrança daquela noite por fim volta à minha mente: a respiração ofegante de Wren, suas mãos se movendo por todo o meu corpo. Só de pensar, me sinto sufocada. Em partes, de vergonha, mas também porque é verdade, eu gostei. Mas a maneira como tudo aconteceu ainda me incomoda.

Wren abre a boca novamente, mas uma voz soa atrás dele, severa e cansada ao mesmo tempo.

— Deixa ela em paz, Fitzgerald.

Os olhos dele se abrem, e a encaro, surpresa. Lydia está ao nosso lado. Lança um olhar furioso para Wren antes de pegar minha mão e, sem dizer mais nada, me tirar de longe dele, indo em direção ao centro da sala. Apenas quanto estamos fora do alcance de Wren é que ela olha para mim, as sobrancelhas erguidas.

— Quem imaginaria que alguém como você teria um segredo sombrio. — O pânico toma conta de mim, e cerro os punhos ao lado do corpo. Mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela ergue as mãos. Em seus lábios, há um sorriso divertido. — Relaxa. Eu não vou contar pra ninguém.

Fico olhando para ela e demoro alguns minutos para perceber o que disse.

— Não ligo se você contar — afirmo com teimosia, apesar de nós duas sabermos que é tudo mentira.

Se pudesse, apagaria aquela noite da memória. Eu tinha quinze anos e acabara de chegar ao Maxton Hall. Era a primeira atividade de que participava, e estava tão animada e nervosa que tomei todos os copos de ponche que Wren levou para mim. Não sabia que ele tinha misturado o álcool de um frasco que havia levado consigo para me embebedar. E quando me levou para o corredor e me beijou, fiquei totalmente eufórica. Wren era um dos caras mais gatos da escola. E me queria. O primeiro beijo que me deu me levou ao êxtase.

Na manhã seguinte, percebi como ele tinha sido desonesto por ter me embebedado sem eu saber e como eu tinha sido ingênua. Desde então, fiquei longe do álcool.

Na minha frente, Lydia levanta uma sobrancelha.

- Jura? Achei que você dava mais importância pra sua reputação.
- O fato de alguém ter me embebedado e me beijado não vai manchar minha reputação. Não é a mesma coisa que ficar com um professor.

Me arrependo na mesma hora em que digo. Lydia fica pálida como um fantasma. Um segundo depois, dá um passo ameaçador adiante.

- Você disse que ia ficar de boca fechada. Eu... Ela para de repente, se afastando de mim.
- Aqui está. James se aproxima de nós e me entrega um copo de Coca-Cola com gelo e limão. Está segurando um copo de cristal que parece caríssimo, dentro dele um líquido âmbar. Devagar, olha de mim para Lydia. Tá tudo bem?
- Irmãozinho, pode pegar alguma coisa pra eu beber também? diz Lydia, piscando algumas vezes de maneira exagerada.

James revira os olhos, mas pega o copo da irmã e volta para o bar. Assim que vai embora, o sorriso de Lydia desaparece mais uma vez. Ela me encara com os olhos frios e engole com dificuldade. Queria não ter vindo para a festa. Não quero ficar nesta sala, quero ir para casa, onde me sinto segura e protegida. Aqui, é justamente o contrário, uma aventura na qual não me vejo em condições de embarcar.

— Olha só — digo antes de ela voltar a me ameaçar. — Desculpa pelo que eu acabei de falar.

Ela abre a boca e fecha outra vez. Então, me olha com incredulidade.

- Quê?
- Eu não sou sua inimiga continuo a falar. E não dou a mínima para o que aconteceu entre o sr. Sutton e você. Não vou revelar seu segredo. Ela aperta os lábios com força. Só quero ficar de boa insisto.
- Por que eu acreditaria em você? pergunta, semicerrando os olhos.
 Eu nem te conheço.
- É verdade digo. Mas o James me conhece. E eu prometi pra ele.
- Você prometeu pra ele repete ela, como se não tivesse entendido direito o significado das palavras.
 - É respondo, hesitante.

Ela continua calada por um instante, me olhando com desconfiança. Mas então sua atitude muda. Não está mais me olhando de maneira incrédula, e sim como se alguma peça de um quebra-cabeça tivesse se encaixado em sua mente. Seu olhar se afasta do meu rosto e vai para um ponto acima do meu ombro.

— Então é isso.

Confusa, me viro para descobrir sobre o que ela está falando. Vejo James em frente ao bar. Ele pega uma garrafa atrás da outra para ler o rótulo.

— O quê? — quero saber.

Ela me lança um olhar tranquilizador.

— Relaxa, você não é a primeira. — Não sei do que ela está falando. — Muitas garotas sucumbem aos encantos dele bem mais rápido.

De repente, entendo. E sem conseguir me controlar, começo a rir. Lydia fica surpresa.

- O que é tão engraçado?
- Não sei se alguém te contou, mas seu irmão é o oposto de encantador.

Ela olha para mim como se não soubesse se deveria me repreender ou dar risada. James decide por ela, pois neste momento se dirige até nós.

— Aqui — diz, entregando um copo para Lydia. — Pra você, irmāzinha.

Ela olha para cima por um momento e depois se vira para mim.

- Não vou tirar os olhos de você, Ruby. E, dito isso, se vira sobre os calcanhares e desaparece entre as pessoas.
- O que aconteceu? pergunta James, consternado, encarando o cabelo loiro que desaparece de repente. Quando dou de ombros, ele franze o cenho. O que ela disse?
- Nada. Ela não confia em mim e não acha que eu vou ficar de boca fechada.

James desliza os olhos ao redor da sala. É como se precisasse pensar no que vai dizer, como se não tivesse certeza do que pode me contar.

— Ela tem dificuldade de acreditar nos outros. — Olho para ele com um olhar indagador. — Pouquíssima gente guardaria esse segredo, Ruby. — Ele faz um gesto como quem diz que não tem o que fazer. — Muito pelo contrário. Noventa por cento das pessoas venderia pra imprensa ou tentaria nos chantagear. Não seria a primeira vez que alguém passa um tempo com a gente só pra descobrir os segredos da família.

Ele evita meu olhar enquanto fala e observa as pessoas que estão dançando no meio da sala.

- Que horror.
- O canto de seus lábios sobe de leve.
- É mesmo.

Nunca havia pensado em algo do tipo. Não é desculpa para o comportamento de James, mas graças a esta informação, consigo entendêlo um pouco mais... e Lydia também.

— Queria saber o que eu estou fazendo aqui se todo mundo desconfia tanto de mim.

James olha para meu rosto, pensativo. Levanta uma mão como se fosse me tocar, mas a deixa cair e, então, toma um gole da bebida que, na verdade, era para Lydia. Seu segundo copo.

- Você está aqui porque o Alistair te chamou diz, por fim.
- Verdade respondo, colocando atrás da orelha uma mecha de cabelo que fica fazendo cócegas no meu queixo o tempo todo. O Alistair. Se dependesse de você, eu não estaria aqui.
 - Não é isso.
 - É o quê, então?

Não entendo por que a ideia de ele não querer minha presença aqui me perturba tanto.

— Você não combina com um lugar como esse, Ruby. — É como se tivesse enfiado uma faca em mim. Tento fazer um grande esforço para não transparecer a dor. — Não... Não estou falando disso — acrescenta no mesmo instante.

Pelo visto, não escondo tão bem quanto imagino o fato de ele ter me magoado.

— Já entendi.

Dou meia-volta e, pela janela enorme de vidro, olho para a piscina, onde alguém totalmente vestido acabou de pular. Poucos segundos depois, James está na minha frente, preenchendo todo o meu campo visual.

- Ah, qual é. Só queria dizer que me dá nojo te ver perto dessa gente. No fim, vão tentar fazer alguma coisa com você. Eu me sinto responsável.
- Eu posso cuidar de mim mesma, obrigada respondo, mordaz. Ele volta a me observar intensamente, e tomo um gole do refrigerante para interromper o contato visual. Quando me olha desse jeito, fico nervosa, e já

está um calor sufocante aqui. — Não quero ser um fardo pra você. Aja normalmente — digo, por fim, gesticulando com a mão para a sala inteira.

O que quer que ele geralmente faça nessas festas, que faça. Não quero que ele aja como se fosse minha babá.

James assente e termina o segundo copo. Em seguida, pega o copo da minha mão e coloca junto com o seu. Depois, vem para o meu lado e segura minha mão. Me puxa até o centro da sala, entre as pessoas que estão dançando. Meu coração está batendo forte, e me pergunto o que é que ele está fazendo quando me puxa um pouco mais para perto. Seu peito roça no meu, e ele dá um aperto rápido na minha mão antes de soltá-la e começar a se mexer no ritmo da música.

James Beaufort para na minha frente. Olha para baixo, sorrindo, e começa a rebolar.

— Posso saber o que você está fazendo? — pergunto, apreensiva.

Sou a única rígida na pista de dança.

— O que geralmente faço nas festas — responde James.

Mais uma vez, seu olhar me lança um desafio que preciso aceitar. Tento copiar seus movimentos. Quando alguém me empurra por trás, tropeço e caio em James, que coloca as mãos na minha cintura para me segurar. Perco o fôlego, e meu coração bate mais rápido. Um calor estranho toma conta de mim quando olho para ele. Estamos tão grudados um no outro que nem uma folha de papel passaria entre nós.

Alguém dá um grito contente ao nosso lado. Desvio o olhar do rosto de James e observo ao redor. Pelo menos cinco pares de olhos estão nos encarando.

Não entendo nada. James e eu conseguimos coexistir pacificamente até agora, mas isso é totalmente diferente. E se não quero que boatos sobre nós se espalhem como um rastro de pólvora pela escola, tenho que sair agora, neste instante, da pista de dança.

— Tenho que ir ao banheiro — anuncio.

James se afasta de mim. Seus olhos brilham, astutos, e agora estou confusa demais para entender o que isso significa. Ele aponta com o queixo para o canto esquerdo da sala, onde um corredor começa depois de um arco alto.

— Primeira direita, depois segunda porta à esquerda.

Serpenteio por entre os garotos e garotas que estão dançando e chego ao corredor. Na parede, há pinturas a óleo de membros da família Vega, e à luz das lâmpadas, o papel de parede reluz em tons de verde e dourado. O tapete marrom que se estende sob meus pés tem um padrão muito elaborado, que lembra formas abstratas de animais. Viro à direita, como James disse. Essa parte do corredor está completamente vazia, e me encosto na parede.

Não faço ideia do que estou fazendo aqui, sério. Além de me sentir totalmente deslocada, James me deixa insegura. Seu toque, seu olhar, suas palavras... Se eu não o conhecesse, diria que está flertando comigo.

Na segunda-feira, quando apareceu na porta da minha casa e disse que não queria voltar a ser como antes, não achei que algo desse tipo fosse acontecer. Será que ele dança assim com todo mundo que conhece? Provavelmente.

Talvez eu devesse encarar isso como um exercício. Gostando ou não, essas pessoas são meus colegas de turma. E se conseguir entrar em Oxford, terei que lidar com eles e com muito mais gente de famílias ricas.

Respiro fundo, cerro os punhos e me afasto da parede com a coragem renovada. Vou me refrescar, voltar para a sala principal, tomar refrigerante e dançar com James. O que de tão ruim pode acontecer? Vão fofocar de qualquer jeito, então que eu pelo menos me divirta um pouco.

Decidida, me aproximo da porta que fica a alguns metros do lado esquerdo do corredor e a abro na esperança de encontrar um banheiro atrás dela. A não ser pela luz do corredor, está uma escuridão aqui dentro. Meus olhos precisam de um momento para se adaptar, mas aí vejo a forma de uma escrivaninha antiga, um canto com cadeiras estofadas e... todos os tipos de estantes com livros.

De pronto, vejo que aqui não é o banheiro, e sim a biblioteca! Hesito por um instante, mas logo avanço, curiosa, e olho ao redor. Só na primeira estante já há mais livros do que os que temos em casa. Um sorriso se abre no meu rosto, e me atrevo a dar outro passo à frente... É quando eu ouço.

Uma respiração entrecortada. Um suspiro abafado.

Dá meia-volta e vai embora, adverte uma voz estridente na minha cabeça, mas já é tarde. Meu olhar recai sobre Alistair, que está encostado no fundo da sala, em uma das estantes. Sua cabeça está jogada para trás, e ele solta um gemido alto na hora.

Ouço um barulho baixo.

— Se continuar gritando tanto, eu vou parar.

Congelo. Essa voz me parece familiar. É suave e grave, meio rouca.

- Continua diz Alistair, deixando a cabeça cair para a frente.
- O cara ajoelhado na frente dele se endireita.
- Só se você me pedir com carinho.

Alistair puxa o cabelo dele para lhe dar um beijo. O garoto se levanta, segurando-se na estante com as duas mãos, perto da cabeça de Alistair, para corresponder ao beijo. Então, reconheço quem é: Keshav.

Puxo o ar quando a boca de Keshav desliza pelo rosto de Alistair e desce por seu pescoço.

Nesta hora, Alistair me vê perto da porta.

— Kesh, para — sussurra, aterrorizado, empurrando o amigo com força. Me viro e saio da biblioteca, voltando para o corredor. Horrorizada, olho para os dois lados e decido voltar para a sala. Abro caminho entre as pessoas que estão dançando, cujos rostos se confundem diante de meus olhos, e procuro James.

Vejo que está com sua irmã, Cyril e Wren perto da piscina. Estão conversando. Wren gesticula, agitando as mãos no ar como um louco.

Preciso de alguns minutos para me recuperar.

Por que eu não estou fazendo nada além de descobrir quem está se pegando quando é óbvio que não querem que ninguém saiba? Desde quando coleciono segredos de estranhos? Isso não é normal.

Preciso fazer um esforço impressionante para me acalmar e ficar tranquila, pelo menos um pouco. Acho que vou voltar atrás na decisão que acabei de tomar: não me divirto aqui e nunca vou me acostumar com essa gente.

Quero me aproximar de James e pedir para ele me levar para casa, mas está tão perto da piscina que hesito. Quando vejo a água, sinto um aperto no estômago. Por fim, reúno coragem e entro com cautela no jardim de inverno. Fico junto à parede, um pouco afastada do grupo. Wren é o primeiro a me ver.

— Olha quem apareceu.

Inclino a cabeça de leve para ele, quase soltando um suspiro de alívio quando James se coloca entre nós. Nunca pensei que ele seria a pessoa com quem eu me sentiria melhor em uma festa, mas hoje esse é o caso.

Ele se tornou meu porto seguro, e preciso me conter para não segurar sua mão.

— Tudo bem? — pergunta James.

Ele está com outro copo na mão, mais uma vez com o líquido âmbar. Agora, suas bochechas estão ligeiramente vermelhas.

— Quero ir pra casa — sussurro, ainda sem fôlego.

James franze o cenho, mas só por um momento. Ao que tudo indica, ele percebe que estou à beira de um colapso. Esvazia o copo antes de colocá-lo na mesa mais próxima.

- Tá bem.
- Ah, qual é. Desde quando você sai das minhas festas antes das quatro? pergunta Cyril, ofendido.
- Desde que estou com alguém que quer ir embora responde para o amigo e lhe lança um olhar inexpressivo.

Aquele muro impenetrável de arrogância se ergue novamente.

— Na moral, Ruby. Larga de ser estraga-prazeres. Deixa o nosso amigo aqui — diz Wren, se abaixando para jogar água da piscina na gente.

Algumas gotas chegam ao meu pescoço, e sinto que estou sem ar.

- Não faz isso digo com uma voz que mal reconheço de tão estridente.
 - Você é de açúcar, por acaso? pergunta Cyril, rindo.

Sem camisa, está usando apenas uma bermuda de banho preta. O cabelo ainda está molhado por ter entrado na piscina. Ele dá um passo para a frente. Recuo, agarrando o braço de James com força. Não ligo para o que os outros pensem.

— Para, Cy. Deixa ela em paz — diz James, mas agora nem mesmo seu tom autoritário consegue impedi-lo.

Cyril me encara como um predador. Em seguida, pula na minha direção, pega minha bolsa e a entrega para Lydia, que sorri.

— Cyril, estou avisando... — ameaço, sem conseguir respirar, mas já é tarde.

Ele me abraça de um jeito nada amoroso e me arrasta com ele até a piscina. Grito ao cair na água com tudo e bato as pernas e braços, em pânico.

Então, afundamos, e meu coração para por um segundo. De repente, não estou mais na casa dos Vega, e sim em um mar agitado verde-

amarelado. Não tenho mais dezessete anos, e sim oito. Não sei mais nadar, e estou desamparada, à mercê de uma água terrivelmente fria.

Não consigo respirar.

As algas me puxam para o fundo, e não consigo me mover. Meus braços não funcionam, nem minhas pernas reagem. Sou incapaz de controlar meu corpo.

A pressão aumenta cada vez mais no meu peito. E então não tenho mais escolha senão respirar na água.

James

Enquanto Wren e minha irmã riem alto e Cyril emerge e joga água em nós, olho para Ruby, que se tornou uma mancha escura e nebulosa sob a superfície da água. No começo, ela estava se debatendo loucamente, mas agora não está mais se mexendo.

Tem alguma coisa errada.

— Se ela soubesse que a gente já conhece o truque de se fingir de morto, não daria esse show — comenta Wren, estendendo a mão para Cyril ajudá-lo a sair da piscina.

Ruby não volta à superfície. Dentro de mim, sinto que alguma coisa está errada. Meu coração dispara, e começo a correr.

— James, sério, acho que não precisa...

Não ouço mais o resto da frase de Lydia, porque me jogo de cabeça na água. Nado até Ruby, com braçadas longas, e envolvo meu braço ao redor de seu tronco, puxando-a para cima.

Ela não se move.

— Ruby — digo, sem fôlego, quando nós dois emergimos. Eu a chacoalho. — Ruby!

De repente, ela bate os braços ao redor de si. Tosse e tenta recuperar o fôlego, e a seguro com força contra mim para ela não afundar de novo. Está totalmente fora de si.

— Me tira daqui — pede, gritando. — Eu tenho que sair daqui!

Assinto e nado com ela até a beira da piscina. Então, a levanto pela cintura e a sento. Ela está tossindo forte e copiosamente para se livrar da água que engoliu naqueles poucos minutos. Pego impulso para me sentar ao lado dela na beira da piscina. Me levanto e a ajudo a se levantar. Ela abaixa a cabeça, mas consigo ver as lágrimas se misturando com as gotas de água em seu rosto. Quando fica em pé, cambaleia para o lado. Percebo

o quanto todo seu corpo está tremendo e me agacho de leve para pegá-la em meus braços. Ela nem protesta, apenas enterra o rosto em meu pescoço para que ninguém veja que está chorando.

Me viro indignado para Cyril, que não está mais sorrindo.

— Imbecil do caralho — digo em voz baixa.

Queria mesmo era gritar na cara dele, mas não quero assustar Ruby. Com ela nos braços, dou meia-volta e saio pela porta dos fundos do jardim de inverno.

Percy demora um pouco para chegar, mas pelo menos traz toalhas e roupas extra. Ruby evita meu olhar enquanto a envolvo em várias toalhas e a seco. Seu corpo todo ainda está tremendo. Percy me entrega outra toalha sem dizer nada; desdobro e coloco na cabeça dela enquanto aperto para que absorva a água do cabelo. Talvez eu esteja exagerando, mas não vou parar de esfregá-la até ela parar de tremer. Mesmo que isso leve a noite toda.

De repente, seu corpo se sobressalta por um soluço silencioso. Congelo no lugar. Dói muito ver alguém tão forte como ela chorar, e não sei o que fazer. Só posso secá-la, fazer carinhos em círculos suaves nas suas costas e pedir a Percy que me dê o moletom de Maxton Hall que ele também trouxe.

— Pode desabotoar sua blusa? — pergunto de maneira gentil.

Ruby parece não ter me ouvido. Como duvido que ela consiga fazer isso com os dedos trêmulos, coloco o moletom pela cabeça dela sem hesitar. Estico o tecido até sua cintura e começo a desabotoar a blusa cegamente. Quando já está aberta, puxo por trás de seu corpo e a ajudo a passar os braços pelas mangas do moletom. Ergo a mão para colocar o capuz nela, mas ela agarra meus antebraços. Seus dedos ainda estão gelados.

Então, se inclina para a frente, apoia a cabeça em meu peito e inspira fundo. Sua respiração está trêmula, assim como o resto de seu corpo. É horrível vê-la assim.

— Foi tudo culpa minha — murmuro.

Ruby levanta a cabeça do meu peito e olha para mim. Seus olhos continuam marejados, mas acho que ela está melhor. Voltou a ser a Ruby. A Ruby teimosa e guerreira que ninguém segura. Relaxo, e uma sensação ao mesmo tempo leve e pesada se espalha em meu peito.

Me afasto dela e desabotoo minha camisa para vestir outro suéter que Percy trouxe para mim.

— Vem. Vamos te levar pra casa — anuncio, abrindo a porta do Rolls-Royce.

Ela entra, e deslizo no banco ao lado dela. Quando Percy dá partida, descanso a cabeça no encosto do banco. De repente, percebo o efeito do álcool, e o mundo gira um pouco mais rápido do que deveria.

Ruby se aproxima de mim, e lanço um olhar rápido para ela. As mãos estão escondidas sob as mangas do meu moletom azul. Preciso me controlar para não as segurar. Desvio o olhar depressa.

— Eu morro de medo de água — sussurra Ruby, quebrando o silêncio.

Preciso me controlar para não a encarar. Acho que vai se sentir mais segura se eu continuar olhando pela janela e não para ela.

— Por quê?

Ela demora um tempo para responder.

— Meu pai gosta de pescar. Ele sempre me levava com ele no barco, e a gente passava fins de semana inteiros em lagos diferentes. Quando eu tinha oito anos, sofremos um acidente.

Ao meu lado, seu corpo se tensiona, e a sinto adentrar uma lembrança horrível. Começa a tremer. Mas, desta vez, procuro sua mão e envolvo meus dedos no tecido que a cobre.

Ela parece pequena e frágil, mas tenho certeza de que Ruby é o contrário disso.

- O que aconteceu?
- Um barco maior não nos viu e bateu na gente. O nosso foi completamente destruído, e o impacto no meu pai foi muito forte. Ele sofreu um trauma na cabeça e fraturou uma vértebra. Dou um aperto leve em sua mão. Desde então, ele está na cadeira de rodas. E eu tenho pavor de água conclui rapidamente.

Ainda acho que há muito mais nessa história, mas não insisto. O que ela me contou foi o suficiente para ter uma ideia do que aconteceu quando Cyril a arrastou para a piscina.

— Me desculpa — digo, e neste exato momento, me sinto um completo idiota.

Ruby acabou de reviver uma das experiências mais traumáticas de sua vida, e a única coisa que consigo pensar em dizer são desculpas vazias.

— Tudo bem. Você não é como os seus amigos.

Sua mão sai de dentro do moletom e alcança a minha cautelosamente. Entrelaço nossos dedos e, hesitante, acaricio as costas da mão dela com o polegar.

— Não é verdade — murmuro, balançando a cabeça. — Eu sou exatamente igual a eles. Até pior.

Ela nega com a cabeça de maneira quase imperceptível.

— Agora não é.

Durante o resto da viagem, permanecemos em silêncio enquanto penso no que ela acabou de me confidenciar. Em dado momento, Ruby adormece, e sua cabeça repousa no meu ombro. Ela não solta minha mão nem por um segundo, e continuo acariciando sua pele com o polegar enquanto penso; agora, felizmente, sua pele voltou a esquentar.

Vinte minutos depois, chegamos à casa de Ruby. A luz ainda está acesa, portanto deveria acordá-la. Mas não consigo fazer isso ainda, não quando ela parece estar dormindo tão bem.

- Ela é uma garota encantadora, sr. Beaufort. De repente, a voz de Percy ressoa no alto-falante acima da minha cabeça. Olho para a frente, embora a tela que nos separa esteja levantada. Não estrague tudo.
 - Não faço ideia do que você está falando.

Mas não solto a mão de Ruby.

Ruby

Ember e eu passamos o sábado de pijama. Nossa mãe e nosso pai estão na casa de uns amigos, e aproveitamos a oportunidade para ocupar a cozinha e fazer uns biscoitos de chocolate. Estamos nos certificando de que a vasilha onde estava a massa ficou completamente vazia quando alguém bate na porta. Nós duas levamos um susto e nos entreolhamos. Então, ergo a mão rapidamente e digo:

— Não tá comigo!

Ember suspira, aborrecida, ao perceber a derrota e corre para o corredor. Pouco depois, ouço uma voz enérgica que conheço bem.

— Oi, você é a Ember? Eu sou a Lin. Cadê sua irmã? Preciso falar com ela urgente! — Num piscar de olhos, Lin está na minha frente, me entregando seu celular. — Não me diga que é você.

Por um momento, só consigo encará-la. É a primeira vez que Lin vem na minha casa. Até então, tinha somente vindo me buscar algumas vezes, e sempre esperou lá fora, no carro. Na verdade, sua presença deveria me deixar nervosa. Afinal, ela frequenta Maxton Hall, e essa é uma parte da minha vida que quero manter o mais distante possível da minha família, custe o que custar. Mas quanto mais a vejo na cozinha, mais fica claro para mim que é o contrário. O desentendimento que tivemos esses tempos atrás me mostrou que não somos só colegas de escola, mas que poderíamos ser muito mais. Talvez tenha chegado a hora de arriscar um passo adiante e me abrir um pouco.

De propósito, coloco a espátula na boca de novo para não ter que responder. Pouco surpresa, Lin se aproxima um pouco mais até ficar bem na minha frente, com o celular na minha cara, de modo que preciso me inclinar para trás a fim de enxergar algo na imagem escura.

Dá para ver James de costas, carregando uma pessoa que está com os braços apertados em volta dele e o rosto enfiado em seu pescoço. Não dá para me reconhecer, mas, apesar disso, fico corada. Me pergunto quantas fotos daquele momento existem. E se todos já viram.

- Ruby? insiste Lin. De repente, o tom de sua voz está menos repreensivo. O que aconteceu ontem?
 - Fui na festa do Cyril. Eu te falei.
 - Sim, falou. Mas eu quero saber o que aconteceu aqui.
- O que aconteceu onde? pergunta Ember, tirando o celular da mão de Lin. Fica boquiaberta ao ver a foto. É sério que essa é você?
 - É admito, engolindo em seco.

O dia com Ember era para ser uma distração. Não queria pensar na noite de ontem, queria tirar isso da cabeça. O que aconteceu foi... Nem eu sei o que aconteceu. Não sei como lidar com isso e nem expressar com palavras.

— Conta agora o que aconteceu ontem — exige minha irmã, com aquele tom de que não vai tolerar desculpas, que claramente herdou da nossa mãe.

Me inclino na direção do forno para dar uma olhada nos biscoitos. Porém, para o meu azar, ainda não estão prontos, e não consigo me livrar dos olhares curiosos de Lin e Ember. Solto um suspiro fraco, largo a espátula na tigela e aponto na direção da sala de jantar. Quando nos sentamos, começo a contar o que aconteceu.

Por fim, as duas me olham com expressões totalmente diferentes. Lin está, acima de tudo, desconfiada. Ember, por outro lado, está com o queixo apoiado na mão e sorri para mim com uma expressão sonhadora.

- Esse tal de Beaufort parece muito legal. Ela solta um suspiro.
- Mas não é! retruca Lin, sem acreditar. O cara que você acabou de descrever não pode ser o James Beaufort, de jeito nenhum!

Encolho os ombros. *Antigamente*, eu também acharia inconcebível a ideia de James Beaufort me protegendo na frente dos amigos, mas... foi o que ele fez. E não só isso. Ele cuidou de mim. Me vestiu e se comportou feito um cavalheiro. Segurou minha mão enquanto eu falava sobre meu pai.

Nosso relacionamento mudou depois da noite passada. Percebi isso. Um arrepio percorre meu corpo ao lembrar de seu olhar e da forma como seus dedos acariciavam minha pele. Do calor que percorreu meu corpo rapidamente e fez com que James pensasse que eu estava com frio quando, na verdade, era exatamente o contrário. De como me tocou, como se eu fosse um cristal delicado e frágil.

- Era exatamente disso que eu estava falando quando te avisei pra tomar cuidado diz Lin, balançando a cabeça e me trazendo de volta ao presente.
 - Eu sei murmuro.

Queria poder esquecer o que senti ao afundar na água.

— Não acredito que o Cyril fez algo desse tipo — continua ela. — Quando eu o vir, vou dar na cara dele.

Ela parece tão chocada e desapontada que me pergunto pela enésima vez se Cyril não é para ela mais do que apenas um colega da escola. Se há uma história entre eles e, caso a resposta seja sim, o que realmente aconteceu. Até agora, ela sempre se fechou quando começamos a falar de sua vida amorosa. Talvez esta seja a hora certa para tentar novamente; afinal, eu mesma acabei de contar tudo para ela.

Mas Ember interrompe meus pensamentos ao dizer:

— Ainda bem que o James estava lá. — Seus olhos parecem prestes a se transformar em coraçõezinhos. — Nem acredito que ele te levou embora da festa. No colo!

Eu também não. Ainda mais quando penso no quanto ele foi frio e arrogante comigo no começo. Na verdade, não consigo conciliar aquela versão dele com a do James que ontem me enrolou em um monte de toalhas e fez carinho nas minhas costas até eu parar de tremer. O James que dá um nó na minha mente e que esta noite invadiu meus sonhos, nos quais suas mãos quentes descansavam em minha pele nua.

Isso não é nada bom. Não é bom. Não é bom.

- Se não tivesse essa foto de prova, eu não acreditaria diz Lin, olhando para a imagem no celular outra vez. Como pode um cara que vive sendo um babaca se comportar como um cavalheiro do mais absoluto nada?
- Parece que ele percebeu que o Cyril tinha ultrapassado os limites com a Ruby, e por isso se meteu. Isso demonstra que ele tem um bom coração decide Ember. Ela me olha de repente, e algo muda em sua expressão. Ah, ah.

— Que foi? — pergunta Lin, erguendo a cabeça. Quando seu olhar para em mim, exclama: — Ruby!

É óbvio que meus sentimentos estão refletidos em meu rosto.

- Eu também não sei, tá?! No fundo, não consigo suportar ele, mas...
- Paro de falar, encolhendo os ombros, impotente.

Por um momento, acho que Ember vai dizer alguma coisa, mas se levanta de repente.

— Vamos ver os biscoitos.

Nós três vamos para a cozinha, onde um cheiro delicioso está no ar. Enquanto Ember e eu tiramos os biscoitos do forno, Lin os arruma simetricamente em uma bandeja. Quando voltamos para a sala de estar, ela me dá uma cotovelada.

— É normal ficar a fim de alguém que na verdade você acha idiota.

Queria tanto poder perguntar para ela se diz por experiência própria. Mas, quando se trata de sua vida amorosa, Lin é tão discreta que não ouso questioná-la.

— Você acha?

Ela assente. Meus pensamentos automaticamente se voltam para James. Sinto um formigamento no punho, onde ele me acariciou. Quando me lembro de como se despiu na minha frente, sinto um frio na barriga.

- Mas ainda não consigo acreditar. Tinha que ser o Beaufort. O maldito rei da escola murmura Lin, se jogando no sofá.
- Também não sei como isso aconteceu respondo e pego um biscoito. Ainda está muito quente, mas dou uma mordida enorme para não ter mais que falar.
- Se é verdade que ele cuidou tão bem de você, por mim está ótimo intervém Ember, comendo um biscoito de uma vez, e então cruza as pernas em cima da mesinha de centro. O que você vai fazer agora? Já falou com ele desde ontem?

Nego com a cabeça.

— Na verdade, queria passar um dia legal com a minha irmã.

Ember se levanta imediatamente.

— Você tem que falar com ele.

Balanço a cabeça, passando o olhar de Lin para Ember.

— Gente, não foi nada. A gente é só... amigo.

Parece estranho chamar James de *amigo*, mas não consigo pensar em qualquer outra palavra no momento.

— Ah, claro. Manda mensagem. — Lin também me incentiva, e entre suspiros impacientes, tiro o celular do bolso da calça.

Penso por alguns segundos no que vou escrever para ele e decido ir pelo óbvio.

Obrigada. R. J. B.

- O que você mandou? pergunta Ember.
- Só agradeci, ué.

Lin torce o nariz e pega um biscoito. Divide em quatro partes e come uma. Não é sempre que Lin se permite comer um doce. Ela é muito rígida quanto à alimentação, e pode-se dizer que se proíbe de comer tudo o que é gostoso. É uma pena, e até agora não consegui convencê-la de que a vida com chocolate é muito mais divertida.

Meu celular vibra. Tenho que fazer um esforço gigantesco para não pegar ele correndo. Teria me sentido péssima se Lin e Ember me vissem tão ansiosa. Por sorte, nenhuma delas consegue ouvir como meu coração está batendo forte quando desbloqueio o aparelho e abro a mensagem.

Você nunca me disse o que o J significa. J. M. B.

Na mesma hora, respondo:

Adivinha. R. J. B.

James, J. M. B.

Uma resposta muito egocêntrica, não acha? R. J. B.

Jenna, J. M. B.

Não. R. J. B.

Jemima, J. M. B.

Estou surpresa por você ter

adivinhado só com três tentativas. R. J. B.

Por um tempinho, ele não diz mais nada. Fico encarando a tela escura, consciente de que Ember e Lin me observam com expectativa. Mas nem eu mesma sei o que estou esperando até o celular vibrar outra vez, poucos minutos depois.

Você tá melhor?

Sem as iniciais. Sem brincadeiras. Minha garganta fica seca de repente. Não quero me lembrar de ontem, nem pensar na água ou no fato de ter passado vergonha na frente de boa parte dos meus colegas porque estava totalmente histérica. Acima de tudo, não quero pensar na segunda-feira, no que provavelmente vai acontecer comigo.

Estou com medo de ir pra escola na segunda. Tem fotos nossas.

Lin e Ember começam a falar sobre algo que não tem nada a ver com James ou com a festa de ontem, e Ember liga a TV ao mesmo tempo e bota um filme. Agradeço por respeitarem um pouco a minha privacidade, ainda mais quando leio o que James me manda em seguida.

Relaxa. Na foto só dá pra ver minhas costas molhadas.

Prendo a respiração. Devo interpretar a mensagem como uma maneira de me acalmar ou como um flerte indireto? Não faço ideia. Só sei que quero uma relação de igual para igual com ele.

Pelo menos tem uma coisa boa nessa foto.

Preciso esperar um bom tempo até a resposta vir. Tanto que me arrependo do que enviei. Estamos na metade do filme quando o celular vibra novamente.

Ruby Bell, você está flertando comigo?

Um sorriso se estende pelos meus lábios. Escondo-o na gola da blusa do pijama. Então, bloqueio o celular e me concentro no filme com todas as minhas forças.

Ruby

Na segunda-feira, quando desço do ônibus, James está encostado na cerca do campo de lacrosse e me cumprimenta com um sorriso irônico.

Depois do que aconteceu há uma semana, na companhia de seus pais, eu nunca imaginaria que chegaria o momento em que ficaria feliz de vê-lo me esperando de manhã.

— Oi — digo, um pouco sem fôlego diante dele.

Seu sorriso se alarga. Ao que tudo indica, ele também está feliz de me ver.

— Oi!

Ele desliza o olhar pelo meu rosto e mais uma vez tenho aquela sensação estranha no estômago. Me pergunto se sentiria aquele formigamento na pele se ele me tocasse como fez na sexta-feira. Deixo esse pensamento no canto mais escondido de minha mente.

— Você vai me escoltar hoje?

Seu sorriso não se move nem um milímetro.

— Achei que a gente podia ir junto pra assembleia e assim te livrar das perguntas dos outros.

Em seguida, ele aponta com o queixo na direção da escola e começa a andar. Passo os polegares pelas alças da mochila e o acompanho.

- Como... como foi o resto do seu fim de semana? pergunto, hesitante.
- Ontem eu almocei com a minha família. Ele não diz mais nada. Lanço um olhar de soslaio inquisitivo. Percebo que seu sorriso está desaparecendo lentamente. Minha tia Ophelia foi lá pra casa. Ela e meu pai não se dão muito bem.

O fato de me contar algo tão particular me deixa sem palavras por um tempo. Não estava esperando por isso, ainda mais depois que me contou

como algumas pessoas tinham traído a confiança dele e de sua irmã. Por outro lado, na sexta-feira também contei algo sobre mim. Ele deve ter percebido o quanto foi difícil. E talvez agora esteja acontecendo com ele o mesmo que aconteceu comigo. Talvez também sinta que algo mudou e não queira que voltemos a nos comportar de maneira forçada, como fazíamos antes.

A esperança abre caminho dentro de mim. Embora eu não faça ideia de como chamar o que surgiu entre mim e James... Amizade? Algo a mais? Algo a menos? Gostaria de descobrir aos poucos.

— Eles brigaram?

James enfia as mãos nos bolsos da calça.

- Nossas reuniões de família nunca são pacíficas. As Empresas Beaufort continuam sendo, na verdade, da minha mãe e da irmã dela. Mas, desde que meus pais se casaram, meu pai se apropriou de muitas coisas e fez muitas mudanças nas empresas, o que incomodou algumas pessoas, principalmente a Ophelia explica.
 - Ela também trabalha para a empresa? pergunto, curiosa. James assente com um grunhido.
- Sim, mas não tem direito nenhum de intervir na empresa principal. Ela é cinco anos mais nova que minha mãe e sempre foi deixada um pouco de lado. Fica mais responsável pelas subsidiárias e pelas empresas nas quais meus pais têm ações.

Fico pensando no que Ember acharia se nossos pais nos deixassem uma empresa de herança, mas ela não tivesse nenhum direito de intervir só porque é a mais nova de nós duas. Não me surpreende que o clima fique pesado nas reuniões familiares dos Beaufort.

— Ultimamente, ela não concordou com uma série de decisões, então o clima estava bem ruim. Mas... não aconteceu nada. Já tiveram encontros da família piores — diz, dando de ombros, e viramos à esquerda juntos, pelo caminho que leva ao Boyd Hall.

Uma garota da minha aula de História nos ultrapassa. Quando me vê com James, seus olhos se arregalam. Agarro as alças da mochila com mais força e engulo em seco. Apesar de tudo, ergo o queixo e lanço um olhar desafiador para ela até que dê a volta e siga seu caminho depressa.

— Ei, não precisa ser tão brava — diz James, batendo o ombro em mim de leve.

— O que eu tenho que fazer, então? Se alguém me encara, eu encaro de volta.

Ele para na minha frente, me impedindo de avançar.

- Você dá importância demais pra isso, não devia ligar. Deixa dizerem o que quiserem sobre você.
 - Mas eu não sou indiferente.
- E daí? Ninguém precisa saber disso. Você só tem que fingir que isso não te afeta de forma alguma. Aí eles te deixam em paz.

De repente, a expressão de seu rosto muda: agora, as pálpebras estão um pouco caídas; as sobrancelhas, relaxadas; e os cantos dos lábios, ligeiramente levantados. É seu olhar de que-se-foda-tô-nem-aí. Tem uma expressão tão arrogante que dá vontade de dar uma porrada.

- Você parece merecer um soco no meio da fuça.
- Eu pareço estar *querendo* um soco no meio da fuça. Essa é a diferença responde, apontando com o queixo para mim. Agora, sua vez.

Tento imitar a expressão de seu rosto. Pelo tremor que vejo nos cantos de seus lábios, não devo estar indo muito bem.

— Tá. Talvez, pra começar, seja o bastante não olhar para os outros como se estivesse desejando que eles caíssem duros no chão.

Seguimos em frente, e tento levar seu conselho a sério. No entanto, o desconforto aumenta conforme nos aproximamos da escola.

Pouco antes da entrada do Boyd Hall, James coloca a mão na minha nuca e a acaricia. Só por um segundo. Provavelmente para me animar, mas de repente fico nervosa por um motivo totalmente diferente. Não sei como James faz isso, mas um leve toque dele já é o bastante para abalar meu mundo inteiro. Esta sensação é nova para mim, diferente e estranha. De certa forma, também é muito boa.

— Beaufort! — ecoa uma voz atrás de nós.

Estremeço. Um grupo de alunos passa por nós no caminho para a assembleia e nos rodeia quando James e eu paramos outra vez. Ele dá meia-volta, e faço o mesmo, por mais que não queira.

Wren e Alistair sobem a escada e param na nossa frente.

— Oi, Ruby. — Wren coça a nuca, quase envergonhado. — Desculpa por sexta.

Não tenho certeza de se ele está pedindo desculpas só pelo lance da piscina ou pelo modo como me assediou no começo da festa. Se eu perguntasse, James descobriria o que aconteceu entre mim e Wren. Provavelmente, só está pedindo desculpas por causa de James, mas ainda fico feliz por isso. Então, me limito a assentir e dizer:

— Tudo bem. Você não me jogou na piscina.

Wren sorri para mim, surpreso, como se esperasse uma reação completamente diferente.

Como que por iniciativa própria, meus olhos vão para Alistair, que me observa em silêncio. Basta olhar para seu rosto uma única vez para descobrir que ele sabe. Ele sabe que fui eu quem o viu com Kesh na biblioteca. Sorrio para ele com cautela. Alistair não retribui o gesto. Seus lábios formam duas linhas finas e sem vida.

— Vamos entrar? — pergunta James, olhando para o grupo.

Assentimos e subimos os últimos degraus.

A assembleia acabou de começar quando chegamos ao Boyd Hall, e discretamente procuramos lugares vazios na última fileira. Apesar disso, percebo os olhares dos meus colegas em mim quando se espalha a notícia sobre quem está sentada ao lado de James Beaufort nesta manhã. As cabeças vão se virando para nós, uma atrás da outra, enquanto Lexington fica na frente e elogia o time de lacrosse pelo excelente desempenho na sexta-feira.

Me atrevo a olhar para James, mas seu rosto não demonstra emoção alguma, nada que indique que ele acha a situação e o murmúrio ao nosso redor desagradáveis. Portanto, engulo em seco, aperto os lábios e faço o mesmo que ele.

Depois da reunião, James e Wren têm Matemática, enquanto Alistair e eu vamos para a aula de Artes na ala leste. Antes de nos despedirmos, James sussurra para mim:

— Pensa no soco.

Mesmo que suas palavras sejam totalmente inocentes, sinto um calor nas bochechas. Ignoro isso e sigo Alistair, que começou a andar. O clima entre nós está meio tenso, e sinto que deveria dizer alguma coisa. Contudo, por mais que eu queira, não sei o dizer e não abro a boca.

Alistair toma a decisão por mim e para pouco antes de chegar à aula de Artes. Me puxa de lado e me encara, sério.

- O que você viu na sexta à noite... começa a dizer, a voz baixa. Seu olhar vai na direção de alguns estudantes que acabaram de aparecer na esquina. Ele os cumprimenta com um sorriso falso e espera que passem por ele e entrem na sala de aula. Então, se volta para mim. Você não pode contar nada pra ninguém.
 - Claro que não respondo, tão baixo quanto.
- Não, Ruby, você não entende. Precisa prometer. Jura pra mim que não vai contar pra ninguém sussurra Alistair, com insistência.
 - Por que você acha que eu vou fazer isso? respondo.
- Eu... É só que... Ele tem que fazer outra pausa, porque alguém o cumprimenta ao passar. Keshav não quer que ninguém saiba.

Percebo em seu olhar como é difícil para ele pronunciar essas palavras. De repente, deixa de ser o garoto rico e arrogante que bate nos outros no campo de lacrosse. Agora, parece extremamente jovem. E vulnerável.

Não me surpreende nem um pouco. Tenho certeza de que não gosta de estar com alguém que o esconde como se fosse um segredo obscuro.

— Não vou contar pra ninguém, Alistair. Prometo.

Ele assente e, por um breve momento, o alívio parece nítido em seu rosto. Então, sua expressão muda, e ele me olha de maneira desafiadora.

— Se eu descobrir que você contou pra alguém, vou fazer da sua vida um inferno.

E, dito isso, entra na sala sem se virar para mim novamente.

Passo o resto do dia melhor do que o esperado. Algumas pessoas me lançam olhares estranhos e cochicham às minhas costas, mas ninguém se atreve a falar comigo ou mencionar o que aconteceu na sexta-feira. É possível que a escolta matinal de James tenha surtido efeito.

No intervalo do almoço, ao meio-dia, fico com Lin, como sempre. Pelo menos, tudo ocorre como de costume, isso até alguém se aproximar da nossa mesa.

— Tem alguém aqui? — pergunta Lydia Beaufort.

Lin e eu viramos a cabeça e olhamos para ela. Lydia aponta a bandeja para a cadeira ao lado de Lin.

— Não? — respondo, embora pareça mais uma pergunta.

Sem hesitar, Lydia se senta à minha frente, abre um guardanapo sobre o colo e começa a comer seu prato de macarrão. Lin me lança um olhar inquisitivo, mas dou de ombros, sem saber o que dizer. Não faço a menor ideia do que Lydia está fazendo aqui. James designou a ela o papel de escolta? Ou ela decidiu colocar em prática o que me disse na sexta e não tirar os olhos de mim?

Lanço um olhar para James, que está sentado com os amigos do lado extremo do refeitório. Talvez eu esteja errada, mas o clima entre eles parece menos relaxado do que de costume. James e Alistair parecem estar tendo uma discussão acalorada, enquanto Keshav, ao seu lado, olha para o celular, e Wren está com os olhos grudados em um livro. Cyril parece não estar em lugar nenhum.

- Ele não sabe que eu vim me sentar com vocês diz Lydia de repente. Ela limpa a boca delicadamente com o guardanapo e toma um gole da garrafa de água. Estou aqui porque queria me desculpar por sexta-feira.
 - Mas você não fez nada respondo, espantada.
 - Os meus amigos e eu erramos diz, negando com a cabeça.
- E por isso você veio almoçar com a gente? pergunta Lin, sem acreditar.

Lydia faz um gesto de indiferença.

— Eu vi aqueles abutres. Se me sentar aqui, não vão ousar se aproximar.

Ela aponta com a cabeça para um grupo de estudantes que estão olhando em nossa direção. Quando percebem que me virei, desviam o olhar e juntam as cabeças para fofocar.

— E, além disso, queria saber como você está — diz Lydia.

Não consigo esconder minha surpresa. Quando penso na nossa última conversa, só me lembro de seu olhar desconfiado. Não tive a impressão de ela se preocupar com meu bem-estar e, inevitavelmente, me pergunto se minha queda na piscina é o único motivo de ela estar sentada à nossa mesa. Apesar disso, decido ser sincera com ela:

- Queria que nada daquilo tivesse acontecido. Mas estou bem.
- Às vezes o Cy não percebe que já deu. Dou de ombros. Mas conheço ele desde que era pequena continua a dizer. Ele achava mesmo que seria divertido.

- O que ele fez foi o oposto de divertido intervém Lin, e olha para Lydia surpresa quando ela assente.
 - Foi bem ruim. E eu falei isso pra ele também.

Ergo os olhos da minha sopa, perplexa.

- É sério?
- Sim. Claro.

Por um tempo, não sei o que dizer. Por fim, me decido.

— Foi muito gentil de sua parte. Valeu.

Lydia sorri e se volta para o prato de macarrão.

Olho para Lin na mesma hora em que ela olha para mim. Encolho os ombros discretamente outra vez, e então nós duas nos concentramos em nossa comida.

Depois de um tempo, Lin começa a contar como foi sua manhã, que começou com o carro não querendo dar partida. A princípio, acho estranho conversar enquanto Lydia está sentada ao nosso lado, mas ela participa da conversa como se fosse a coisa mais natural do mundo. Por fim, paro de me perguntar quais são suas segundas intenções. Talvez seja verdade que ela só queria ser gentil e se desculpar comigo. Não seria a primeira vez que sua família me surpreende.

Quando terminamos de comer, coloco a mochila no colo e tiro um potinho, que coloco no meio da mesa.

— Ainda sobraram uns biscoitos do fim de semana — anuncio, abrindo a tampa. — Querem um de sobremesa?

Os olhos de Lydia se iluminam.

- Você que fez?
- Com a Lin e a minha irmã respondo. No sábado, de pijama.
- Que incrível diz, pegando um biscoito. Muito melhor do que o meu sábado. E saboreia. Ah, que delícia, sério.
- Obrigada. Sorrio. James me contou que vocês tiveram uma reunião de família.
- Sim, é sempre algo... especial. Pra ser sincera, eu também teria preferido passar o dia de pijama.

Não consigo imaginar alguém como Lydia de pijama, e, quando tento, uma risada me escapa.

Depois do intervalo do almoço, Lin e eu vamos para a sala de estudos preparar a reunião. Enquanto escrevo a pauta do dia, ela distribui os folhetos que acabamos de imprimir na secretaria. Então, esperamos os membros da equipe, que vão entrando um atrás do outro. James se senta, como sempre, no lugar perto da janela. Deixa o caderno preto em cima da mesa, na frente dele, e cruza os braços. Essa visão habitual me provoca uma pontada de dor, porque dá a entender que tanto faz para James nos entendermos ou não. Ele não está aqui porque quer. Pelo contrário: sua presença o impede de ir ao treino de lacrosse, e é um castigo que ele odeia.

- Ruby? Não tinha percebido que Kieran estava ao meu lado.
- Humm? murmuro, olhando para ele.

Kieran é só um pouco mais alto que eu. O cabelo preto liso cai sobre seu rosto, e ele o afasta com um gesto de cabeça.

- Queria te perguntar se você tem algum tempo livre depois da reunião. A variedade de orquestras que encontrei é bem grande, e pensei em falar com você antes de selecionar um top três.
- Espera rapidinho murmuro, pegando meu planner. Só tenho anotado "Organizar o aniversário com minha mãe e meu pai". Mais nada.
 Tudo bem.
 - Beleza diz, sorrindo aliviado.

Ele volta para seu lugar, que fica na diagonal de James. Seu olhar e o meu se cruzam, e um sorriso brincalhão aparece em seus lábios enquanto ele observa Kieran e a mim.

— Que foi? — digo, apenas com o movimento dos lábios. James pega o celular. Pouco depois, o meu se ilumina sobre a mesa.

Ele gosta de você.

Reviro os olhos, ignorando-o.

- Tudo bem, gente. Vamos colocar tudo em dia. Lin dá começo à reunião, e pouco depois aponta para Jessalyn, que está sentada à sua direita.
- Recebi vários orçamentos para a decoração. Uma das empresas entregou um muito bom mesmo. Jessa entrega os portfólios impressos para o grupo. Obrigada de novo pelo conselho, Beaufort.

Olho para James, surpresa, e ele inclina a cabeça para Jessa. Pela quantidade de vezes que ele vira a cabeça na direção do campo de lacrosse através da janela, nunca pensei que ele se envolveria em alguma coisa sem ser solicitado. E muito menos sem que eu soubesse.

— Fiz alguns esboços para o convite — anuncia Doug quando chega sua vez e entrega um pendrive para Lin. Ela o insere no notebook e abre a apresentação. — A primeira opção é bastante clássica e semelhante à do ano passado — explica Doug.

Observo as letras douradas retorcidas sobre um fundo preto, mas antes que eu opine, Camilla diz:

— Achei que a gente queria se afastar da festa do ano passado.

Um murmuro de aprovação corre pela sala.

— Bom, vamos para a segunda opção — prossegue Doug, fazendo um gesto para Lin clicar outra vez.

O segundo convite é feito das cores típicas do Dia das Bruxas.

- Não parece tão elegante quanto imagino uma festa vitoriana comenta Kieran, em dúvida.
 - Verdade, eu concordo respondo, assentindo.

Lin clica na próxima proposta, seguindo as instruções de Doug. Um murmúrio se espalha pela sala, e me sinto ficar rígida. Em seguida, me inclino para mais perto da tela e observo o convite com os olhos semicerrados. Parece ter sido feito em um papel antigo. O evento é anunciado em uma fonte muito floreada, mas legível; e, logo abaixo... eu apareço. Com James, que se inclina e segura minha mão na sua com gentileza, como se estivesse me convidando para dançar com ele.

É uma das fotos que tiramos no sábado em que fomos para Londres. Não acredito que ele mandou para Doug sem que eu soubesse. Olho para a tela do notebook e olho para James do outro lado da sala. Ele me responde com um olhar resplandecente.

— O convite ficou incrível — diz Jessa algum tempo depois. Todos emitem um som de concordância. — O vestido é simplesmente um sonho. Será que por acaso você não teria mais alguns? — pergunta para James.

Ele balança a cabeça negativamente.

- Já foi um milagre ter conseguido essas roupas.
- O convite está maravilhoso, Doug. Lin se volta para a tela a fim de contemplar a imagem em tamanho grande. Então, se levanta e dá uns

passos para trás. — Acho que poderíamos dar uma modernizada em como as informações estão. Mudando a fonte, talvez?

— Também acho — concordo, tentando não deixar transparecer o quanto estou insegura em relação à imagem.

Se concordarmos que esse será o convite, meu rosto ficará estampado por toda a escola, por toda Pemwick! Não sei se estou pronta para chamar atenção desse jeito. Infelizmente, não tenho como discutir; o grupo está encantado e já fala de encomendar a impressão na mesma gráfica que da última vez.

Observo a imagem novamente. James, em seu terno vitoriano, e minha mão na sua. Quando penso em como foi estar tão perto dele e como aquele momento entre nós foi mágico, sou invadida por um calor no peito. Durante o restante da reunião, não ouso olhar para James nem uma vez.

Quando terminamos, Jessa, Camille e Doug se despedem. Enquanto isso, Kieran se aproxima de mim para que possamos dar uma olhada nas orquestras no notebook de Lin, e vejo de soslaio que Lin se aproxima de James. Ela se senta ao seu lado e começa a falar com ele. Observo com o cenho franzido como ele assente e faz anotações no caderno. Só depois percebo que Kieran está falando comigo.

- Desculpa, o que você disse?
- Que eu acho que a festa vai ser a melhor que já fizemos em Maxton Hall repete, sorrindo para mim.
- Seria fantástico. Estamos planejando há tanto tempo... Mal posso esperar.
- Eu também. Na noite da festa, você vai ter que reservar uma dança pra mim.

Kieran continua sorrindo e olha para mim através dos cílios pretos. Engulo em seco.

Ele gosta de você.

Lin vem me falando isso há meses. Será que ela está certa? Até agora, para mim, Kieran só era um vampirinho ambicioso um ano mais novo que a gente. Achava que era gentil comigo para que eu o indicasse a líder da equipe no ano que vem. Nunca passou pela minha cabeça que ele gostava de mim.

De repente, percebo como Kieran está próximo a mim e que nossos joelhos estão quase se encostando debaixo da mesa. Deslizo para o lado,

mas me detenho logo em seguida. É uma situação totalmente inocente. Por que deixo as palavras de James me confundirem tanto?

Lanço um olhar furioso para ele assim que olha para mim. Ao contrário do meu, o seu não é um olhar fugaz, mas bem aberto. Adoraria mostrar a língua para ele. Mas como acho que não seria uma atitude muito madura, olho para Kieran com um sorriso resplandecente e assinto.

- É claro. Mas antes tenho que aprender a dançar bem.
- Eu te ensino no ensaio diz Kieran, e juro que vejo um leve rubor em suas bochechas.

Meu Deus!

— Legal. Combinado — digo, mais alto do que pretendo. Pigarreio. — Vamos ouvir a música agora?

Pegamos os fones de ouvido e damos uma olhada nas demos das orquestras que Kieran separou. Depois, vemos as avaliações na internet e vamos à seleção.

Acho que eu mostraria a proposta dessas três para os outros. O melhor seria reunir algumas e decidirmos na quarta-feira qual é a melhor — finalizo.

Kieran assente.

- Entendi.
- Perfeito digo, sorrindo enquanto tiro os fones de ouvido.

Abro minha agenda e pego o marcador rosa para anotar as tarefas que discutimos hoje.

— No sábado você vai fazer dezoito anos? — pergunta, perplexo.

Fecho a agenda na mesma hora. Tento não demonstrar, mas me incomoda o fato de Kieran ter dado uma olhada no interior da agenda. É como se fosse meu diário, e não foi feita para os olhos alheios.

- Aham respondo depois de uma pausa breve.
- E o que você vai fazer?

Lin escolhe este momento para sair de seu lugar ao lado de James e se juntar à nossa conversa.

— Nós... — ela para de falar quando lhe lanço um olhar de advertência. Em Maxton Hall, não é da conta de ninguém o que eu vou ou não fazer no meu aniversário. É minha vida particular, e não quero que ninguém saiba nada dela. — ... não vamos fazer nada de especial — conclui, apertando os lábios com força.

- Você não tinha me falado que já ia virar adulta interrompe James. Ele ergue os braços acima da cabeça e se espreguiça. Por que não me convidou?
 - Porque você não sabe se comportar respondo.
- Vou te mostrar como posso me comportar bem diz, mas dá a entender exatamente o oposto.

De repente, me lembro da festa outra vez. Não da piscina e de tudo o que aconteceu depois, mas sim do momento na pista de dança, quando caí em cima de James e senti seu corpo contra o meu. Então, ele olhou para mim exatamente com esse mesmo brilho descarado nos olhos, que provoca um frio no meu estômago. Preciso me controlar e me lembrar de onde estamos antes de responder:

- Você não foi convidado, James.
- Então tá. Mais uma vez, não parece que está dizendo *então tá*, mas sim *vamos ver só*.

Kieran se levanta e joga a mochila no ombro.

— A gente se fala, tá?

Assinto, e ele sai da sala fazendo um gesto com a mão, que é meio um cumprimento e meio um *high five*. Então, guardo a agenda na mochila e fecho o notebook de Lin. Coloco-o na maleta e me levanto.

— Vocês vão ficar mais um pouco ou posso trancar a porta? James e Lin negam com a cabeça.

— Também terminamos.

Enquanto os dois pegam suas coisas, observo-os com desconfiança. Quero saber do que estavam falando. Espero que Lin não tenha contado nada sobre meus planos de aniversário. Embora eu tenha confiado a ele uma parte importante da minha vida na sexta-feira, de algumas coisas ele não precisa saber. Como o fato de eu querer passar a tarde do meu aniversário de dezoito anos me divertindo com a minha família e com Lin.

- O Rutherford está louco por você diz James depois de sairmos da biblioteca.
 - Nada a ver respondo, balançando a cabeça.
- Espere e verás comenta Lin, concordando com ele sem necessidade. Lanço um olhar ameaçador para ela. Que foi? Estou te dizendo isso há anos. Por que mais ele adivinharia todos os seus desejos e seria tão gentil assim? Está muito, muito na cara.

— Na cara de quem? Não tem nada a ver. Ele é gentil comigo porque eu sou a líder da equipe. Ele tem que ser gentil comigo.

Lin sorri para mim e dá um tapinha em meu braço.

— Verdade, vou reformular. Está na cara de todo mundo, menos na sua.

James ri baixinho, e o fuzilo com o olhar. Queria saber o que aconteceu para os dois de repente estarem se entendendo tão bem. Não me lembro de terem concordado em alguma coisa antes, e muito menos de trocarem aqueles olhares engraçadinhos por cima da minha cabeça. Não sei se acho bom a situação ter evoluído dessa forma.

Fico quase aliviada quando, pouco depois, Lin se despede de mim com um abraço e segue em direção ao estacionamento. James insiste em me acompanhar até o ponto de ônibus.

- Você está dando esperanças para aquele garoto, coitado diz, do nada.
 - Que foi, James? Tá com ciúmes?
- É a única resposta que me vem à mente. Mas quando ele não responde, olho para ele de soslaio e vejo que enfiou as mãos nos bolsos da calça e franziu o cenho.
- Se alguém vai te ensinar a dançar adverte após uma pausa rápida
 , essa pessoa serei eu.
- Você não está falando sério respondo, incrédula. Sério mesmo que você está com ciúme do Kieran?
- Não. Ele ainda não olha para mim. Mas não quero que esse cara crie falsas esperanças.
 - Que tipo de esperanças? pergunto.
 - De que ele só precisa puxar seu saco pra te fazer sorrir. É ridículo. Paro de repente.
 - Como é? Eu também sorrio quando não estão puxando meu saco!

Finalmente, ele se vira para mim, mas não consigo distinguir o olhar em seus olhos sombrios.

- Jura? Você nunca sorriu desse jeito pra mim.
- Porque até agora você não me deu muitos motivos pra sorrir pra você. Ele me encara por um instante. Não entendo por que fica desse jeito. Parece magoado, e não consigo acompanhar seu raciocínio. Obrigada por cuidar de mim hoje. Ele se limita a assentir. De

verdade. Ninguém mexeu comigo. Se você não tivesse ido comigo pra escola e pra assembleia, as coisas teriam sido diferentes. — Como ele permanece calado, continuo: — Sua irmã foi sentar com a gente no refeitório hoje e...

James segura meu braço de uma vez e fica na minha frente. Prendo a respiração e olho para ele, surpresa. Está muito sério.

- Desculpa diz.
- Desculpa pelo quê? pergunto, baixinho.
- Por não ter te dado nenhum motivo até agora pra olhar pra mim como você olhou para o Kieran.
 - James...
 - Eu vou mudar acrescenta ele, olhando fundo em meus olhos.

Não sei o que fazer. Sinto um vazio no estômago, e minhas pernas ficam bambas. Fico consciente do toque dele no meu braço, e consigo sentir seu toque leve através do tecido do suéter. Fico arrepiada. Sou dominada de repente pela necessidade de tocá-lo, e isso me pega de surpresa. Não sei o que fazer. Colocar as mãos na cintura dele para me apoiar já seria o bastante. Mas não posso. Simplesmente não é uma opção. Assim como não posso ficar sem fôlego quando ele se aproxima tanto de mim ou sentir um frio na barriga sempre que me olha desse jeito.

— Meu ônibus está chegando — digo, me afastando dele.

Seu olhar não perde a intensidade. Me viro e corro para não me render a ele, totalmente indefesa. Nunca fiquei tão feliz de poder entrar num ônibus.

Ruby

No sábado, acordo às seis da manhã... sem despertador. Sempre faço isso no meu aniversário. Não consigo dormir em paz pensando no que minha mãe e meu pai inventaram para mim. Minha mãe trabalha em uma padaria, e nesta data sempre traz para casa os bolos mais requintados do mundo, enquanto meu pai prepara um banquete e, com a ajuda de Ember ou minha, decora todo o andar de baixo. Às sete, ouço os movimentos lá embaixo e imagino que já estejam totalmente imersos nos preparativos. Afinal, só se faz dezoito anos uma vez.

Tento ver se estou me sentindo diferente, mas não é o caso. Foi a mesma coisa com Lin em agosto. Pelo menos foi o que ela disse quando, depois do churrasco, nos deitamos juntas na grama e contemplamos as estrelas.

Me viro de lado e pego o celular. Jessa me mandou uma mensagem, e Lin enviou um áudio pouco depois da 01h30 da manhã. Em voz baixa, canta parabéns e depois me deseja um feliz aniversário. Por fim, enfatiza que tem certeza de que nós duas seremos aceitas em Oxford e que mal pode esperar.

Então, me visto e me sento perto da mesa para me distrair folheando o planner. A festa de Dia das Bruxas será em uma semana. Parece que passei a vida toda ocupada só com os preparativos desse evento. Na sexta-feira de manhã, os cartazes chegaram da gráfica, e aproveitamos a reunião para distribui-los pela escola. Ninguém disse nada sobre a foto em que estou com James, muito menos mexeu comigo por isso. Pelo contrário: as reações em geral foram positivas, e o diretor Lexington me escreveu um email para informar que o convite também recebeu inúmeros elogios de convidados externos.

Ainda não me acostumei com o fato de todo mundo em Maxton Hall saber meu nome. É estranho que de repente me cumprimentem ou me ofereçam lugares para sentar no refeitório. Contudo, tento não deixar transparecer que estou insegura e continuo agindo como sempre, como se eu fosse indiferente a toda a atenção. É o que James também faz. Finge que não se interessa por nada. Mas agora sei que não é verdade.

Por sua conta e risco, minha mente se lembra de um momento da segunda-feira passada. *Eu vou mudar*. Como ele parecia decidido e com quanta determinação me olhou. Como se, naquele instante, não houvesse nada mais importante nesta vida além de me convencer de que estava falando sério.

Balanço a cabeça para afastar os pensamentos sobre James; porém, tomo um susto em seguida.

Tames

Escrevi seu nome no meu *planner*. E nem percebi! Sinto um calor nas bochechas e imediatamente tiro o corretivo do estojo. Começo a apagar, mas paro nas primeiras letras. Devagar, deixo o tubo de lado e passo os dedos por seu nome suavemente. Sinto um formigamento nas pontas dos dedos. Não é um bom sinal. Há dias estou me perguntando o que isso significa. Afinal, ele continua sendo... ele. Mas não posso negar que algo mudou. Já faz muito tempo que não sinto raiva ou desconfiança ao vê-lo, sinto outra coisa. Algo empolgante e ardente.

E tenho que sorrir. Porque fico feliz de vê-lo. Porque gosto da sua companhia. Porque ele é astuto e inteligente, e o acho interessante. Porque é como um enigma que quero resolver a qualquer custo.

Nunca teria pensado nessa possibilidade, mas... não odeio mais James Beaufort. Muito pelo contrário.

De repente, a porta de meu quarto se abre e Ember entra. Ela me pega em flagrante, e fecho o *planner*. Olha para mim desconfiada, e então seu olhar se dirige a ele, como se soubesse exatamente que havia algo vergonhoso escrito ali. Em seguida, se joga em cima de mim, rindo, e agarra minha mão para me ajudar a levantar.

— Fiquei surpresa por você ainda não ter descido — diz.

Ela puxa meu braço, embora não seja necessário. É um prazer acompanhá-la. Saímos de meu quarto, e passo o braço pela cintura dela a fim de apertá-la contra mim.

— Você vai ter que fazer tudo o que eu quiser hoje.

Por mais feliz que eu esteja, percebo nesta hora que também há um sentimento de tristeza. É o último aniversário que passarei com meus pais e Ember. Só Deus sabe onde estarei no ano que vem. Em Oxford mesmo? Com Lin? Ou completamente sozinha? E o que vai acontecer se eu não for aceita? Onde eu estarei, então?

Ember me impede de me perder em pensamentos, porque, no momento em que viramos à direita para entrar na sala de estar, anuncia:

— A aniversariante chegou!

Inspiro alto.

— Surpresa! — grita minha família.

Cubro a boca com a mão e sinto meus olhos pinicarem. Não choro com frequência, e se choro é quando estou sozinha no meu quarto, onde ninguém pode me ver. Mas, ao ver meus avós, minha tia, meu tio, meu primo e meus pais começando a cantar *Parabéns pra você*, fica impossível não chorar.

A decoração do cômodo está linda. Este ano, meu pai e Ember se superaram. Pompons brancos e verde-menta pendem do teto; há enfeites das mesmas cores em cima da mesa; e mais atrás, na mesinha da sala, sobre os presentes, flutuam dois balões de um verde-menta metálico com a minha idade.

A meia hora seguinte se passa como em um sonho. Todos me dão parabéns, me abraçam, me perguntam como estou me sentindo e, por fim, me entregam os presentes. O tio Tom, a tia Trudy e Max me dão a coleção de *Boku no Hero*, uma série de mangá em que estou de olho há meses. Ember me presenteia com marcadores novos e adesivos bonitos para o meu *planner*. E meus avós me dão dois livros técnicos que estão na lista de leituras de Oxford. Meus pais me compraram um HD externo que eu estava querendo desde que, no começo do ano, meu notebook morreu do nada e acabei perdendo todos os meus arquivos.

— De quem é isso? — pergunto, apontando para um pacote grande ainda em cima da mesa.

— De um admirador secreto — responde minha mãe, mexendo as sobrancelhas para cima e para baixo.

Olho para ela e meu pai sem acreditar. Ele encolhe os ombros.

- Chegou por correio explica Ember.
- Sem remetente? pergunto, olhando com ceticismo para o papelão preto com laço azul.
- Acho que não precisa, todo mundo sabe de quem é intervém Ember.
- Ai, meu Deus, não me diga que você tem um namorado! exclama meu primo Max, me encarando com os olhos arregalados.

Na mesma hora em que respondo com um *não*, Ember responde um *sim*.

— Abre — pede Trudy, olhando por cima do meu ombro.

Ela estende a mão e finge desfazer o nó. Tiro o pacote de seu alcance. Eu o pego e me sento com ele no sofá.

Desfaço o laço devagar. Tenho a horrível sensação de que estão me observando, e, com o olhar, peço para minha família parar de me encarar. Para o meu azar, não adianta nada. Na casa, reina um silêncio mortal. Levanto a tampa e solto um suspiro.

Na caixa, encontro uma bolsa. Pego-a do embrulho, prendendo a respiração, e a coloco no colo. É de couro marrom-escuro, tem uma alça ajustável e bolsinhos pequenos na frente, sob a aba com fechos de metal. Abro com cuidado. O forro interno da bolsa é de um tecido xadrez azul e verde, e a distribuição dos compartimentos, à primeira vista, parece perfeita. Há uma seção separada para o notebook, várias outras pequenas na lateral, que podem ser fechadas com zíper, e o compartimento principal tem uma área menor separada no meio.

Com essa bolsa, tenho certeza de que eu poderia dominar o mundo. Fecho com cuidado e acaricio o couro, que é lindo. Então, percebo que tem uma coisa que não vi à primeira vista. No canto inferior direito da aba, há três letras: RJB, minhas iniciais.

Fico sem fôlego. Me sinto em um sonho, e os *uau* e *ah* da minha família mal chegam aos meus ouvidos. Olho para a caixa no chão, forrada com papel seda preto, e encontro um cartão. É de um tom branco meio creme e tem uma borda dourada fina. Em letras pretas, leio:

Feliz aniversário, Ruby. J.

Mais nada. No entanto, vários sentimentos explodem em meu peito, fazendo meu corpo inteiro formigar. Não sei como reagir, só consigo olhar para a bolsa até meus olhos começarem a enxergar cifras e símbolos da libra esterlina flutuantes. Este é, com toda certeza, o presente mais caro que já ganhei. Mas, na verdade, não quero pensar nisso.

E não quero pensar no que significa o fato de James ter se lembrado de mim e me mandado este presente. Será que percebeu que minha mochila estava prestes a desmanchar? Sabia que eu estava há meses economizando para comprar uma bolsa nova para o ano que vem? Ficou com pena?

Não sei, e pensar nisso me deixa enjoada.

- O garoto tem bom-gosto, isso é óbvio comenta Trudy, com um suspiro.
 - E dinheiro acrescenta Max.
- Acho que ele não deve ter gastado um centavo com isso, já que os pais são os donos da empresa que faz essas bolsas comenta Ember.
- Gente! interrompe minha mãe, apontando para a mesa onde colocou um café da manhã abundante. Deixem a Ruby em paz e se sentem.

Ela se aproxima de mim, pega a bolsa do meu colo, a coloca na caixa com cuidado e então oferece a mão para me ajudar a levantar. Coloca os braços em volta dos meus ombros e me aperta contra si.

— Não se fala de um presente desse jeito. O garoto teve esse cuidado, e é um gesto lindo pelo qual devemos ficar gratos. — Ela me dá uns petelecos no nariz. — Agora, vai soprar as velas.

Todos nos dirigimos à mesa. Há dez anos, faço o mesmo pedido ao apagar as velas. *Oxford*. Mas, este ano, outra palavra surge, e preciso parar por um segundo e me concentrar.

— Quando se faz dezoito anos, pode fazer dois pedidos — diz meu pai com uma voz doce.

Não tinha percebido que ele veio para o meu lado com a cadeira de rodas, mas agora está fazendo um carinho leve nas minhas costas. Fica claro que minha luta interna se refletiu em meu rosto.

— É verdade — concorda minha mãe. — Essas são as regras.

Fico vermelha e afasto o olhar deles. Me recuso a pensar no motivo de o nome de James ter sido a primeira coisa na qual pensei. Ou em por que acredito no que meus pais dizem quando fecho os olhos e sopro com força.

Este é um dos aniversários mais lindos que já tive. Depois do café da manhã, fomos passear e tiramos uma foto em família no parque de Gormsey, para a qual precisamos fazer pelo menos dez tentativas porque alguém sempre saía com os olhos fechados. À tarde, Lin vem aqui para casa e todos nós jogamos jogos de tabuleiro e mímica. Por fim, Lin e eu ganhamos de Max e da tia Trudy por pouco. À noite, Ember e eu ajudamos nosso pai a fazer o menu de três pratos que começou a preparar no dia anterior. Nos sentamos ao redor da mesa por um bom tempo, e me surpreendo pela facilidade com que Lin se integra ao nosso grupo. Ela não parece se importar de não entender alguns assuntos internos da família. Em vez disso, faz um monte de perguntas sobre o trabalho da minha mãe na padaria e conversa bastante com meu pai sobre sua paraplegia. Pelo visto, o tio de Lin também usa cadeira de rodas, fato que eu desconhecia por completo. Fico maravilhada pela maneira como ela aborda o assunto, sem se deixar perturbar pela deficiência do meu pai.

Depois que todos vão embora, comi tanto e estou tão feliz que poderia ir dormir na mesma hora. Mas, quando coloco o pijama, meu olhar para na caixa preta sobre minha mesa. Me levanto e fico na frente dela. Tiro a tampa, hesitante, e pego a bolsa. Abro os dois fechos da frente com um leve clique. Tiro da gaveta da escrivaninha tudo que preciso levar para a escola na segunda-feira e começo, aos poucos, a colocar tudo nos compartimentos da bolsa de couro. Preciso fazer vários testes até ficar satisfeita com a distribuição. Em comparação à minha mochila, onde tinha que guardar tudo em um só bolso, essa aqui é o paraíso. Há até compartimentos para os marcadores, onde coloco os que mais uso no planner.

Não sei se James tem noção de como estou feliz com o presente. Agora, olhando para a bolsa cheia, confirmo que não posso devolver de jeito nenhum. Me inclino e abro o bolsinho frontal esquerdo para pegar o celular que coloquei ali para ver se cabia. Não hesito nem por mais um segundo: procuro o contato de James e clico nele. Estou com o celular

encostado na orelha, e espero começar a chamar. Toca. E toca. Estou prestes a desligar quando atendem.

— Ruby Bell.

Quase parece que ele estava esperando minha ligação.

— James Beaufort.

Se ele diz meu nome completo, posso fazer o mesmo com ele. Ao contrário do que acontecia antes, quando cuspia o nome dele como um palavrão, as palavras saem de minha boca de uma forma totalmente diferente. Melhor.

— Você está bem? — pergunta, embora eu quase não o entenda.

Ao fundo, ouço uma música, e o volume vai diminuindo gradativamente. Me pergunto onde ele está e o que está fazendo.

- Estou ótima. Acabei de arrumar minha bolsa nova respondo, passando os dedos pelo compartimento central. A costura é uniforme.
- Gostou? pergunta, e eu gostaria de saber como ele está fisicamente. O que está vestindo.

Na minha mente, ele está com o uniforme da escola, porque poucas vezes o vi usando outras roupas, mas me esforço para me lembrar de quando James usou um jeans preto e uma camiseta branca. Naquele dia, na porta de casa, ele parecia um cara normal, não o herdeiro de uma empresa milionária. Mais humano, mais acessível.

— É maravilhosa. Você sabe que não precisava fazer isso, né? — aviso. Fecho a bolsa e me sento na cadeira da escrivaninha, os pés cruzados sobre a mesa.

- Queria te dar um presente. E, para alguém que gosta de organização tanto quanto você, achei que a James seria uma boa escolha.
 - A James?
 - É o nome desse modelo.
 - Você me deu uma bolsa que batizou com o próprio nome?
- Não fui eu que escolhi o nome, foi minha mãe. Tem também uma Lydia. E outras com os nomes dos meus pais. Mas a Lydia era pequena demais pra você, e a Mortimer, grande demais. Além disso, gostei da ideia de te ver passeando pela escola com a James.

Não consigo conter o sorriso.

— Você dá itens da Beaufort pra todos os seus amigos? — quero saber. Por um instante, ele fica calado; só ouço uma música baixa ao fundo.

— Não — responde.

James não diz mais nada. Não sei o que isso significa. Não sei o que está acontecendo entre nós e muito menos o que eu quero. Só sei que transbordo de alegria quando ouço sua voz.

- Quando a empresa for sua, você vai ter que colocar meu nome em uma bolsa digo, quebrando o silêncio.
 - Posso te contar um segredo, Ruby? Sua voz fica rouca e áspera.

Me pergunto com quem ele está. Se deixou alguém de lado para falar comigo no celular.

— Pode me contar o que quiser — sussurro.

Há uma breve pausa na qual só consigo ouvir seus passos. Parece que está andando no cascalho. Então, o barulho desaparece, assim como a música.

— Eu... eu não quero tomar conta da empresa. — Se ele estivesse aqui, eu olharia para ele incrédula. Mas não tenho escolha a não ser segurar o celular mais perto da orelha. — Sinceramente, nem quero ir pra Oxford — continua a dizer.

Meu coração está batendo tão forte que ressoa em meus ouvidos.

— O que você quer, então?

Ele respira fundo.

- É a primeira vez em muito tempo que alguém me pergunta isso.
- Mas é uma pergunta importante.
- E eu não sei o que responder. Ele fica uns minutos calado. Meu futuro está planejado desde sempre, sabe? Não importa que Lydia queira muito mais assumir a Beaufort e que, aliás, faria isso muito melhor do que eu. Ela vive pela nossa empresa, e, apesar disso, meu pai vai me colocar na gestão da Beaufort no ano que vem. Soube disso minha vida inteira, e também aceitei. Mas não é o que quero. Há outra pausa. Infelizmente, nunca vou poder descobrir o que eu quero. Não tenho controle sobre a minha própria vida, ela já está planejada faz tempo: Maxton Hall, Oxford e a empresa. Pra mim, não tem outras opções.

Agarro o celular com mais força e o aperto na orelha para ter James o mais próximo possível de mim. O que acabou de me contar com certeza é a coisa mais sincera que já me disse. Não consigo acreditar que me falou algo do tipo. Que confiou esse segredo a mim.

— Meus pais sempre me disseram que o mundo está à minha disposição. Não importa de onde você vem ou pra onde vai. Minha mãe e meu pai sempre me disseram que eu podia fazer e deixar de fazer o que quisesse, e que nenhum objetivo era inalcançável. Acho que todos merecem um mundo cheio de possibilidades.

Ele emite um som fraco de desespero.

- Alguns dias... começa a dizer, mas se detém. Reunindo coragem para continuar sendo sincero, ele prossegue: Alguns dias, tenho a sensação de que não consigo respirar direito porque tudo me oprime.
 - Ah, James sussurro.

Meu coração dói ao escutá-lo. Nunca pensei que ele sofresse tanta pressão e que as obrigações para com a família fossem um fardo tão pesado. Sempre tive a impressão de que ele gostava do poder que seu sobrenome lhe proporcionava. Mas, aos poucos, as peças vão se encaixando em minha mente: a tensão sempre que Oxford é mencionada; seu rosto impassível quando os pais apareceram em Londres; o modo como seu olhar fica sombrio sempre que o assunto da empresa surge.

De repente, o entendo. Entendo por que se comportou daquela maneira no começo do ano. O motivo de ter feito tudo e sua atitude de *pra mim, tanto faz*.

- Esse ano... é o último em que você ainda não vai ter que assumir nenhuma responsabilidade murmuro.
 - É minha última chance de ser livre responde, baixinho.

Queria tanto contradizê-lo, mas não posso. Assim como não posso sugerir qualquer solução para seu problema: simplesmente não há uma. Quando é preciso assumir um legado desse tipo, não basta se sentar à mesa com seus pais e discutir o assunto. Além do mais, tenho certeza de que ele já levou todas as opções possíveis em consideração. E, se conheço James, ele vai se limitar a fazer o que os pais pedirem, sem mais. Nunca deixaria a família na mão.

— Queria estar com você agora.

As palavras escapam de minha boca antes de eu conseguir pensar no que elas significam.

— O que você faria se estivesse comigo? — pergunta ele.

Num piscar de olhos, sua voz adquiriu outro tom. Agora, não soa mais desesperada, e sim bastante... brincalhona. Como se esperasse uma

resposta indecente de minha parte.

— Te abraçaria.

Não é muito indecente, mas é sincera.

— Acho que eu ia gostar disso.

Ainda não nos abraçamos de verdade, e se ele estivesse na minha frente, também não teria ousado dizer algo do tipo. Mas agora, com a voz sombria em meu ouvido e sem precisar olhar nos olhos dele, nada me parece impossível. Me sinto corajosa, triste, nervosa e feliz, tudo ao mesmo tempo.

- Seu aniversário foi divertido? pergunta ele um pouco depois.
- Foi.

Então, começo a contar para ele sobre os presentes que recebi e que Lin e eu ganhamos no jogo de mímica. James ri com as histórias divertidas, claramente aliviado pela mudança de assunto. Depois, falamos de todos os assuntos possíveis: como está seu fim de semana até agora (mais ou menos), o trabalho de inglês (difícil, mas dá pra fazer), nossos cantores e bandas favoritos (o meu: Iron & Wine; o dele: Death Cab for Cutie) e nossos filmes favoritos (o meu: A Origem dos Guardiões; o dele: A Vida Secreta de Walter Mitty). Descubro muitas coisas novas sobre ele. Por exemplo, que ele curte blogs, como Ember. Ele me conta de um blog de viagens que descobriu recentemente e da vez que, na verdade, só pretendia ler um artigo, mas, por fim, se esqueceu de uma reunião no escritório dos pais porque passou horas imerso nas postagens sobre viagens pelo mundo que o autor tinha feito e não percebeu o tempo passar. E, exatamente como ele, isso acontece comigo agora. Antes que me dê conta, são três da manhã, e estou meio desperta na cama, com a voz de James ainda em meu ouvido. Estou admirando o moletom de lacrosse dobrado na minha mesa de cabeceira.

E só consigo pensar em James.

Ruby

O olhar afiado do diretor Lexington me perfura enquanto tento ficar parada e não me mexer de nervosismo na cadeira. Sempre acho estranho me sentar em seu escritório. Sua atitude não muda: as mãos estão unidas em cima da mesa à sua frente de maneira relaxada; mas, ao mesmo tempo, me encara com severidade, como se não tivesse problema em passar por cima de um cadáver se a escola se beneficiasse disso. Não desejo a ninguém têlo como inimigo.

Duvido que algum dia me acostumarei às reuniões semanais com ele. Ainda mais quando Lin me deixa sozinha, como hoje, porque tem que ir para Londres ajudar a mãe na galeria durante uma recepção.

No entanto, há um lado positivo em estar sentada aqui sozinha, em frente à mesa de Lexington, encarando seus olhos de águia. Pelo menos assim consegui fazer uma sugestão sem que Lin me lançasse um olhar de soslaio ou me chutasse por baixo da mesa.

— Eu entendi bem, srta. Bell? — pergunta Lexington, se inclinando de leve para a frente. Ele me observa com a testa franzida. — Você quer que eu suspenda o castigo do sr. Beaufort?

Assinto devagar.

— Sim, senhor.

Ele aperta um pouco mais os olhos.

- Por que eu deveria fazer isso, na sua opinião? O prazo ainda não chegou ao fim.
- Ele se mostrou muito comprometido, senhor respondo. Não estava esperando por isso. Ele contribuiu com ideias geniais, e graças a ele as atividades da festa de Dia das Bruxas de Maxton Hall alcançaram outro nível.

Lexington se recosta na cadeira e expira sonoramente. Parece gostar da ideia. Sempre que se trata da imagem da escola, Lexington reage como um passarinho que descobriu um objeto brilhante.

— Acho que o James pode ser mais valioso para a escola no campo de lacrosse. O time precisa dele. Embora o Roger Cree seja bom, não tem muita experiência. O técnico Freeman também disse isso quando o entrevistamos na sexta-feira para o *Blog de Maxton*.

Os vincos na testa de Lexington se aprofundam cada vez mais. Dá para ver que ele começou a pesar os prós e contras mentalmente.

— E você não está dizendo isso só porque ele está dando trabalho e vocês querem se livrar dele? — insiste, sem acreditar.

Me pergunto o que Lexington diria se soubesse que é justamente o contrário. Não quero me livrar de James. Se dependesse de mim, passaria cada segundo com ele.

Mas desde que James se abriu comigo e percebi o quanto este último ano significa para ele, não tive como evitar. Tinha que falar com o diretor Lexington. É a única opção em que consigo pensar para ajudar James e aliviar pelo menos uma pequena parte do fardo que ele carrega nos ombros; mesmo que só por um tempinho. Além do mais, não estou fazendo isso só como um favor para ele, mas porque é a verdade. James se esforçou muito, e deve ser recompensado por isso. Assim, poderá jogar lacrosse pelo resto da temporada com os amigos e aproveitar o ano.

No mesmo instante, me pergunto o que isso significa para nós. Afinal, agora também somos amigos. Ou algo do tipo. Será que ele vai passar algum tempo comigo? Talvez não. Ao pensar nisso, algo se aperta no meu peito, mas tento ignorar com todas as forças. Estou fazendo isso por James, não por mim.

— Srta. Bell?

O diretor Lexington me arranca de meus pensamentos e levo alguns segundos para me lembrar de qual era sua pergunta. Balanço a cabeça.

— De jeito nenhum, senhor. Estou pensando realmente no bem da escola. Ele nos apoiou, e agora deveria apoiar seu time. Não podemos permitir uma derrota tão avassaladora quanto a de sexta-feira passada se quisermos manter nossa reputação.

Com isso, acerto no alvo. Os olhos cinzentos de Lexington brilham, e suas costas ficam tensas de repente.

— Entendi. — Ele assente, e por instinto prendo a respiração. — Bom. O sr. Beaufort pode concluir suas tarefas no comitê de eventos antes da data e voltar a jogar lacrosse.

Dentro de mim, uma sensação de alívio e alegria antecipada se espalham ao pensar na reação de James quando contar a notícia para ele. Sorrio, grata, mas Lexington levanta um dedo de advertência.

— Mas será a partir da semana que vem, depois da festa. Não vou correr o risco que de ele inventar qualquer coisa para atrair atenção indesejada para a escola.

Meu sorriso fica um pouco maior.

- Claro, senhor.
- E, por enquanto, guarde tudo isso para você. Ele pega o telefone, aperta uma tecla e murmura: Por favor, diga para o treinador Freeman se apresentar ao meu escritório.

Indecisa, permaneço sentada. Não sei se devo me despedir ou se o diretor ainda tem algo para falar comigo, mas, quando ergue o olhar, franze o cenho e faz um gesto com a mão, concluo que é um sinal para que eu vá embora.

Não estava exagerando quando disse para Lexington que, com a festa de Dia das Bruxas, os eventos de Maxton Hall atingiram um novo patamar. Quando o dia por fim chega, terminamos os últimos preparativos e os convidados vão aparecendo aos poucos, é como se um peso imenso saísse de cima de mim. A festa é um sucesso. Ainda mais: é melhor do que eu esperava.

A decoração que Jessalyn e Camille organizaram está maravilhosa. No saguão do Weston Hall, penduraram antigos retratos de família em molduras *vintage* com arabescos e vários espelhos enormes iluminados em diferentes cantos. Toalhas de mesa pretas com transparência e guardanapos de renda adornam o bufê e as mesas que espalhamos ao redor da pista de dança para os convidados se acomodarem. Pelo salão, espalharam camadas finas de teia de aranha, assim como cinquenta luzinhas que emitem um brilho suave, imitando a luz de velas. Decidimos não acender os lustres e, em vez disso, utilizamos grandes candelabros de

prata nas mesas e perto das janelas; apesar de não iluminarem muito, criam uma atmosfera mais fantasmagórica e misteriosa.

Em pouco tempo, o salão fica muito cheio, e quase todas as mesas, ocupadas. O diretor Lexington faz o discurso oficial de boas-vindas enquanto Lin, o resto da equipe e eu servimos o bufê. Quando nos elogia pela nossa organização, Camille dá um passo à frente e saúda o público como se fosse a rainha. Lin e eu nos entreolhamos e tentamos, sem sucesso, reprimir um sorriso.

Por outro lado, devo admitir que hoje todos estamos parecendo reis e rainhas. Enquanto eu estou com o vestido da coleção particular da Beaufort, Camille está usando uma roupa de cor pêssego que combina perfeitamente com sua pele clara. Jessalyn está com um vestido rosa enorme, e Lin, com um azul royal, a cor oficial da escola, então inevitavelmente me pergunto se foi de propósito. Os garotos também estão fabulosos. Doug, com um terno discreto cor de areia que tem o mesmo corte da roupa que James usa no cartaz. E Kieran... Kieran está com uma cartola, um terno preto, um colete de jacquard e um lenço bege no pescoço, como se tivesse mesmo vindo de outra época.

Quando o diretor Lexington faz um brinde de agradecimento, Kieran ergue a cartola e faz uma reverência. Desta vez, evito olhar para Lin, porque não conseguiria segurar uma gargalhada.

Estou nervosa. Não sei se é porque tudo está indo bem e já dá para considerar que a festa é um sucesso ou porque tenho medo de que algo inesperado aconteça. Sei lá. Olho ao redor do salão, nervosa.

- Ele já vai chegar sussurra Lin em meu ouvido.
- Não sei do que você está falando respondo no mesmo tom.

É mentira. Sei perfeitamente bem do que está falando.

James ainda não apareceu. Seus amigos e Lydia também não; no entanto, seus pais, que pertencem ao conselho de administração, estão aqui. Estou consciente de sua ausência, e isso dói. Por mais que não queira ficar desanimada, é como se faltasse uma parte importante da festa; afinal, ele trabalhou tanto quanto nós para que desse tudo certo.

Depois do discurso de Lexington, aplausos irrompem pelo salão, e nos separamos para cada um assumir sua posição. Enquanto fico com Lin no controle do bufê, observo Jessalyn, Camille, Doug e Kieran se unirem a alguns membros da companhia de teatro e tomarem seus lugares na pista

de dança. A música começa a tocar, e as cinco duplas em formação executam uma série de passos que me parecem complicadíssimos. Fico feliz por meu argumento de que alguém deveria ficar de olho nos convidados ter sido convincente, assim não tenho que dançar com eles.

A primeira dupla é formada por Kieran e uma garota do grupo de teatro que não conheço. Eles lideram os outros, caminham pela pista e se separam nas extremidades, de modo que os garotos e as garotas se dividem em duas fileiras. Eles se cruzam na diagonal e dão uma volta antes de se encontrarem no centro, mais uma vez frente a frente. Toda a atenção do salão está voltada para eles, e os convidados contemplam a dança fascinados.

Nesta hora, as portas duplas enormes de Weston Hall se abrem. Alguns espectadores se viram para a entrada, o que faz com que Kieran e sua parceira interrompam a dança por um momento. Olho para a porta com o cenho franzido. Meu coração dá um pulo.

James e seu grupinho entram no salão, cada um mais bonito do que o outro. James está usando o terno Beaufort, mas os outros também estão bem-vestidos, nenhum lenço de seda ou botão fora do lugar. Lydia usa um lindo vestido prateado e um penteado muito elaborado que deve ter lhe custado horas sentada, sem poder se mover. Todos parecem perfeitos, como se tivessem saído de um filme vitoriano. Ao passarem pela pista de dança e se dirigirem ao bufê, fica claro em suas expressões o que acham da festa. Cyril franze o nariz enquanto Wren está com as bochechas avermelhadas, sugerindo que ele já bebeu antes de chegar aqui. Os olhos pretos de Kesh percorrem, destemidos, o salão e os convidados. Quando me vê, sua expressão fica obscura e na hora ele se afasta de Alistair. Parece ter sido por reflexo, e, ao seu lado, Alistair franze o cenho, irritado.

James se aproxima de mim, e literalmente absorvo sua imagem. Embora nas últimas semanas eu o tenha visto usando essa roupa em inúmeros cartazes, a realidade me impacta tanto quanto na primeira vez em que o vi nele, em Londres. Quando para na minha frente, meu coração bate acelerado e irregular.

— E aí? Como está indo? — pergunta, com um sorriso ligeiramente brincalhão.

Ele age como se não estivesse mais de uma hora atrasado para a festa.

— Incrível! — responde Lin em meu lugar.

Ao que tudo indica, fiquei contemplando James por tempo demais.

- Ótimo diz James, assentindo.
- Espero que seja melhor que a última festa. Se não, vamos ter que ir embora já, já murmura Cyril.
- Não finja que você é bom demais pra essa festa murmura Lin entredentes.

Olho para ela, surpresa.

— Não estou fingindo.

Um rubor de raiva aparece nas bochechas de Lin depois dessas palavras.

- Você realmente é...
- Ei, relaxa, galera! diz James com a voz baixa, mas determinada.

Ele lança um olhar para Cyril, e ele dá as costas para Lin e vai até Wren, que parou a alguma distância entre nós e está pedindo um copo de ponche.

Uma palavra de James é o bastante para que alguém como Cyril Vega feche a matraca. Às vezes, ainda fico surpresa por ele ter tanto poder na escola. Como se nada tivesse acontecido, James se dirige ao bufê e pega um canapé. Leva até o nariz e o examina minuciosamente antes de colocálo na boa.

Reviro os olhos.

— Foi você que sugeriu o fornecedor.

Ele sorri e olha para mim. Minhas bochechas esquentam ao ver como a expressão de seu rosto muda, o sorriso brincalhão se tornando gentil, autêntico, um sorriso que parece destinado somente a mim.

— Você está linda.

Um frio invade meu estômago, e engulo em seco.

- Você já me viu com este vestido.
- Isso não muda o fato de que você fica muito linda nele.
- Muito obrigada. Você também está lindo.

Aliso o vestido embora não haja nenhum vinco a arrumar quando, de repente, James para na minha frente e estende a mão com a palma para cima. Me volto para seus amigos, mas eles parecem ocupados colocando o álcool de um cantil em seus copos sem ninguém perceber. Somente Lydia olha para o irmão com um olhar estranho. Me viro para James outra vez.

— O que você está fazendo? — digo, as bochechas ardendo.

- Me concede a honra de dançar comigo? Contenho um riso.
- Tem um motivo pra eu não ter participado da dança de abertura e nem dos ensaios, James. Eu não sei dançar, pelo menos não assim.
- Antigamente, era muito indelicado recusar um convite pra uma dança, Ruby Bell.
- Então desculpe minha grosseria. Infelizmente, tenho que monitorar o bufê.

James se endireita e dá dois passos na direção de Lin. Sussurra alguma coisa em seu ouvido, e ela ri. Em seguida, assente e faz um gesto com a mão para ele ir. James volta a se aproximar de mim e me oferece o braço.

— Lin disse que pode tomar conta do bufê sozinha por um tempo.

Hesito por um momento, mas logo seguro seu braço. Enquanto fuzilo Lin com o olhar por cima do ombro e ela responde com um dar de ombros inocente, James me leva em direção à pista. Não tinha percebido que a dança de abertura havia terminado e que cada vez mais casais com trajes vitorianos tinham vindo dançar. Quando olho ao meu redor, é como se tivéssemos mesmo embarcado em uma viagem no tempo.

A orquestra começa outra música, uma melodia suave porém rítmica que enche o salão de tranquilidade. James apoia uma das mãos em minhas costas e, com a outra, segura minha mão. Dá dois passos para o lado, se balança para trás e para a frente, dá dois passos para trás e outro para a esquerda enquanto o acompanho e não faço muito mais do que olhar para nossos pés, ou melhor, para a saia volumosa do vestido.

— Não olha pra baixo — murmura.

Ergo o olhar, preocupada. É como se James tivesse passado a vida toda dançando. Algo que possivelmente corresponde à realidade. Queria ter participado dos ensaios ou visto ao menos um tutorial e praticado com Ember.

De repente, James abaixa a cabeça até grudar a boca na minha orelha.

— Relaxa — sussurra.

Uma coisa é dizer, outra é fazer. Ainda assim, tento. Procuro relaxar os braços e não me preocupar em fazer todos os passos corretos. Me deixo levar, assim como havia imaginado quando experimentamos essas roupas pela primeira vez.

James me segura. Com gentileza, me conduz pela pista de dança, e sinto como se estivesse flutuando. Me pergunto se teremos a oportunidade de dançar assim outra vez. O que vai acontecer quando eu disser que a partir de agora ele não é mais obrigado a participar das nossas reuniões.

Por mais que eu não queira nada disso, de repente sinto um peso no peito. Tento ignorar, mas quanto mais penso no que vai acontecer entre James e eu depois desta noite, mais meu coração se aperta.

- O que foi? pergunta ele, me observando com os olhos semicerrados.
- Preciso te contar uma coisa. Os olhos turquesa de James pousam em mim com expectativa, impacientes, e detecto até um lampejo de receio. Fiquei pensando sobre o que você me disse no meu aniversário. Que só tem mais este ano na escola e depois... Pigarreio, sentindo que James ficou tenso de repente. Enfim, de qualquer forma, falei com o Lexington. A gente acha que chegou a hora de você voltar a treinar.

Ele fica paralisado por um segundo e então continua dançando como se tivesse aprendido uma coreografia.

— Como assim? — exclama.

Sua voz voltou a ficar rouca. Ela é sempre o que o dedura. Seu olhar continua inalterado, mas sua voz nunca colabora. Quando algo afeta James, dá para perceber no mesmo instante. Como agora.

— Acho que você se envolveu bastante com a equipe, de verdade. E que o Lexington tem que te recompensar por isso.

Com meu tom de voz despreocupado, queria fazer com que o clima entre nós não ficasse tão carregado, mas o que acontece é o contrário disso. Os olhos de James ficam sombrios, e em seguida ele me puxa para mais perto, mais do que era aceitável na época vitoriana. Contudo, a pista de dança está cheia, e todos que estão dançando parecem estar ocupados com suas próprias coisas, então ninguém repara. Nem em nós dois, nem no fato de que James me faz perder o fôlego com a intensidade de seu olhar. Ele limpa a garganta outra vez.

— Você...

De repente, as luzes se apagam. Todas de uma vez. Alguns músicos da orquestra erram a nota, tons baixos ressoam pelo salão. A luz dos candelabros é a única iluminação que temos.

— James, eu te juro, se essa for uma das suas brincadeiras... — sibilo.

— Não é — interrompe ele. Não consigo ver seu rosto, mas ele parece tão surpreso quanto eu. — A gente tem que correr até a caixa de luz. A orquestra não vai conseguir continuar tocando assim. A vibe vai acabar rápido.

Concordo com a cabeça, e James segura minha mão mais forte. Abrimos caminho pela pista de dança entre as pessoas desnorteadas e quase piso na barra do vestido. Quando chegamos no corredor, respiro aliviada. James solta minha mão enquanto descemos a escada até o porão, e me seguro com força no corrimão. Tento não pensar no motivo de sentir uma saudade tão dolorosa de sua pele quente. O porão está escuro como breu. James pega o celular e acende a lanterna para iluminar o corredor.

— Que frio — murmuro, esfregando os braços. — E que medo.

É como se, de uma hora para a outra, um palhaço, um monstro ou uma mistura dos dois pudesse aparecer na esquina. James não responde, mas vai direto para a caixa grande do lado esquerdo do corredor.

— Na verdade, acho que eu deveria estar preocupada por você saber exatamente onde fica a caixa de luz.

James dá um sorriso atrevido. Abre a caixa com a chave geral presa em seu chaveiro e dá um passo para o lado, de modo que nós dois possamos olhar lá dentro. Dois fusíveis dispararam, e quando James empurra o interruptor para cima, dá para ouvir à distância os murmúrios de alívio dos convidados. Um segundo depois, a luz de baixo se acende com um leve clique dos tubos de néon. Agora, mais tranquila, suspiro. James volta a fechar a caixa de fusíveis, e eu me viro sobre os calcanhares. Não vejo a hora de sair do porão.

Pego a saia do vestido e subo a escada. Quase chego lá em cima quando James para e diz:

— Espera. — Dou meia-volta e lanço um olhar inquisitivo para ele. — Você achou mesmo que eu ia dar outro show?

O tom de sua voz é sério e surpreso, como se fosse incapaz de acreditar que eu esperasse algo assim dele. Mas, sendo sincera, bom... é verdade.

Não sei o que há entre James e eu. E mesmo que nas últimas semanas nós tenhamos ficado mais íntimos, isso não quer dizer que eu confie nele. Coisas demais aconteceram no passado, e as palavras de advertência dele e de Lydia ainda ressoam muito claras em meus ouvidos. Prometi para Lin que tomaria cuidado e vou cumprir minha promessa.

— Por um milésimo de segundo, talvez — respondo, a voz baixa.

Ele me olha com insistência.

— Eu nunca faria isso de novo, Ruby. Não depois de saber de todo o esforço empregado nessas atividades e o quanto elas significam pra você.

É como se duas mãos estivessem pressionando meu peito, me impedindo de respirar normalmente.

— Desculpa — digo, baixinho. — Acho que eu só estava com medo. Medo de que tudo voltasse a ser como no começo do ano.

Então, James balança a cabeça.

— Não.

Ele sobe mais um degrau, e agora nossos olhos estão na mesma altura. Seu rosto está tão próximo do meu que vejo cristais azuis em seus olhos, além do contorno escuro ao redor de suas írises.

Não consigo imaginar o que acontecerá quando eu não puder mais ver James dia sim, dia não em nossas reuniões. Só de pensar nisso, um nó surge em minha garganta. Será que ele vai ter algum motivo para passar seu tempo comigo? Vai treinar e ficar com os amigos com muito mais frequência do que nos últimos tempos, quando mal teve a oportunidade de fazer isso? Será que vai confirmar o quanto sentiu falta disso? Seria melhor passar a noite de sábado bebendo e festejando em vez de trocar mensagens comigo sobre a situação política da Grã-Bretanha ou conversar sobre meu novo mangá favorito?

Será que ele vai perceber o quão pouco nossos mundos realmente se encaixam?

Aproveitei tanto essas últimas semanas... e de forma alguma quero perdê-lo. No entanto, receio não ter direito algum de intervir no assunto. Nós dois sabemos que mundo ele escolherá no final.

A pressão no meu peito aumenta cada vez mais. Talvez tudo fique mais fácil para mim se eu tomar a decisão antes que ele me machuque.

— Essa foi nossa última tarefa como companheiros de equipe — digo, encarando os olhos dele.

Meu coração acelera. Se ele chegar um pouco mais perto, conseguirá ouvir.

— Realmente — responde James em voz baixa.

Ficamos nos olhando por alguns minutos. Depois, inspiramos ao mesmo tempo, como se fôssemos dizer algo, mas nós dois nos detemos. Há

tanta tensão no ar entre nós que daria para cortá-la com uma faca, e meus batimentos estão tão rápidos que não aguento nem mais um segundo. Faço a primeira coisa que me vem à mente: pego a mão de James.

— Foi muito bom trabalhar com você — digo da maneira mais formal possível.

A princípio, James parece surpreso. Então, em seus olhos turquesa, surge uma emoção que já vi antes e não sabia como descrevê-la. Agora, sei o que é: nostalgia. Ele pega minha mão e a segura, ao mesmo tempo, com firmeza e suavidade.

— Parece que você está se despedindo de mim.

Quando assimilo suas palavras, vejo que ele está certo. E, ao mesmo tempo, percebo que não é isso o que quero. Não quero me despedir dele. Em vez disso, quero continuar tendo a possibilidade de falar com James. De contar mais coisas a meu respeito e de ouvi-lo quando confia seus problemas a mim.

Quero saber tudo sobre você.

A ideia me vem com força num sobressalto, e a mesma nostalgia que consigo ver em seus olhos encontra espaço dentro de mim. Arde, flui por minhas veias quase desesperadamente e me faz apertar os dedos em volta dos seus com ainda mais força. Não sei o que acontece, mas... minhas pernas ficam bambas, e sinto sua mão quente na minha. Me pergunto como seria sentir outras partes de seu corpo. Anseio por algo mais do que este simples contato. Quero mais dele.

- James...
- Oi murmura.

Parece tão confuso e surpreso quanto eu.

Um segundo depois, me puxa para a frente até que eu caia contra ele.

Olha em meus olhos por uma fração de segundo. Então, coloca a mão em minha nuca e a segura com firmeza. E, em seguida, me beija.

Não consigo mais pensar. Minha mente não trabalha, não consigo raciocinar, há apenas um calor incandescente fluindo por meu corpo inteiro. Coloco os braços ao redor de sua nuca e afundo as mãos em seu cabelo. Ele começa a mover os lábios nos meus.

James beija da mesma forma como se movimenta e se comporta: com confiança e orgulho. Sabe perfeitamente o que deve fazer, sabe perfeitamente como tem que me tocar para que o calor se transforme em fogo. Enfia a língua em minha boca sem hesitação e nem timidez, e brinca com a minha até eu sentir que minhas pernas vão desmoronar de repente. Contudo, mesmo que isso acontecesse, ele estaria aqui para me segurar. Seu braço me envolve com determinação e me aperta contra ele. Dá para sentir seu corpo através do tecido volumoso de meu vestido, mas isso não é o bastante. Preciso de mais.

Gemo de leve e deslizo as mãos pelos seus ombros, então pelo seu pescoço e a gola de sua camisa. Sua pele está quente e macia, e tudo em mim anseia por mais, mais, mais.

Quero ainda mais dele. Quero tirar sua roupa aqui mesmo, nesta escada, no meio da escola. Não ligo se alguém aparecer e descobrir. Para mim, a única coisa que importa agora é James, sua boca em meus lábios, meu queixo, meu pescoço. Ele puxa minha pele entre os dentes até me beliscar de leve, mas eu desejo mais, que me aperte mais. E quero que deixe marcas em meu corpo para que em algumas horas eu possa ver que isso realmente aconteceu, que não é coisa da minha imaginação.

— Ruby... — Achei que conhecesse todas as nuances de sua voz, mas esse tom é novo. É assim que soa quando me beija até me fazer perder a razão.

Ele segura meu rosto e olha para mim. Seus polegares deslizam por minhas bochechas. Por meu queixo. Por meus lábios. E de volta para as bochechas.

— Ruby.

Me inclino para a frente e coloco a boca na dele. Sinto como se um puxão doloroso se espalhasse pela minha barriga, abrindo caminho até lá em cima, e fica difícil respirar. Agora entendo por que ele sussurrou meu nome todo esse tempo. Quero fazer o mesmo. James, James. Várias e várias vezes James.

— James — soa uma voz autoritária acima de nós.

Nos afastamos de uma vez. Piso na barra de meu vestido e perco o equilíbrio, mas James me segura pela cintura. Espera eu me sustentar no corrimão. Então, rapidamente, me solta e olha para cima. Sigo seu olhar.

Mortimer Beaufort está no topo da escada com as mãos atrás das costas, nos observando com os olhos sombrios. Meu coração dá um solavanco.

— Sua mãe está te procurando.

James endireita as costas e dá um breve aceno de cabeça.

— Já estou indo.

O sr. Beaufort arqueia as sobrancelhas.

— Ela não está te procurando daqui a pouco, está te chamando agora.

James fica tenso. Acaricio seu braço suavemente, esperando que seu pai não veja. James pega minha mão e entrelaça nossos dedos. Ouço seu suspiro fraco. Ele ergue minha mão e a leva aos lábios para depositar um beijo suave nela.

— Desculpa — sussurra, e sinto suas palavras nas costas de minha mão.

Um segundo depois, passa ao meu lado com cuidado e sobe a escada até o pai, que o espera com um olhar frio e severo. Quando chega ao lado dele, Mortimer Beaufort o agarra pelos ombros e o empurra de volta para o salão, enquanto eu fico na escada, as bochechas ardendo, e me pergunto por que ele se desculpou.

James

já te falei pra manter as mãos longe daquela garota.

Olho para fora da janela. Os campos sombrios se misturam com as árvores, agora quase completamente sem folhas, juntando tudo em um único borrão escuro. É assim que estou me sentindo. Estou com frio e calor ao mesmo tempo, minhas palmas estão pegajosas, e a garganta, seca. Me sinto mal, mas deveria estar o oposto disso.

Queria voltar a ficar com Ruby, com aquela boquinha linda e a sensação que me deu. Na minha mente, ainda a estou abraçando, aproveitando suas mãos em meu cabelo e mordiscando seus lábios.

Se não tivéssemos sido interrompidos, teria ido muito além daquele beijo.

— Estou falando com você — repete meu pai.

Tenho quase certeza de que logo, logo ele vai tacar o copo pelo vidro do carro. Falar para Percy que eu voltaria para casa com meus pais foi a ideia mais idiota que tive nos últimos tempos.

— James, meu amor, nós só queremos o melhor para você — acrescenta minha mãe diplomaticamente.

Não consigo olhar para eles. Se eu fizer isso, vou ferver de raiva e não sei se vou conseguir continuar os ignorando. Por que isso tinha que acontecer justo hoje? Por que meu pai teve que me pegar naquela hora com a Ruby?

— Definitivamente, não planejamos que você ficasse com uma garota qualquer de classe média com uma história familiar trágica — prossegue minha mãe. Viro a cabeça para olhar para ela. Quero perguntar como é que ela sabe isso sobre Ruby, mas na real não me surpreende. Para ser sincero, nada me surpreende nesta família. — Você merece alguém melhor, meu

bem. Alguém como a Elaine Ellington. Ouvi dizer que vocês se dão muito bem. Por que não chama ela para ir lá em casa qualquer dia?

A voz de minha mãe é calma e reconfortante. Ela quer acalmar os ânimos entre meu pai e eu a qualquer custo, mas é tarde demais para isso.

— Nunca vai rolar nada entre mim e a Elaine, mãe.

Além disso, tenho quase certeza de que ela abandonou os estudos e está tentando esconder de todo mundo. Ela não é melhor do que Ruby só por ter vindo de uma família de sangue azul. Ruby se esforça mais do que qualquer um para conseguir o que quer. É inteligente, boa e... lindíssima. Beija maravilhosamente bem. E sabe ouvir.

Ela aparece em minha mente do nada. A lembrança de sua boca é a única coisa que me ajuda a suportar este trajeto no carro. Queria que nós tivéssemos tido mais tempo. Os poucos minutos que passei ao seu lado não foram suficientes.

— Você envergonha a nossa família se misturando com uma vagabunda igual a ela — continua a dizer meu pai. — Não dá para admitir que você se comporte desse jeito. Nós te educamos melhor do que isso.

Não importa o quanto eu tente, não consigo ignorar. Não quando ele fala de Ruby desse jeito. Uma raiva incontrolável toma conta de mim, e olho para meu pai, tomado pelo ódio.

— Cala essa boca.

Minha mãe suspira, escandalizada, e Lydia fica tensa. Agarra minha mão, mas eu a solto. Ela pode dormir com seu professor, mas eu não posso passar o tempo com a pessoa de quem eu gosto sem que me peçam explicações na mesma hora?

O carro para, e todos soltamos os cintos. Espero que Lydia e minha mãe desçam, e então as sigo. Meu pai está atrás de mim e, antes de eu dar dos passos, me segura pelo ombro e me vira. Agarra a gola da minha camisa com força e me chacoalha.

— Como é que você tem coragem de me mandar calar a boca? — vocifera, me dando um empurrão tão abrupto que cambaleio para trás.

Um instante depois, ele levanta o braço e bate no meu rosto com as costas da mão. Sinto uma onda de dor na bochecha, e por alguns segundos apenas pontinhos coloridos flutuam na frente de meus olhos. Um gosto metálico se espalha pela minha boca.

— Pelo amor de Deus, pai! — exclama Lydia, correndo até mim.

Ela coloca o braço em volta das minhas costas e me segura antes que eu faça algo estúpido e retribua o tapa. Seria um puta prazer: apenas revidar o golpe. Causar nele a mesma dor que me causa desde a infância.

Minha mãe abraça meu pai. Ele se liberta dos braços dela e se vira para entrar em casa. Quando já se foi, ela olha para mim com tristeza.

— Isso é o que acontece quando você se envolve com a ralé, James.

Em seguida, levanta a saia volumosa para correr atrás de meu pai. Sigo os dois com os olhos e tento reprimir a raiva que perdura, certamente se transformando em um ódio que não quero sentir. Passo as costas da mão pela boca e olho para o sangue na minha pele como se pertencesse a outra pessoa.

Lydia fica na minha frente e me segura pelos ombros.

James, ela vale mesmo tanto assim? A ponto de você passar por isso?
pergunta, determinada.

Olho para ela, chocado demais para pensar no que diz.

— Cuida da porra da sua vida — murmuro, me soltando dela.

Dou meia-volta e atravesso a entrada de casa até chegar à porta. No caminho, pego o celular do bolso e disco o número de Wren. Preciso urgentemente de uma distração.

Só depois do terceiro copo é que minha raiva começa a diminuir. Estou encostado na parede da sala de estar dos pais de Wren, bebendo um uísque escocês no copo de cristal e deixando a música estrondosa abafar meus pensamentos pouco a pouco.

— Olha só. É a volta do filho pródigo. — Ouço a voz de Cyril atrás de mim. Me viro e o vejo se aproximar com os olhos arregalados e um sorriso brincalhão. Assim como os outros, já tirou metade da roupa, então está vestindo apenas uma calça de cintura alta e uma camisa branca. — Ao que se deve essa honra? — pergunta. Ele quer dizer mais alguma cosa, mas olha para a minha cara e solta um assovio. — Mano, isso não tá nada bom.

Em resposta, esvazio o resto do meu copo. Embora esteja acostumado com álcool, percebo minhas bochechas ficarem dormentes.

— Deixa ele em paz, Cy — intervém Wren do sofá.

Perto dele, há uma garota loira que acaricia sua coxa de cima a baixo. Ela me parece familiar, e quando levanta a cabeça descubro o porquê. Camille. Achei que ela estava com Kesh, não com Wren, mas essas coisas acontecem no nosso grupo, não é raro.

— Qual o problema, Beaufort? — pergunta Cyril, passando um braço em volta dos meus ombros e me conduzindo até um sofá. Me jogo nas almofadas e esfrego o rosto dolorido enquanto Cyril serve outro copo e me entrega. — O James com quem eu cresci não deixava ninguém dizer o que tinha que fazer. Não deixava que tirassem ele do time e se recusava a fazer o trabalho sujo dos outros.

O fato de ele descrever como trabalho sujo o que fiz com o grupo nas últimas semanas me enche de raiva outra vez, mas me detenho. Cyril é o que é, e já fiquei estressado o bastante por uma noite. A única coisa que quero é encher a cara até não sentir mais nada. Nem a mão do meu pai, nem os lábios de Ruby.

- Eu não tive outra escolha. Você já sabe.
- Que besteira interrompe Wren. Em seus olhos, há um quê de diversão. A Ruby te dá tesão, é só isso.

Em vez de responder, tomo um gole e fecho os olhos. A bebida que Cyril me serviu é tão forte que deixa um rastro de queimação da minha garganta até meu estômago.

- É sério? Você participou dessa merda toda só porque está dando em cima da Ruby Bell? pergunta Cyril, perplexo.
 - Por isso mudou tanto.

Wren não olha para mim quando diz isso, mas para Camille, cujo cabelo acaricia devagar.

— Ele fica babando nela. Você tinha que ter visto nas últimas reuniões — comenta Camille. Ela me lança um olhar compreensivo. — Ou você só fez isso pra poder voltar a jogar lacrosse?

Paro de me mexer, o copo na frente nos lábios.

- Como você sabe disso?
- Ruby nos contou antes da festa.

Com o cenho franzido, olho para Wren, que continua fazendo carinho em Camille. Por isso que ele está com ela? Para obter informações sobre mim?

- Eu não mudei. Minha língua está pesada, e minhas palavras são como um sussurro incompreensível.
 - Claro que mudou. Alistair se senta à minha esquerda no sofá.

O cabelo dourado dele está bagunçado, e as bochechas, avermelhadas. Ou ele bebeu alguma coisa ou trouxe algum cara e acabou de sair do quarto de visitas de Wren.

- Então tá, como foi que eu mudei? respondo com uma calma forçada enquanto tento me convencer que não ligo para o que pensem de mim.
- Primeiro, você não vem mais para as nossas festas ou, se vem, vai embora antes de o sol nascer, uma coisa que James Beaufort nunca teria feito. Segundo, passa voluntariamente o tempo livre com os nerds do comitê de eventos, com todo respeito, Camille. Ela mostra o dedo do meio. Terceiro, do nada você começou a não dar a mínima para o nosso acordo.
 - Eu não vim até aqui pra ficar ouvindo esse monte de merda.

Alistair ergue uma sobrancelha.

- Não é um monte de merda, e você sabe disso.
- Alistair tem razão. A gente queria aproveitar o último ano da escola e se divertir pra cacete concorda Wren. Foi o que a gente combinou. *Carpe diem*, mano. Todos os dias, enquanto estivermos juntos. Mas, numa boa, você parece ter deixado no caminho o James que incentivou a gente a jogar tudo para o alto.

Me recosto no sofá e tomo outro gole, a queimação agora quase insuportável. A verdade de suas palavras me atinge, e sinto um aperto no estômago; eles têm razão.

O plano era fazer do último ano o melhor da minha vida e me divertir com os meus amigos. Com os caras que para mim são como uma segunda família. O plano não era desenvolver sentimentos por alguém com quem não tenho futuro.

Ainda consigo sentir Ruby em meus lábios, suas mãos em meu corpo. Infelizmente, isso significa que ainda estou sóbrio demais.

Ruby fez surgir em mim um sentimento que nunca havia experimentado. Com ela, tudo é possível. Uma mentira linda e terrível. Porque a verdade é que nada é possível para mim. Diferente dela, o mundo não está de portas abertas para mim. Minha vida inteira está predeterminada.

Talvez tenha sido isso que me atraiu em Ruby, para começo de conversa. Enquanto ela está tomando as rédeas de sua própria vida, sou

mandado de um lado para o outro como uma marionete. Enquanto ela vive, eu só existo.

Nós não nos encaixamos.

Mas queria ter entendido isso antes de beijá-la.

Ruby

Como falar com alguém que você beijou?

O único cara que beijei antes de James foi Wren, e eu simplesmente o ignorei e agi como se nada tivesse acontecido. No caso de James, isso não é uma possibilidade. Passo boa parte do domingo na cama, olhando para o moletom dele, que ainda está na minha mesa. Queria mandar uma mensagem ou ligar para ele, mas além de *Podemos fazer isso de novo, por favor?* e *O que isso significa pra gente?*, não penso em mais nada para dizer, então nem me arrisco. Muito menos quando ontem ele e os pais foram embora tão rápido que nem consegui me despedir.

Acabo ficando tão nervosa de tanto pensar nisso que decido fazer outra coisa, e começo com o relatório da festa. Até o apagão, tudo foi como o planejado, e hoje de manhã recebi um e-mail do diretor Lexington elogiando a equipe pelo trabalho bem feito. Encaminho a mensagem aos membros da equipe com mais algumas palavras carinhosas. Então, pego um dos livros que meus avós me deram de aniversário e leio os primeiros capítulos. Marcar trechos importantes e colocar *post-its* coloridos sempre me ajudou a organizar meus pensamentos. Enquanto faço anotações, encho a cabeça de dados e fatos, e assim tento afastar a lembrança de como James me segurava minha nuca com firmeza e dos beijos que dava na minha boca.

Me pergunto quantas garotas ele já beijou para ficar tão bom nisso.

Me pergunto até onde teríamos chegado se o pai dele não tivesse nos interrompido.

Me pergunto se algum dia terei a chance de beijá-lo daquele jeito de novo.

Tudo bem, talvez o livro afaste a memória, mas não como eu imaginava. Mas me recuso a deixar James confundir minha mente. E de jeito nenhum vou permitir que tire meu juízo. Continuarei sã. É minha consciência, e não vou perdê-la só porque James me deixou com um frio na barriga.

À tarde, leio quase metade do livro, o que é um exagero. À noite, estou tão cansada que caio morta no meio da cama. Infelizmente, só sonho com James, seus olhos e o jeito como sussurrou meu nome uma e outra vez.

Na manhã seguinte, sinto como se fosse meu primeiro dia de aula. Estou nervosa e animada, e meu estômago se aperta quando o ônibus para no ponto. Me pergunto como será ver James novamente. Ele vai se aproximar de mim? Ou eu vou ter que ir até ele? Isso é direto demais? Nos comportaremos como se nada tivesse acontecido? Ou é indiscutível que estamos mais próximos desde sábado? Os pensamentos se atropelam pela minha cabeça, e estou desapontada por não ter ligado para ele ontem. Então, pelo menos eu saberia em que ponto estamos agora e como devo me comportar. Odeio me sentir tão insegura.

Depois de descer do ônibus, me dou ao trabalho de ajeitar o uniforme. Não pode ter nem um amassadinho no lugar errado, e a gravata precisa estar reta. Carrego no ombro a bolsa que James me deu. O peso dentro dela me dá uma segurança estranha. Como se fosse a confirmação de que entre James e eu há alguma coisa de verdade. Passo os dedos pelas iniciais enquanto olho para o portão de ferro imponente de Maxton Hall.

Você consegue. Aja normalmente. Vai ser tudo como sempre, digo para mim mesma a fim de me tranquilizar; endireito as costas e entro no campus da escola.

Durante a assembleia, James não dá sinal de vida. Seus amigos estão sentados na última fileira, e, quando passo ao lado deles para seguir em frente, ouço Cyril bufar. Não sei se é uma reação dirigida a mim, mas uma sensação desagradável se espalha pelo meu corpo. Dou meia-volta, e ele me lança um olhar frio. Passo por ele.

No primeiro horário, tenho aula de Artes, e por mais que tente, não consigo me concentrar. Só consigo pensar que vou para a aula de Matemática mais tarde, na mesma sala em que James está agora. Já esbarramos um com o outro diversas vezes no corredor entre uma aula e outra, porque a sra. Wakefield sempre passa do horário.

Quando o sinal toca, tento não me levantar da cadeira correndo, mas, a julgar pelo olhar que Alistair me lança do outro lado da sala, falho. Me apresso em direção ao prédio principal. Quanto mais me aproximo da sala, mais rápido meu coração bate. Antes de sair do corredor, paro e coloco minhas meias pretas sobre os joelhos para que fiquem na mesma altura. Depois, inspiro fundo e dobro a esquina.

Estou mentalmente preparada para me encontrar com ele, mas, quando o vejo no corredor ao lado de Lydia, meu coração para de bater por um momento. Vê-lo com o uniforme da escola me parece estranho e familiar ao mesmo tempo. Após uma breve pausa na qual tento me acalmar, sigo meu caminho. Posso apenas cumprimentá-lo. Dizer um oi e nada mais. Não há nada de estranho nisso. Estranheza é a última coisa que quero. Só tenho que olhar nos olhos dele para saber como agir. Vou encontrar neles o mesmo nervosismo que me atormentou o domingo inteiro?

Lydia é a primeira a me ver. Ela dá um tapinha quase imperceptível no braço do irmão. James murmura algo e acena com a cabeça. Então, se aproxima. Meu sorriso se transforma em uma careta. Está a poucos passos de mim, e quando abro a boca para cumprimentá-lo...

Ele passa reto.

— E aí? — Ouço ele dizer às minhas costas.

Me viro para trás e vejo que está cumprimentando Cyril. Conversam rapidamente, James gesticula e Cyril gargalha. Eles caminham alguns metros até a sala de aula e entram sem olhar para trás.

Uma dor horrível inunda meu peito. Congelo no meio do corredor. Não consigo engolir saliva. Quando ergo o olhar, apenas Lydia está lá. Por um instante, parece que vai me dizer alguma coisa, mas então ela também se vira em silêncio e desaparece em uma das salas enquanto eu fico aqui, parada no lugar. Parece impossível continuar andando.

Passo o resto do dia como se estivesse em transe. Cada hora de aula parece mais longa que a anterior. Ouço o que meus professores dizem, mas não entendo e nem retenho uma palavra sequer. No intervalo do almoço, não consigo ir ao refeitório. A simples ideia de ver James com seus amigos, imersos em seu mundo, faz meu estômago revirar. Em vez disso, vou até a biblioteca e fico olhando pela janela.

Não sei o que fiz de errado, esse é o problema. Não sei dizer por que ele está se comportando desse jeito. Estou quebrando a cabeça pensando nisso, mas não cometi nenhum equívoco. E, mesmo se tivesse, não mereço esse tratamento. Durante a aula de Matemática, tentei me convencer de que ele provavelmente não me viu. Mas, quando nos esbarramos no corredor depois da aula, ele passou de novo ao meu lado sem sequer olhar para mim. Um sinal inconfundível.

Naturalmente, Lin percebe que há algo de errado, mas não contei a ela sobre o beijo, e agora sou incapaz de fazê-lo. Sinto como se tivesse uma ferida aberta em meu peito. Tudo dói: respirar, me mexer, falar.

Lin tem que se encarregar sozinha da reunião da equipe, enquanto eu fico apenas sentada ao seu lado, rabiscando na agenda. Encontro o lugar onde cobri o nome de James com o corretivo. Ninguém sabe o que tem aqui embaixo, mas deslizo os dedos por cima e me sinto angustiada.

Não imaginei nosso beijo. A maneira como James pronunciou meu nome. Como olhou para mim. O quanto suas carícias eram desesperadas. Havia algo entre nós. Algo grande. E mesmo que, por qualquer motivo, ele tivesse percebido que aquilo era um erro, podia ter me falado. Sou um ser racional e sei que algumas coisas não funcionam e tudo bem. Teria doído de qualquer forma, mas poderia conviver com isso.

O que não entendo é por que ele se comporta tão mal. E quanto mais tempo fico na reunião, quanto mais olho para seu lugar vazio, com mais raiva eu fico. Foi tudo apenas um jogo para ele? Ele queria ver até onde chegaria comigo? Talvez fosse algo que seus amigos tivessem pedido para ele. Ou talvez só quisesse me manipular para que eu falasse bem dele para Lexington. Me sinto péssima só de pensar nisso. Tudo o que me contou sobre ele nas últimas semanas eram mentiras? Esse tempo todo, ele era o mesmo James Beaufort que conheci: calculista, perverso e arrogante?

Olho pela janela e vejo o time de lacrosse no campo a certa distância. Minha raiva aumenta de maneira incomensurável. Me devora de dentro para fora, e percebo que minha pele fica quente e fria ao mesmo tempo. Sem pensar, aperto tanto os dentes que eles rangem. Tenho que me esforçar para que o caos de sentimentos que há em mim não seja perceptível durante a reunião. No final, me viro para Lin.

— Tudo bem se eu for embora? Estou meio mal. Ela me olha, pensativa, e balança a cabeça devagar. — É claro, eu cuido de tudo. Depois a gente pode se falar por telefone, se quiser. — É um convite discreto, e aperto seu ombro com gratidão.

Saio da sala sem me despedir dos demais. De repente, a bolsa no meu ombro não parece mais um presente de um amigo, e sim uma maneira de me subornar. Não consigo me concentrar em nada além da minha decepção e raiva quando passo pela biblioteca e corro em direção à área esportiva.

De longe, já ouço os gritos e o alvoroço. Maldito lacrosse.

Paro abruptamente na beira do campo e olho ao redor com os braços cruzados. Não demoro muito para encontrar a camiseta azul royal com o número dezessete em branco.

— Sua namorada chegou, Beaufort! — grita Wren um segundo depois.

Mesmo sem ver seu sorriso irônico através do capacete, consigo imaginá-lo perfeitamente pelo seu tom de voz.

James se vira para o lado e me vê na beira da área. Acho que ele vai me ignorar outra vez, mas faz um gesto com a mão.

— Podem continuar — diz, correndo em minha direção.

Quando chega ao meu lado, é a primeira vez no dia em que olha para mim, pelo menos é o que imagino. Não dá para ver direito com o capacete.

— Então? — Minha voz treme de indignação.

É algo que nunca tinha acontecido comigo. Sempre sou comedida, nunca fico tão chateada a ponto de perder o controle. Desde quando sou assim? Desde quando não consigo abordar um assunto de maneira racional, como fazia antes?

Desde que James apareceu na minha vida é a resposta. Sou assim desde que o conheci.

Ele fica calado. Espero alguma reação, mas não há nenhuma.

— Será que você pode tirar essa coisa? — pergunto, apontando para o capacete.

James solta um suspiro impaciente, mas faz o que peço. Seu cabelo está suado e desgrenhado, e as bochechas estão vermelhas. Agora que ele está bem na minha frente, vejo um machucado em sua boca. Parece que brigou com alguém. Levanto a mão com cuidado — faço isso involuntariamente — para tocar nele, porém ele se afasta. Cerro os punhos e, abatida, deixo o braço cair.

— O que aconteceu? — pergunto, furiosa.

Seu rosto não demonstra emoção alguma ao olhar para mim.

— O que você acha?

Tenho certeza de que minhas bochechas estão tão vermelhas quanto as dele, e é porque ele me deixa terrivelmente furiosa.

— Você começou a agir feito um idiota, foi isso o que aconteceu.

Suas sobrancelhas se franzem bem perto dos olhos.

- Comecei?
- Para de se fazer de desentendido e me diz por que você está me ignorando digo mais baixo, porém não sou menos enfática. Mais uma vez, ele fica quieto e olha para mim como se esta conversa o estivesse matando de tédio. Dou um passo na direção dele. Era tudo parte do plano? sugiro. Estava sendo gentil comigo pra poder voltar a treinar?

Ele solta um suspiro que quase parece uma risada, mas de repente não consegue sustentar meu olhar. Então, olha para o chão, no lugar onde as pontas dos nossos sapatos estão quase se tocando.

— Caso você tenha esquecido, você me beijou depois de eu ter te liberado do comitê de eventos. Naquele momento, já não precisava mais — continuo a dizer. Ele segue calado. — Por que você age desse jeito? — pergunto e odeio o fato de minha voz estar tremendo. — É por causa do seu pai? Ele fez algo com você?

James ergue o olhar, e agora minha raiva parece refletida em seus olhos.

— Se isso faz você se sentir melhor, podemos dizer que sim.

Foi como se ele tivesse dado um soco no meu peito.

— Você me beijou. Não o contrário. Você não tinha que fazer isso se ficaria com tanta vergonha depois.

Os vincos em sua testa se aprofundam ainda mais.

- Não leva as coisas tão a ferro e fogo. Você me deu uma coisa, e eu gostei. Ponto final.
 - Você gostou... ponto final? repito, sem acreditar.

Não dá para crer que o cara na minha frente seja o mesmo que me beijou na escada no sábado. Que foi sua língua que separou meus lábios, suas carícias que deixaram minhas pernas bambas. Agora, ele dá de ombros.

— Pelo amor de Deus, James, o que está acontecendo? — murmuro, balançando a cabeça.

Embora ainda esteja furiosa, fico me perguntando como ele conseguiu o machucado na boca. Com quem brigou. Se teria algo que eu pudesse fazer.

- Você também podia ter simplesmente me falado que o beijo foi um erro digo da maneira mais calma possível.
- Bom, então estou falando agora responde friamente. Foi bom, mas chegou a hora de voltarmos a ser o que éramos antes.

Não acredito que ele está falando sério. Sinto como se tivesse entrado no filme errado. Algo está errado, e não sei como consertar. É como uma avalanche imparável que destrói tudo por onde passa.

— Você não precisava destruir nossa amizade desse jeito só porque seus amigos ou seus pais te convenceram disso, sabia?

Ele sorri, mas é mais uma careta e nem se compara ao modo como ele me olhou nas últimas semanas. Não o reconheço.

— Você tenta demais controlar tudo ao seu redor, corrigir cada erro que encontra nos outros, mas não funciona desse jeito, Ruby. Isso não tem nada a ver com meus amigos ou com minha família. Esse sou eu. — Ele coloca a mão aberta no colete de proteção. — Horrível, mau e falso. Você vai ter que começar a se acostumar com isso.

A raiva desaparece, e em seu lugar surge o desespero. É exatamente o mesmo sentimento que me invadiu na festa quando imaginei que teria que me despedir dele. Mas agora é muito mais forte, dói muito mais. Porque a despedida parece definitiva.

Tento novamente e levanto a mão, colocando-a em sua bochecha. Acaricio sua pele suavemente com o polegar.

— Você não é nem horrível, nem mau, nem falso. — Ele solta uma risadinha amarga e nega com a cabeça. — Eu não quero te perder — sussurro, reunindo toda a coragem que ainda me resta.

James coloca a mão na minha. Fecha os olhos e quase parece que, neste instante, o gesto lhe causa uma dor física. Seus dedos acariciam suavemente as costas da minha mão, e um arrepio me invade por dentro.

— Você não pode perder o que não te pertence, Ruby Bell.

James retira minha mão de seu rosto. Em seguida, volta a abrir os olhos e me encara. É o mesmo olhar de dois meses atrás: frio e distante. De repente, me sinto como se tivesse sido esvaziada. Um frio me invade quando entendo o significado de suas palavras.

— Beaufort! — grita Wren do campo. — Você está perdendo seu primeiro treino em semanas! Qual é, cara, vem cá!

Ele quer dar meia volta, percebo pela forma como seu corpo fica tenso. Como se estivesse preso aos amigos por um cabo invisível.

— Já terminamos? Os caras estão me esperando — diz, sem a menor emoção, apontando com o indicador por cima do ombro.

Nunca na vida me senti tão humilhada. A adrenalina corre pelo meu corpo, se mesclando à dor, ao desespero e à raiva. Tenho que apertar os punhos para não bater no peito dele. É o que eu mais queria, porém percebo que ele está tão frio e distante que não quero lhe dar a satisfação de perder o controle na frente de seus amigos.

— Sim. Já terminamos — digo, com toda a dignidade que me resta.

James não se importa com a minha dignidade. Dá meia-volta antes de eu terminar a frase e volta correndo para os amigos. Meu orgulho se desfaz a cada passo que ele dá, até que o máximo que consigo é me manter em pé.

Ruby

Verde: Importante!

• Turquesa: Escola

• Rosa: Comitê de Eventos de Maxton Hall

• Lilás: Família

• Laranja: Esportes e alimentação

Se eu dividisse minha tarde em cores, ficaria assim: lilás (Desabafar com Ember, Desabafar com minha mãe, Evitar encontrar meu pai para ele não fazer perguntas demais), laranja (Sair para correr com Ember para esvaziar a mente) e verde (Devolver a bolsa para James Beaufort e mandar ele tomar no cu).

Uma lista completa, eu acho. E, se existisse, teria marcado todos os tópicos como feitos, menos o último.

Com a toalha enrolada como um turbante na cabeça, tentei a tarde inteira escrever uma carta. Agora, continuo sentada aqui, rodeada de papéis amassados, e me dou por vencida. Queria escrever algo que expressasse minha raiva e decepção, mas, no papel, minhas palavras parecem totalmente irracionais. Queria ter falado tudo para ele no campo de lacrosse, mas ainda estava sob o efeito do choque e não conseguia me expressar com clareza.

No meu mural de avisos, está pendurado o cartão que James me enviou no meu aniversário. As palavras dele significaram tanto para mim na época... Acreditei mesmo que ele estava falando sério. Agora, parece que tudo o que aconteceu entre nós foi coisa da minha cabeça. Como se tudo — nossas conversas por telefone, os momentos em que rimos juntos, o beijo — tivesse sido produto de uma fantasia.

Não posso continuar olhando para o cartão. Arranco-o do quadro, pego um marcador preto e escrevo a primeira coisa que vem à minha mente na hora, por mais absurda que pareça.

James, vai se foder. Ruby.

Contemplo meu trabalho com a cabeça inclinada. Escrevi essas palavras bem debaixo das dele, e dói olhar para elas e ver a que ponto chegamos.

— Ruby? — Ember enfia a cabeça para dentro de meu quarto. — O pai fez a janta. Você vem?

Assinto, incapaz de tirar os olhos do cartão.

Ember caminha até mim e olha por cima do meu ombro. Solta um suspiro e acaricia meu braço. Então, sem dizer nada, tira a caixa de papelão de trás da porta e me ajuda a colocar a bolsa de volta lá dentro. Meu coração dói quando coloco o cartão em cima e fecho a caixa.

— Posso levar no correio amanhã de manhã, quando eu for pra escola
— diz em voz baixa.

O nó que se formou na minha garganta fica maior.

— Valeu — respondo, a voz rouca, quando Ember segura meu braço.

Minha irmã joga a caixa em seu quarto para eu não ter mais que olhar para ela. Agradeço por não ter dito nada sobre o moletom de James, embora eu tenha notado que ela o ficou encarando por um tempo. Não consegui colocá-lo dentro da caixa, e me recuso a pensar no motivo.

Depois do jantar, me deito na cama, olhando para o teto. Separo esta tarde e esta noite para lamentar o que aconteceu entre James e eu. Para lamentar pelo amigo que perdi sem saber o porquê.

E depois, acabou. Continuo sendo eu mesma, e me jurei firmemente que não vou permitir que nada nem ninguém me desvie do meu caminho. A partir de amanhã, tudo será como nos dois últimos anos. Vou me concentrar na escola e participar das reuniões do comitê de eventos. Vou almoçar com Lin ao meio-dia no refeitório. Vou me preparar para as entrevistas de admissão em Oxford.

Voltarei a viver em um mundo onde nem James Beaufort nem o resto de Maxton Hall sabem quem sou.

James

Ruby é incrivelmente boa em me evitar. É como se tivesse decorado os horários das minhas aulas para nunca esbarrar comigo. Mas quando nossos caminhos se cruzam, ela passa por mim com passos seguros, sem me olhar nem uma vez, as duas mãos segurando as alças da mochila verde. Sempre que a vejo, penso no cartão que carrego dobrado na minha carteira e que às vezes pego para ler, quando a nostalgia se torna insuportável. Como agora.

Quando isso vai acabar? Quando vou conseguir voltar a pensar em algo que não seja ela? Ainda mais quando este é o pior momento possível para se distrair. A prova TSA será na quinta-feira, e se eu quiser ter uma chance mínima de entrar em Oxford, preciso ir bem.

Infelizmente, não sou capaz de me lembrar de nada do que Lydia e eu conversamos na última meia hora. Imprimimos todos os exercícios que conseguimos encontrar, espalhamos as folhas pelo quarto de Lydia e fizemos um por um até sair fumaça de nossas cabeças. Minha irmã acabou de fechar um livro no qual estava procurando respostas e se apoiou nos cotovelos. Ela está deitada de bruços, as pernas dobradas para cima, balançando os pés ao ritmo da música que toca baixinho ao fundo. Quando estende a mão, entrego o saco de batatinhas que estamos dividindo em silêncio.

Depois, passo o dedo pelas bordas do cartão outra vez. A esta altura, já está completamente desgastado, com os cantos arredondados. Estou prestes a guardá-lo quando Lydia rasteja de barriga para baixo em minha direção.

— Que isso? — pergunta ela de repente, pegando o cartão tão rápido que não consigo reagir. Quero pegá-lo de volta no mesmo instante, mas Lydia já o desdobrou e leu as minhas palavras e as de Ruby. Seu olhar fica sombrio, e quando olha para cima, seus olhos refletem tristeza. — James...

Arranco o cartão da mão dela e o coloco de volta na carteira, e a carteira no bolso da calça. Em seguida, volto a abrir o livro que Lydia deixou de lado e começo a ler. Não importa o quanto eu me concentre, as letras não têm significado nenhum.

Por que é que meu coração está batendo tão rápido? Por que sinto que fui pego *em flagrante*?

— James.

Desvio o olhar do livro.

— O quê?

Lydia se senta de pernas cruzadas e, desleixadamente, começa a fazer um coque, que prende no topo da cabeça com um elástico.

— Qual o lance desse cartão?

Faço um gesto para que ignore.

— Não é nada.

Lydia levanta uma sobrancelha e lança um olhar significativo para o bolso da calça, onde minha carteira com o cartão acabou de desaparecer. Então, volta a olhar para mim, mas dessa vez com mais gentileza.

— O que aconteceu entre você e a Ruby?

Minhas costas se retesam.

— Não sei do que você está falando.

Lydia bufa de leve e balança a cabeça.

— Sei exatamente como você está se sentindo agora — diz depois de um tempo em silêncio. — Na minha frente, você não tem que fingir que não está incomodado com o que aconteceu. Eu não sou cega, James. Percebo quando você está mal.

Fico encarando o livro novamente. Lydia tem razão, estou péssimo. Minha vida inteira está um caos, e não posso fazer nada para consertar a situação.

— O que está me incomodando — digo — é o fato de eu ter uma família de merda e de odiar a ideia do que vai ser o meu próprio futuro.

Sinto o olhar compassivo de Lydia, mas não consigo retribuir. Tenho medo de perder o pouco do autocontrole que me resta, e não posso me permitir isso. Não nesta casa, onde meu pai tem olhos e ouvidos por toda parte e não me sinto verdadeiramente seguro.

- A Ruby também não está bem. Por quê...?
- Só fiquei de olho na Ruby por sua causa interrompo. Não aconteceu mais nada.

As palavras arranham minha garganta, parecendo incrivelmente falsas quando as pronuncio. Não consigo respirar direito, e o olhar de Lydia é tão

intenso que cada vez mais aumenta o peso no meu peito. Pisco por causa da ardência incomum nos olhos e engulo em seco.

— Ah, James — sussurra ela, pegando minha mão gelada e acariciando as costas dela com o polegar.

Não consigo me lembrar da última vez em que nos tocamos desse jeito. Por um momento, observo seus dedos pálidos envolverem os meus. De alguma forma, esse simples gesto faz com que fique mais fácil voltar a respirar.

— Eu sei o que é não poder ter alguém, mesmo sabendo que é a única pessoa com quem essa vida seria de certa forma suportável — diz Lydia, apertando minha mão de repente. — Quando conheci o Graham, soube na mesma hora que havia alguma coisa especial entre nós.

Levanto o olhar de repente. Lydia está olhando para mim parecendo tranquila. Até então, nunca tinha me contado nada sobre Sutton e rejeitou veementemente todas as tentativas que fiz de abordar o assunto. O fato de ela fazer isso agora me mostra como devo estar escondendo mal meu desespero e quanta pena deve sentir de mim. No entanto, agradeço por mudar de assunto.

— Como vocês se conheceram? Na escola?

Ela nega com a cabeça. Por alguns instantes, parece estar escolhendo as palavras certas. Afinal, guardou todo esse segredo por uma eternidade.

— Foi há mais de dois anos, um pouco depois do lance com o Gregg — começa a dizer minha irmã, e no momento sinto a raiva me invadir.

Gregg Fletcher fez papel de namorado de Lydia por vários meses, porém, na verdade, era editor de um jornal de veiculação nacional. Ele se aproveitou dela e partiu seu coração só para colher informações sobre nossa família e nossa empresa. Aperto a mão de Lydia com mais força.

- Eu não tinha vontade de fazer nada continua a falar. De absolutamente... nada. Me isolei totalmente.
 - Eu me lembro.

A mídia atacou nossa família como um bando de hienas depois das revelações de Fletcher. Foi uma época ruim, e todos tivemos que encontrar uma forma de lidar com ela. Eu, com o álcool e as drogas; ela, com um silêncio furioso e um muro impenetrável.

— Uma tarde, eu estava completamente desesperada. Não tinha ninguém com quem falar, mas precisava desabafar. Eu tinha quinze anos e

perdi minha virgindade com um jornalista porque tinha sido ingênua demais por acreditar que tinha alguém interessado em mim. Não na Beaufort. Estava péssima. Eu me culpava de um jeito horrível e me perguntava como podia ser tão burra. — Ela faz uma breve pausa e respira fundo. — Naquela tarde, criei um perfil anônimo no Tumblr. Pretendia só vomitar tudo o que eu estava sentindo, sem consequências. Minha primeira postagem foi um monte de palavras inconsequentes. Só escrevi como estava me sentindo e que desejava ser alguém completamente diferente. No dia seguinte, recebi uma mensagem privada muito carinhosa.

Fico olhando para ela.

— Do Sutton, né?

Lydia assente.

- Não dizia muita coisa, eram só algumas palavras gentis e reconfortantes, mas naquela situação significaram o mundo pra mim. Um sorriso fraco surge em seus lábios. Então, começamos a escrever um para o outro com certa frequência. Conversávamos sobre tudo, confiamos coisas um ao outro que nunca tínhamos contado para ninguém. Ele me falou de Oxford e da competitividade, tão opressiva que o sufocava. Eu, do meu coração partido e dos medos em relação ao futuro. Encorajamos um ao outro, e nunca falei para ele meu sobrenome verdadeiro, nem eu sabia o dele. Apesar de tudo, o que compartilhei com ele era mais real do que qualquer coisa.
 - Que loucura.
 - Pois é diz, assentindo outra vez.
 - E aí? quero saber.
- Depois de seis meses nos falando, conversamos por telefone pela primeira vez. Cinco horas de ligação. Minha orelha estava doendo à meianoite do tanto que tinha apertado o celular contra ela. Depois disso, começamos a conversar cada vez mais.

Me lembro da noite do aniversário de Ruby, quando também ficamos horas a fio nos falando por ligação. Voltei da festa de Wren para casa só para continuar ouvindo a voz dela.

- Por isso você vivia me expulsando do seu quarto digo, um sorriso no rosto. E depois vocês começaram a sair?
- Demorou um ano até eu tomar coragem pra sair com o Graham. Fomos tomar um café depois que ele se formou.

Não acredito que tudo isso estava acontecendo na frente dos meus olhos e eu não vi.

— E quando vocês... dormiram juntos? — pergunto, e neste exato momento me sinto um garotinho de doze anos.

Lydia fica vermelha.

— Na verdade, nós nunca dormimos juntos, mas passamos muito tempo um ao lado do outro nas férias de verão. — Ela pigarreia. — Quando o Graham conseguiu o emprego em Maxton Hall, ele terminou tudo o que tinha entre a gente. Na mesma hora. Achava que podíamos continuar sendo amigos na internet, como antes, mas nada além disso. — Um brilho suspeito aparece em seus olhos. — Por mim, já tava bom, sabe? Melhor isso do que perder a amizade dele por completo. Quando, no fim do ano, o Graham não tinha perspectivas de renovarem o contrato, voltei a alimentar esperanças. Tudo começou de novo, até que, no meio do verão, ele descobriu que tinha uma vaga disponível. Foi o mesmo sofrimento de antes. Só que dessa vez ele não queria nenhuma ligação comigo, nem pela internet. Me apagou completamente da vida dele, achava que era o melhor para nós dois.

Reflito por alguns instantes sobre tudo o que ela acabou de me contar.

— Isso foi no começo das aulas? — pergunto. — No dia em que a Ruby viu vocês juntos?

Ela engole em seco.

— Aquilo foi meio que uma recaída.

Assinto, pensativo. Sabia que Sutton era mais do que um passatempo para Lydia. Se não fosse, ela não teria sofrido tanto nas últimas semanas, muito menos o teria defendido quando o critiquei. Mas nunca teria imaginado que os dois tinham um relacionamento de dois anos. Nem que havia sido tão sério.

— Se esperar mais um ano, talvez você possa...

Nem eu sei o que estou sugerindo. Mesmo que Lydia pare de frequentar Maxton Hall, uma relação com um de seus antigos professores pode destruir sua reputação para sempre. Consigo imaginar o que nossos pais diriam sobre isso.

— Não sou idiota, James. Sei que o Graham e eu não temos a menor chance.

Lydia solta minha mão e pega o saco de batatinhas como se não fosse nada, como se não tivesse acabado de me contar seu maior segredo. Coloca um punhado na boca, os olhos brilhantes fixos no cobertor de sua cama.

Me dói vê-la assim. E, acima de tudo, me dói não poder ajudar. Porque ela tem razão: não há um futuro para ela e Sutton, assim como não há para mim e Ruby.

— Valeu por me contar — digo em seguida.

Lydia come as batatinhas e bebe um grande gole de água.

— Talvez um dia você me conte alguma coisa sobre a Ruby.

A pressão que sinto no peito e parecia ter desaparecido aos poucos enquanto ela falava reaparece de supetão. Ignoro o olhar de Lydia me analisando, e pego a folha seguinte de exercícios da pilha.

— Não tem o que contar.

O leve suspiro de Lydia chega aos meus ouvidos como se estivesse muito longe. O exercício na folha se desvanece com a lembrança de Ruby no campo de lacrosse e das palavras horríveis que eu disse para ela. As imagens se repetem em minha cabeça em um *loop* cruel e infinito, até que não consigo mais me concentrar nos exercícios e fico encarando a parede.

Dá tudo certo na TSA. Na minha família, todos estão tão convencidos de que vou conseguir que nem quero pensar na possibilidade de acontecer o contrário.

Na semana seguinte à prova, temos uma das últimas reuniões do grupo de preparação para Oxford. Ruby está sentada com Lin no outro extremo da sala. Como de costume nos últimos dias, ela não olha para mim, nem deixa transparecer que algo aconteceu entre nós. Se comporta exatamente como antes, subjuga a todos nós com seus argumentos perspicazes e inclusive consegue, em uma ocasião, deixar nossa tutora sem palavras.

Acho difícil tirar os olhos dela. Tremendamente difícil. Quando abre a boca, seus lábios me prendem, e o desejo de beijá-los me invade.

Nessas horas, me lembro da imagem de meu pai e das costas de sua mão na minha bochecha, da dor que senti no maxilar dias depois. Não foi a primeira vez que ele me bateu. Não acontece com frequência, mas

acontece muito mais do que deveria, principalmente quando, na opinião dele, não correspondo às expectativas da nossa família.

O fato de ele não gostar de Ruby me machuca, mas terei que conviver com isso. Nasci em uma família da qual não posso me afastar, por mais que eu queira. Vou entrar em Oxford e herdar a Beaufort.

Chegou a hora de aceitar isso e parar de sentir pena de mim mesmo.

- Vamos dar uma olhada na segunda pergunta agora. James, quer compartilhar seus argumentos com a turma? pergunta Pippa de repente. Não faço ideia do que ela acabou de dizer, a única coisa que entendi foi meu nome.
 - Na verdade, não respondo, me recostando na cadeira.

Sendo sincero, só quero ir para casa. E sendo ainda mais sincero, só queria ficar com Ruby, mas não é possível. Ela estar nesta sala e não olhar para mim é torturante. Ruby é minha única motivação. Agora, só tenho o lacrosse, nada mais em que me apoiar. Nem as festas com meus amigos conseguem me distrair do fato de que, atualmente, nada na minha vida faz sentido. O fim do colégio está se aproximando cada vez mais rápido, e não sei como vou aguentar isso tudo. Como farei com que minha existência não pareça tão supérflua.

— Se você for chamado para uma entrevista de admissão, precisa ter uma resposta preparada para todas as perguntas — insiste Pippa, com um gesto encorajador.

Me aproximo da folha para ler melhor: *Em que casos*, *se houver*, *o perdão é falso*? Olho para a pergunta. Dez segundos. Mais dez segundos até meu silêncio se tornar desconfortável e alguém pigarrear na aula. Um calafrio percorre meus braços até chegar às costas. A folha que está em minhas mãos se torna mais pesada, de modo que preciso repousá-la sobre a mesa. Sinto como se estivesse engolindo cimento, mas não há nada na minha boca. Somente minha língua dormente, incapaz de pronunciar uma palavra sequer.

— Por regra geral, o pedido de desculpas vem após uma ação que prejudicou alguém — soa a voz de Ruby de repente. — Mas quando alguém perdoa outra pessoa pela dor que lhe infligiu, isso não quer dizer que a dor passa. Enquanto for sentida, o perdão é falso.

Ergo os olhos. Ruby olha para mim, resoluta, e sinto vontade de me aproximar dela. Há apenas alguns metros entre nós, mas parece uma distância tão intransponível que se torna até difícil de respirar.

Porra, Beaufort, se controla de uma vez.

— Quando as pessoas são perdoadas muito facilmente, elas têm a sensação de que tudo é permitido. Então, a raiva da pessoa que foi injustiçada é o castigo do transgressor, que deseja desesperadamente o perdão — acrescenta Lin.

Sim, a raiva de Ruby é um castigo que mereço. Mesmo assim, gostaria que ela não passasse o resto do semestre me odiando: deveria estar feliz porque em breve vai realizar seu sonho de ir para Oxford. Se alguém ganhou, foi ela.

— O perdão nunca pode ser falso — objeto em voz baixa. Algo brilha nos olhos verdes penetrantes de Ruby. — O perdão é uma marca de grandeza e força. Se você passar anos com raiva e destruir a si mesmo, isso não te torna melhor do que a pessoa que te machucou.

Ruby bufa com desdém.

- Isso só pode ter vindo de alguém que vive machucando os outros.
- Não existe um ditado? *Quem apanha não esquece*. Alistair olha para o grupo, e Keshav e Wren murmuram em concordância. Dá para perdoar alguém pelo que a pessoa fez, mas isso não quer dizer que essas atitudes ficam esquecidas. O perdão é obrigatório para se colocar um ponto final no assunto. Esquecer é algo que demora muito tempo ou que nunca acontece. E tudo bem. O perdão nos ajuda a tirar o peso do peito e seguir em frente.

Do meu lado direito, Lydia se endireita.

- Parece que o perdão vem em um estalar de dedos e esquecer é a parte realmente difícil. Mas não podemos perdoar tudo o que fazem com a gente. Se for algo ruim de verdade, não é tão fácil se livrar disso.
- Eu concordo afirma Ruby. Se você perdoa alguém muito rápido, isso significa que você não se leva em consideração e que deixa de lado a própria dor levianamente. É um comportamento autodestrutivo. É difícil reconhecer a hora de se livrar desse peso, é verdade, mas se a decisão de perdoar for só um meio para se chegar a um fim, o perdão é falso.
- Talvez devêssemos diferenciar o perdão saudável e o não saudável intervém Lydia, e Ruby assente. O perdão não saudável ocorre rápido demais e leva a pessoa a se permitir ser maltratada novamente em

determinadas circunstâncias. Mas o perdão saudável só vem após um longo período de reflexão. Nesse caso, a pessoa se respeita o suficiente para não se permitir ser maltratada de novo.

- Mas o perdão não é sinônimo de reconciliação diz Wren, que está sentado ao lado de Lydia. Me inclino de leve para a frente a fim de olhar para ele. Suas mãos estão cruzadas atrás da cabeça, e ele está recostado na cadeira. Se o significado original do perdão consiste em abandonar a raiva, ele foi pensado mais para a vítima do que para a pessoa que causou a dor, então ela pode determinar até que ponto perdoa.
- Embora também existam atitudes imperdoáveis comenta Kesh em voz baixa.

Todos se voltam para ele, mas está de braços cruzados, como se fosse tudo o que tivesse para dizer.

- Poderia desenvolver um pouco mais o que disse, Kesh? pergunta Pippa de maneira gentil.
- Estou falando de assassinatos ou coisas do tipo. Acho aceitável os familiares da vítima não perdoarem. Como poderiam?

Sinto um formigamento no pescoço e quase sem perceber me viro para Ruby. Nossos olhares se cruzam, e o formigamento aumenta. Há duas mesas de distância entre nós, além dos espaços entre elas, mas quero acabar com essa distância com um salto, segurar seu rosto e beijá-la outra vez.

— Isso também depende dos princípios morais de cada um. Cada pessoa tem um limite maior ou menor para o que considera imperdoável
 — diz Lydia.

Kesh responde alguma coisa, mas não ouço mais nada. Posso ver claramente nos olhos de Ruby onde está seu limite moral. O que eu disse para ela é imperdoável. Sua boca forma uma linha fina, e sob seus olhos há círculos escuros que sem dúvidas estão ali por minha causa. Ela nunca vai me perdoar, e, embora eu tenha certeza de que não há um futuro para nós dois, neste momento me dou conta do que isso realmente significa. Nunca mais terei a oportunidade de tocá-la de novo. Nunca mais voltarei a conversar com ela. A rir. A beijá-la.

Estar consciente disso faz com que eu afunde. É como se um buraco profundo tivesse surgido sob meus pés e eu estivesse caindo e caindo e caindo.

Concentro toda a minha energia em respirar fundo e com calma enquanto o resto da discussão me passa despercebido. Assim como todo o resto.

Ruby

Antes, eu gostava de sonhar. Nos meus sonhos, tudo era possível. Podia voar e, às vezes, até fazer truques de mágica; ia para Oxford e viajava como uma embaixadora ao redor do mundo. Na maioria das vezes, meus sonhos eram muito vívidos, e pareciam tão realistas que, no dia seguinte, ia para a escola hipermotivada, tentando dar mais de cem por cento de mim.

Agora, detesto meus sonhos. James é o protagonista da maioria deles, e eu só quero que isso acabe. Acordo no meio da noite, não por causa dos pesadelos, mas por uma pulsação entre as minhas pernas, por ter sonhado com ele me abraçando e me beijando. No meu sonho, ele me oferece novamente o prazer físico em troca do meu silêncio, só que, nessa hora, eu não impeço quando ele desabotoa a camisa. No sonho, ele me leva para um mundo onde não me apagou de sua vida.

De manhã, acordo novamente com as bochechas quentes e a colcha entre as pernas. Deito de costas, com um gemido, e cubro o rosto com o braço. Tenho que dar um jeito de banir James do meu subconsciente, senão vou ficar louca. Como vou conseguir esquecê-lo se, todas as noites, meus sonhos mostram o que poderia ter acontecido entre nós?

Esfrego os olhos e pego o celular na mesa de cabeceira. São quase seis horas, e o despertador vai tocar em dez minutos. Cansada, me sento e olho para o ícone do e-mail. Desde ontem à noite, recebi oito e-mails. Analiso-os devagar para ver se tem algo importante.

Quando vejo o remetente da última mensagem, me levanto tão rápido da cama que fico até meio tonta. Na minha caixa de entrada, há um e-mail do Departamento de Admissões de St. Hilda.

Prendo a respiração e clico para abrir.

Cara Ruby,

É um prazer convidá-la à Universidade St. Hilda, em Oxford, para realizar uma entrevista. Parabéns por ter passado na primeira etapa do nosso processo seletivo.

Nem presto atenção no restante do texto. Dou um grito tão alto que ecoa pela casa inteira. Ember entra correndo no meu quarto, e eu salto da cama. Preciso de alguns instantes para recuperar o equilíbrio, mas, quando consigo, enfio o celular na cara dela. Ao mesmo tempo, começo a dar pulinhos.

— Ai, meu Deus! — exclama ela, agarrando minhas mãos, e nós duas rodopiamos em comemoração. — Ai, meu Deus, Ruby!

Depois disso, desço a escada tão rápido que quase caio. Meu pai já saiu para o corredor com a cadeira de rodas, e minha mãe vem da cozinha com os olhos arregalados. Mostro o celular para eles.

— Me chamaram para fazer as entrevistas!

Minha mãe cobre a boca com as mãos, e meu pai solta um grito de alegria. Ember envolve minha cintura e me puxa contra ela em um abraço apertado.

- Fico muito feliz por você! Mas não quero que você vá embora!
- Só me chamaram pra fazer umas entrevistas, isso não quer dizer que eu vou ser aceita. E, além disso, Oxford fica só a duas horas daqui.

Estou tão animada que não consigo parar quieta. Meu sonho, que por anos pareceu tão distante, está muito mais próximo. De repente, agora ele parece tão real que quase consigo alcançá-lo. Um formigamento percorre meu corpo, cheio de energia.

— Todos nós sabemos que você vai arrasar nas entrevistas — diz meu pai, e Ember e eu não conseguimos deixar de rir da escolha de palavras dele. — Não vão ter escolha senão te aceitar.

Sorrio tanto que os cantos da minha boca doem. Mas não consigo parar. Fazia um tempo que eu não ficava tão feliz.

— Estou tão orgulhosa de você, querida.

Minha mãe dá um beijo na minha cabeça e me aperta contra ela. Quando me solta, me inclino na direção do meu pai, que também me abraça.

— E agora, qual o próximo passo? — pergunta.

Leio a mensagem, desta vez até o fim.

- Aqui está dizendo que tenho que ir lá no próximo domingo à tarde. As entrevistas vão acontecer na segunda e na terça-feira. A viagem de volta é na quarta-feira de manhã.
- Quatro dias em Oxford sussurra minha mãe, balançando a cabeça. Eu sabia que eles iam te convidar.

Olho para ela mais uma vez, radiante.

- Aqui está dizendo que comida e alojamento estão inclusos no convite.
- Então a gente escolheu mesmo a universidade certa diz meu pai, os olhos brilhando de felicidade.
- Já sei exatamente a roupa que você tem que usar. Ember agarra minha mão e me puxa em direção à escada.
- As roupas que eu vou usar em Oxford já estão decididas desde as férias de verão.

Na verdade, faz ainda mais tempo se pararmos para pensar que tenho uma pasta de Roupas para Oxford no Pinterest, em que Ember e eu colocamos constantemente novas inspirações. Me despeço da minha mãe e do meu pai antes que Ember me arraste atrás dela. Da escada, ainda consigo ouvir o que meus pais estão dizendo.

- Oxford sussurra minha mãe.
- Oxford responde meu pai, baixinho.

Eles parecem estar satisfeitos. Espero de coração passar na TSA e nas entrevistas. Quero que continuem tendo orgulho de mim. Se minha família está feliz, eu também estou.

Deixo Ember me arrastar para o quarto. Enquanto pega uma roupa atrás da outra e joga na cama, preencho o formulário de matrícula da universidade e confirmo que participarei das entrevistas. Por fim, mando um *print* do e-mail para Lin e espero impacientemente por sua resposta.

Ainda não consigo acreditar. Ainda mais porque faltam apenas quatro dias: eu vou para Oxford.

No domingo à tarde, quando chegamos em Oxford, já está quase escurecendo. Apesar disso, meus pais, Ember e eu decidimos dar um passeio pelo campus. A Universidade St. Hilda fica no extremo leste da rua principal, e caminhamos ao longo do rio Cherwell, que brilha

calorosamente com a luz dos postes e dos prédios imponentes que, apesar da pedra cinza gasta das fachadas, não parecem estar desmoronando. Muito pelo contrário: com as janelas semicirculares de moldura branca e as pequenas balaustradas, irradiam o encanto mágico das histórias antigas, que desejo tanto ouvir algum dia.

A St. Hilda tem uma beleza de tirar o fôlego. E enquanto empurro a cadeira de meu pai pelo chão de paralelepípedos do campus, com minha mãe e Ember ao nosso lado, tenho a impressão de estar em um conto de fadas. O sorriso que estampo no rosto desde a semana passada está ainda maior.

- No ano que vem, você vai estar sentada bem ali prevê meu pai, apontando para a grama à nossa esquerda. Com uma pilha de livros teóricos bem na frente do nariz. Em cima de uma manta de lã xadrez.
 - Você pensa em coisas muito específicas, pai comento, sorrindo.
- Realmente, filha responde ele, balançando a cabeça com seriedade.

Além de St. Hilda ser linda, também gosto daqui por ser conhecida pela diversidade, pelo espírito de equipe e pelo tratamento respeitoso dos alunos, um para com os outros. Aqui, todo mundo é bem-vindo, independentemente de que país ou classe social veio. É disso que preciso depois de passar o ano em Maxton Hall. Quero me sentir confortável e não ter que voltar a me esconder. Não consigo me imaginar passando os próximos quatro anos em uma faculdade mais conservadora, como, por exemplo, a Balliol.

E não só isso: no brasão da St. Hilda tem unicórnios.

— Não dá pra acreditar que eu estou aqui — sussurro. — Tenho muita sorte.

Ember estala a língua.

— Não é sorte, você se esforçou demais.

Ela está certa. Porém, me sinto mal ao pensar nas entrevistas que me aguardam nos próximos dias. Esta noite, preciso me preparar um pouquinho custe o que custar e revisar as anotações que fiz nos encontros com Pippa. Já faz tempo que sei tudo de cor, mas tenho certeza de que vou me sentir melhor depois de revisar tudo.

Após retirar na portaria a chave do quarto em que ficarei hospedada nos próximos dias, me despeço da minha família com o coração apertado, pego

minha malinha de viagem e entro no alojamento. Por dentro, não há nada de especial: carpete azul, paredes brancas e vazias, mas ainda sinto um frio na barriga ao subir a escada para chegar ao primeiro andar. Talvez este prédio seja, em breve, minha nova casa.

O quarto fica no começo do corredor, do lado esquerdo. Pego a chave e faço menção de colocá-la na fechadura quando ouço alguém se aproximando por trás. Me viro, sorrindo.

Meu sorriso desaparece.

Achei que seria um estudante, mas não, é alguém de cabelo loiroacobreado, bagunçado pelo vento, que está vestindo um casaco preto de alfaiataria.

É o James.

— Tá de brincadeira — solto.

Pelo menos, ele parece tão surpreso quanto eu. Seus olhos ficam sombrios, e ele olha para a chave na mão. Dá três passos largos, arrastando uma maleta até chegar no quarto em frente ao meu. Tenho a sensação de que o destino está me pregando uma peça.

Sem dizer uma palavra sequer, ele abre a porta e entra em seu quarto. Seu olhar sombrio pousa em mim rapidamente, mas logo fecha a porta e me deixa sozinha no corredor.

Me controlei bastante nas últimas semanas. Ignorei James, mesmo que doesse, e me comportei como se nossa história não tivesse deixado qualquer sequela em mim. Mas agora sinto que a raiva toma conta do meu peito. Adoraria abrir a porta de seu quarto e entrar. Quero falar tudo o que guardei dentro de mim nas últimas semanas.

No entanto, sei que, na verdade, não tenho mais nada para dizer. Para ele, não fui nada além de uma peguete, e não tem nada de realista em acreditar que James poderia se tornar um tipo de amigo para mim... ou algo a mais.

Não deveria me sentir insegura pelo fato de ele também estar aqui. Tenho um objetivo, e não vou perdê-lo de vista. Já cheguei longe demais. Talvez eu devesse considerar isso mais um desafio que devo enfrentar no meu caminho até Oxford. E contanto que James não me distraia dos meus planos, consigo suportar que esteja hospedado no quarto à frente do meu. Farei como na escola: vou viver como se ele não existisse.

Determinada, abro a porta do quarto e entro. A decoração é minimalista: há uma escrivaninha de madeira, um guarda-roupa branco embutido e uma cama simples. Daqui, consigo ver o pátio interno, onde uma árvore imensa se ergue no centro. Me aproximo da janela para poder ver melhor. As folhas marrom-avermelhadas estão espalhadas pelo chão, todo o gramado repleto delas. A trilha dá a volta por todo o parterre, que é cercado por postes e bancos. Faço como meu pai e imagino que, dentro de poucos meses, estarei sentada ali, com um montão de livros ao meu lado e a cabeça cheia de coisas novas que me ensinaram neste campus, que é simplesmente perfeito.

Embora o que aconteceu entre mim e James ainda me machuque muito, de repente não me parece algo tão terrível. Eu vou conseguir.

Ruby

Na manhã seguinte, quando acordo, o teto branco vazio acima de mim me deixa confusa por alguns minutos. Também estranho o colchão quando me viro de lado. Há um cheiro diferente no quarto.

Você está em Oxford.

Me sento e olho ao redor. Então, solto um gritinho fraco. Pego meu celular na mesa de cabeceira e dou uma olhada nas mensagens. Minha mãe e meu pai me lembraram de tomar um café da manhã reforçado, porque sabem que, quando fico nervosa, perco o apetite, e Ember escolheu uma frase motivacional que eu adoraria registrar no *planner*. Kieran me desejou boa sorte e me disse que tem certeza de que vou conseguir. A última mensagem é de Lin. Ela tirou uma foto de seu quarto em St. John, que não é muito diferente do meu. Escrevo uma mensagem para ela desejando que vá bem nas entrevistas e dizendo que estou animada para vê-la no pub hoje à noite — um dos compromissos que estão na minha programação do dia e que a secretaria me avisou de antemão.

Então, me levanto e me arrumo sem pressa. Minhas mãos tremem de tanta emoção enquanto me maquio e me visto.

Visto a saia de veludo cotelê caramelo e a blusa branca com flores discretas bordadas, que escolhi há meses para este dia e deixei guardada. Também pego a bolsa bordô e a pulseira de couro que Ember me deu de presente.

Não combina com o resto, mas por conta da manga longa da blusa, fica pouco visível, e quando a toco tenho a sensação de que uma parte de minha irmã e de minha família está comigo.

No refeitório dá para ver de primeira quem já estuda aqui e quem só veio para as entrevistas. Os primeiros vão direto para o balcão de comida, rindo e conversando, relaxados, e sinto vontade de ser como eles neste

momento no ano que vem. Quero pegar meu café sem dar a volta no refeitório duas vezes por não ter encontrado a máquina, me sentar com meus amigos em uma mesa e conversar sobre o fim de semana. E quero dar um sorriso encorajador para aqueles que vierem para as entrevistas, com a esperança de que se sintam melhor depois disso.

Ontem à noite, tudo isso ainda me parecia mentira. Agora, Oxford está se tornando uma realidade. Estou ouvindo as duas garotas ao meu lado conversarem sobre seus seminários e, no começo, não me dou conta de que percebem o que estou fazendo. Na mesma hora, abaixo a cabeça e encaro a torrada, que depois de algumas mordidas cai como pedra em meu estômago.

Na minha programação está escrito que, assim que terminar o café da manhã, devo ir para a sala comunal. Quando abro a porta, me surpreendo pelo barulho que reina na salinha, até ver que não estão apenas candidatos aqui, mas também ex-alunos recostados nos sofás desgastados, falando alto e evidentemente tentando deixar o clima mais calmo.

Encontro uma cadeira livre ao lado de um sofá e me sento. Um garoto da minha idade se junta ao meu lado com um livro e uma pilha de papéis no colo. Sorri para mim, embora pareça mais uma careta. Está tão nervoso quanto eu. Com os dedos trêmulos, pego minhas anotações e volto a revisá-las.

De repente, sinto um frio na nuca, que se espalha por meu peito. Levanto a cabeça e olho para a porta de entrada da saleta. Quem dera eu não tivesse feito isso. James está lá, as mãos enfiadas nos bolsos da calça e uma expressão impenetrável no rosto.

Por favor, não olhe para mim, não olhe para mim, não olhe para mim...

Ele me encontra na cadeira. Desliza o olhar lentamente pelo meu rosto, depois pelas minhas roupas, e para na pilha de papéis em minhas mãos. Os cantos de sua boca se contraem de maneira quase imperceptível, mas então, como se para se censurar por rir, sua expressão volta a endurecer, e olha ao redor da sala comunal, obviamente em busca de uma cadeira livre.

— Ruby Bell? — chama uma voz que desconheço.

Um dos ex-alunos se levantou do sofá. Ele é bem alto — certamente tem mais de 1,90 metro —, tem cabelo castanho ondulado, levemente puxado para trás, e um sorriso branco brilhante. É um dos caras que estava

tentando deixar o clima mais descontraído, o que o torna instantaneamente simpático.

— Aqui — digo com a voz rouca e me levanto.

Minhas mãos estão frias e úmidas. Passo-as pela barra da saia para aquecê-las novamente e eu poder apertar sua mão sem que seja desagradável. Coloco os papéis de volta na bolsa e vou em direção à porta onde está me esperando.

Ao passar por James, levanto o queixo, decidida a ignorá-lo. Contudo, ele segura minha mão. Seus dedos quentes envolvem meu punho. O polegar acaricia a pele sensível.

— Boa sorte — sussurra, e então me solta e se senta na cadeira que acabei de desocupar.

Preciso de alguns segundos para me recuperar. Meu coração está batendo forte, e desta vez não tem nada a ver com o fato de eu estar nervosa.

O garoto que me chamou sorri para mim e gesticula para que eu me aproxime.

— Olá, meu nome é Jude Sherington. Vou te acompanhar até o escritório onde será sua entrevista — explica, apontando com o queixo para o corredor.

Saio da sala comunal sem olhar para trás. Em alguns minutos, a sorte estará lançada. Em alguns minutos, decidirão se vou estudar ou não nesta universidade.

Toco em meu punho, no lugar que o polegar de James acariciou. No caminho até a sala da professora, tinha que me concentrar, mas não consigo esquecer a sensação de seu dedo sobre a minha pele.

Seria melhor eu me levantar e dar uma corridinha de um lado para o outro para relaxar. Contudo, Jude ainda está aqui, sorrindo para mim sem parar. Ele me conduziu por inúmeros corredores que mais pareciam labirintos, e agora está apoiado na parede, em silêncio, enquanto estou sentada em uma cadeira em frente a uma porta, esperando-a se abrir. Algo que pode acontecer a qualquer momento.

Solto um suspiro ruidoso.

— Está nervosa? — quer saber Jude.

Mas que pergunta.

- Muito. Como foi pra você?
- Mais ou menos assim. Ele ergue uma mão e a faz tremer exageradamente.

Acho encantador ele ser tão autêntico.

- Mas você conseguiu.
- Pois é. Um sorriso de encorajamento aparece em seu rosto. Não é mágica. Você vai conseguir.

Assinto, encolhendo os ombros e balançando a cabeça de um lado para o outro ao mesmo tempo. Quando Jude ri, faço uma careta. Nesta hora, a porta se abre, e uma garota sai do escritório da professora. Suas bochechas estão vermelhas, e os lábios, brancos. Pelo visto, não sou a única que está sendo corroída pelo nervosismo. Infelizmente, não tenho a chance de perguntar como foi, porque ela sai sem dizer uma palavra. A porta da sala volta a se fechar, e olho para Jude de maneira inquisitiva, mas ele continua me mostrando o sorriso tranquilizador.

— Relaxa, vão avisar quando for para você entrar.

Sendo assim, a espera continua. Enquanto isso, sinto como se tivesse esgotado toda a minha inquietação só de ter passado tanto tempo sentada. Cinco minutos depois, meu pé esquerdo fica dormente, e o movimento discretamente para fazer o formigamento passar. É como se um formigueiro estivesse dançando na minha bota. Volto a balançar o pé, e bem neste momento a porta se abre com um rangido. A professora aparece no meu campo de vista, e meu pé continua em uma posição estranha.

— Ruby, entre, por favor.

Ela tem uma voz serena e agradável, que se espalha como um cobertor à prova de fogo sobre meus nervos carbonizados. Me levanto e endireito as costas. Atrás de mim, ouço Jude dizer "Vai dar tudo certo!", mas não tenho condições de agradecer. A professora deixa aberta a porta do escritório onde será a entrevista, e, ao entrarmos juntas, se apresenta como Prudence.

A sala é quase tão grande quanto a de nossa casa, mas o fato de esta ser muito bagunçada a torna aconchegante. Os móveis parecem antigos, como se estivessem aqui desde a fundação da faculdade, e há um cheiro de livros antigos no ar. As paredes estão cobertas por um bom número de estantes, nas quais se veem livros empilhados por toda a extensão. Do outro lado do

escritório, há outra professora sentada junto a uma mesa. Está ocupada fazendo anotações e não levanta o olhar até Prudence me conduzir pela sala até lá. Aliso a saia outra vez e me sento com as costas retas. As duas professoras se sentam do outro lado da mesa, abrem os cadernos e se recostam na cadeira.

Sinto meu coração quase pular pela garganta, mas tento não demonstrar e, em vez disso, parecer confiante. Estou certa de que posso tomar as rédeas desta entrevista. Me preparei e fiz tudo o que estava ao meu alcance.

Respiro fundo e expiro devagar.

— Ficamos muito felizes de ter aceitado o convite, Ruby. — A segunda professora quebra o silêncio. — Meu nome é Ada Jenson e, junto com a Prudence, leciono Política na Universidade St. Hilda.

Assim como aconteceu com Prudence, sua voz tem um efeito calmante em mim, e me pergunto como é possível que estas mulheres, que fazem parte do grupo de pessoas mais inteligentes do país, também tenham o dom de acalmar as pessoas em uma situação como esta.

— Eu que agradeço o convite — respondo e limpo a garganta.

Minha voz soa como se eu tivesse engolido algo pegajoso que ainda está preso na minha garganta.

— Vamos começar com a primeira pergunta — prossegue Prudence. — Por que você quer estudar em Oxford?

Fico a encarando. Não estava esperando por isso. Em todos os relatos de entrevistas, li apenas sobre questões que tinham uma relação direta com o tema. Não consigo evitar: um grande sorriso aparece em meu rosto. E então começo a contar. A contar tudo. Falo que, desde criança, já me interessava por política e que, aos sete anos, sabia que queria estudar em Oxford. Comento que, quando fiz doze anos, meu pai assinou as revisas *Spectator* e *New Stateman* para mim e que passava horas ouvindo os debates do Parlamento na televisão. Conto sobre a minha paixão por organização e debate, além do meu desejo de tornar as coisas melhores. Sem puxar o saco, enfatizo que, para mim, Oxford é a melhor universidade para eu aprender o que preciso para atingir meus objetivos.

Depois de terminar, quase fico sem fôlego, e não sei se estão satisfeitas com a minha resposta ou não. Como, de qualquer forma, não estou esperando um *high five* ou algo do tipo, está tudo bem. Fazem mais duas

perguntas, agora sobre temas relacionados a política. Tento argumentar bem e não me sentir insegura pela insistência delas. Tudo isso não leva mais de quinze minutos, e então a entrevista termina.

— Obrigada pela conversa — digo, mas Ada já está imersa em suas anotações e não parece me escutar.

Prudence me acompanha até a porta e me dá um sorriso gentil ao se despedir. Retribuo o sorriso e saio. A porta se fecha novamente atrás de mim, e de repente me sinto totalmente exausta.

Na cadeira em frente à porta, vejo o garoto que estava sentado ao meu lado na sala comunal e que sorriu para mim. Me lembro da garota de lábios pálidos que saiu dando passos pesados antes que eu tivesse a oportunidade de falar com ela. Teria gostado que ela tivesse me dito algumas frases de encorajamento, mas consigo entender por que ela saiu tão rápido. Agora que minha adrenalina está diminuindo devagar, só quero sair deste prédio e tomar um ar fresco. Porém, decido dizer um sincero "Você vai conseguir, boa sorte" antes de sair dali e tentar encontrar o caminho até meu alojamento.

Ruby

Passo o resto do dia observando o campus. Tomo uma xícara de café, passeio pelos espaços verdes acolhedores e contemplo os edifícios onde, segundo as guias, dão aulas de Filosofia, Ciência Política e Economia. Fico animada de perambular entre os alunos e, de repente, percebo que estou tão imersa em meus pensamentos que não me dei conta que estava caminhando junto com eles em direção a uma sala de aula. Ninguém parece me notar, então me sento discretamente na última fileira e ouço uma aula sobre a obra de Kant. É a melhor hora e meia da minha vida.

À tarde, organizaram para os aspirantes a entrar na faculdade uma ida ao Turf Tavern, um pub lendário que foi frequentado por celebridades como Oscar Wilde, Thomas Hardy, Elizabeth Taylor, Margaret Thatcher e o elenco de Harry Potter. Chego cedo demais ao ponto de encontro indicado no programa, mas não sou a única. Alguns garotos e garotas que vi hoje de manhã na sala comunal formaram grupinhos, como Jude, que me cumprimenta com um sorriso resplandecente e, em seguida, me pergunta como foi a entrevista. Quando todos já chegamos, vamos passear. O pub fica a pouco mais de dois quilômetros do campus de St. Hilda. No caminho, temos que passar pela ponte Magdalen, sob a qual o rio Cherwell reflete o pôr do sol com raios laranjas. Depois, atravessamos um parque de cervos, onde alguns deles balançam as orelhas, curiosos, e erguem as cabeças quando nos ouvem. Como a maioria, também tento acariciar um deles, mas não são tão mansos. Todos se viram de repente e desaparecem correndo pela campina.

No restante do trajeto, passamos entre edifícios antigos, caminhos por vezes tão estreitos que apenas duas pessoas, lado a lado, conseguem transitar de uma vez. E está escurecendo. Se eu estivesse sozinha, não teria coragem de andar por esses becos, mas Jude está ao meu lado, me

contando sobre seu curso, o que me distrai. Estou literalmente atenta aos seus lábios. Tudo o que vi aqui hoje e tudo o que ele está me explicando aumentam ainda mais minha vontade de estudar aqui. Nunca na vida desejei tanto algo quanto Oxford. Agora que tenho uma ideia de como pode ser, ficarei deprimida se não conseguir. Sobreviveria? Não sei. Fora que ainda não tenho um plano B.

De repente, a estrada se alarga novamente. Os postes iluminam a rua, e chegam aos meus ouvidos fragmentos de conversas e música. O lugar em que chegamos alguns minutos depois está abarrotado de gente. Parece que a maior parte é de estudantes, que agora estão conversando e tomando cerveja.

Nosso grupo abre caminho por eles até chegarmos ao Turf Tavern. Tenho a impressão de que o edifício onde fica o pub é antigo. Pela fachada rebocada de branco, se estendem vigas escuras na diagonal. O telhado está um pouco torto, e alguns lugares ficaram esverdeados e se encheram de musgo. Em frente ao pub, há mesas e cadeiras onde algumas pessoas se acomodaram sob um guarda-sol. Está tão frio que uma nuvem se forma quando respiro. É compreensível, portanto, que a maioria das pessoas esteja protegida com casacos grossos, gorros e capas de lã.

Sob a placa com o nome do pub, há uma série de lâmpadas pequenas e coloridas, e, logo abaixo, a entrada. A porta foi pintada de verde-escuro e está descascada em alguns cantinhos. Jude a mantém aberta para mim, e eu entro.

O ambiente aqui dentro é quase medieval. O teto do Turf Tavern é baixo, e as paredes são de uma pedra áspera, esculpida de maneira rudimentar. Delas pendem algumas luminárias e nas mesas há abajures em forma de pires. Nos guiam por um corredor estreito até chegarmos a um espaço mais ao fundo, afastado da sala principal barulhenta.

Jude está na minha frente, e seus quase dois metros de altura só me permitem ter alguns vislumbres além de suas costas. Mas então eu ouço. Uma risada que conheço bem.

Jude vai até uma mesa que reservaram para nós e se senta. Os outros também estão procurando lugares enquanto fico parada, observando um grupo que se acomodou na mesa ao nosso lado. Lá estão Wren, Alistair, Cyril, Camille, Keshav, Lydia e... James.

James, que hoje me desejou sorte e acariciou meu punho. James, que segura a cerveja bem na frente da boca quando me vê, e um segundo depois se volta para Cyril, à sua direita, como se nada tivesse acontecido.

Engulo em seco.

Não entendo por que estou tão surpresa por vê-lo aqui com seu grupinho. Afinal, eu sabia que eles tinham se inscrito em Oxford e que o encontro de hoje à noite no pub era um dos itens do programa destinado a todos que foram convidados para as entrevistas. De repente, minha euforia se esvai; devo presumir que Oxford não será o começo do zero que idealizei de maneira tão linda. Terei que suportar ver alguns deles novamente.

Isto é, se eu for aceita.

— Ruby!

Olho ao redor e vejo Lin correndo em minha direção com os braços abertos. Suas bochechas estão coradas de frio, e em volta do pescoço há um xale cinza grosso que esconde metade de seu rosto. Um segundo depois, ela joga os braços em volta do meu pescoço, e eu a abraço com a mesma intensidade.

- Me conta tudo digo com animação depois de termos nos separado.
- Podem se sentar diz Jude, apontando para um banco à sua frente.
 Lin é a primeira a se sentar, e eu faço o mesmo depois de tirar o casaco.
 De alguma forma, consigo me controlar e não olhar para James outra vez.
- Isso é tão legal comenta Lin depois de nos acomodarmos, quando estamos com os cardápios à nossa frente. Quase uma viagem no tempo.
- Aham, dá pra ver que é um pub com história respondo, dando razão para ela. Mas então, me conta! A mensagem que você me enviou foi muito enigmática. Como foi?
 - Primeiro você! diz Lin, e resumo a entrevista de hoje de manhã.
- As duas estavam com expressões meio blasé, não consegui entender se concordavam com o que eu estava dizendo ou não. Deviam ter ficado perplexas porque, com a primeira pergunta, não consegui segurar o sorriso digo.
- Pelo menos não fizeram cara feia pra você. Eu caí com um professor de monocelha que franzia tanto a testa que teve vezes que até parei de falar. Fiquei feliz quando finalmente acabou. Ela solta um suspiro e

apoia o queixo na mão, mal-humorada. — A verdade é que eu não fui muito bem.

- Mas ainda tem outra entrevista digo, tentando animá-la e apertando seu braço. Você vai conseguir.
- Tenho mais duas. As entrevistas de Economia e Filosofia são separadas na minha faculdade. Que sorte a sua!
- Então você tem o dobro de oportunidades de mostrar tudo o que sabe. Vai dar tudo certo, pode confiar.
- Durante minha entrevista, me perguntaram se eu podia pegar uma caneta que tinha caído debaixo da cadeira interrompe Jude, entrando na nossa conversa.
 - Como assim? pergunta Lin.
- Na hora, achei que fazia parte da entrevista e comecei a explorar a questão de maneira científica, estruturando a resposta de acordo com isso.
 Ele abre ainda mais o sorriso. Mas, na verdade, só queriam que eu pegasse a caneta.

Lin e eu começamos a rir.

Pouco depois, o garçom chega e anota o pedido. Jude nos avisa que no Turf Tavern é preciso tomar pelo menos uma cerveja, então Lin e eu pedimos uma para cada e uns petiscos. Enquanto esperamos as bebidas, conto a Lin sobre a tarde e a aula que eu assisti. Aproveitamos a oportunidade para perguntar para Jude sobre seus seminários, professores, colegas e a vida em Oxford.

Um tempinho depois, o garçom nos traz as bebidas. É a primeira vez que tenho uma cerveja na minha frente. A única bebida alcoólica que já tomei foi aquela doce que Wren me serviu na festa. Agora, quando brindamos, estou consciente do que estou fazendo. Eu que decido. Tomo por vontade própria, porque faz parte da experiência. Fazer algo que me proibi há tanto tempo é, para mim, uma atitude madura e emocionante.

Levo o copo à boca e bebo um primeiro gole. Na mesma hora, faço uma careta.

— É horrível — reclamo.

Jude e Lin riem alto enquanto olho para eles, verdadeiramente preocupada.

- Por que vocês tomam isso de propósito?
- É sua primeira cerveja? pergunta Jude.

Assinto.

- E a última, com certeza.
- Isso é o que você está dizendo agora retruca Jude, movendo as sobrancelhas, e Lin concorda com ele. É a mesma coisa que café. Quando a gente é criança, acha nojento, mas quanto mais envelhece, mais a gente gosta. Ele aponta para minha boca. Aliás, você está com bigode.

Limpo o rosto com as costas da mão, envergonhada.

— Eu amo café. Isso é... tem gosto de... é como se estivesse lambendo a casca de uma árvore.

Lin e Jude gargalham com vontade outra vez.

— Acho melhor não descobrir como você sabe o sabor de casca de árvore — brinca Jude.

Empurro a cerveja para o centro da mesa com um gesto expressivo.

— Pega, pode se servir. Eu vou pegar uma Coca.

Deslizo pelo banco, passo por duas mesas e sigo por um corredor estreito em direção ao bar. Está ainda mais cheio do que antes; pelo visto, o Turf Tavern não é só para alunos, mas é toda uma atração turística. Dez minutos depois, o garçom anota meu pedido e finalmente me entrega a Coca-Cola por cima do balcão. Agradeço, sorrindo, e volto.

Nesta hora, vejo Lydia. Impaciente, ela abre caminho no meio da multidão em direção aos banheiros e não parece me notar. Está muito pálida, e percebo sua mão tremendo quando a ergue para afastar um homem do caminho. Consternada, sigo-a com os olhos até ela desaparecer atrás da porta do banheiro.

Deve ter bebido demais. E ainda não são nem oito horas. Balançando a cabeça, volto para minha mesa, onde Jude, Lin e algumas outras pessoas com quem viemos estão conversando de maneira animada. Participo da conversa enquanto bebo o refrigerante. Lanço olhares para onde Lydia estava sentada, mas ela ainda não voltou do banheiro. Pensando bem, ela parecia estar mal. Muito mal.

Observo seus amigos com cautela. James e Wren parecem estar discutindo sobre alguma coisa, enquanto Camille está sentada quase no colo de Keshav, sussurrando algo em seu ouvido que o faz sorrir. Na frente deles, Alistair vira a cerveja pela metade e bebe tudo em um gole só. Sua expressão é amarga, e ele franze o cenho. Embora responda ao que Wren

lhe pergunta, não tira os olhos de Camille e Keshav, que estão flertando bem na sua cara. Já acho ruim o bastante Keshav esconder seu relacionamento com Alistair dos amigos, mas vê-lo dar em cima de uma garota na frente de Alistair faz com que ele caia ainda mais no meu conceito.

Nenhum dos meninos parece notar que Lydia não voltou. Hesito mais um momento, porém logo peço licença e me levanto. O nível alcoólico geral subiu muito na última hora, e dá para ver isso pelas pessoas que estão no bar. Agora, conversam tão alto que quase encobrem a música, e quando atravesso o local, é uma minoria que abre caminho para mim voluntariamente. Solto um suspiro de alívio quando finalmente consigo chegar do outro lado da sala. Entro no banheiro feminino devagar e olho ao redor. Há várias cabines. Todas as portas estão abertas, menos uma.

Atrás de mim, ouço um gemido fraco. E então... uma ânsia de vômito forte.

Bato na porta discretamente e confirmo que está fechada. Ela se abre de leve, mas não me atrevo a empurrar até o fim.

- Lydia?
- Por favor, me deixa sozinha responde com a voz rouca.

Me lembro de quando, depois da festa, ela se sentou comigo no intervalo do almoço e pediu desculpas. Foi gentil, sem mais. Agora, tenho a oportunidade de retribuir o gesto.

— Posso te ajudar em alguma coisa? — pergunto, baixinho.

Em vez de responder, ouço-a engasgar, e em seguida um barulho desagradável. Corro até a pia, pego alguns pedaços de papel e os molho na torneira. Então, os estendo para Lydia por debaixo da porta do banheiro e pigarreio de leve.

— Aqui.

Os papéis desaparecem da minha mão.

Continuo agachada, sem saber o que fazer. Não quero deixar Lydia sozinha nesse estado, mas também não sei como ajudar.

Ouço o som de uma descarga e, pouco depois, uma fresta da porta se abre. Vejo um fragmento do rosto de Lydia. Que injusto, mesmo com os olhos lacrimejados e as manchas vermelhas nas bochechas, ela continua lindíssima. Vejo em seu rosto muitas semelhanças com seu irmão. Mas, nesta situação, pensar em James não faz sentido.

- Quer que eu pegue uma água ou alguma outra coisa?
- Não, estou bem. Só preciso de uns minutinhos para as paredes pararem de girar.

Ela se inclina para trás até encostar as costas na parede. Em seguida, fecha os olhos e joga a cabeça para trás.

— Você bebeu muito? — pergunto.

Lydia balança a cabeça em um gesto quase imperceptível.

- Não bebi nada murmura.
- Está passando mal? insisto. Tenho certeza de que a gente consegue achar uma farmácia 24 horas por aqui se você não melhorar.

Lydia não responde.

— Ou... — continuo, hesitante. — ... é a ansiedade? Você está nervosa por causa de amanhã?

Lydia olha para mim agora. Sua expressão é um misto de divertimento e tristeza.

- Não diz. Não estou ansiosa. Fiz as duas entrevistas hoje e fui muito bem.
- Que bom respondo, comedida, embora Lydia não pareça estar particularmente empolgada por isso. Pelo contrário, lágrimas voltam a aparecer em seus olhos. Por que você não está feliz?

Ela dá de ombros e coloca a mão na barriga.

- Não importa como forem as entrevistas. Não vou estudar aqui.
- Por que não? Você não quer vir pra Oxford?

Lydia engole em seco.

- Quero. Na verdade, eu quero.
- Qual o problema, então? Se as entrevistas foram bem, tenho certeza de que você vai conseguir.
- Não é isso. Eu simplesmente acho que... que eu não posso estudar aqui.

Não entendo.

— Por quê? — pergunto, desconcertada.

Ela não responde. Em vez disso, baixa o olhar para a mão sobre a barriga. Começa a mover devagar por cima do tecido da blusa, ou melhor, por cima do que há ali embaixo, uma leve protuberância.

Em circunstâncias normais, eu não teria suspeitado de nada. Todo mundo tem uns pneuzinhos quando se senta. Contudo, a maioria das

pessoas não fica acariciando. E não olha para elas com uma expressão tão amorosa como a que vejo no rosto de Lydia.

Minha mente se ilumina, e respiro bem fundo.

— Claro que você não bebeu nada — sussurro.

Ela balança a cabeça devagar. Uma lágrima escorre por sua bochecha.

— Já faz meses.

Penso na bebida que estava com ela na festa de Cyril, mas que não vi tomando. E, claro, penso naquele dia em que a peguei com o sr. Sutton. Isso me dá um nó na garganta.

- É do...? Não ouso terminar a frase, mas não preciso. Lydia entende o que pergunto e faz que sim. Não sei o que dizer admito.
 - Então somos duas. Ela seca o canto do olho marejado.
 - De quantos meses você está? sussurro.

Lydia acaricia a barriga suavemente.

- Doze semanas.
- Quem sabe? continuo perguntando.
- Ninguém.
- Nem o James?

Ela balança a cabeça.

- Não. E nem deve saber.
- Então por que você me contou?
- Porque você não parou de perguntar responde na lata. Então, suspira. Além disso, o James confia em você. E, no geral, ele não confia em ninguém.

Franzo os lábios e tento não pensar no que isso significa.

- Em algum momento, muito em breve, não vai ser tão fácil esconder
 digo, apontando para a barriga.
- Eu sei. Sua voz está falhando tanto, está tão cheia de tristeza, que não consigo deixar de ficar angustiada também.
- Pode falar comigo quando quiser. Nas próximas semanas e meses também. Se quiser, é claro.

Lydia olha para mim, incrédula.

— Por que eu faria isso?

Acaricio seu braço com cuidado.

— Estou falando sério, Lydia. É um assunto importante. Entendo você não querer falar com ninguém, mas... — Olho para a barriga dela. — Você

está esperando um bebê.

Ela segue meu olhar.

— Que estranho ouvir isso. Quer dizer, eu já sei, mas até agora nunca ouvi ninguém dizer em voz alta. Por isso minha ficha não tinha caído.

Entendo o que ela quer dizer. Quando falamos as coisas em voz alta, elas ganham um espaço para se desdobrarem e se tornarem autênticas.

— Não quer que eu te leve pro quarto? — pergunto depois de um tempo.

Lydia hesita por uns segundos em silêncio. Então, assente e me lança um sorriso tímido, o primeiro da noite. Não sei se confia em mim de verdade, mas se for o caso, talvez isso mude no futuro. Conheço os maiores segredos de sua vida e tenho certeza de que vou guardá-los para mim. Não vou enganar Lydia. Pelo contrário: imagino que, neste momento difícil, ela vai precisar de uma amiga.

Me levanto e estendo a mão para ajudá-la a se endireitar.

Você sabe que uns minutos atrás eu estava vomitando na privada,
 né? — pergunta.

Enrugo o nariz.

— Valeu por lembrar — respondo, sem recolher a mão.

Lydia a segura com um sorriso.

Ruby

No dia seguinte, a entrevista é horrível. Por um lado, porque passei a metade da noite acordada, pensando na situação de Lydia; por outro, porque acabo não me dando muito bem com os dois professores. A princípio, fazem algumas piadinhas que não entendo, e quando finalmente começamos, não ficam satisfeitos com as minhas respostas. Me perguntam quantas pessoas há na sala, e digo que não dá para determinar com exatidão. Afinal, talvez eu esteja sonhando ou os professores só existam na minha mente. É um exercício que praticamos com Pippa, mas não gostam nada da minha proposta. O professor de filosofia chama isso de *pseudointelectual* e pede que eu questione e averigue por que a resposta está incorreta. Então, pede uma resposta lógica, e digo em voz baixa:

— Três.

Depois disso, me sinto insegura e penso três vezes em cada pergunta que me fazem antes de responder. É uma catástrofe e tanto, e quando termino, meia hora depois, minha cabeça está zumbindo.

Como um robô, me despeço dos examinadores e saio do escritório. Uma vez do lado de fora, percebo o quanto estou tonta e preciso me apoiar na parede para não perder o equilíbrio.

Meu olhar para no candidato atrás de mim. Obviamente, é James.

Me dá nos nervos esse hábito dele de aparecer e me ver sempre que estou para baixo. Está conversando com a aluna que o trouxe aqui, ou melhor, ela está conversando com ele enquanto James olha para as pontas dos pés. Não ergue a cabeça até o professor fechar a porta atrás de mim.

Ele está lindo. Está com uma calça preta e uma camisa verde-escura que realça seus ombros e seu torso. Odeio o fato de ele ser tão bonito. Além disso, detesto que ele esteja vestido de maneira tão formal e que, ainda assim, não pareça um chatonildo. Na verdade, detesto tudo nele.

Principalmente a forma como partiu meu coração. Sempre que o vejo, volto a sentir a dor que venho reprimindo nas últimas semanas. Meu peito lateja intensamente, minha boca seca, e uma sensação debilitante se espalha pelo meu estômago. E então aparece aquela saudade triste. A necessidade de me aproximar dele e segurar sua mão, simplesmente para tocá-lo e sentir sua pele quente na minha. Também quero desejar boa sorte para ele, como fez comigo ontem, mas não consigo dizer nada. Se abrir a boca, minha voz vai falhar. Bem agora, quando estou prestes a chorar.

De repente, James se levanta e dá um passo em minha direção. Antes que possa dizer qualquer coisa, desvio o olhar e me apresso para o corredor.

O resto do dia se estende como um chiclete.

Depois da entrevista, queria ter ido para meu quarto e me enfiado debaixo das cobertas, mas encontro alguns candidatos que vão dar uma volta no campus com dois alunos que estão no último ano. Já vi muita coisa ontem, mas, como depois dessa entrevista horrorosa não tenho certeza de que terei novamente a oportunidade de passar um tempo em St. Hilda, me junto ao grupo. Como é horrível ver o campus maravilhoso de uma universidade onde talvez eu não consiga estudar, mas Tom e Liz se esforçam tanto na visita guiada que decido deixar de lado os pensamentos lúgubres por um tempo e me concentrar no que estão explicando.

St. Hilda foi uma das primeiras universidades de Oxford fundada exclusivamente para mulheres. Os homens só puderam começar a estudar aqui há nove anos. Já sabia que esta faculdade era conhecida pelos alunos serem mais abertos, mas, enquanto passeamos pelo campus e por entre os edifícios, percebo claramente que não são palavras vazias. Os alunos se cumprimentam; até mesmo os que estão sentados na biblioteca entre as pilhas de livros e parecem muito estressados nos dão um pouco de seu tempo para responder a nossas dúvidas. A atmosfera aqui é o total oposto do que temos em Maxton Hall. Aqui, não há divisões entre ricos e pobres, descolados e desinteressantes, respeitáveis e desprezíveis. Aqui, todos parecem iguais.

Diante da perspectiva de ter estragado tudo, sinto uma angústia enorme.

Lin me manda uma mensagem ao meio-dia perguntando como foi a entrevista, mas não consigo responder. Assim como não consigo responder aos meus pais ou à Ember. Estou decepcionada comigo mesma, e tenho que encarar o que aconteceu antes de falar com eles. Sei perfeitamente como vão reagir: serão compreensivos, carinhosos e me consolarão. Algo que, neste momento, sou incapaz de suportar.

À uma da tarde, voltamos para a sala comunal. Já estou pronta para me trancar no quarto, mas há uma última atividade: um encontro com Jude e alguns outros alunos que se disponibilizaram para responder a nossas perguntas sobre os estudos e a vida em Oxford. Tento com todas as forças recuperar minha energia positiva, mas não consigo fazer funcionar. Portanto, me sento em uma poltrona de encosto alto que parece confortável, cruzo as pernas debaixo do corpo e decido ficar sentada, escutando.

A sala vai se enchendo aos poucos. Em determinado momento, James aparece. Vem acompanhado da aluna que o levou para a entrevista e ficou esperando na frente da porta. Estão conversando entre si, e não consigo tirar o olho dele, por mais que tente.

Nunca entendi por que as pessoas dizem que ficam de coração partido, e agora menos ainda, porque é como se tudo em mim tivesse se partido, tudo me machuca. Além disso, é difícil respirar. Deveríamos falar que ficamos com dores generalizadas e obstrução nas vias respiratórias. Não soa nem um pouco romântico, mas na minha opinião é muito mais preciso.

Consigo desviar o olhar quando James me encontra na sala. Nossos olhares se cruzam apenas por uma fração de segundo; ainda assim, um formigamento se espalha na minha pele.

Estou frustrada e cansada demais para lutar contra isso.

— Perfeito, pessoal! — começa a dizer Jude, batendo palmas. — Está todo mundo aqui? Então podemos começar. Ainda tem espaço ali atrás — diz, apontando para onde estou.

Embora a maioria de nós tenha se acomodado em sofás e poltronas, ao meu lado há um par de cadeiras livres com almofadas coloridas. Com o canto do olho, vejo James e outros dois garotos se aproximarem de mim. Me atrevo a olhá-lo de soslaio por um instante. James retribui com um olhar sombrio.

Me movo um pouco para a direita na cadeira. Não me importo com o que ele pensa de mim. A única coisa que não quero é ficar muito perto dele. Meu peito já está doendo demais.

- Podem perguntar qualquer coisa explica Liz. Sobre estudo, vida pessoal, objetivos profissionais.
 - Tudo? quer saber um garoto sentado à esquerda de James.
- Pode perguntar tudo o que quiser; se vamos responder ou não já são outros quinhentos. Jude pisca, e alguns dão risadas baixas.
- Certo, vamos começar? pergunta a garota que estava acompanhando James.

Ela é linda de verdade, e embora não esteja maquiada, suas bochechas irradiam um brilho resplandecente. Queria perguntar como conseguiu isso, mas temo que esse não seja o tipo de questão a ser levantada aqui.

— Os estudos são muito difíceis? Vocês têm vida pessoal? — pergunta uma garota que estou vendo pela primeira vez.

Jude, Luz e a linda estudante se entreolham, e Jude dá a palavra para Liz com um gesto.

— Logicamente, os estudos aqui são mais intensos do que em outras universidades, porque se vive no campus e no começo é preciso se adaptar. Mas temos tempo o bastante para ter uma vida pessoal.

Um murmúrio leve percorre a sala. A maioria parece genuinamente tranquilizada pela resposta.

— Próxima pergunta, vamos! — incentiva Jude, olhando para o grupo com expectativa.

Há um breve silêncio. E então...

— É verdade o que todo mundo diz? Que estudar aqui é uma piada em comparação a estudar em Balliol?

Viro a cabeça para James. Ele parece seriamente interessado em olhar para a frente, onde os três alunos estão sentados, observando-o com perplexidade.

- É a mesma grade curricular responde Jude, em dúvida, com o cenho levemente franzido. Mas como estudei aqui e não lá, não tenho como saber. Só posso te dizer como é St. Hilda.
 - Um *sim* teria bastado.

Olho para James, desconcertada. Não dá para acreditar que ele disse isso. E menos ainda naquele tom horrível que tenho certeza de que

aprendeu com o pai e que me dá nos nervos.

A necessidade de abrir a boca aumenta a cada segundo, e meu escudo protetor vai desmoronando aos poucos.

Não faça isso, não faça isso, não faça isso...

Ignoro a razão.

— É claro — explodo.

James se vira para mim devagar.

- O que é claro?
- Que a St. Hilda não serve pra você só porque seu pai não estudou aqui.

Tento ao máximo manter a voz calma, mas ela não me obedece. Não depois deste dia. Não quando ele está se comportando desse jeito. Algo que parece uma centelha de dor surge nos olhos de James.

— Não é verdade — diz.

Com essa mentira, toda a raiva que venho reprimindo com todas as forças nas últimas semanas explode dentro de mim como uma tempestade. Não consigo reprimir nem por mais um segundo, e as palavras saem aos montes, aos gritos e sem filtro.

— O que não é verdade? Que St. Hilda não é boa o bastante pra você, assim como eu não sou, só porque os seus pais querem algo diferente pra sua vida? Que você sempre faz o que eles querem em vez de pensar no que você quer fazer? Como você é covarde!

De repente, um silêncio mortal reina na sala. Estou com dificuldade para respirar, o peito subindo e descendo a toda velocidade, e começo a sentir meus olhos pinicarem.

Ah, não. Não.

Não vou chorar na frente de toda essa gente e passar ainda mais vergonha.

Me levanto abruptamente e saio da sala sem dar mais um pio. Ando pelo corredor e consigo chegar até a escada, então ouço passos rápidos atrás de mim. Subo os degraus de dois em dois até chegar ao topo e virar no corredor. James está no meu encalço. Me ultrapassa e para na minha frente, de modo que preciso me deter.

— Não é verdade — repete, sem fôlego.

Suas bochechas estão vermelhas, e o cabelo, bagunçado. Sempre que olho para ele, é como se meu corpo estivesse ligado ao seu de uma forma

irracional. Quanto mais se aproxima de mim, mais aumenta a necessidade de tocá-lo, não importa o quanto eu esteja com raiva dele. Não pode ser. Como posso desejá-lo depois de tudo o que ele me fez passar?

— O que não é verdade?

Quase não consigo pronunciar as palavras pela quantidade de sentimentos que há em mim. A dor em seu olhar me pega completamente desprevenida.

— Que você não é boa o bastante para mim.

Por alguns momentos, olho para ele, atordoada. Então, fecho os punhos com tanta força que minhas unhas cravam na pele.

— Que palhaçada — murmuro.

Ele dá um passo em minha direção.

- Ruby...
- Não! interrompo. Você não pode fazer isso. Não pode se afastar de mim e me humilhar na frente de todos os seus amigos só para depois segurar meu punho, fazer carinho e me desejar boa sorte num sussurro. Você já deixou muito claro que não me quer na sua vida maravilhosa.
 - Não era... eu...

Primeiro, ele corre atrás de mim; depois, não consegue formular uma frase. Eu adoraria agarrá-lo pelos ombros e sacudi-lo.

- Não era você? Minha voz está carregada de ironia.
- Sinto muito por ter me comportado assim. Me desculpa, Ruby. Mas eu não posso... não posso. Não dá.

Levanto os braços.

- Então por que é que você tá aqui? Por que tá falando comigo?
- Porque eu...

Ele se interrompe outra vez. Franze o cenho, como se ele mesmo não soubesse a resposta. Então, abre a boca e a fecha novamente. Como se estivesse se recusando a dizer as palavras que, na verdade, estão na ponta de sua língua.

— Você não sabe o que quer de mim. Não sabe o que quer da vida. Acho que você não sabe de nada.

Suas bochechas ficam ainda mais vermelhas. Agora, sua postura reflete a minha: ombros rígidos, punhos cerrados. Nunca o havia visto assim. Ele dá um passo furioso em minha direção, e sinto o calor que seu corpo irradia.

- Eu sei exatamente o que eu quero. A hesitação desapareceu, e de repente seu tom é determinado.
 - Então por que não faz?
 - Porque o que eu quero nunca teve importância.

O pouco do autocontrole que me restava está pendurado por um fio de seda que ele, com suas palavras, rasgou de vez.

— Pra mim, sim! Pra mim, o que você quer sempre foi importante! — grito, batendo em seu peito com as duas mãos.

James reage rápido como um raio. Segura meus punhos no peito com firmeza. Nossa respiração está entrecortada. Rápida e brusca. Percebo as batidas fortes sob meus dedos. Seu coração está acelerado. Por minha causa. Pelo que há entre a gente, pelo que está crescendo há meses entre nós.

Nos movemos ao mesmo tempo, James me puxando contra ele, e eu pulo em sua direção. Nossas bocas se encontram. Minhas mãos, enfurecidas, vão até seu cabelo, eu puxo, e ele agarra minhas coxas e afunda os dedos na minha pele. Mordo seu lábio inferior, porque estou com muita raiva. Ele solta um gemido profundo e desliza a mão na minha bunda. Com a outra, percorre minhas costas até chegar na nuca. Todas as semanas que me empenhei em ignorá-lo e que lutei contra meus sentimentos vêm para mim como um tornado.

Nosso beijo é a continuação da nossa briga, uma luta que transforma a raiva em mim em outra coisa e libera um som que jamais emiti. Uma espécie de gemido desesperado que quase soa como um soluço. Passo a língua em seu lábio inferior e desfruto o sabor de sua boca.

Em seguida, James me agarra pela nuca e aprofunda o beijo. Seu beijo é como um pedido de desculpas. Sinto em seus dedos trêmulos que há muito tempo queria fazer isso e como foi difícil para ele negar isso para si mesmo. Ele me beija como se buscasse mergulhar em mim, uma mescla de desejo, desespero, ódio e todos os sentimentos entre eles, e isso me enlouquece, mas, ao mesmo tempo, há semanas não me sentia tão viva. Não entendo como é possível. Não entendo como alguém que eu desejo odiar consegue causar esse efeito em mim.

James me agarra pela cintura, me levanta e cambaleia comigo em seus braços pelo corredor. Tudo isso sem nossos lábios se desgrudarem nem sequer uma vez. Minhas costas se chocam contra a porta do quarto de James, e respiro fundo. Arranho a nuca dele com raiva. James geme em minha boca e se pressiona contra mim, seu corpo rígido sendo a única coisa que me impede de cair no chão. Sua mão avança das minhas costas para a minha coxa, depois desaparece e então ouço o tilintar da chave. Ele volta a me agarrar com ainda mais força, e a porta se abre atrás de mim. James cruza a soleira comigo nos braços e fecha a porta. Mal ouço a porta se fechando com um estrondo. Não há nada que me pareça mais relevante; neste momento, só existimos ele e eu e os sentimentos que nos movem. Ninguém vai nos interromper desta vez. Ninguém destruirá o que há entre nós.

Somente nós dois decidiremos o que acontecerá a seguir.

Meus movimentos se suavizam, mas não são menos apaixonados. Dois passos depois, estamos ao lado da cama, e James desaba nela. Ele coloca o braço sob minhas costas para amortecer o impacto e, ao mesmo tempo, pressiona seu corpo contra o meu de um jeito tão perfeito que suspiro e envolvo seu quadril com as pernas.

Sua boca percorre com ternura cada milímetro de meu rosto. Beija minhas bochechas e os cantos de minha boca. A ponta do meu nariz. Seus lábios percorrem meu queixo. Seguro firmemente seus ombros e fecho os olhos. Estrelas explodem sob minhas pálpebras quando ele chupa meu pescoço e pressiona os lábios no local onde meus batimentos sempre aceleram.

— Ruby — sussurra meu nome, assim como naquela noite, há mais de um mês, quando nos beijamos na escada da escola.

A lembrança me vem de repente e com força, e com ela chega o desespero e a dor. Não consigo conter meus olhos, que pinicam, e lágrimas quentes aparecem e escorrem pelo meu rosto.

James para. Ele se afasta de leve e olha para mim, as pálpebras pesadas. Com as pupilas dilatadas e as bochechas coradas, parece estar drogado. Acaricia meu rosto com ternura e repete meu nome outra vez.

Cubro o rosto com o braço para que ele não me veja chorar, mas ele pega minha mão e a levanta com cuidado. Entrelaça nossos dedos e coloca nossas mãos na cama, ao lado da minha cabeça. Com a outra, afasta uma

mecha de cabelo minha, que se soltou. Em seguida, passa lentamente o indicador na pele sensível sob meus olhos para seguir o trajeto ao redor de meu nariz.

— Desculpa — sussurra em minha têmpora e beija a linha do meu cabelo.

Não para de acariciar meu rosto. É como se seus braços construíssem um espaço protetor para nós dois. Quando olho para cima, vejo como seu lábio inferior está inchado. Dá para ver claramente onde eu mordi, e fico de consciência pesada. Acaricio a pele vermelha suavemente, e James fecha os olhos. Toco seu queixo, passo os dedos por seu cenho franzido e mapeio as sardas espalhadas em suas bochechas. Agora, no inverno, estão tão pálidas que só podem ser vistas de perto.

- Me desculpa mesmo... sussurra, e é como se sua voz fosse falhar do nada.
 - Não é o suficiente para mim respondo tão baixo quanto ele.

Ele se inclina em minha direção e apoia a testa quente na minha.

— Nem pra mim.

Por um tempo, não nos movemos. Me sinto tão confortável sob seu peso que coloco os braços em volta de suas costas, afundo os dedos em sua camisa e o seguro com força contra mim. Sinto as batidas de seu coração tão rápidas e irregulares quanto as minhas, e aproveito a sensação geral de estar perto dele.

Mas isso não muda tudo o que aconteceu. O que ele me disse e a maneira como me tratou. Não posso esquecer. Não se ele não me oferecer nada além de um pedido de desculpas. Quero uma explicação, e acho que mereço.

— Isso não pode continuar assim, James. — Ele sorri. Os cantos de sua boca se movem minimamente para cima, mas consigo ver com clareza. Além do mais, seu corpo está relaxando. Os vincos de sua testa se suavizam, e tudo nele parece recomposto. — Por que você está sorrindo?

Ele se afasta de leve e me olha. De um jeito esperançoso.

— Fazia um tempão que você não falava meu nome. Gosto de quando você fala.

Balançando a cabeça, seguro seu rosto entre as mãos, me inclino para a frente e o beijo com gentileza. O fato de eu estar fazendo isso é como um sonho, quando tinha certeza de que nunca mais teria a chance. Sua boca

se encaixa perfeitamente na minha. É maravilhoso, como uma peça de quebra-cabeça colocada no lugar correto. A mão de James vai do meu rosto para meu pescoço e então para meu ombro. Um arrepio quente percorre minha coluna quando acaricia a lateral de meu corpo e, por fim, envolve minha cintura. Seu corpo treme sobre o meu. Quero continuar exatamente de onde paramos, mas não posso fazer isso se não souber em que ponto estamos.

Ao que tudo indica, James percebe e se afasta de mim com cuidado.

— No campo de lacrosse... eu te disse que não se pode perder o que não te pertence.

A lembrança de suas palavras me machuca. Quero desviar o olhar, mas não consigo. Nos olhos de James estão refletidos sentimentos demais, os mesmos que sinto neste momento.

— Era mentira. Eu sou seu desde que você jogou o dinheiro na minha cara, Ruby Bell.

James

Seus olhos se arregalam quando digo para ela. Rolo para o lado de Ruby e a seguro perto de mim, de modo que fiquemos deitados frente a frente. Repouso a mão em sua cintura e a acaricio. O que mais gostaria de fazer é tocar todas as partes de seu corpo, agora e para sempre. Senti tanta saudade dela que quase morri, e agora é como se, pela primeira vez em semanas, pudesse voltar a respirar.

Mas tenho que fazer isso direito. Não vou arriscar perder Ruby só porque não consigo falar para ela o que há de errado comigo: por que sou como sou e por que tomo decisões que nos machucam tanto. É difícil encontrar as palavras certas, ainda mais porque estou com medo de ela não me perdoar. Não sei o que faria caso isso acontecesse.

Ruby olha para mim tranquila, à espera. Seu cabelo está bagunçado, e as bochechas e os lábios estão vermelhos. Ela é tão linda que preciso afastar o olhar, e observo a mão que está descansando em sua cintura enquanto pigarreio.

— Já te contei que, depois de terminar os estudos, vou trabalhar na empresa da família. E... meus pais acham importante que eu tenha uma esposa ao meu lado. É disso que preciso. Se dependesse deles, eu já tinha ficado noivo de alguém pra nada dar errado.

Ruby emite um som indefinido e torce o nariz quando ergo o olhar. É bom saber que ela não gosta da ideia. Também não consigo imaginar o que faria se os pais de Ruby a arranjassem com alguém que não fosse eu.

— Desde o começo, foi especial. Eu mudei. Não fui o único a perceber: meus amigos e minha família também. Por semanas, me perguntaram o que estava acontecendo comigo, por que andava tão imerso em pensamentos e coisas desse tipo. Quando meu pai nos viu no ateliê,

suspeitou que tinha alguma coisa. E quando pegou a gente no Dia das Bruxas... — Ele engole em seco. — Confirmou as suspeitas.

— Por isso seu lábio estava machucado? Ele te bateu? — pergunta, colocando o dedo em meu lábio com cuidado.

O lugar onde ela me mordeu ainda está latejando, mas não de maneira desagradável.

— Isso — respondo, a voz baixa.

Nunca falei com ninguém sobre meu pai. Nem com Lydia, que sabe de muita coisa, mas nem de longe de tudo. Acho que meus amigos suspeitam do que acontece em casa, mas nunca falei com eles a respeito quando me viram com um olho roxo ou um corte no lábio. É como se, em algum momento, tivéssemos decidido que o assunto não existe, e todos o ignoram. Para mim, funciona.

— Ele te bate com frequência, James? — sussurra Ruby.

Não posso responder, ainda mais com ela me olhando com tanta compaixão. No entanto, esse não é o ponto. O que quero explicar é por que me comportei de um jeito tão ruim com ela, algo que é totalmente minha responsabilidade, por mais esmagadora que seja minha situação.

— Isso não importa — respondo após alguns segundos. Minha voz está um pouco rouca, e preciso limpar a garganta outra vez. — De qualquer forma, meus pais te viram como um perigo. Perceberam o quanto você é importante pra mim. Muito mais do que a maldita empresa.

Alguma coisa muda no olhar de Ruby. Fica tão intenso e penetrante que tenho a impressão de que ela consegue ver minha alma. Não tem como me esconder dela, e neste momento percebo que também não quero. Meus pais estavam certos em se preocupar. Ruby é perigosa para eles e para tudo o que planejaram para o meu futuro.

Não consigo entender por que não tinha percebido até agora.

Estou apaixonado por Ruby Jemima Bell.

O que sinto por ela é universal e grandioso, e não vai desaparecer por mais que eu tente ignorar, isso ficou claro nas últimas semanas. Ruby entrou na minha vida, jogou tudo para o alto e conquistou um lugar para si no caos que causou.

Não me importo com quem terei que enfrentar e não ligo se meu pai me botar na rua. Lydia me perguntou uma vez se Ruby valia tanto assim para eu passar por tudo isso. Me deixei influenciar pelo meu ambiente e acreditei que não valia. Foi a decisão mais idiota que já tomei na vida, e me odeio por tê-la afastado daquele jeito. Sei que não dá para voltar atrás, mas preciso ao menos tentar.

— Você tem razão... não sei o que quero da vida. Sempre me disseram o que eu tenho ou não que fazer. Às vezes, sinto como se fosse um personagem em um roteiro que alguém escreveu para mim e não posso mudar nada. — Ruby resmunga baixinho. — Depois de pegar a gente no flagra, meu pai se assustou. Pra ele, não faz sentido eu passar o tempo com alguém que não corresponde ao que ele imaginou pra mim.

Ela estremece ao ouvir minhas palavras, e agarro sua mão, segurando-a com força.

— Andei pensando em como seria nosso futuro juntos, e não vi nada além de problemas. Meus pais são ditadores quando se trata das vidas dos filhos. E você... você me disse que se preparou pra uma carreira de sucesso. Não posso suportar a ideia de meu pai se metendo no seu caminho só porque não aceita que você esteja com o filho dele. Tenho medo, porque sei que não posso fazer nada. Eu nunca vou poder te proteger dele.

Sinto meu coração batendo no pescoço. Eu sei que pareço um coitado idiota, mas quero ser sincero com ela, custe o que custar.

— Você vai conquistar o mundo, Ruby. E deveria estar com alguém que te apoie na sua trajetória e que tem uma família que te receba de braços abertos. Mas não posso te oferecer isso. Só posso te trazer um montão de problemas que não sei como resolver.

Ruby olha para mim em silêncio, e não me atrevo a respirar. Espero que ela se levante e saia do quarto sem dizer mais nada. Eu mereço, sei disso. Mas Ruby não dá sinal de querer fazê-lo. Pelo contrário, ela se inclina para a frente e encosta os lábios nos meus.

Estou tão chocado que nem sequer consigo corresponder ao beijo.

— Ah, James — sussurra. Solta minha mão e acaricia meu peito até repousar a mão em meu coração. — Como você é... bocó.

Tá, eu não esperava por isso.

- Por que você fica martelando a cabeça pensando no futuro quando nós temos o agora? pergunta, baixinho.
- Porque você merece algo melhor. Meu futuro está destinado a ser uma merda. O seu, não.

Ela segura meu rosto com firmeza.

— Isso não é verdade — sussurra, resoluta. — Você tem tantas oportunidades quanto qualquer outra pessoa. Só tem que aproveitar, James.

Adoro a maneira como pronuncia meu nome. Sua voz entoa suavemente as letras, e gostaria de fechar os olhos e pedir para ela repetir outra vez.

— Por que você não me contou? — pergunta, balançando a cabeça. — Em vez de me afastar sem me dar qualquer explicação.

Vejo em seus olhos a dor que lhe causei com minhas atitudes. Coloco a mão sobre a dela e entrelaço nossos dedos sobre meu peito.

- Me desculpa mesmo, Ruby... Eu realmente achava que a gente ficaria melhor separado.
- A gente não estava melhor sussurra, a voz rouca. Você me ignorou, me deu o maior pé na bunda da história da humanidade.
 - Eu sei, Ruby. Me arrependo tanto...

Fecho os olhos. Não sei o que vou fazer se ela não me perdoar. Se decidir que atrapalhei demais sua vida. Se não puder ficar tão perto dela como estou agora. Seguro sua mão com força, a pressionando contra meu coração, que bate depressa, e não consigo olhar para ela.

— James — chama Ruby.

Ela começa a afastar a mão, e eu preferia segurá-la, mas sei que não tenho esse direito. Se Ruby quiser ir embora, preciso deixar que ela vá. Mas aí sinto seus dedos em meu cabelo. Ela acaricia minha cabeça algumas vezes.

Não sei quanto tempo ficamos assim, mas não me atrevo a me mexer por medo de destruir o momento. Essa intimidade que temos é a melhor sensação do mundo. Eu daria tudo para conservá-la. Não sei por que demorei tanto para perceber isso.

— James — sussurra Ruby outra vez, depois de um bom tempo. — Tudo bem. Eu te perdoo.

Inspiro fundo antes de murmurar um novo pedido de desculpa, mas paro quando absorvo o significado de suas palavras. Abro os olhos. Ruby se afastou de leve e está olhando fixamente para mim.

— Como é? — pergunto, a voz rouca.

— Tudo bem. Eu te perdoo — repete ela devagar, acariciando meu torso. — Isso não quer dizer que eu esqueci o jeito como você agiu. Se você fizer isso de novo...

Ela faz um gesto vago com os ombros. Quando percebo o que acabou de dizer e vejo seu sorriso cauteloso, fico quase tonto de alívio. Coloco meus braços ao seu redor e murmuro sem fôlego:

— Eu não vou. Eu não vou, prometo.

Então, a beijo.

Dessa forma, procuro mostrar para ela o quanto estou grato e compartilhar todos os sentimentos que me invadem. Ruby fica em cima de mim, e eu a seguro. Ela brinca com a língua e, com ela, acaricia meu lábio inferior, ainda latejando de dor. Um som profundo sai de meu peito, e chupo sua língua, fazendo-a ofegar.

Não faço ideia de como chegamos até aqui, mas, neste momento, me sinto como se fosse voar sem cair. Ela me perdoou. Me perdoou e quer continuar na minha vida.

Então, ela para de me beijar e começa a desabotoar minha camisa.

- O que você está fazendo? pergunto, a voz rouca.
- Tirando a sua roupa.

Ela continua até chegar no último botão e meu torso nu ficar à mostra. Morde o lábio inferior e acaricia minha barriga, primeiro com timidez, depois de maneira mais atrevida. Pela maneira como olha para mim, tenho que agradecer as muitas horas que passei treinando no último mês.

Quando Ruby se inclina para a frente e deixa um rastro de beijos no meu abdômen, inspiro fundo. Então, de repente, sinto sua língua na minha virilha e me apoio nos cotovelos.

— O que você está fazendo?

Ela me encara, os olhos semicerrados.

- Não é isso o que os casais fazem quando se reconciliam?
- Então nós somos um casal?
- Vamos ver, você não é só um peguete, disso tenho certeza. Não é assim que eu me sinto.

Sorrio.

- Peguete?
- Você entendeu.

— Como alguém com um QI tão alto como o seu consegue usar uma expressão como *peguete* de um jeito tão sério? — murmuro, divertido, e recebo um soquinho no estômago que me provoca um gemido de dor. — Gostava mais de quando você estava usando a língua.

Outro soquinho, e logo ela volta a deslizar para cima até seu rosto ficar a um palmo do meu.

— Você achou mesmo que já podia voltar a ser arrogante?

Tenho a impressão de que meu peito vai explodir a qualquer momento pelo tanto que meu coração está batendo. Ruby está sentada montada em mim, as pernas abertas, o peito contra o meu, os botões de sua blusa roçando ligeiramente minha pele. Meu pau está tão inchado que quase dói ao pressionar o tecido da calça, e semicerro os olhos quando Ruby começa a mover os quadris.

Eu a desejo.

Eu a desejo mais do que jamais desejei alguém na vida.

— Eu sou tudo o que você quiser — digo, a voz rouca, e falo sério, palavra por palavra. — Amigo, peguete, tudo.

Não ligo o que meus pais ou o futuro digam. Ruby não está errada: estamos no agora. E não posso negar nem por mais um segundo o que sinto por ela.

- Tudo mesmo? sussurra.
- Tudo repito, subindo a mão por suas coxas.

Seus olhos verde-musgo se iluminam. Quando passo o polegar pela parte interna de sua coxa, ela arfa, fazendo barulho. Um sorriso triunfal se abre em meus lábios. Ela é tão sensível. Repito a carícia, desta vez um pouco mais para cima. Ruby semicerra os olhos. Está linda com o cabelo ondulado, os cílios escuros e grossos e essa blusa bonita com o laço no pescoço. Queria puxar a fita preta, mas não me atrevo. Tem que ser ela a dar o próximo passo se quisermos avançar para o próximo nível.

Como se tivesse lido meus pensamentos, ela se inclina para a frente até que sua boca esteja pressionada na minha orelha. Depois, desliza os lábios e segura o lóbulo entre os dentes. Meu corpo reage com energia. Fico arrepiado e quase fico tonto de tesão. Ela continua me provocando, deixando um rastro de beijos em meu pescoço, descendo para chupar a curva dele.

Solto um xingamento. Ruby se afasta de mim e me olha, séria.

- Você não gosta?
- Não é isso. Minha voz tem um tom grave e rouco de desejo. Pelo contrário, eu gosto.

Queria dar tempo para ela e não sobrecarregá-la, queria ser paciente e agir como um cavalheiro, porém... não consigo mais. Quero mostrar o que ela faz comigo. Com as mãos trêmulas, seguro seu rosto e pressiono os lábios contra os seus. Ela geme de surpresa quando rolo para o lado e me coloco em cima dela. Na hora em que pressiono meu quadril contra ela, Ruby geme em minha boca e agarra minhas costas, os movimentos rápidos e precisos. Nesta posição, sinto necessidade de estar dentro dela.

Um segundo depois, ela tira minha camisa, que cai no chão, ao lado da cama. Suas mãos deslizam por minhas costas, primeiro hesitantes, depois arranhando de leve com as unhas ao longo da coluna até alcançar minha bunda e apertá-la.

- Porra, Ruby sussurro.
- Faz muito tempo que eu queria fazer isso responde ela, dando uma palmadinha.

Rio com um suspiro em seu pescoço e a mordisco como castigo. Ela reage envolvendo meu quadril com as pernas e me abraçando com mais força. Pelo amor de Deus, ela vai me matar.

Me inclino um pouco para trás, seguro entre os dedos a fita do laço do pescoço. Encaro os olhos dela enquanto puxo devagar. Ruby engole em seco e me observa, como se estivesse hipnotizada, enquanto desabotoo sua blusa. Se senta para que eu possa passá-la pelos ombros. Não sei onde jogo a blusa, pois só tenho olhos para ela. A iluminação do poste lá fora lança alguns raios de luz em sua pele e em seu sutiã nude. Ruby tem um corpo maravilhoso, suave e sinuoso, com seios grandes. Na escola, dá para ver que ela é uma pessoa que sabe o que quer; e o fato de ser assim na cama também me deixa impressionado.

Me aproximo e deposito uma fileira de beijos em seu decote. Agarro seus seios e os acaricio, o que faz Ruby ofegar, surpresa. Quero arrancar o resto de suas roupas e me afundar nela, mas me contenho.

Esta é a nossa primeira vez. Quero que, depois de anos, nos lembremos de como foi linda.

Então, tomo meu tempo explorando seu abdômen. Prendo cada centímetro de sua pele entre meus lábios e dentes. Chupo seus seios e os

aperto com mais força. Continuo descendo e deslizando os dentes sobre o arco de suas costelas. A respiração entrecortada e a forma como ela fica rígida são instruções para explorar seu corpo. Quando chego ao cós de sua calça, ela enterra os dedos em meu cabelo. Ergo um olhar inquisitivo. É ela quem me guia, determinando o que vai acontecer a seguir.

— Continua — diz em um sussurro tão baixo que quase não escuto, e fico animado.

Não preciso de mais incentivos.

Primeiro, tiro seus sapatos; depois, as meias. Ruby me encara com uma sugestão de sorriso nos lábios. Por fim, desabotoo sua calça e a ajudo a tirála. Pouco depois, ela está de roupas íntimas na minha frente, e prendo a respiração. Não sei como consegui isso. Não faço ideia. Talvez seja o que chamam de karma. Segundo o lema: Ei, sua vida está uma merda? Olha, em troca você vai conhecer a garota mais legal do mundo. Ela vai te perdoar e gostar de você e deixar que você tire a roupa dela mesmo que não mereça. Ou algo do tipo.

Por algum motivo, Ruby permite que eu faça isso, e vou mostrar para ela o que significa para mim.

Traço uma linha de beijos em suas pernas até o topo. Agora, minha mente não trabalha, apenas os sentimentos me movem. Deslizo as mãos até sua cintura. Suavemente, acaricio as laterais de seu corpo, deslizo a mão em sua barriga até o elástico da calcinha. Ruby respira cada vez mais rápido.

"Continua", sua palavra ressoa como um eco em minha cabeça.

Eu continuo. Pego a calcinha e a puxo para baixo. Ela fica nua na minha frente, e não consigo mais pensar com clareza. Não hesito nem por um segundo: começo a traçar um rastro descendo por sua virilha. Quando minha boca chega ao seu destino, Ruby xinga em voz alta. Afunda as mãos no meu cabelo e, por um momento, não sei se devo me afastar ou se ela quer que eu me aproxime ainda mais dela. Movo a boca e beijo cada centímetro apaixonadamente. Quando movo a língua, ela se contorce, e coloco uma das mãos sobre seu ventre para firmá-la no lugar. Aproveito o momento, reparando em seus dedos arranhando meu couro cabeludo e me mostrando onde quer que eu vá e com qual intensidade. Quando sua respiração acelera e suas pernas se retesam, deslizo um dedo dentro dela, que está molhada. Enfio ainda mais os dedos, mexendo devagar e

regularmente. Não demora para Ruby gritar meu nome e arquear as costas sob mim.

Continuo a chupando e beijando até os tremores que percorrem seu corpo diminuírem. Ela está sem fôlego quando me afasto dela e me deito na cama para olhá-la. Seu cabelo está desgrenhado, e suas bochechas, vermelhas. Ela está olhando para o teto e precisa de alguns minutos para normalizar a respiração.

Depois de se recuperar, coloca os braços ao redor do meu pescoço e sorri para mim.

— Você tem que fazer isso de novo — diz. Sorrio para ela e me proponho a passar de verdade uma noite inteira com a cabeça entre suas pernas. — Sua boca atrevida se move maravilhosamente bem lá embaixo.

Olho para ela, balançando a cabeça, e dou um beijo suave em seus lábios. Ruby não permite que o beijo seja tão superficial. Muito pelo contrário, ela me puxa mais para si e enfia a língua na minha boca. Fico surpreso pela forma como me beija. Pelo visto, gosta de sentir seu próprio gosto em mim. Me envolve com uma perna e se aperta contra meu corpo. Um formigamento quente me percorre e gemo em sua boca, empurrando o quadril para a frente, fazendo com que ela solte um *ah* fraco. Em seguida, suas mãos vão para meu cinto. Seus movimentos são descoordenados, movidos pelo desejo. É uma delícia vê-la assim.

Depois de desabotoar minha calça, ela quer tirá-la, mas a impeço.

— Espera aí — murmuro, pegando a carteira no bolso de trás.

Abro e pego a camisinha guardada ali. Coloco ao lado do travesseiro e me livro da calça e das meias. Deixo tudo no chão, perto da cama, e logo depois fico em cima dela. Passo a mão por baixo de suas costas e abro o fecho de seu sutiã. Ajudo-a a tirá-lo, e já não tem nem um milímetro de tecido entre nós. Ela solta um gemido suave quando envolvo seu seio com a mão e o acaricio.

Adoro como responde a cada um dos meus estímulos. Nunca estive com uma garota como ela. Suas reações me dão tanto tesão que não consigo parar. Quando ela coloca a mão sob minha cueca e acaricia minha bunda, quase perco a cabeça.

— Como você quer? — sussurro, voltando a beijar seu rosto.

Afasto o cabelo de sua testa e passo os dedos por seu queixo. Com cada toque, quero mostrar para ela o quanto é importante para mim.

— Assim mesmo — responde, fazendo carinho nas minhas costas.

Assinto e pego a embalagem de plástico. Minhas mãos tremem enquanto coloco a camisinha. Ruby se apoia nos cotovelos e observa meus movimentos com um brilho curioso nos olhos. Sem enrolar mais, pego sua mão e a coloco em meu pau. Ele se contrai com o contato, e ela me olha, surpresa. Movo nossas mãos devagar, para cima e para baixo, pressionando. Ela engole em seco. Solto sua mão, e ela começa a movê-la sozinha, primeiro com timidez, depois com mais segurança. Quando toca no lugar certo, arfo.

— Ruby... — sussurro.

Em seguida, ela me solta e volta a se deitar.

Seu cabelo escuro se espalha no travesseiro branco como um leque, os olhos verdes brilhando como em um sonho quando cubro seu corpo com o meu e me posiciono entre suas pernas. Tudo acontece com naturalidade. Deslizo o pau para dentro dela e prendo a respiração enquanto ela suspira debaixo de mim. É incrivelmente apertada, mas está molhada o suficiente para eu me atrever a penetrá-la com cuidado. Roço suas bochechas e acaricio o lábio inferior com o polegar antes de colocar a boca na sua. A beijo devagar e apaixonadamente enquanto me afasto um pouco e logo volto a penetrá-la com cuidado. Bem nessa hora, Ruby muda o ângulo do quadril, e a resistência desaparece. Me afundo nela até o fim, e nós dois suspiramos. Uma ideia quer emergir à superfície da consciência, que agora está cheia de sentimentos, mas não consigo compreender o que é. Não tenho mais espaço na cabeça. Ela está cheia de Ruby, de seu sabor e de seu calor. Volto a estocar, e Ruby solta um gemido. Ela coloca uma perna em volta do meu quadril, e eu seguro sua coxa.

Tudo é tão perfeito que queria que tivéssemos feito isso antes em vez de criarmos mais problemas para nós. Afundo os dedos em sua coxa e a seguro no lugar enquanto tento encontrar um ritmo regular. Suas mãos estão por toda parte; ela se inclina para a frente e beija meu peito, se pressiona contra mim em cada estocada como se quisesse ainda mais. Sinto o mesmo. É tão gostoso que fica extremamente difícil manter o controle de meus movimentos.

— Você está tremendo — sussurra, a mão se movendo pelas minhas costas, parando em meus ombros, e lambo sua orelha enquanto a penetro devagar.

- Porque preciso me controlar.
- Esse é o James Beaufort que destrói colchões infláveis transando? Mordisco seu pescoço.
- Já te disse que não era um colchão inflável.

Ruby ignora o que digo e passa a outra perna ao redor de meu quadril, permitindo que eu consiga meter ainda mais fundo nela. Solto um gemido, e meu corpo aceita o convite quase que por vontade própria. Coloco uma das mãos ao redor de sua nuca e a seguro com firmeza para que não bata a cabeça na cama. Então, a penetro com mais força e velocidade do que antes. Ruby arranha minhas costas e me faz perder o controle com cada uma de suas carícias. A cabeceira da cama começa a bater na parede, e do fundo do meu peito surge um som que que não consigo reprimir. A respiração de Ruby acelera, suas unhas cravadas na minha pele. Seus olhos estão fechados, mas preciso vê-los.

— Olha pra mim — digo, ofegante.

Ela o faz, e nossos olhares se encontram. O vínculo entre nós é mais intenso do que nunca. Não consigo desviar o olhar, e o mesmo parece acontecer com Ruby. Nos movemos no mesmo ritmo, como se tivéssemos sido feitos para isso. Dou mas algumas estocadas nela até encontrar um ponto que a faz gemer bem alto. Seus músculos se contraem ao meu redor, e de repente não consigo mais aguentar. A cama não range o suficiente para abafar os sons que emitimos quando chegamos no ápice ao mesmo tempo. Meu mundo explode, e surge um universo de estrelas e luzes coloridas onde só há espaço para Ruby.

Ruby

– Você tinha que ter me contado antes.

James corre um dedo pela minha coluna, e sinto um arrepio.

— Por quê?

Estou deitada com a cabeça apoiada em seu peito, concentrada em acariciar sua barriga musculosa. Nossas pernas estão entrelaçadas, e ainda estamos nus, embora James nos tenha coberto com a colcha da cama.

- Porque aí eu teria ido com mais calma murmura, pressionando os lábios na linha do meu cabelo.
 - Acho que aí você teria se assustado e saído correndo.
 - Não é verdade. Eu só teria sido um pouco mais cuidadoso.

Inclino a cabeça para trás e admiro seu rosto. Um vinco se formou entre suas sobrancelhas; parece muito preocupado.

— Mas eu não queria que você fosse calmo e cuidadoso.

Um canto de sua boca se levanta de leve, e um brilho escuro aparece em seus olhos. Mas desaparece tão rápido quanto surgiu.

— Talvez eu devesse ter pensado em te levar pra outro lugar. Você não devia perder a virgindade no dormitório de um alojamento em uma cama que range.

Me levanto, indignada. Por uma fração de segundo, o olhar de James para em meus seios, e logo depois se volta para o meu rosto.

— Quê?! Se eu tinha que perder a virgindade, que fosse em Oxford.

Ele balança a cabeça, sorrindo. Depois, me agarra pelos cotovelos e me puxa para a frente até eu cair em cima dele. Passa os braços ao redor do meu corpo e me aperta com força contra seu corpo quente.

— Você está parecendo uma doida, Ruby Bell.

Talvez um pouquinho, admito em pensamento.

Mas deu tudo certo. James e eu... talvez não seja fácil, e talvez o pai dele continue fazendo tudo o que puder para que eu desapareça da vida do filho, mas estou disposta a lutar por James. O que há entre nós é algo especial. Confirmei isso hoje, e pela maneira como ele olha para mim e me toca, sinto que pensa o mesmo. Estou convencida de que vamos conseguir. Nunca tive tanta certeza de algo.

- Como foi pra você? pergunto depois de um tempo sem olhar nos olhos dele.
 - Hã?

Me concentro no desenho que traço em sua barriga.

— Quer dizer... como foi a sua primeira vez?

Ele solta um suspiro alto, e sua barriga recua sob minha mão.

— Você quer mesmo saber?

Agora olho para ele.

- É claro.
- Então tá. Eu tinha quatorze anos, estava bêbado e estraguei tudo.
- Quatorze?

Ah, então ele já tem mais de quatro anos de prática. Prefiro não pensar na quantidade de garotas com quem deve ter dormido para ficar tão bom.

- O Wren e eu fizemos uma aposta, então eu fui. Durou uns dois minutos e não me deixou com uma sensação boa.
- Então você não é a pessoa certa pra dar conselhos sobre a primeira vez digo, baixinho.
- Se algum dia você tiver que contar sua história, espero que seja melhor.

Dou um beijo em seu peito.

— Com certeza. Foi perfeito.

Não entendo por que, mas a sensação de estar deitada com ele me parece muito normal. Como se este fosse exatamente meu lugar. Não me sentia tão bem assim há semanas, e mesmo a leve dor entre as pernas não me incomoda. O que disse é verdade: foi perfeito. E não poderia ter imaginado um lugar ou uma hora melhor para isso.

- Você parecia bem triste hoje de manhã diz James de repente, me fazendo lembrar do momento ao qual se refere.
 - A entrevista foi terrível murmuro.

Seus lábios voltam para a minha testa, sobre a linha do meu cabelo, e ele me acaricia.

— Os dois professores eram uns idiotas. Aposto que usam o truque de fazer os candidatos se sentirem inseguros. Mas tenho certeza de que você foi ótima — diz, com tanta certeza que quase acredito.

Mas só quase.

- Na verdade, não. Dei uma resposta totalmente errada para uma das perguntas deles. Ficou bem claro que eles não aprovaram o que eu disse.
 - Como assim?

Conto para ele sobre o desastre que foi.

— Eu falei, aposto que é um truque. Não pensa muito nisso. Se *você* não conseguir entrar em Oxford, ninguém mais vai.

Ele parece mais otimista do que estou me sentindo, mas é bom poder conversar com alguém sobre isso. Principalmente porque James sabe o que Oxford representa para mim.

— Obrigada por isso.

Em resposta, ele beija minha boca. É difícil não começar tudo de novo outra vez, mas levanto a cabeça e pergunto:

— Como foi a sua?

Ele solta um grunhido difícil de decifrar, e de repente seu rosto assume aquela expressão que sempre aparece quando falamos da Beaufort, de Oxford ou do seu futuro. James parece abatido. E dói em mim.

— Fala comigo — sussurro.

James retribui meu olhar de maneira sombria. Finalmente, balança a cabeça e respira fundo.

— Eu sei que Oxford é a coisa mais importante pra você, por isso é difícil falar com você sobre isso, mas... acho que pra mim isso não faz o menor sentido.

Tento não deixar que suas palavras me afetem. Nem todos temos os mesmos sonhos e nem os mesmos objetivos. O fato de James pensar assim não tem nada a ver comigo, e sim consigo mesmo.

— Mais cedo, durante a entrevista... parecia que tudo estava acontecendo ao meu redor, mas não comigo. Como em um filme preto e branco que está sendo rebobinado, mas eu sou o único que não sai do lugar — confessa James.

— Se você não quer estudar aqui e nem trabalhar na empresa do seu pai... o que você quer fazer?

Ele balança a cabeça, e vejo o pânico se espalhar em seus olhos.

- Por favor, não faz essa pergunta.
- Por que não?

Faço carinho em sua bochecha e percebo como sua pele está áspera. Tenho quase certeza de que amanhã de manhã ele vai se barbear, embora fique lindo com a barba de dois dias por fazer.

— Você tinha razão quando disse que não sei o que quero fazer com a minha vida. Não penso em tudo o que poderia fazer porque, se eu me permitir sonhar, vou ficar ainda mais deprimido.

Ele ainda acha que não tem como decidir por si só o que quer fazer da vida. Mas como poderia quando o que o espera é uma herança que pesa em seus ombros como uma carga grande demais?

- Sonhos são importantes, James sussurro.
- Então você é o meu.

Por alguns segundos, fico sem palavras, mas logo em seguida me dou conta de que essa é apenas uma tentativa ridícula de fugir da resposta.

— Infelizmente, não funciona assim.

Ele abre um sorriso torto.

- Seria fácil demais.
- Do que você gosta? O que te fascina?

Ele precisa pensar. Sinto que, de repente, fica tenso, e beijo seu peito para que saiba que está tudo bem e que pode levar o tempo que for preciso.

— Gosto de esportes — responde, por fim, hesitando. — E literatura. Arte. Música boa. Ah, e comida picante. Comida asiática picante, pra ser mais exato. Queria viajar para Bangkok e experimentar tudo o que vendem nas feiras livres.

Sorrio, os lábios juntos ao corpo dele.

- Tipo gafanhotos fritos?
- Isso aí.

A tensão vai diminuindo aos poucos.

- Parece fácil.
- São coisas que as pessoas fazem quando estão de férias, não dá pra considerar o objetivo da minha vida.

Traço círculos suaves em sua barriga.

— Já é um começo. Dá pra fazer tudo isso quando você parar de se sabotar.

James não responde.

Tenho uma ideia. Sem pensar, me levanto para pegar minhas roupas íntimas do chão. Encontro tudo perto da cama, e coloco primeiro a calcinha, depois o sutiã. Vejo uma camisa cinza de James na cadeira da escrivaninha. A visto e alcanço a escrivaninha.

— O que você está fazendo? — pergunta James atrás de mim.

Antes de me virar, pego seu caderno preto com o B redondo e uma caneta. Ele também já vestiu a cueca boxer.

— Vamos fazer uma lista — proponho, e volto para a cama com o caderno.

James me encara com curiosidade. Dou umas batidinhas do meu lado para que se aproxime. A cama ainda está quente, e seu cheiro me envolve. Devagar e com um olhar desconfiado, ele se aproxima de mim. O colchão afunda sob seu peso ao se sentar.

Me inclino na direção dele e acendo o abajur na mesa de cabeceira ao lado da cama. Então, abro o caderno no colo.

— Sempre que não estou bem, faço listas. Desde criança, isso ajuda a me manter motivada e a esvaziar a mente. Mesmo quando as coisas não estão indo muito bem — explico. — Procuro citações que me inspirem ou escrevo coisas que quero fazer custe o que custar, o que quero mudar no mundo algum dia e coisas do tipo. — Levanto a caneta. — Normalmente, faço com cores diferentes, mas essa aqui vai ter que servir.

A desconfiança desaparece de seus olhos, e ele sorri, satisfeito.

— Quer fazer uma lista dessas pra mim?

Assinto.

— Talvez isso também te motive.

Ele encara a página vazia do caderno e concorda.

— Tudo bem.

Preparo a caneta, sorrindo. Depois, escrevo objetivos na parte de cima, bem no meio. Sublinho o título com ondinhas. Em seguida, escrevo:

1. Viajar para Bangkok

Olho para James com expectativa.

- O que mais? Ele coça o queixo, pensativo. Pode ser qualquer coisa lembro.
 - Queria continuar jogando lacrosse diz baixinho.
- Ah, sim murmuro e anoto o segundo tópico. Bem ao lado, faço um desenho de um taco de lacrosse pequenininho e o uniforme de James com o número 17. Quando volto a erguer o rosto, o olhar dele está tão carinhoso que sinto um frio no estômago. E depois?

Ele precisa de mais uns minutinhos para pensar. Não quero pressionálo, então espero pacientemente.

- Quero ler mais responde. E não só o gênero que ando lendo.
- O que você costuma ler?
- Os livros técnicos do meu pai. Biografias de empresários de sucesso.
- Franze o cenho. Mas tem muito mais coisas. Por exemplo, queria tentar ler uns mangás. Ele me lança um sorriso cúmplice.
- Posso fazer uma lista de recomendações pra você digo, sorrindo de volta.
 - Eu devoraria tudo de uma vez.

Me inclino sobre a lista, com um sorriso no rosto, e escrevo:

3. Ler mais livros e variar os gêneros

— O que mais?

James engole em seco.

— É claro, quero ter uma profissão de que eu goste. Ainda não sei o que ou se algo assim é possível, mas...

Ele encolhe os ombros. Parece que quer dizer mais alguma coisa, mas não se permite. Deixo a caneta de lado e coloco as mãos em suas bochechas. Com os polegares, acaricio sua pele quente com doçura, e então me inclino para beijá-lo. Ele fecha os olhos e solta um suspiro fraco.

— Tudo é possível, James — sussurro, voltando para o meu lugar.

Pego a caneta e escrevo:

4. Encontrar satisfação profissional

Então, analiso o trabalho, pensativa.

— Mas falta uma coisa — diz James de repente, pegando o caderno. Ele tira a caneta da minha mão e escreve alguma coisa. — Pronto — murmura baixinho, segurando o caderno à sua frente.

Deslizo para o lado até minha coxa nua roçar a dele e leio o que acrescentou.

5. Ruby

Perco o fôlego e alterno o olhar entre ele e o caderno.

— Quando você está ao meu lado, tenho a sensação de que sou capaz de conseguir tudo — diz, a voz rouca. — Por isso, aconteça o que acontecer, você faz parte da lista de coisas que me fazem feliz.

Não sei o que responder. Então, me sento em seu colo e envolvo seu pescoço com os braços. Ele coloca a mão na minha nuca e me beija. Afundamos juntos nos travesseiros, com as bocas grudadas e seus sonhos nas mãos.

James

A noite que foi, de longe, a mais linda da minha vida infelizmente tem que acabar. Ruby e eu tentamos não dormir, mas por volta das quatro da manhã adormecemos e acordamos três horas depois, assustados por pensar que os pais de Ruby já a estariam esperando do lado de fora da porta. Por sorte, foi um alarme falso, mas não nos resta muito tempo.

Para mim, é extremamente difícil deixar que Ruby vá para seu quarto. Não quero me despedir dela, então a seguro perto de mim várias vezes e a beijo como se fosse passar pelo menos um mês sem vê-la. Porém, no mais tardar, amanhã vamos nos ver de novo na escola, e talvez ainda hoje à tarde, se eu não tiver que ficar em casa. Parece que há uma possibilidade, afinal, para meu pai, terem me chamado para a St. Hilda é uma ofensa. Ele até propôs que Lydia e eu trocássemos de lugar, porque, ao contrário de mim, ela foi chamada para a entrevista em Balliol. Palavras como vergonha e inútil continuam ressoando em minha mente. Não acho que ele queira saber como foram minhas entrevistas.

No final da manhã, Percy passa para me buscar. Pega minhas malas e as coloca no porta-malas do Rolls-Royce antes de voltar para o volante, e juntos vamos buscar Lydia. Ele subiu a tela de separação e desconectou o alto-falante, pelo visto sem vontade de falar comigo. Por mim, tudo bem, porque assim posso repassar a lista. Não sei até que ponto os tópicos dela são realistas, mas ignoro isso, porque pelo menos ela vai me lembrar da noite passada.

Coloquei a camisa cinza que Ruby estava vestindo, e agora seu cheiro está impregnado em mim. Ainda consigo sentir seu gosto na minha língua e fico arrepiado ao pensar na maneira como ela pronunciou meu nome. Quero repetir isso qualquer noite. Quanto antes, melhor.

Quando Lydia entra no carro, percebe que alguma coisa mudou em mim. Com os olhos semicerrados, percorre todo o meu rosto com o olhar. Então, abre um sorriso espertinho.

— Pelo visto, sua noite foi bem boa. — Ela me conhece bem demais. Dobro o papel com a lista novamente e o guardo na carteira. Está no lugar do bilhete escrito *Vai se foder* que arranquei e joguei fora no alojamento. — Vai me contar os detalhes?

A pergunta me surpreende. Embora esses tempos Lydia tenha me confidenciado sua história com o sr. Sutton, não somos muito abertos um com o outro se tratando da nossa vida amorosa. Olho para ela, desconfiado.

- Desde quando você se interessa pelo que eu ando fazendo de noite? Ela dá de ombros.
- Desde que você começou a pegar a Ruby.

A expressão *pegar* não tem nada a ver com o que aconteceu esta noite.

— Primeiro, quem te falou que eu passei a noite com a Ruby? E segundo, achei que você não ia com a cara dela.

Lydia revira os olhos.

- Primeiro, eu não sou idiota. E segundo, se você gosta dela, então eu também gosto, simples assim.
 - Então tá. Acho que, no futuro, você não vai ver ela só na escola.

Lydia fica de queixo caído.

— É sério?

Não consigo segurar o sorriso. Em seguida, Lydia dá um tapinha no meu braço.

- Não acredito! James!
- Que foi?
- Quando nosso pai descobrir, ele vai ficar louco diz, balançando a cabeça. Ainda está com a mão no meu braço. Dá um apertão. Mas você parece muito contente. Fico feliz por você.

Não sabia que seria assim. Não sabia como era estar apaixonado ou que meu coração dispararia só de pensar em Ruby. Quero falar para Percy ir direto para a casa dela, porque acho que não aguento ficar mais um segundo sem ela.

— O que aconteceu com o Percy? — pergunta Lydia de repente, como se tivesse lido meus pensamentos. Ela está falando mais baixo do que antes, apontando com o queixo para a cabine do motorista.

- Não faço ideia.
- Ele nem perguntou como eu fui murmura.
- Conta pra mim, então peço, mas ela torce o nariz.
- Você fica esquisito apaixonado.

Faço uma careta.

Concordamos em passar o resto do trajeto em silêncio. Lydia digita no celular, e olho pela janela, pensando na noite passada. Quando chegamos em casa, dou a volta no carro para ajudar Percy com as malas. Ele rejeita minha oferta com um gesto e me lança um olhar sério.

— Você tem que entrar, sr. Beaufort.

Ele não falava comigo de um jeito tão severo desde quando tinha sete anos e derramei refrigerante no banco de trás, que tinha acabado de ser revestido.

Percy olha de mim para Lydia e de volta para mim, depois engole em seco e volta a se concentrar nas malas. Lydia e eu trocamos um olhar, assustados, e subimos a escada da entrada.

- O que foi que aconteceu? sussurra Lydia, embora ele não consiga mais nos ouvir daqui.
 - Sei lá. Você falou com nosso pai desde ontem?

Ela faz que não, e abro a porta, entrando no saguão com ela. Lydia deixa sua mala sobre a mesinha logo atrás da porta, e Mary, uma das nossas assistentes, aparece. Quando nos vê, fica branca feito um fantasma. Estou prestes a cumprimentá-la, mas ela dá meia-volta e corre para a sala principal. Lydia e eu nos entreolhamos. Atravessamos o saguão para seguir Mary.

Nosso pai está em frente à lareira. Está de costas para nós, mas consigo ver um copo com um líquido marrom-claro em sua mão, embora ainda não seja nem meio-dia. O fogo da lareira crepita suavemente, e Mary diz algo baixinho antes de sair a passos acelerados.

— Pai? — chamo.

Ele se vira, com aquele rosto impassível com o qual já estou acostumado. Apesar disso, uma sensação desagradável me invade ao ver as olheiras sob seus olhos.

— Sentem.

Gesticula para o sofá de veludo verde enquanto caminha até a poltrona ao lado dele.

Não quero me sentar. Quero saber o que é que está acontecendo aqui. Lydia se senta enquanto eu fico parado na entrada da sala, encarando nosso pai. Ele leva o copo aos lábios e termina de tomar o uísque. Então, coloca o copo vazio no aparador.

— Senta, James.

É uma ordem, não um pedido. Mas não consigo sair do lugar. Há tensão demais. Aconteceu alguma coisa, percebi na hora em que entrei em casa.

- Cadê a minha mãe? pergunta Lydia, com uma alegria forçada, como se quisesse acalmar os ânimos entre nosso pai e eu. Mas também deve perceber que há algo de errado.
 - A mãe de vocês teve um derrame cerebral.

Ele se recosta na poltrona, os braços apoiados, e cruza as pernas de modo que o calcanhar de uma fique apoiado no joelho da outra. Sua expressão é séria. Inabalável. Como sempre.

- Isso... o quê... como assim? gagueja Lydia.
- Cordelia teve um derrame cerebral. Ele repete as mesmas palavras como se as tivesse analisado. Ela faleceu.

Lydia cobre a boca com as mãos, abafando um gemido. É como se eu não estivesse totalmente aqui. Meu espírito se separou do meu corpo, e estou contemplando a cena de outro lugar.

Meu pai continua falando, mas só entendo fragmentos do que diz.

— O vaso craniano se rompeu... chegaram tarde demais... hospital... não tinha mais o que fazer.

Sua boca se move, mas as palavras se misturam com o gemido alto de Lydia. Somado a tudo isso, há um outro barulho. Uma respiração rápida e intensa.

Parece vir de mim.

Aperto o peito, tentando suprimi-la. Não funciona. A cada segundo, respiro mais rápido, porém, apesar disso, o ar não adentra meus pulmões. Todos os conselhos que li na internet sobre ataques de pânico não me ajudam neste momento. Meu corpo entra no piloto automático, e começo a suar frio.

Minha mãe está morta. Ela está morta.

Meu pai não demonstra emoção nenhuma. Talvez seja uma brincadeira de muito mau gosto. Um castigo por não terem me chamado para a Balliol.

— Quando? — consigo perguntar, respirando com dificuldade.

Estou ficando tonto. O chão oscila debaixo dos meus pés. Tenho que me segurar em algum lugar, mas não sei como dizer aos meus braços para se mexerem.

Meu pai olha para mim, os olhos inescrutáveis.

— Segunda-feira à tarde.

Meu coração. Tenho certeza de que vai parar a qualquer momento ou explodir no meu peito. A princípio, não absorvo o que meu pai disse, porque estou muito ocupado enchendo os pulmões de ar. Mas, depois de algumas respirações instáveis, compreendo o significado de suas palavras.

Segunda-feira à tarde. Hoje é quarta.

— Resumindo — consigo dizer, hesitando. — A nossa mãe sofreu um derrame cerebral dois dias atrás e você está contando pra gente hoje?

Eu não deveria estar fazendo essa pergunta. Deveria estar me aproximando de minha irmã e a abraçando. Deveríamos estar chorando juntos. Nada parece real. Ainda sinto que isso não está acontecendo comigo, como se estivesse acontecendo com outra pessoa, que assumiu brevemente o poder sobre meu corpo, e eu só estivesse observando. Impotente e totalmente desnorteado.

Meu pai tamborila os dedos no braço da poltrona.

— Eu não queria atrapalhar as entrevistas de vocês.

Não consigo explicar o que acontece a seguir. É como se um raio de fogo caísse sobre mim. Um segundo depois, me jogo em cima do meu pai e dou um soco no rosto dele. A pancada é tão forte que a poltrona tomba para trás e nós dois caímos no chão. Lydia solta um grito agudo. Alguma coisa quebra, e há estilhaços. Dou outro soco no rosto impassível de meu pai. O nariz dele está sangrando, e um osso da minha mão estala perigosamente. Ao nosso redor, por todos os lados, há cacos. Minha mão está ardendo e latejando, mas ainda assim continuo.

— Chega, James! — grita Lydia.

Alguém me agarra por trás e me afasta do meu pai. Luto como um animal selvagem. Quero que meu pai pague. Que ele pague por tudo o que fez.

Nosso pai se levanta do chão com a ajuda de Lydia. O sangue escorre de seu nariz e do canto da boca. Ele toca o rosto com os dedos e olha para o vermelho-escuro. Então, se vira para Percy, que está me segurando.

— Tire ele daqui até que se acalme.

Percy me vira bruscamente e me arrasta pelo corredor. Seus braços envolvem meu peito com tanta força que mal consigo respirar. Tropeçamos em um aparador e mais alguma coisa se quebra. Quando chegamos do lado de fora, Percy me solta, e quero voltar para casa imediatamente.

— Sr. Beaufort, não vá — diz Percy, me agarrando pelos ombros.

Me desvencilho de suas mãos e empurro seu peito.

- Se afasta, Percy.
- Não. O tom de sua voz é determinado, e seus dedos cravam com força no tecido do meu paletó.
- Ele escondeu isso da gente. Você escondeu da gente repreendo. Minha mãe morreu, e você não me disse. Essas palavras deixam um gosto ácido na minha língua, e de repente tudo começa a doer: minha boca, meu pescoço, meu peito, meus olhos. Minha visão fica embaçada. Minha mãe está morta.

Uma dor imprecisa se espalha rapidamente pelo meu corpo inteiro. Dói tanto... Acho que não vou aguentar. Meus joelhos estão fracos, e ainda não consigo respirar direito. Precisa parar. Preciso acabar com essa dor. Minhas mãos estão tremendo tanto que não consigo nem me apoiar em Percy.

— Sr. Beaufort!

Faço um gesto para que ele me deixe em paz. Percy me segue enquanto corro em direção à garagem. Meus pés me levam até o carro. Tiro a chave do bolso da calça com as mãos trêmulas e abro a porta do motorista. As extremidades do meu campo de visão escurecem, e sinto como se fosse desmaiar a qualquer momento. Tanto faz. Nada importa. Ligo o carro. Percy para na minha frente. Também não dou a mínima. Aperto o pedal do acelerador, e ele sai do caminho no último segundo. Arranco cantando pneu enquanto passo as costas da mão pelas bochechas úmidas.

Ruby

A campainha toca justamente quando, no meio do Jenga, tiro uma peça de madeira. Me assusto e faço a torre inteira desabar. Minha mãe, meu pai e Ember me vaiam, e xingo baixinho.

— Na próxima rodada, você não joga — diz minha mãe, esfregando as mãos. Ela é a melhor de nós e nunca perde.

Depois de contar para minha família como foi a viagem, montei uma apresentação com poucos slides no notebook, comemos e depois decidimos passar a tarde jogando. Já é nossa terceira partida de Jenga, e já perdi duas vezes. Reconheço a derrota e me levanto. Enquanto eles voltam a colocar as pecinhas de madeira umas em cima das outras, abro a porta. Meus olhos se arregalam quando vejo quem é.

— Lydia?

Ela olha para o chão, abatida. Suas bochechas estão vermelhas, e os olhos, inchados. Dou um passo em sua direção, mas ela imediatamente levanta a mão para me impedir.

— O James está aqui?

Nego com a cabeça.

— Não. O que aconteceu? — pergunto, alarmada.

Lydia não parece estar me ouvindo direito. Ela tira o celular do bolso do casaco e disca um número antes de colocar na orelha. Caminho porta afora de meia e agarro seu braço. Olho para ela insistentemente.

— O que aconteceu?

Ela apenas balança a cabeça.

— Cy? Sou eu — diz, de repente. — O James está com você?

Quando Cyril responde do outro lado da linha, seu rosto se acalma.

— Graças a Deus.

Ouço a voz de Cyril novamente, mas não entendo o que ele fala. O que quer que seja faz com que a expressão de Lydia volte a ficar sombria.

— Tudo bem. Não, já estou indo. — Ele comenta mais alguma coisa, e Lydia me olha por um segundo. — Tá. Já, já estou aí.

Depois de desligar, ela dá meia-volta e vai até o carro em que Percy está apoiado. Ele também parece inquieto, e uma sensação desagradável percorre meu estômago.

— Lydia, por favor, me fala o que aconteceu — repito.

Ela fica parada e olha para mim por cima do ombro.

- Não posso.
- Eu vou com você digo de repente.

Parece que ela vai falar alguma coisa, mas aí pensa melhor.

— Acho que não é uma boa ideia.

Faço um gesto para ela esperar por um segundo. Volto para casa, calço uma bota e pego um casaco e um xale de lã que meu pai fez para mim. Aviso minha família que preciso sair rapidinho e pego as chaves no gancho perto da porta de casa. No caminho, enrolo o xale no pescoço. Parece que Lydia preferia que eu ficasse, mas não tem forças o bastante para me convencer.

Sem dizer uma palavra, ela entra no carro. Cumprimento Percy, que inclina a cabeça de leve para mim, e entro no Rolls-Royce também. Lydia está sentada no lugar que James sempre ocupa. Seus olhos estão marejados, e ela mexe na bainha do casaco vermelho. Queria segurar sua mão, mas não me atrevo.

— A oferta ainda está de pé. Caso você queira conversar — comento baixinho.

Lydia estremece, como se tivesse se queimado. Ergue os olhos, e eles estão brilhando pelas lágrimas. A cada segundo que passo com ela, aquela sensação desagradável no meu estômago fica pior. O que será que aconteceu para ela ficar tão arrasada? De repente, penso em algo horrível. Olho para cima. A luzinha vermelha não está brilhando, o que significa que Percy não consegue nos ouvir.

— Está tudo bem com o bebê? — sussurro.

Lydia olha apavorada para a cabine do motorista, mas a tela está levantada. Então, se vira para mim.

— Aham — responde, a voz rouca. — A gente teve... — Ela para de falar, parecendo pensar até que ponto pode confiar em mim. — ... uma briga em casa.

Como James me contou ontem sobre seu pai, consigo ter uma ideia do que a palavra *briga* significa na casa dos Beaufort. Por isso, sinto um calafrio.

— O James está bem? — sussurro, incapaz de esconder o horror em minha voz.

Lydia encolhe os ombros, impotente.

— O Cyril disse que sim.

Os quinze minutos seguintes parecem uma eternidade. Aperto a borda do casaco e tento não ficar louca de preocupação. Ignoro tudo o que isso pode significar, e Lydia evita meu olhar, se limitando a acariciar a barriga, perdida em pensamentos. De vez em quando, pisca bem forte, como se quisesse segurar as lágrimas. Então, seu celular vibra. Ao ler a mensagem, ela aperta os lábios e, portanto, dá a impressão de que não quer falar.

Chegando na casa de Cyril, Lydia salta do carro e corre em direção à mansão. Escorrega na escada e consigo segurar seu braço no último momento para evitar que caia. Ela murmura um "obrigada".

Cyril já está na porta. Quando Lydia se aproxima dele, a cumprimenta com os braços estendidos.

— Olha só quem nos dá a honra de sua presença.

Ele a abraça, mas ela fica sem reagir, como se fosse uma boneca sem vida. Cyril demora um pouco para soltá-la. Então, percebe que também estou aqui.

— E ainda veio acompanhada. Que adorável.

Ele pronuncia a última palavra com um tom de voz que não deixa dúvidas de que pensa exatamente o contrário. Depois, dá um passo para o lado, e nós entramos. Daqui, dá para ouvir a música estrondosa que soa bem mais ao fundo. Cyril ainda está com um braço nas costas de Lydia. Me pergunto se ele sabe o que aconteceu ou se simplesmente tem tato o bastante para não perguntar.

Atravessamos o mesmo corredor por onde passei da última vez. Agora, porém, não há convidados no saguão; a festa parece estar acontecendo apenas na sala. Quando entramos, somos recebidas pelo barulho da música, e olho ao redor. Não há tanta gente como da última vez em que

vim. Na verdade, dá quase para ver a festa inteira com uma olhada só. Não sei por que, mas isso me deixa ainda mais preocupada. Algumas pessoas que não conheço estão dançando de roupas íntimas no meio da sala. Alistair está sentado no sofá beijando um cara maromba tatuado. Percebo que Kesh está mais atrás, ao lado do carrinho de bebidas, fuzilando os dois com os olhos semicerrados e virando o copo de uma vez só.

Sinto um formigamento na nuca... e encontro James. Ele está sentado em um sofá na beira da piscina. Minhas costas ficam tensas quando olho para ele. Parece destruído. O cabelo está bagunçado; as mangas, arregaçadas; e por cima da camisa cinza — a que usei ontem à noite —, há algumas manchas vermelhas. Meu coração se aperta.

Estou prestes a me aproximar dele quando o vejo se inclinar para a frente. Ele apoia a cabeça em uma mesa, cobre uma narina com um dedo e inala uma substância branca com a outra. Fico de queixo caído. Não pode ser...?

Uma garota loira que me parece vagamente familiar sai da piscina e se aproxima de James. Faz um gesto com o dedo, chamando-o para ir com ela. Ele se levanta e inclina a cabeça. Ela avança o metro restante em direção a ele e para bem pertinho. Então, levanta as mãos e começa a desabotoar a camisa dele. Neste momento, eu a reconheço. A garota que está tocando nele é Elaine Ellington. Um arrepio percorre minha coluna, e sinto uma pontada dolorosa no estômago. Congelo no lugar.

- Que horas ele chegou aqui? pergunta Lydia para Cyril.
- Por volta do meio-dia. Ele tá fechadaço.

Lydia pragueja baixinho. Os dois continuam conversando, mas o zumbido no meu ouvido me impede de escutar. Elaine puxa a camisa de James pelos ombros até ela cair no chão. Em seguida, vai até o cinto.

Já chega.

Nesta hora, minha raiva supera o medo de água. Em alguns passos, chego ao lado dele.

— Será que eu posso saber que caralhos você tá fazendo? — pergunto, bufando.

James vira a cabeça para mim, mas não me vê; olha através de mim.

Ele parece outra pessoa. O rosto dele está como que petrificado, as pupilas tão dilatadas que preenchem boa parte da íris, de um jeito que não

consigo mais encontrar aquele azul-turquesa dos olhos dele. Suas bochechas estão pálidas, e os olhos estão com partes vermelhas.

Esse não é o meu James. É o cara que era alguns meses atrás, o que enche as pessoas de dinheiro, que se droga com os amigos todos os fins de semana e que dorme com uma garota depois da outra. É o cara que não sente nada e não liga para porra nenhuma.

— James — sussurro, segurando sua mão. Está fria feito gelo.

Por um segundo, algo brilha em seus olhos. Algo sombrio e corrosivo, e parece o estar consumindo por dentro. Ele bufa, fecha os olhos por um segundo e, quando volta a abri-los, a expressão já desapareceu.

- Aqui não é o seu lugar, Ruby.
- Mas eu...

Enquanto ainda estou falando com ele, James se vira e mergulha na piscina. O estrondo alto me assusta. Algumas gotículas de água caem em meu rosto, e dou um pulo para trás. Elaine e alguns convidados que estão apenas de roupas íntimas o seguem. Wren também está entre eles. Dá um grito e, quando James emerge na superfície, seu pulo joga mais água nele. James balança a cabeça, sorridente, tirando a água do cabelo.

Tudo aqui, absolutamente tudo, me parece indescritivelmente falso. Adoraria falar com James, mas é impossível. O medo não deixa eu me aproximar mais da água e, além isso, acho que nesse estado ele não vai entender nada do que eu disser. Parece tão indiferente... Como se o mundo passasse por ele, e ele se deixasse levar, confuso.

Elaine se aproxima de James. Ele se afasta até ficar perto da parede, e ela o segue, rindo. Meu coração bate cada vez mais rápido. Não entendo o que está acontecendo. Parece um pesadelo. Debaixo da água, vejo a silhueta borrada do corpo dela pressionada contra o dele. Agora, está entre as pernas dele, se inclina para a frente e sussurra algo em seu ouvido. Eles parecem íntimos. Como se não fosse a primeira vez que isso estivesse acontecendo. Tudo em mim me grita para me aproximar e afastá-la dele, mas não consigo me mexer. James não faz nada quando Elaine segura seu rosto entre as mãos e o beija.

Alguma coisa se quebra dentro de mim. Pequenos cacos de vidro penetram meu peito e chegam às profundezas do meu interior, mal me permitindo respirar.

De repente, alguém coloca a mão no meu ombro.

— Bom, esse é o James Beaufort que eu conheço — cantarola Cyril em meu ouvido.

Queria responder: Mas não é o James Beaufort que eu conheço. Você não faz ideia de como ele é de verdade. É meu namorado, porra.

Mas não é verdade. Se James Beaufort fosse meu namorado, não faria isso. Se fosse meu namorado, teria vindo até mim e me falado o que está acontecendo em vez de entorpecer a dor com álcool e drogas com seus amigos fúteis. Se fosse meu namorado, a língua de outra garota não estaria agora em seu pescoço.

Dou meia-volta. Escorrego no chão molhado, mas consigo me segurar. Abro caminho pela sala o mais rápido que consigo. Meus passos ecoam no chão da sala enorme enquanto corro em direção à saída. Tenho que sair daqui, quanto antes melhor. Infelizmente, acho que não existe um lugar no mundo onde eu possa esquecer o que aconteceu.

— Ruby! — grita Lydia atrás de mim.

Paro e olho por cima do ombro. Quando vejo como ela está abatida, fico com a consciência pesada.

— Sinto muito de verdade pela situação da sua família ser tão horrorosa, Lydia — digo com a voz trêmula. — Mas não dá. Não desse jeito, não depois...

Depois do quê? Depois de eu ter pensado que a gente já tinha passado dessa fase? Depois de a gente ter dormido junto? Parece impossível contar para ela.

— É agora que ele precisa de você — suplica.

Jogo a cabeça para trás, olho para o teto e solto uma risada amarga. Esta casa é decadente demais. Ouro até onde a vista alcança; inúmeros quadros a óleo; alguns vasos antigos e caros... coisas que de repente me parecem totalmente estúpidas. Me viro e ando até a saída. Lydia diz mais alguma coisa, mas não dou ouvidos.

Quando a porta pesada se fecha atrás de mim, vejo isso como um sinal.

Por alguns instantes, cheguei a pensar que a relação com James funcionaria se nós dois quiséssemos o bastante. Mas agora ficou claro.

Eu nunca farei parte de seu mundo.

Para o meu azar, percebo isso agora, quando já é tarde demais.

Agradecimentos

Houve muitas pessoas envolvidas na criação de *Salve-me* a quem gostaria de expressar minha gratidão:

Ao meu marido, Christian, que me apoia com palavras e gestos e sempre me coloca para cima.

A Jerome Scheuren, que se inscreveu para entrar em Oxford e me ajudou muito na hora de elaborar a trama.

Às leitoras profissionais Laura Janssen, Ivy Bekoe e Saskia Weyel, cujas observações valem todo o ouro do mundo.

À Kim Nina Ocker, a madrinha oficial de Ruby e James, pelo entusiasmo contagiante e pelos dias que passamos escrevendo juntas.

Às minhas amigas Lucie Kallies e Maren Haase, que sempre têm tempo para me ouvir. Com elas, a vida é muito mais divertida.

Às minhas agentes, Gesa Weiss e Kristina Langenbuch, que são um grande apoio para mim.

À minha editora, Stephanie Bubley, pela participação na narrativa, por ouvir minhas ideias malucas, por se ocupar do k-pop por mim, pela colaboração intensa no texto. Além disso, minha eterna gratidão à toda a equipe da editora LYX, principalmente Ruza Kelava e Simon Decot, que tornaram possível escrever esta série nova.

E, por último, agradeço a todos os leitores que escolheram este livro. Vocês são maravilhosos, e me desculpem pelo final... Para a sorte de vocês, a história de Ruby e James continua em breve!

Confira nossos lançamentos, dicas de leituras e novidades nas nossas redes:

X editoraAlt

editoraalt

editoraalt

f editoraalt

Copyright © 2018 by LYX in Bastei Lubbë AG Copyright da tradução © 2024 by Editora Globo S.A.

Os direitos de publicação foram negociados por meio da Ute Körner Literary Agent – www.uklitag.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: Save Me

Editora responsável **Paula Drummond**Editora de produção **Agatha Machado**Assistentes editoriais **Giselle Brito e Mariana Gonçalves**Preparação de texto **Lorrane Fortunato**Diagramação e adaptação de capa **Guilherme Peres**

Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**

Revisão **Paula Prata**

Design de capa original Vivien Summer

Ilustrações de capa Shutterstock.com | Oleksandra Kryvonos (diário), MonikaJ (manequim 1), 35lab (manequim 2), mogilami (moldura), NadzeyaShanchuk (bolsa), merrymuuu (laço), Mari_Bryk (pilha de livros), Oleg7799 (prédio), cindy81lsy (lustre), Overearth (dinheiro e estrelas), agrino (caneta), Ainul muttaqin (alfinete), Raihan B (taco e capacete), nikiteev_konstantin (uniforme), popicon (carro)

Editora de livros digitais Ludmila Gomes

Produção do e-book Ranna Studio

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RI

K31s

Kasten, Mona, 1992-

Salve-me / Mona Kasten ; tradução Karoline Melo. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Globo Alt, 2024. (Maxton Hall; 1)

Tradução de: Save me

ISBN impresso: 978-65-85348-89-8 ISBN digital: 978-65-52260-00-0

1. Ficção alemã. I. Melo, Karoline. II. Título. III. Série.

24-93444 CDD: 833

CDU: 82-3(430)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

1ª edição, 2024

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A. Rua Marquês de Pombal, 25 20.230-240 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil www.globolivros.com.br